Sem Limites

Relatos sobre a cultura universitária unespiana no interior paulista

Bárbara Cardi Camarini

SEM LIMITES

Relato sobre a cultura universitária
unespiana no interior paulista

Redação do Texto
Bárbara Cardi Camarini

Revisão
Bárbara Cardi Camarini
Angela Maria Grossi
Ágatha Lorrany Arruda da Silva

Orientação
Angela Maria Grossi

Projeto gráfico-editorial e diagramação
Guilherme Cardoso Contini

Capa
Guilherme Cardoso Contini

Ilustração
Bárbara Beline

ISBN nº 978-65-00-90632-5

C172s

Camarini, Bárbara Cardi
Sem Limites : Relatos sobre a cultura universitária unespiana no interior paulista / Bárbara Cardi Camarini. -- Bauru, 2023
373 p. : fotos, mapas

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Comunicação Social: Jornalismo) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru
Orientadora: Profª Drª Angela Maria Grossi

1. Cultura Universitária,. 2. Jornalismo Literário. 3. Livro Reportagem. 4. Jornalismo. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

A meus pais, Maria de Lourdes e Rogério,
Por acreditarem em mim, sempre.

A minhas irmãs, Giovana e Maria Eduarda,
Por me amarem incondicionalmente.

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, a Unesp. Por ser uma Universidade pública, gratuita e de qualidade.

As políticas de cotas, sobretudo a que reserva vagas a alunos de escola pública, que me permitiu a entrada na Universidade.

A Profª Doutora Angela Maria Grossi, que me orientou e ajudou durante todo o processo de criação deste livro.

Aos meus professores, que durante quatro anos e meio - e durante uma pandemia - me ensinaram tudo que podiam para me tornar uma boa pessoa e jornalista.

Aos meus avós, tios, tias, madrinhas e primos, que me ajudaram ser a pessoa que sou hoje.

Aos meus amigos, em especial aos que conheci na Unesp, o Eduardo Henrique Rota Hilário, Leticia Garcia, Ana Clara Zingra, que me acompanharam em - quase - todas as aulas e trabalhos em grupo.

A Carolina Vignali e Stella Gomes, que dividiram um apartamento comigo. Muito obrigado por cuidarem de mim quando precisei e se tornarem minha família longe de casa. Mas, principalmente, por me aguentarem durante todo o processo de construção deste livro.

A minha amiga Ágatha Lorrany Arruda da Silva, que trago comigo desde o ensino médio, por ler e revisar o conteúdo deste livro. Obrigado também por me escutar, quando precisava de alguém para desabafar.

A todos os entrevistados, sem vocês este livro não seria possível.

Ao Jornalismo, por me tornar uma contadora de histórias.

Sumário

MAPA DA UNESP 10
GLOSSÁRIO 12
PREFÁCIO 28

O COMEÇO DA UNIVERSIDADE 32

UM POR TODOS, TODOS POR UM 42

VIDA UNIVERSITÁRIA 60
Baderna, com "B" de Bauru. Baderna, com "B" de batuque 61
Atlética 80
O conto das duas Marianas 85
A Febre Amarela e outros sintomas 98
Esporte vs Universidade 114
De inimiga a treinadora 126
O Inter(Unesp) 131

NEM TUDO SÃO FLORES 140
Aluna, mulher, mãe. 142
Violência de Gênero 158
Racismo 184

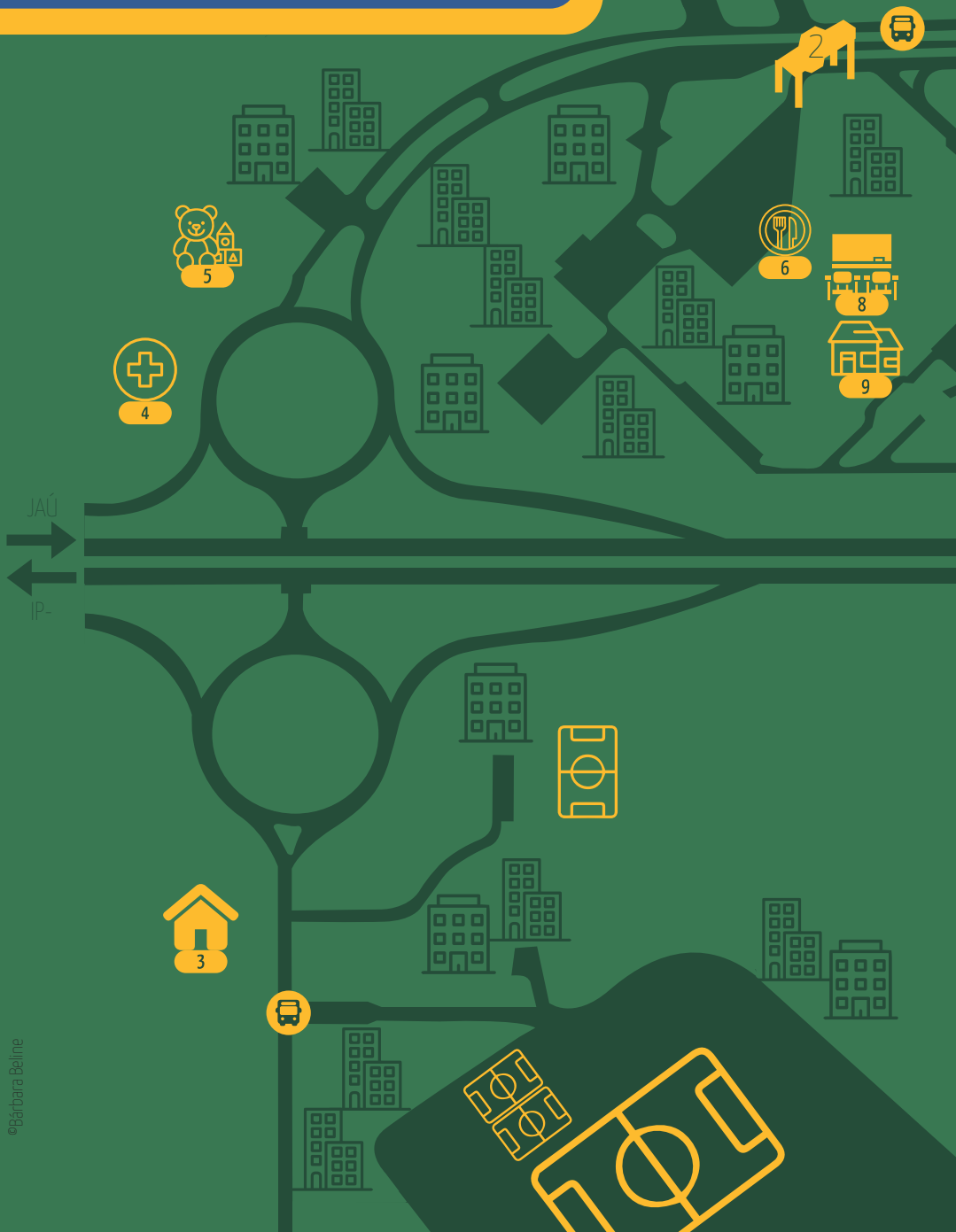
Resistência Permanência Estudantil 218
Eu, tu, nós, vós queremos uma casa no câmpus 240
Restaurante Universitário 260

LIDERANÇA ESTUDANTIL 270
E.N.E.C.O.S. 271
Diretórios Acadêmicos 280
Outras formas de lutar 292

ACADEMICAMENTE FALANDO 302
Projetos de Extensão 304
Cursinho popular 317
Grupos de Estudo 328
Empresas Juniores 344
Iniciação Científica 358
Trabalho de Conclusão de Curso 364

AFINAL, O QUE É CULTURA UNIVERSITÁRIA? 370

Unesp de Bauru



©Bárbara Beline

- 1 e 2 Portarias
- 3 Moradia Estudantil
- 4 Seção Técnica de Saúde
- 5 CCI Gente Miúda
- 6 Cantina FEB
- 7 Biblioteca
- 8 Sala 23
- 9 Diretórios Acadêmicos
- 10 Bosque
- 11 Árvore Naumteria
- 12 Bar Ubaiano
- 13 NATAPS
- 14 Salas 50s
- 15 Prédio do GAC
- 16 Salas 70s
- 17 Restaurante Universitário
- 18 Cantina FAAC
- 19 Guilhermão
- 20 Mundo Perdido
- 21 Grupo de Estudos de Biologia em Agroecologia
- 22 Geladeira das 50s
- Pontos de ônibus

Glossário

40 Graus - Também conhecida como "mini-inter" é a maior festa organizada pela Febre Amarela, chegando a registrar aproximadamente três mil e quinhentas pessoas. O evento open bar é realizado no meio do ano e atrai unespianos de vários campus.O dinheiro arrecadado com a festa ajuda a manter a Febre funcionando.

Adoção dos Bixos - Isso acontece quando veteranos - normalmente dentro do mesmo curso de graduação -, "adotam" um recém chegado, um "bixo" ou "bixete", para cuidar, ajudar a entender e integrar nesse novo mundo.

Agregue - Vem da palavra agregar, que por sua vez significa "juntar com o outro, reunir a algo já existente". O processo de agregue é quando veteranos recebem bixos e bixetes em suas moradias por um preço acessível, durante os primeiros dias na universidade, podendo se estender até três meses.

Apadrinhamento - O apadrinhamento funciona como a adoção dos bixos, onde os veteranos "apadrinham" um recém chegado para integrá-lo na vida universitária.

Apartheid - Foi uma política estatal de segregação racial imposta na África do Sul, que separava o país entre brancos e negros. Esse sistema de segregação vigorou entre 1948 e 1994, e era comandado pela minoria branca na África do Sul.

Assédio Sexual - Previsto como crime no artigo 216 do Código Penal desde 2001, se caracteriza pelo ato libidinoso sem o consentimento da vítima, cometido por pessoa que tenha relação hierárquica ou de subordinação, muito comum no ambiente de trabalho. A pena é aumentada se a vítima é menor de 18 anos.

Associações Atléticas Acadêmicas (A.A.A.) - São entidades responsáveis por desenvolverem atividades esportivas, recreativas e culturais, também realizam a integração entre os

alunos promovendo festas e eventos. O principal objetivo é o fortalecimento e o incentivo dos estudantes no esporte, por meio da promoção e participação em diversas competições.

Atlética da Unesp de Bauru - É a A.A.A. da Unesp de Bauru. Para mais informações, acesse o instagram @ atleticaunespbauru.

Auxílio de permanência - É uma política pública voltada à concessão de auxílio financeiro aos estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica, para que os mesmos consigam se manter na universidade.

Bacharelado - O curso de graduação bacharelado é aquele que prepara o profissional para atuar nos mais diversos segmentos de mercado. Quem faz um curso de bacharelado recebe uma formação generalista.

Bateria Charanga - É considerada a primeira bateria universitária do Brasil, que surgiu em 1969, da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Bateria Universitária ou B.U. - As baterias universitárias (abreviadas para B.U.) são grupos de alunos que tocam juntos instrumentos de percussão e representam uma instituição de ensino superior.

Bosque - É um dos ambientes de integração mais procurados pelos alunos no câmpus da Unesp de Bauru. É um lugar espaçoso, cheio de árvores e ponto de referência devido a sua localização.

Caixa - É um instrumento musical percussivo bi-membranofone (duas peles distendidas) da família do tambor percutido, composto por: um corpo cilíndrico de pequena seção (caixa rasa de 10 a 15 cm); com duas peles de alta sensibilidade a batida, fixadas por meio de aros metálicos, e; esteira de metal constituída por pequenas molas, em contato com a pele inferior, que vibra após a pele superior ser percutida, produzindo um som característico das marchas militares.

CAPES - É a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior é uma fundação vinculada ao Ministério da Educação do

Brasil que atua na expansão e consolidação da pós-graduação stricto sensu em todos os estados brasileiros.

Central de Laboratórios Didáticos de Informática da FAAC ou CLI - É um laboratório que foi criado para atender parte das necessidades didáticas da FAAC nas áreas ligadas à informática. Sua missão é proporcionar a toda comunidade da FAAC uma estrutura organizada e acessível de laboratórios de informática, com suporte técnico adequado e disponibilidade ampliada.

Centro de Convivência Infantil (CCI) - É a antiga creche. Tem como proposta pedagógica a linha sócio construtivista, observando e compreendendo a criança como sujeito ativo no processo de aprendizagem, valorizando as habilidades que compõe um currículo multidisciplinar, juntamente com os aspectos pedagógicos que devem ser trabalhados.

Centros Acadêmicos (CA) - É uma entidade que representa todos os estudantes de um curso de graduação do nível superior. Ele deve manter com seus estudantes um canal direto e permanente de contato, realizando discussões, debates, reuniões e festas da maneira mais democrática e aberta possível, para que todos possam participar. O CA é regulamentado pela lei federal nº 7.395 de 31 de outubro de 1985, reconhecido pelo Código Civil Brasileiro como associação sem fins lucrativos.

Chama Elas - Coletivo feminista, inspirado na Loba, da Unesp de Araraquara. Para mais informações, acesse o instagram @chamaelas.araraquara.

Cheerfest - É o nome de uma das competições de cheerleading no Brasil. Para mais informações, acesse o instagram @cheerfest.brasil.

Cobrecos - Congresso Brasileiro de Estudantes de Comunicação Social.

Coeficiente de rendimento ou CR - É o índice que mede o desempenho acadêmico, através das notas, do estudante em cada período letivo. O CR é uma das medida usada para distribuir aulas com muita demanda,

selecionar candidatos para intercâmbios e criar um ranking com os alunos que obtiveram os melhores índices de aproveitamento nas disciplinas cursadas ao longo dos semestres.

Coffee Break - O coffee break, ou em português pausa para o café, é um momento no qual são servidos itens alimentícios, envolvendo comidas e bebidas, frias e quentes, durante um evento.

Coletivo Kimpa - É o coletivo negro da Unesp de Bauru, fundado em 2014. Para mais informações, acesse o Instagram @ coletivonegrokimpa.

Comissão Paulista de Cheerleading - A Comissão Paulista de Cheerleading é uma união de atletas sem fins lucrativos, idealizada em 2007 e que tem como objetivo promover o esporte no estado de São Paulo, dar suporte aos participantes, sugerir normas de segurança e promover competições e campeonatos. São associados à União Brasileira de Cheerleaders (UBC), que é o representante oficial do Cheerleading brasileiro junto ao International Cheer Union (ICU).

Comitê Olímpico Internacional (COI) - é uma organização não governamental. Foi criada em 23 de junho de 1894, por iniciativa de Pierre de Coubertin, com a finalidade de reinstituir os Jogos Olímpicos realizados na antiga Grécia e organizar e promover a sua realização de quatro em quatro anos.

Congregação - É um órgão deliberativo e normativo, que tem como objetivo a autogestão de cada faculdades. Ou seja, na Unesp de Bauru existem três congregações (a da FAAC, da FC e da FE), que contam com representantes de diversas realidades, como alunos, professores, funcionários técnico-administrativos, direção e departamentos.

Coordenadoria de Ações Afirmativas, Diversidade e Equidade (CAADI) - A UNESP em sua recente história tem desenvolvido ações em direção ao debate e promoção de políticas afirmativas (reserva de vagas e cotas) como também o combate à validação da violência e todas as formas de discriminação, usando como base os direitos

humanos. Em 2021 foi criada uma assessoria para lidar com todas as diversidades na UNESP, este local foi denominado: Coordenadoria de Ações Afirmativas, Diversidade e Equidade (CAADI), ligada à vice-reitoria.

Coordenadoria de Permanência Estudantil (COPE) - é a instância da Unesp responsável por atribuir auxílios financeiros e desenvolver ações de apoio aos estudantes de graduação que se encontram em situação de vulnerabilidade socioeconômica.

CPI - Comissão Parlamentar de Inquérito.

CTI - Colégio Técnico Industrial Professor Isaac Portal Roldán é uma unidade pública de ensino técnico, mantido pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho e vinculado à Faculdade de Engenharia, em Bauru.

DACEL - Diretório Acadêmico "César Lattes". Para mais informações, acesse o instagram @dacelunesp.

DACMA - Diretório Acadêmico "Carolina Maria de Jesus". Para mais informações, acesse o instagram @dacma.faac.

DAFAE - Diretório Acadêmico da Faculdade de Engenharia. Para mais informações, acesse o instagram @dafaebauru.

Desafio das Baterias - É uma competição entre as baterias universitárias da Unesp, realizada dentro do Inter, desde 2007.

Desafio de Cheerleading - É uma competição entre as Líderes de Torcida da Unesp, realizada dentro do Inter, desde 2016.

Diretórios Acadêmicos (DA) - É uma entidade estudantil que representa os estudantes de diversos cursos de uma mesma faculdade. Algumas das suas funções são, a organização de atividades acadêmicas extra-curriculares como debates, discussões, palestras, semanas temáticas, recepção de calouros; encaminhamento, mobilização e organização de reivindicações e ações políticas dos estudantes; mediação de negociações e conflitos individuais e coletivos entre estudantes

e a faculdade; realização de atividades culturais como feiras de livros, festivais diversos, entre outros.

Discente - É uma outra palavra para alunos.

Embraer - Empresa Brasileira de Aeronáutica.

Empresa Júnior - Segundo a Lei n° 13.267/2016, as Empresas Juniores são entidades organizadas como associações civis gerida por estudantes matriculados em cursos de graduação de instituições de ensino superior, com o propósito de realizar projetos e serviços que contribuam para o desenvolvimento acadêmico e profissional dos associados, capacitando-os para o mercado de trabalho e incentivando o empreendedorismo.

Enactus - É uma organização internacional sem fins lucrativos que mobiliza estudantes de vários cursos, acadêmicos e líderes de negócios que estão comprometidos a usar o poder da ação empreendedora para promover o progresso no mundo.

Enecom - Encontro Nacional de Estudantes de Comunicação Social.

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio é uma prova de admissão à educação superior realizada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, autarquia vinculada ao Ministério da Educação do Brasil.

Ensino Remoto - O ensino remoto é uma modalidade que refere-se às atividades de ensino mediadas por tecnologia, mas que são orientadas pelos princípios da educação presencial. Assim, os estudantes assistem às aulas virtualmente no mesmo período em que estariam presentes na instituição de ensino, respeitando a carga horária de cada série e o plano pedagógico.

Etec - são instituições de ensinos técnico, médio e integrado ao médio, pertencentes ao Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza.

Entrevista Ping-Pong - É um tipo de entrevista com

perguntas e respostas, priorizando informações impactantes.

Estupro de vulnerável - Previsto como crime no artigo 217-A do Código Penal, é caracterizado por uma relação de poder, na qual a vítima se encontra em uma situação de vulnerabilidade. Esse estado decorre de 3 circunstâncias: a vítima é menor de 14 anos, portanto ainda não completou o seu desenvolvimento físico e psíquico; quando esta não pode oferecer resistência; alguém que, por enfermidade ou deficiência mental não possui o necessário discernimento para a prática do ato sexual.

Executiva Nacional dos Estudantes de Comunicação Social (ENECOS) - Com o propósito de organizar os estudantes de comunicação de todo o Brasil em torno de pautas em comum, em 1991, foi criada a Executiva Nacional de Estudantes de Comunicação Social. A sua atuação se dá em torno de três principais bandeiras: democratização da comunicação, qualidade de formação do comunicador e combate às opressões.

FAAC - Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design

Família - Quando se pratica "adoção dos bixos" o aluno mais velho que adotou o calouro se torna mãe ou pai do mesmo. A prática é bem antiga, o que cria árvores genealógicas enormes, com pais, mães, avós, avôs, bisavôs, bisavós e assim por diante, até serem tão grandes que recebem o nome de família. Como essas "famílias" não têm um sobrenome compartilhado entre todos os membros, elas usam do humor para se identificarem. Existem famílias de todos os tipos: das duplas sertanejas, a dos filmes, dos super-heróis, das brasilidades e assim por diante.

FC - Faculdade de Ciências

FCAP - Faculdade de Ciências da Administração de Pernambuco

FE - Faculdade de Engenharia

FGV - Fundação Getulio Vargas

FIES - O Fundo de Financiamento Estudantil é um programa do Ministério da Educação destinado

a financiar a graduação na educação superior de estudantes matriculados em cursos superiores não gratuitos na forma da Lei 10.260/2001.

Fórum Brasileiro de Segurança Pública - O Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) é uma organização não-governamental, apartidária, e sem fins lucrativos, que se dedica a construir um ambiente de referência e cooperação técnica na área da segurança pública. A organização é integrada por pesquisadores, cientistas sociais, gestores públicos, policiais federais, civis e militares, operadores da justiça e profissionais de entidades da sociedade civil que juntos contribuem para dar transparência às informações sobre violência e políticas de segurança e encontrar soluções baseadas em evidências.

GAC - Grupo Administrativo do Câmpus.

GPS - É a sigla de Global Positioning System, ou Sistema de Posicionamento Global.

Grupo Toy - É o grupo que organiza as festas do Inter.

Hannah Montana - É um seriado estadunidense do canal Disney Channel que teve exibição de 2006 a 2011, que contava a história de Miley Stewart, uma garota do ensino médio, que esconde um segredo de ser a pop star Hannah Montana.

ICMS - Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços é um imposto estadual sob administração estadual brasileiro, ou seja, somente os governos dos estados e do Distrito Federal têm competência para instituí-lo.

IES - Instituição de Ensino Superior

IFES - Institutos Federais de Ensino Superior.

Importunação Sexual - previsto como crime no no Código Penal pela lei 13.718 de 2018, é definida como: "praticar contra alguém e sem a sua anuência ato libidinoso com o objetivo de satisfazer a própria lascívia ou a de terceiro". Esses atos incluem toques indesejados, encoxadas, beijos, lambidas,

masturbação e até ejaculações.

Instituto de Pesquisa Datafolha - O Datafolha é um instituto de pesquisas do Grupo Folha, conjunto de empresas coligadas do qual o jornal Folha de S. Paulo faz parte. Fundado em 1983, como departamento de pesquisas da Folha da Manhã, estabeleceu-se com estrutura independente para atender a clientes externos em 1990.

Instrumento de Cozinha - Instrumento de cozinha é o nome popularmente dado a instrumentos grandes que ficam no fundo da bateria, responsável por sustentar o samba.

International Cheer Union (ICU) - A International Cheer Union é o órgão mundial que rege os esportes de líderes de torcida. Foi fundada em 2004 e é reconhecida pela SportAccord (traduzido para portugues, Associação Global de Federações Esportivas Internacionais), e é membro da Associação das Federações Esportivas Internacionais Reconhecidas pelo COI.

ITA - Instituto Tecnológico de Aeronáutica.

Jornal Folha de S. Paulo - É um jornal brasileiro editado na cidade de São Paulo que foi fundado por um grupo de jornalistas liderado por Olival Costa e Pedro Cunha em 19 de fevereiro de 1921. Em 2021 foi considerado o segundo maior jornal do Brasil em circulação, com 366.087 exemplares (incluindo assinantes digitais).

Jornal Jr. - É a empresa júnior do curso de Jornalismo da Unesp de Bauru. Para mais informações, acesse o instagram @jornaljr.

Lei de Cotas - A Lei nº 12.711/2012, conhecida como Lei de Cotas, é uma lei brasileira sancionada em 29 de agosto de 2012. A lei garante a reserva de 50% das matrículas por curso e turno nas universidades federais e nos institutos federais de educação, ciência e tecnologia a alunos oriundos integralmente do ensino médio público, em cursos regulares ou da educação de jovens e adultos. Os demais 50% das vagas permanecem para ampla concorrência.

Licenciatura - Licenciatura é um grau acadêmico recebido por um indivíduo

que finaliza seus estudos em uma instituição de ensino superior, normalmente uma faculdade ou universidade; o ato de licenciar alguém a algo. A licenciatura é uma categoria do curso de ensino superior que permite aos licenciados o exercício do magistério, ou seja, podem lecionar, dar aulas.

Líderes de Torcida, Cheerleading ou Cheers - É uma atividade em que os participantes torcem por sua equipe como forma de incentivo. Pode variar de entoar slogans a intensa atividade física. Pode ser realizado para motivar equipes esportivas, para entreter o público ou para competição.

LIEU - A Liga Interuniversitária de Esportes Universitários, é uma organização feita por alunos, e é o ponto de encontro de todas as Atléticas da Unesp.

Liga das Repúblicas de Bauru - Grupo formado por mais de 40 repúblicas bauruenses que ajuda na organização, divulgação de vagas e ações sociais envolvendo as repúblicas de Bauru. Para mais informações, acesse o instagram @ ligadasrepsbauru.

Loba - É uma associação de acolhimento para vítimas de violência sexual em festas, que atua em festas com tendas de acolhimento. Para mais informações, acesse o instagram @lobativismo.

Lobby - é a atividade de influência, ostensiva ou velada, por meio da qual um grupo organizado, por meio de um intermediário, busca interferir diretamente nas decisões do poder público, em especial do poder legislativo, em favor de causas ou objetivos.

Manual dos Bixos ou Manual de Sobrevivência dos Bixos - Um e-book feito por veteranos com informações necessárias, como melhores lugares para morar, quais ônibus vão até a universidade, lugares em conta para comer, os melhores supermercados para fazer compra, como adquirir seu passe escolar para a circular, as siglas mais usadas e seus significados e até mesmo dicas de moda universitária.

MASP - Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand.

Matérias Optativas - As disciplinas optativas são aquelas de livre escolha do aluno para compor o seu currículo de forma a atender uma formação mais personalizada do profissional que está sendo formado.

Méson Pi - Na física de partículas o Méson Pi, é uma das três partículas subatômicas: π0, π+ e π−. Cada píon é composto por um quark e um antiquark e é, portanto, um méson.

Mineirinho em Belo Horizonte - O Estádio Jornalista Felippe Drummond, mais conhecido como Mineirinho, é um ginásio poliesportivo localizado em Belo Horizonte, com capacidade para 25 mil pessoas.

Moradia Estudantil - A Moradia Estudantil tem por objetivo atender os alunos regularmente matriculados nos cursos de graduação, de comprovada vulnerabilidade socioeconômica. Anualmente, essas vagas são distribuídas mediante o processo seletivo da permanência estudantil. Dos 24 câmpus da Unesp, 13 possuem moradia estudantil.

Mundo Perdido ou MP - É o nome popular dado por alunos para a Central de Laboratórios Didáticos de Informática da FAAC, já que a mesma fica a mais de um quilômetro da entrada principal, e quando foi construída, era longe de todos os outros prédios.

Naumteria - Bateria Universitária da Unesp de Bauru. A gramática estranha, com um 'Naum' escrito de forma 'errada' é como os jovens escreviam a palavra 'não' no MSN e na Internet nos anos 2000, quando a bateria foi criada. Para mais informações, acesse o instagram @naumteria.

NeoCriativa - É o Núcleo de Estudos e Observação em Economia Criativa da Unesp de Bauru, vinculado à Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC). Criado em 2011, o núcleo estuda a economia criativa e seus desdobramentos nas quatro vertentes do setor - artes, mídias, inovação tecnológica, patrimônio material e imaterial. O Neo é

coordenado pelo Prof. Juarez Xavier e reúne estudantes de graduação, pós-graduação e pesquisadores. Para mais informações, acesse o site https://neocriativa.wixsite.com/neocriativa.

Novembro Negro - É uma campanha, que ocorre no mês de novembro, que visa recordar e evidenciar lutas e resistências da população negra contra o racismo, preconceito, discriminação racial e desigualdades sociais.

Núcleo Técnico de Atenção Psicossocial (NTAPS) - O Núcleo de Atenção Psicossocial do campus da Unesp Bauru consiste em uma entidade acadêmica que visa realizar intervenções estratégicas para contribuir com as condições psicossociais da população acadêmica do campus, além de promover a saúde mental num contexto amplo. Para mais informações, acesse o instagram @ntapsunesp.

O inter - É um evento esportivo de competição entre os diferentes campus da Unesp, seguido de festas com atrações musicais. É considerado o maior evento esportivo universitário da América Latina.

OAB - A Ordem dos Advogados do Brasil é a entidade máxima de representação dos advogados brasileiros e a responsável pela regulamentação da advocacia e pela aplicação do Exame de Ordem dos advogados no país.

Open Bar - Open bar é uma expressão inglesa que significa literalmente "bar aberto". O sistema de open bar é comum em festas e eventos onde os participantes têm o direito de consumir livremente e gratuitamente todas as bebidas disponíveis no bar do local, não existindo uma dose mínima de consumo por pessoa.

PCdoB - O Partido Comunista do Brasil é um partido político brasileiro de centro-esquerda à esquerda e baseado ideologicamente nos princípios do marxismo-leninismo.

Pró-Reitoria de Extensão Universitária e Cultura (Proec) da Unesp - É uma pró-reitoria que lida com a Extensão Universitária e a Cultura. Desde 2005 a Unesp mantém uma política de Extensão Universitária de apoio aos projetos e aos alunos de graduação. Bolsas

são liberadas para que alunos desenvolvam projetos com a supervisão dos docentes, fazendo com que a Unesp tenha, na atualidade, um marcante trabalho extensionista, distribuído por todo o Estado de São Paulo.

Pró-Reitorias - São unidades administrativas ligadas diretamente ao Gabinete do Reitor, responsáveis pelos procedimentos administrativos correntes na universidade.

ProUni - É um programa do Ministério da Educação que oferece bolsas de estudo em instituições particulares de educação superior, em cursos de graduação e sequenciais de formação específica, a estudantes brasileiros sem diploma de nível superior.

PSOL - O Partido Socialismo e Liberdade é um partido político brasileiro fundado em junho de 2004.

PT - O Partido dos Trabalhadores é um partido político brasileiro de centro-esquerda à esquerda. Fundado em 1980, integra o Foro de São Paulo, um dos maiores e mais importantes movimentos de esquerda da América Latina.

PUC de Campinas - Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Repinique ou Ripa - O repinique é um tambor pequeno com peles em ambos os lados, tocado com uma baqueta em uma das mãos enquanto a outra mão toca diretamente sobre a pele.

República ou Rep - "República" é originário do latim res publica, "coisa pública". No Brasil, a cultura de república tradicional é muito forte no estado de Minas Gerais e no interior de São Paulo, onde estudantes se reúnem para dividir gastos e compartilhar suas vivências.

Revista Torta - É um projeto de revista digital com contextualização e difusão acadêmico-científica. No momento o projeto está desativado. Para mais informações, acesse o instagram @revistatorta.

Revista Veja - é uma revista de distribuição semanal brasileira publicada pela Editora Abril às quartas-feiras. Criada em 1968 pelo jornalista Roberto Civita, a revista trata de temas variados de abrangência

nacional e global. Entre os temas tratados com frequência estão questões políticas, econômicas, e culturais.

Sharpay Evans - High School Musical é um telefilme americano do gênero musical de 2006, dirigido por Kenny Ortega. Sharpay Evans é uma personagem do filme.

Sistema Sisgrad - É a plataforma de registro e gerenciamento da sua vida acadêmica. Nele você poderá acompanhar os lançamentos de notas e faltas, verificar seus horários de aulas, solicitar e emitir documentos, dentre outras funções.

SiSU - Sistema de Seleção Unificada (Sisu) é uma plataforma digital no ar desde janeiro de 2010 sendo desenvolvida pelo Ministério da Educação brasileiro e utilizada pelos estudantes que realizaram o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) para se inscreverem nas instituições de ensino superior que aderiram total ou parcialmente, com uma certa porcentagem de suas vagas, à nota do Enem como forma de ingresso, em substituição ao vestibular.

Stories - Nas mídias sociais, o stories é uma função na qual o usuário conta uma narrativa ou fornece mensagens de status e informações na forma de clipes curtos e limitados no tempo de várias sequências em execução automática.

Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) - É um acordo que o Ministério Público celebra com o violador de determinado direito coletivo. Este instrumento tem a finalidade de impedir a continuidade da situação de ilegalidade, reparar o dano ao direito coletivo e evitar a ação judicial.

Texuguetes - São as líderes de torcida da Unesp de Bauru. Para mais informações, acesse o instagram @texugueteschеer.

Trote - Esse termo vem de "trotar" a forma de andar do cavalo, que na verdade remete a quando o cavaleiro ensina o cavalo a andar conforme sua vontade, domesticando-o. Então, o trote seria uma forma do/a veterano/a ensinar ao/à calouro/a a como ser estudante universitário. Ao designar a andadura dos

equídeos, por associação, o trote significa que os/as ingressantes nas universidades precisam "aprender" com os/as mais antigos/as a caminhar em direção a um novo universo.

Tsunami da Educação - Os protestos estudantis no Brasil em 2019, conhecidos popularmente como Tsunami da Educação, ocorreram nos dias 15 de maio, 30 de maio, e 13 de agosto sendo a primeira grande mobilização contra o Governo Jair Bolsonaro.

Ubaiano - É um bar localizado na frente da Unesp de Bauru. O seu dono é o senhor Feliciano Soares de Oliveira, de 83 anos, que é muito querido pela comunidade universitária.

UDESC - Universidade do Estado de Santa Catarina.

UFC - Universidade Federal do Ceará.

UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora.

UFP - Universidade Federal do Pará.

UFPE - Universidade Federal de Pernambuco.

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro.

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina.

UFU - Universidade Federal de Uberlândia.

UNB - Universidade de Brasília.

UNE - União Nacional dos Estudantes é uma organização estudantil brasileira, sendo uma das principais representantes de alunos do ensino superior do país.

Unesp/CTI - Hospital Estadual - Linha de ônibus circular da cidade de Bauru, que passa na Unesp, no Colégio Técnico Industrial "Prof. Isaac Portal Roldán" (da Unesp) e no Hospital Estadual. É um dos circulares mais utilizados por alunos que querem ir da vila universitária à Unesp.

Unicamp - Universidade Estadual de Campinas.

Unifesp - Universidade Federal de São Paulo.

Universitário/Universitária - Pode-se dizer, de certa maneira, que no Brasil tudo é universidade em matéria de educação superior – desde o "centro universitário", com certo número de departamentos, até grandes complexos universitários, como as estaduais paulistas e as instituições federais. Em todos os casos o estudante é chamado pelo mesmo nome: de "universitário".

USP - Universidade de São Paulo.

WhatsApp - É um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones. Além de mensagens de texto, os usuários podem enviar imagens, vídeos e documentos em PDF, além de fazer ligações grátis por meio de uma conexão com a internet.

Xou da Xuxa - Foi um programa infantil de variedades apresentado por Xuxa Meneghel e produzido e exibido na TV Globo de 30 de junho de 1986 até 31 de dezembro de 1992, com 2000 edições concluídas. A atração substituiu o programa do Balão Mágico.

Prefácio

Todos os dias milhares de ideias passam pela minha cabeça. Algumas são pequenininhas, singelas, outras eu tenho a total certeza de que podem mudar o mundo. É difícil ter uma mente que nunca para. Cansa. Impede-me de dormir e, muitas vezes, me torna uma pessoa inconveniente.

A parte mais significativa de ser criativa é saber que, na maioria das vezes, essas ideias serão perdidas. Acho que por isso escolhi o Jornalismo, para aprender a como torná-las realidade.

A ideia de um livro reportagem sobre cultura universitária não é nova. Desde que entrei na Unesp, em 2019, devo ter pensado - e até mesmo falado em voz alta - uma centena de vezes do meu descontentamento com a falta de informação de como existir na universidade. Afinal, por que não haveria um manual de instruções para navegar a vida universitária? Em meio a muitas brincadeiras, meus amigos me diziam para escrever um. Decidi fazer exatamente isso.

Esse livro tem a difícil missão de tentar explicar o que é cultura universitária. Para isso, entrevistei alunos, funcionários e professores da Unesp de Bauru, além de fontes da administração geral da Universidade, que me contaram suas experiências, medos e relações com a universidade.

No capítulo "O começo da universidade", o mais recheado de conceitos e teorias, explico como as universidades foram criadas no ocidente, e por que elas demoraram para chegar no Brasil. Ali, também contemplei a criação da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp) e apontei a dimensão que a Unesp tem no interior paulista.

O capítulo "Um por todos, todos por um", abordei as experiências de três alunos recém chegados à Unesp de Bauru e como a recepção, proporcionada por outros

alunos, professores e pela própria instituição, garantiu uma transição positiva entre ensino médio e universidade.

No capítulo "Vida universitária", embarquei na aventura da vida universitária, abordando temas como a bateria universitária, as torcidas organizadas, as líderes de torcida, a atlética e o esporte presente no câmpus da Unesp de Bauru. Também tentei expor o que o Inter, um dos maiores eventos esportivos universitários da América Latina, significa para os alunos.

Já no capítulo "Nem tudo são flores", tentei lidar com o racismo e sexismo presentes, infelizmente, dentro da cultura universitária. Conversando com professores renomados, ativistas e estudantes que passaram por situações difíceis, o capítulo conta com relatos emocionantes. Outro ponto abordado foram as dificuldades e alegrias da maternidade durante a graduação, e a luta pelas políticas de permanência estudantil.

As lideranças estudantis foram o foco do capítulo "Liderança estudantil", que contou com entrevistas com representantes dos Diretórios Acadêmicos da Unesp de Bauru, assim como uma viagem no tempo para entender como na Executiva Nacional dos Estudantes de Comunicação Social (ENECOS) foi criada. Também abordamos os outros sistemas políticos e sociais presentes dentro do câmpus.

No capítulo "Academicamente falando" conta um pouco sobre a vida acadêmica dentro da Unesp, como projetos de extensão, grupos de estudo, iniciações científicas e empresas juniores. Além de mostrar a produção científica e cultural que fazem parte do dia a dia da Universidade e seus projetos sociais, como os cursinhos pré-vestibulares.

No último capítulo intitulado "Afinal, o que é cultura universitária?", tentei responder, de uma vez por todas, o que é - e se existe mesmo - a cultura universitária.

Para confecção deste livro e para entender o que os estudantes entendem por cultura universitária, foi aplicado

um questionário no período de outubro de 2022 a fevereiro de 2023 para a comunidade universitária. A pergunta era simples e ao mesmo tempo complexa: “O que é cultura universitária para você?”. Como universitário é sempre ocupado com as várias atividades da vida universitária, somente 1% dos alunos da Unesp de Bauru responderam o formulário. No começo de cada capítulo consta a resposta de algumas dessas pessoas.

Durante a escrita desse livro, me deparei com siglas, palavras e expressões que poderiam causar confusão ao leitor que não estivesse inserido no meio universitário. Para tornar a leitura mais fluida, as palavras que estiverem coloridas dentro do livro estão presentes no glossário, com suas definições. Outra forma que eu encontrei de ajudar no entendimento do texto foi de grifar palavras mais importantes e faladas dentro da cultura universitária, e explicá-las na mesma página, em um formato de anotação na lateral da página.

O livro é um convite ao diálogo com pessoas que fazem a universidade e propagam a cultura universitária cotidianamente. Boa leitura!

Atenção: esse livro pode conter temas sensíveis e não é recomendado para menores de 16 anos.

O COMEÇO DA UNIVERSIDADE

*"Art. 15. As **IES**, de acordo com sua organização e suas prerrogativas acadêmicas, serão credenciadas para oferta de cursos superiores de graduação como:*

I - faculdades;

II - centros universitários; e

III - universidades.

§ 1º As instituições privadas serão credenciadas originalmente como faculdades.

§ 2º A alteração de organização acadêmica será realizada em processo de recredenciamento por IES já credenciada.

*§ 3º A organização acadêmica das **IFES** é definida em sua lei de criação.*

§ 4º As instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica são equiparadas às universidades federais para efeito de regulação, supervisão e avaliação, nos termos da Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008.

Art. 16. As IES privadas poderão solicitar recredenciamento como centro universitário, desde que atendam, além dos requisitos gerais, aos seguintes requisitos:

I - um quinto do corpo docente estar contratado em regime de tempo integral;

II - um terço do corpo docente possuir titulação acadêmica de mestrado ou doutorado;

III - no mínimo, oito cursos de graduação terem sido reconhecidos e terem obtido conceito satisfatório na avaliação externa in loco realizada pelo Inep;

IV - possuírem programa de extensão institucionalizado nas áreas do conhecimento abrangidas por seus cursos de graduação;

V - possuírem programa de iniciação científica com projeto orientado por docentes doutores ou mestres, que pode incluir programas de iniciação profissional ou tecnológica e de iniciação à docência;

VI - terem obtido Conceito Institucional - CI maior ou igual a quatro na avaliação externa in loco realizada pelo Inep, prevista no § 2º do art. 3º da Lei nº 10.861, de 14 de abril de 2004 ; e

VII - não terem sido penalizadas em decorrência de processo administrativo de supervisão nos últimos dois anos, contado da data de publicação do ato que penalizou a IES.

Art. 17. As IES privadas poderão solicitar recredenciamento como universidade, desde que atendam, além dos requisitos gerais, aos seguintes requisitos:

I - um terço do corpo docente estar contratado em regime de tempo integral;

II - um terço do corpo docente possuir titulação acadêmica de mestrado ou doutorado;

III - no mínimo, sessenta por cento dos cursos de graduação terem sido reconhecidos e terem conceito satisfatório obtido na avaliação externa in loco realizada pelo Inep ou em processo de reconhecimento devidamente protocolado no prazo regular;

IV - possuírem programa de extensão institucionalizado nas áreas do conhecimento abrangidas por seus cursos de graduação;

V - possuírem programa de iniciação científica com projeto orientado por docentes doutores ou mestres, que pode incluir programas de iniciação profissional ou tecnológica e de iniciação à docência;

VI - terem obtido CI maior ou igual a quatro na avaliação externa in loco realizada pelo Inep, prevista no §2º do artigo 3º da Lei nº 10.861, de 2004 ;

VII - oferecerem regularmente quatro cursos de mestrado e dois cursos de doutorado reconhecidos pelo Ministério da Educação; e

VIII - não terem sido penalizadas em decorrência de processo administrativo de supervisão nos últimos dois anos, contado da data de publicação do ato que penalizou a IES.

(Decreto nº 9.235, de 15 de dezembro de 2017, Seção II, Das organizações acadêmicas)[1]*"*

[1] Brasil. **Decreto nº 9.235**, de 15 de dezembro de 2017. Dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação das instituições de educação superior e dos cursos superiores de graduação e de pós-graduação no sistema federal de ensino. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, 15 de dezembro de 2017.

Quando em dúvida, volte ao começo. Muitas vezes, quando me sentia perdida e confusa durante o meu tempo na Universidade, eu voltava ao começo. A entrada principal, quando me perdia no câmpus; Ao primeiro dia de aula de uma disciplina que não conseguia entender; A primeira entrevista em uma reportagem complexa; Ao que eu tinha certeza, quando restavam dúvidas demais para pensar.

Apliquei o mesmo princípio quando comecei a escrever esse livro. Afinal, se me serviu durante toda minha graduação, por que não agora, quando vou tentar explicá-la? Decidi que para entendermos o que é a cultura universitária - o objeto principal deste livro - devemos primeiramente tentar entender o que a palavra significa.

A origem da palavra cultura vem do termo em latim *colere*, que significa cuidar, cultivar e crescer. Por isso, é de se esperar que existam muitos tipos de culturas, subculturas e contraculturas no mundo. Temos a cultura ocidental, a oriental, a indígena, a latina, a popular, a de massa, a brasileira, a afro-brasileira, entre outras. Todas essas são provenientes do momento histórico e contexto social do qual faz parte, trazendo comportamentos, tradições e conhecimentos de um determinado grupo social, incluindo a língua, as comidas típicas, as religiões, música local, artes, vestimenta, entre inúmeras outras particularidades.

Outro aspecto cultural é a transformação e transmutação que acontecem dentro de um mesmo grupo social. Ou seja, existe um elemento cumulativo dentro das culturas, uma vez que as modificações trazidas por uma geração passam à geração seguinte e, assim por diante, até que as folhas da árvore de uma sociedade se tornem irreconhecíveis da raiz.

Já universitária - a metade da sentença mais importante para esse livro, ao meu ver - provém da palavra universidade, que por si só é complexa. As primeiras

universidades ocidentais nasceram durante a idade média, um período historicamente difícil para a criação e divulgação de conhecimento. Com o sistema feudal em seu ápice impedindo a mobilidade social, o analfabetismo generalizado e o controle da Igreja Católica, que proibia e queimava livros - e, às vezes, pessoas - que discordassem dos seus dogmas, é impressionante que a universidade tenha conseguido firmar suas raízes em um solo pobre de nutrientes e instável.

Por mais difícil que seja acreditar, registros apontam que as primeiras universidades - ocidentais - foram criadas nos séculos XII e XIII. As principais desse período seriam as italianas, Escola de Medicina de Salerno - a primeira universidade europeia - que foi diretamente influenciada pela cultura oriental e árabe; a de Bolonha, voltada para o estudo de Direito; e as de Pádua, Nápoles e Pávia. As outras universidades, como as inglesas de Oxford e Cambridge; a espanhola de Salamanca; e a Sorbonne da França, também tiveram um importante papel na difusão das universidades na Europa.

A organização dessas universidades medievais é muito variada, e, naquele momento, não seguia um padrão de ensino. Algumas eram constituídas pelo conjunto de mestres e pensadores importantes. Outras eram feitas por estudantes em busca de um conhecimento em grupo e, ainda, existiam aquelas que eram formadas por uma mescla de mestres e estudantes. A única constância entre todas era a busca por autonomia dentro dos reinos, países e religiões.

No século XIV existiam mais de cento e vinte universidades em toda a Europa. Christophe Charle e Jacques Verger (1996) explicam que existiram, desde o início, dois sistemas de ensino diferentes. “Na região norte da Europa (Paris, Oxford), as universidades eram antes de tudo associações de mestres ou, se quisermos, federações de escolas. As disciplinas dominantes eram as Artes

Liberais e a Teologia, e a marca eclesiástica continuava forte [...]. Nas regiões mediterrâneas, as universidades foram antes de tudo associações de estudantes, das quais os mestres eram mais ou menos excluídos" (Charle; Verger, 1996, p. 18)[2].

Nas Américas, as universidades chegaram rapidamente depois da colonização. A primeira do novo mundo foi a de São Domingos, na República Dominicana, em 1538, seguida pela de Lima, no Peru, e a do México, ambas em 1551. As três foram fundadas por decreto real da Espanha e inspiradas no formato das universidades de Salamanca e de Alcalá. Essas instituições eram controladas por ordens religiosas católicas, e tinham fundações coloniais missionárias, nas quais vinte delas foram estabelecidas antes da independência, nas principais colônias espanholas.

Na América do Norte, as universidades foram criadas no formato de Colégios, com o primeiro sendo a de Harvard em 1636, a de Williamsburg em 1693, e a de Yale em 1701, as três estão localizadas nos Estados Unidos. Esses colégios procuravam suprir a demanda de pastores e administradores, cargos que as colônias inglesas precisavam. O modelo foi um sucesso e em 1776 já existiam nove universidades no país.

O Brasil, no entanto, vai contra a onda de modernização das instituições de ensino nas Américas. Durante o período de Colônia e República, mais de duas dezenas de propostas e projetos para criação das universidades no país foram recusadas. Essa resistência, vinha tanto da Coroa Portuguesa, quanto da elite brasileira, que pensavam que os jovens deveriam ir à Europa para estudar e que uma universidade brasileira não era necessária - e pior, seria de *mau* gosto a existência de uma universidade na colônia. A

[2] Charle, C.; Verger, J. **História das Universidades.** 1 ed. São Paulo: Editora Unesp, 1996.

Universidade de Coimbra, em Portugal, era a preferida para estudos superiores de Teologia e Direito, e a de Sorbonne, na França, era responsável pela formação de Médicos.

Com a chegada de Dom João no Brasil, é criado, por decreto datado de 18 de fevereiro de 1808, o Curso Médico de Cirurgia na Bahia. Em 5 de novembro do mesmo ano é instituída no Hospital Militar do Rio de Janeiro uma Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica. Mesmo com a criação desses cursos, a universidade no Brasil não chega junto com a família real.

Naquele momento, todas as escolas superiores do país são de caráter profissional, ou seja, existem para formação de funcionários públicos para máquina estatal, e na formação de pseudo-médicos e médicos para o atendimento da elite.

A primeira tentativa de criação da universidade brasileira foi feita em 12 de junho de 1823, através de uma indicação à Assembléia Constituinte e Legislativa, que propunha a criação de pelo menos uma universidade no Império e recomenda que a mesma seja instituída na cidade de São Paulo. O projeto foi bem recebido, mas, às vésperas da promulgação da lei, o Imperador dissolveu a Constituinte, e acabou com o sonho da universidade no Brasil.

Durante os anos de 1824, 1843 e 1847 três outras tentativas foram feitas, mas sem sucesso. Duas décadas depois, em 1870 o ministro Paulino José Soares de Souza, em relatório dirigido à Assembléia Geral Legislativa, destaca a necessidade da criação de um Conselho Superior de Instrução Pública e volta a insistir na ideia de criação de uma universidade na Corte. Contudo, Souza deixa o ministério no próximo ano, e o projeto é dissolvido.

Com a proclamação da República em 1889 outras tentativas foram feitas em favor da criação de universidades no país. Na Constituição Republicana, o ensino superior é mantido como atribuição do Poder Federal, mas não

exclusivamente. Determina a Constituição de 1891 (Art. 35, § 3º) ser atribuição do Congresso "criar instituições de ensino superior e secundário nos Estados". Mas nenhuma universidade surgiu.

Finalmente, após quase 400 anos da implementação da primeira universidade na América Latina, no dia 7 de setembro de 1920, o Governo Federal brasileiro instituiu a Universidade do Rio de Janeiro (URJ). Contudo, a universidade só existia em nome, pois a URJ nada mais era do que a junção das três Faculdades preexistentes no Rio de Janeiro: a de Engenharia, de Medicina e de Direito.

O professor universitário e pesquisador Raul Bittencourt explicou que, "O decreto de 1920, que fundou a Universidade do Rio de Janeiro, não fundou, porém, na realidade, universidade alguma" (Bittencourt, 1946, p. 561-562)[3].

Um dos principais indicadores de que uma organização de ensino é, verdadeiramente, uma universidade é o tripé universitário composto por ensino, pesquisa e extensão. O mesmo é um dos determinantes na qualidade e existência de uma universidade.

O ensino, por exemplo, é caracterizado pela graduação, as aulas, monitorias, atividades em laboratório, etc. Por sua vez, a pesquisa pode ser definida como o conjunto de atividades orientadas e planejadas pela busca de um conhecimento. Já a extensão, o pilar mais difícil de compreender, consiste em estabelecer uma relação entre a universidade e a sociedade. Ou seja, é uma troca de conhecimento entre a instituição e a comunidade.

Com a Revolução Constitucionalista de 1932, e a crescente necessidade de uma universidade fundada no

[3] Bittencourt, Raul J., (1946). **Autonomia universitária.** Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v. 7, nº 21, p. 561-2.

tripé universitário, é criada na capital paulista, em 1933, a Escola Livre de Sociologia e Política, e, no ano seguinte, a Universidade de São Paulo (USP). A criação, em 1951, do Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq)[4], - que tem como objetivo o desenvolvimento de pesquisas científicas e tecnológicas no país, bem como a distribuição de auxílios à universidades e pesquisadores para a continuidade deste trabalho -, também ajudou na consolidação desse novo modelo de universidade, seguido até hoje.

Entre o fim da década de 1950 e no início dos anos 1960, vários Institutos Isolados de Ensino Superior foram criados no interior do estado de São Paulo. Em 1976, a Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp), foi criada para incorporar esses institutos isolados e torná-los uma Universidade Pública. Hoje, a Unesp conta com 34 câmpus em 24 cidades, sendo 22 no Interior, um na Capital do Estado, São Paulo, e um no Litoral Paulista, em São Vicente. São oferecidos 155 cursos de graduação, 124 mestrados acadêmicos, 19 mestrados profissionais e 112 doutorados, que comportam mais de 51 mil alunos e quase 4 mil professores e 10,6 mil servidores técnico-administrativos. A Unesp ainda conta com 30 bibliotecas com mais de 1,5 milhão de livros em seus acervos.

No dia 15 de agosto de 1988, foi instituído o maior câmpus da Unesp, o de Bauru. O mesmo atende diariamente mais de 7 mil alunos nos seus 19 cursos oferecidos, que são divididos entre a Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC), a Faculdade de Ciências (FC) e a Faculdade de Engenharia (FE).

Após séculos de construção e desconstrução, a universidade - principalmente a universidade brasileira - se

4 Em 1974 passou a ser chamado de Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

torna um bioma próprio, uma bolha dentro da sociedade. É nesse meio que nasce a “cultura universitária”, que tem como o principal criador e perpetuador o próprio aluno.

Para Franciele Ariene Lopes Santana, psicóloga formada pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e Doutoranda em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem na Unesp, a cultura universitária existe, mas não é universal.

— Existe sim uma cultura universitária, mas não acho que essa cultura seja única. Devemos pensar que as universidades estão espalhadas em diferentes lugares, diferentes sociedades e com diferentes funcionamentos. — Comenta a psicóloga.

Cada universidade tem suas próprias tradições e costumes, que são moldados pela sociedade que as envolve. Seja essa a cidade que o câmpus está localizado (capital, interior ou litoral) ou, até mesmo, os cursos oferecidos. Nenhuma universidade é igual a outra e nenhuma cultura universitária é única e exclusiva.

Por mais completa e complexa que possa parecer, a cultura universitária não existiria sem os alunos. O fluxo contínuo de ingressantes garante a continuidade - e, às vezes, até mesmo a mudança - da mesma.

— Para ser uma cultura é preciso do coletivo. A manutenção dessas práticas, das coisas que vamos fazendo no dia a dia, precisa de interação com as pessoas para que isso se mantenha no decorrer do tempo. Principalmente no espaço da universidade. — Explica Ariene.

Um dos pontos mais importantes, e que ajudam a perpetuar essas práticas culturais, é a recepção dos novos alunos. Se o ingressante é acolhido pela instituição de ensino e pelos próprios alunos já presentes na

universidade, existe uma maior chance de integração na vida - e cultura - universitária.

— O acolhimento é de extrema importância para o desenvolvimento integral do estudante, seja ele social, acadêmico ou psicológico. O acolhimento não é algo que vai suprimir as dificuldades ou desafios que os alunos têm pela frente. Na verdade, o ato de acolher está relacionado com a oferta de apoio, como se soubesse que tem ali alguém com quem contar, quando não sabemos o que fazer. Buscamos ajuda de pessoas que passaram por experiências semelhantes, procurando algum tipo de suporte para resolver questões que nem sempre a gente sabe resolver no primeiro momento. — Conta a psicóloga.

A melhor forma de acolher e integrar esses alunos é fazê-lo logo na chegada. É neste momento, quase de uma forma antropológica, que começa a introdução a cultura universitária. É como se fosse uma aula, na qual é impossível ser reprovado, o ingressante começa sua jornada para fazer parte de uma comunidade.

Nota:

Psicóloga Franciele Ariene Lopes Santana, doutoranda em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem na Unesp. Entrevista realizada no dia 31 de março de 2023, online, via a plataforma do Google Meet.

UM POR TODOS, TODOS POR UM

"A cultura universitária é uma série de costumes que vão sendo passados dos alunos mais velhos para os mais novos, representando um modo de vida, que vai se adaptando ao longo do tempo."

Giovanna Adelle, aluna do curso de Jornalismo.

Todo **universitário** se lembra de *quando* e *como* recebeu a notícia da sua aprovação no ensino superior. Há pouco tempo, a informação vinha pelo correio, através de uma carta que não tinha dia ou hora certa para chegar. Hoje, com a Internet como a forma de comunicação mais ágil entre a instituição educacional e o aluno, o resultado do vestibular é divulgado pontualmente. Os sistemas travam. A internet cai. A agonia é prolongada. Mas, de um jeito ou de outro, a lista de aprovados é disponibilizada.

Apesar de tudo, não se torna universitário de uma hora para outra. Ser aceito não significa que todos os problemas presentes na vida do vestibulando desaparecem magicamente. Os poucos recursos financeiros, a falta de apoio de familiares e amigos, o fardo da mudança de cidade, e as dúvidas - de que se está preparado, de que o curso escolhido é o certo, de que você vai conseguir se graduar - são alguns dos principais problemas enfrentados nesse momento.

Estudante que está se preparando para prestar o vestibular, o exame de ingresso no ensino superior.

E muitos não passam disso, um nome da lista de aprovados. Contudo, para aqueles que conseguem passar por esses desafios iniciais - e tantos outros que surgem no caminho - existe um momento que define o começo da vida universitária de um aluno: a matrícula.

Segundo o Censo da Educação Superior, realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), em 2021 foram registradas quase 9 milhões de matrículas de graduação, das quais 76,9% são de instituições privadas e 23,1%, públicas[5]. O número mostra ainda um crescimento de 32,8% de matrículas na educação superior na última década. Por mais impressionante que

[5] INEP, **Censo da Educação Superior**. Brasil, 2021. Disponível em: https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-da-educacao-superior/resultados. Acesso em 8 de setembro de 2023.

sejam - ou *pareçam* - esses dados, os mesmos não contam a real histórias dos ~~calouros~~ bixos e bixetes no ensino superior.

São os nomes dados às pessoas que acabaram de ingressar na universidade. A palavra é escrita de forma errada como uma forma de brincadeira.

Para Cecília de Oliveira Silva, aluna de Engenharia de Produção, da Faculdade de Engenharia em Bauru, na turma de 2023, o momento em que ela descobriu que tinha passado na Unesp vai ficar guardado na sua memória para sempre.

— Foi mágico! Eu não passei na primeira chamada. — Começa Cecília.

Estamos sentadas em um dos bancos de madeira do **bosque**, na hora do almoço. O bosque é um dos ambientes de integração mais procurados pelos alunos no câmpus da Unesp de Bauru. É um lugar espaçoso, cheio de árvores - e daí vem o nome - com bancos e degraus de madeira que já viram dias melhores. Sua localização, na frente da Biblioteca e entre a Faculdade de Engenharia (**FE**) e a Faculdade de Artes, Arquitetura, Comunicação e Design (**FAAC**), o transforma em um ponto de encontro e de referência.

— Na verdade, eu só fui passar na terceira chamada. Foi muito decepcionante não ver meu nome nem na primeira ou na segunda lista. Eu tinha estudado muito, e me sentia decepcionada por não ter passado. A terceira chamada ficou disponível bem no dia que eu faria uma viagem de família, mas eu bati o pé e disse que a gente só sairia quando a terceira lista estivesse disponível. Eu chamei todo mundo no meu quarto, minha mãe, meu pai, minha irmã e minha tia, para conferir a lista. Quando vi meu nome não conseguia acreditar! Eu chorei, meu pai chorou, todo mundo se abraçou. A gente só entrou no carro para viagem depois de eu ter feito minha pré-matrícula online.

Para a guaxupeana (nome dado aos nascidos na cidade de Guaxupé, em Minas Gerais), a emoção não ficou só na entrada da universidade, mas também no momento da mudança para Bauru.

— A mudança para Bauru foi complicada. Caótica. - Continua Cecília, que prefere ser chamada de Ceci. —

Primeiro eu fiquei em uma **república**, de **agregue**, por cinco dias. Dois desses dias eu passei no hospital com intoxicação alimentar! Passei muito mal, mas mesmo assim foi legal. - Começamos a rir. Os alunos ao nosso redor nem nos olham, todos são acostumados ao som de risos no câmpus. — Lá eu saí quase todos os dias e foi ótimo para conhecer pessoas novas e me integrar em Bauru.

República e agregue. Dois termos bastante presentes no cotidiano do universitário, mas pouco conhecidos fora dele. Para entendê-los, deve-se compreender primeiro a origem dessas palavras, já que o universitário adora um jogo de palavras ou uma frase inteligente.

República vem do latim, constituída de "res" que significa coisa e "publica" que significa - *obviamente* - público. Em seu sentido original, refere-se às coisas que não são de propriedade particular, mas sim pertencente ao povo. Usando dessa ideia, as Repúblicas de Estudantes, também abreviadas para **Rep**, são habitações (casas ou apartamentos) divididas por um determinado número de estudantes, com o intuito de diminuir o custo de vida durante a graduação. Existem repúblicas de todos os tipos: composta somente de meninas ou meninos, de gênero misto, com pessoas de um só curso, com quartos divididos ou individuais, voltadas a público LGBTQIAPN+, com mais de dez pessoas ou com menos. Uma das poucas coisas em comum entre elas é a divisão de despesas e tarefas entre os moradores, que mantém a Rep. Outra, são os nomes engraçados dados a essas repúblicas: Reptiliana, Rei do Gado, Boi Gordo, Risca Faca, Olimpo, Beija-flor, Cajuteria, Sem Parar, Vira Kopos, Reprodução, Odara, Samsara, Clausura, Repiroca, Fenda do Biquini, Repindura, Masmorra, são algumas das repúblicas que existem em Bauru.

Já o agregue vem da palavra agregar, que por sua vez significa "juntar com o outro, reunir a algo já existente". O processo de agregue é quando veteranos recebem bixos e bixetes nas suas casas, apartamentos e repúblicas por um

preço acessível, durante os primeiros dias - mas podendo se estender até três meses - na universidade. Isso faz com que o aluno que precisou se mudar para frequentar o ensino superior tenha tempo de conhecer a cidade, alugar um apartamento, encontrar pessoas com quem morar ou comprar móveis. Alguns veteranos usam o agregue como uma forma de "teste" ou "processo seletivo" para a entrada permanente de novas pessoas nas suas casas. Da mesma forma, o agregue também serve para integrar o aluno que acabou de chegar ao estilo de vida universitário.

— Eu e minha família viemos para Bauru quinze dias antes das aulas começarem para eu encontrar um lugar para morar. Eu sabia que no começo eu não queria mudar para uma cidade que eu não conhecia ninguém e ficar sozinha logo de cara, então procuramos uma República. E foi muito bom! Porque lá sempre tinha gente, coisas para fazer, histórias para contar e pessoas diferentes para conversar. O agregue é super legal, porque você é literalmente acolhido pelos universitários. — Ressalta Ceci.

As acomodações eram provisórias, mas confortáveis. Cecília e mais três bixetes dormiam em colchões na sala da República que aceitava somente meninas, dos mais variados cursos de graduação e cobravam apenas quinze reais das calouras por dia. Das quatro, duas hoje moram permanentemente na república.

— Foi lá que descobri que eu, Cecília, não sirvo para morar em república! Mas adoro as meninas que me acolheram naqueles cinco dias, somos amigas até hoje e saímos juntas. Nunca vou esquecer de tudo que elas fizeram por mim. — Hoje, a estudante de 18 anos vive sozinha em um apartamento.

Ceci explicou que seu primeiro contato com os veteranos de seu curso e colegas de classe foi pelas redes sociais, quando ela fez uma publicação comemorando sua entrada na Universidade. Aliás, foi uma veterana com quem ela

conversou depois dessa publicação inicial que explicou a ela a existência dos agregues e a ajudou a encontrar uma república que a aceitasse por alguns dias.

— Eu postei no Twitter [atual X] que tinha passado, e logo o pessoal já veio falar comigo e me colocaram no grupo da sala. Foi lá que eu comecei a conhecer todo mundo e a interagir com o pessoal. Nesse momento eu também recebi dos meus veteranos o Manual dos Bixos.

O **"Manual dos Bixos"** ou **"Manual de Sobrevivência dos Bixos"** são populares na Unesp de Bauru. Todos os anos, os veteranos de cada curso se reúnem e criam um e-book com informações necessárias, como melhores lugares para morar, quais ônibus vão até a universidade, lugares em conta para comer, os melhores supermercados para fazer compra, como adquirir seu passe escolar para a circular, as siglas mais usadas e seus significados - e como as instituições de ensino adoram uma sigla, essa parte é bem importante -, e até mesmo dicas de moda universitária. O manual é completo, e o melhor de tudo, feito inteiramente por estudantes, o que garante uma autenticidade e honestidade pouco encontrada nos manuais oficiais da instituição.

— A recepção que eu recebi, tanto dos alunos como dos funcionários, ao passar na Unesp foi tão boa e completa que me tirou 90% dos medos que eu sentia de me mudar para Bauru. Eu morria de medo de ficar sozinha.

Cecilia planeja manter essa tradição de acolhimento viva, já que ela descobriu que esse tipo de recepção é nova no curso de Engenharia de Produção. Ela e sua sala já estão planejando o que vão fazer para os alunos que ingressarem em 2024.

Manual de Sobrevivência que a Cecília recebeu dos seus veteranos.

Créditos: Manual produzido pela comissão de Engenharia de Produção, da turma de 2022 (@COMISSAOPROD022), cedido por Cecília de Oliveira Silva

Enquanto a futura engenheira não se adaptou na república, para Carlos Eduardo da Silva Mattos, estudante de Design do período noturno e também ingressante no ano de 2023, a vida em uma rep é bem mais do que ele esperava.

— Eu tinha bastante medo de vir e de morar em república. Eu tinha um certo preconceito. Na verdade, todo mundo na minha volta tinha um certo preconceito. - Conta Carlos.

Estamos sentados na biblioteca da Unesp de Bauru, no fim da tarde. O movimento é intenso, já que os alunos do período diurno e integral estão saindo das aulas, e os alunos do noturno estão chegando. O barulho à nossa volta é tão alto que preciso pedir a ele que repita algumas vezes. À nossa esquerda temos um grupo de cinco ou seis alunos jogando cartas, à direita, alguns alunos da **FC** ensinando física uns aos outros. À duas mesas de distância um aluno reclama frustrado na frente do computador. O caos reina, e Carlos parece um pouco impressionado com tudo isso.

— Eu tinha medo de morar em uma república, porque eu achava que ia ser só bagunça e drogas. Mas não é! Morria de medo da minha convivência não ser boa com eles por causa da minha religião e, também, por eu ser uma pessoa mais reservada e não ir tanto nas festas. Isso não aconteceu. Tudo está fluindo muito bem, ninguém me força a nada, nem implicam comigo. Não tive nenhum tipo de trote, o que foi ótimo, porque eu tinha bastante medo de chegar e perder meu cabelo. Não fui exposto a nenhuma situação que me deixasse desconfortável.

Carlos com a bandeira da sua república.

Créditos: Acervo pessoal do Carlos Eduardo da Silva Mattos

Carlos tem 22 anos, é de Pindamonhangaba, no Vale do Paraíba, e já sabe o que quer da vida. É tecnólogo em Gestão de Negócios e Inovação, evangélico e o mais novo morador da República Risca Faca, uma das mais tradicionais reps masculinas de Bauru.

— O pessoal da república são todos muito diferentes uns dos outros, mas todos se respeitam. Isso é o bom de morar lá! — Explica. A sua felicidade é contagiante que me pego sorrindo.

Durante o vestibular, além da incerteza de que passaria na faculdade, Carlos não sabia se conseguiria mudar de cidade e realmente fazer a graduação.

— Se eu passasse, a chance de eu realmente vir para a

Unesp era mínima. Mas eu queria pelo menos ver meu nome na lista de aprovados. Queria fazer meu esforço valer a pena.

A notícia da aprovação chegou durante o expediente do trabalho, mas foi contida. Não disse nada a seus colegas de serviço, não ousou comemorar.

— Eu fiquei muito feliz, mas não foi uma felicidade que foi expressada naquele momento. A primeira pessoa que eu contei foi a minha avó, com quem eu moro, e ela me fez a grande pergunta 'Mas você vai para Unesp?', porque por mais que ela me apoiasse, nós não tínhamos uma condição financeira boa, e meus avós não conseguiriam me sustentar em outra cidade.

Toda esperança parecia perdida. O que adiantava passar na Universidade? Fazer três provas, duas gerais e uma prática de desenho, específica do curso de Design? Ter essa oportunidade batendo na porta e não poder abri-lá? Até que um unespiano veio ao resgate.

— Um dia minha prima e o marido dela me chamaram para conversar. Eles têm uma condição financeira melhor, e me disseram que se eu quisesse ir, eles me apoiariam. Aí acendeu a esperança! O marido da minha prima tinha feito a Unesp e morado em uma república. Ele estava mais feliz do que eu por eu ter passado! Inclusive ele que me influenciou a procurar uma república. Os dois vieram comigo para me ajudar com a mudança, escolher a república e conhecer a cidade.

Como Cecília, Carlos também participou do agregue. Durante 3 semanas ele pagou 75 reais a cada sete dias, e começou a entender que a vida em rep era a certa para ele.

— O legal de morar 14 caras em uma casa é que se tem entretenimento a todo momento, tudo vira piada e brincadeira. A gente acorda já dando risada. Foi muito fácil me sentir confortável com todos. Outra coisa é que todos se ajudam, e eles me ensinaram muitas coisas, principalmente na cozinha.

O sufixo **-ano**, com sua variante **-iano**, tem um significado básico de "proveniência, origem". No caso, é o nome dado a alunos e alunas da Unesp.

Hoje, ele conta com um **auxílio de permanência** concedido pela Unesp para se manter em Bauru, e come sempre que possível no Restaurante Universitário.

É um espaço onde é oferecida alimentação, normalmente almoço e jantar, para a Comunidade Universitária a um preço acessível.

— Eu estou gostando da faculdade, por mais que eu não fique muito no câmpus fora do período de aula. Gosto bastante do ambiente. E como eu sempre sonhei em fazer o curso de Design, está sendo uma experiência bem bacana.

Carlos, que gosta de desenhar, ainda está em dúvida se vai seguir o design gráfico ou de produto. Ambas as modalidades do curso são oferecidas pela Unesp. Aqui entre nós, acho que ele vai escolher o design gráfico. Ele leva jeito para coisa.

Com o dia dessa escolha ainda longe - os alunos escolhem sua habilitação somente no final do segundo ano de curso -, ele aproveita tudo que a vida universitária tem para oferecer. A **adoção dos bixos**, por exemplo, foi uma tradição universitária que Carlos adorou participar.

Com mais um nome engraçado e criado pelos alunos, a 'adoção dos bixos' é mais uma das formas encontradas para integrar quem está chegando na universidade. Isso acontece quando veteranos - normalmente dentro do mesmo curso de graduação -, "adotam" um recém chegado, um "bixo" ou "bixete", para cuidar e ajudar a entender esse novo mundo. Quando se adota um bixo, o aluno mais velho se torna mãe ou pai do mesmo. A prática é bem antiga, o que cria árvores genealógicas enormes, com pais, mães, avós, avôs, bisavôs, bisavós e assim por diante, até serem tão grandes que recebem o nome de **família**.

Como essas "famílias" não têm um sobrenome compartilhado entre todos os membros, elas usam do humor para se identificarem. Existem famílias de todos os tipos: das duplas sertanejas, a dos filmes, dos super-heróis, das brasilidades e assim por diante. Uma das principais responsabilidades das "famílias" é a criação de um apelido

para os bixos e bixetes, o que é considerado um dos maiores ritos de passagem na universidade. A família das vilãs de novela, por exemplo, tem pessoas com apelidos como Nazaré, Carminha e Odete Roitman. Na família das doenças, temos a Rubéola, o Caxumba, e sim, também existe a Covid.

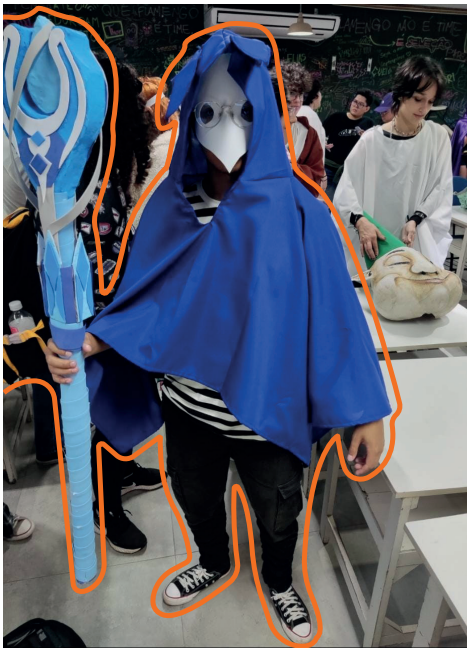
Os bixos que fazem parte de uma república não precisam ser adotados, pois a própria rep é considerada sua família. Esse é o caso do Carlos, que mal podia esperar para receber seu apelido.

— O meu caso foi peculiar, eu acho. Desde que eu cheguei eu sabia que ia receber um apelido, e como eu fiquei muito ansioso para isso eu ficava perguntando para o pessoal da rep se eles já tinham achado um apelido para mim. Eles me pediram para parar de perguntar, porque quem fica com tanta expectativa acaba se decepcionando com seu apelido. Até que meu curso decidiu fazer o dia da adoção, e o pessoal da república deixou avisado que eu já tinha apelido, só faltava ser revelado na hora da adoção oficial.

Os apelidos em república normalmente nascem de uma situação engraçada ou estranha que acontece durante a convivência dos primeiros dias, e com o Carlos não foi diferente.

— Foi aí que me disseram que meu apelido era Luffy, por causa do *One Piece*[6], um anime que eu assisto. Inclusive o apelido surgiu por que eu pedi para colocar o *One Piece* na TV para a gente assistir e alguém disse que era proibido assistir anime na Rep. Não era, mas eu passei um tempo pensando que sim. — diz Carlos sorrindo.

[6] One Piece é uma série de mangá escrita e ilustrada por Eiichiro Oda. Os capítulos têm sido serializados na revista Weekly Shōnen Jump desde julho de 1997, com os capítulos compilados e publicados em 106 volumes tankōbon pela editora Shueisha até junho de 2023. One Piece conta as aventuras de Monkey D.



Créditos: Acervo pessoal do Carlos Eduardo da Silva Mattos

Carlos com o seu novo apelido universitário.

No curso de Física da Faculdade de Ciências (FC), a adoção dos novos alunos é um pouco diferente. Primeiro, o nome dado é outro: **Apadrinhamento**. Segundo, não existem 'famílias' com nomes engraçados, os veteranos dão os apelidos aos recém chegados durante os primeiros meses, conforme vão se conhecendo. O sorocabano Felipe Andrade Ferreira da Silva, de 18 anos, foi um dos bixos que passaram pelo apadrinhamento no começo de 2023.

— Tudo aconteceu no **Ubaiano**. — Lembra o calouro, que parece um pouco tímido — Você conhece? É aquele bar bem na frente da Unesp.

Eu conheço. Acho que todo aluno da Unesp de Bauru conhece o Ubaiano. Aquele bar, e o próprio Ubaiano - um senhor de 83 anos - fazem parte do patrimônio cultural,

social e imaterial da cidade e por que não do Câmpus da Unesp de Bauru.

O bar fica localizado no canteiro central da avenida Engenheiro Luís Edmundo Carrijo Coube, na frente da portaria um da Unesp de Bauru. Seu dono, o senhor Feliciano Soares de Oliveira, chegou na cidade em 1969. Curiosamente, Feliciano é mineiro, e não baiano. O apelido um tanto quanto xenofóbico veio dos estudantes, que achavam que quem trabalhava empurrando carrinho de lanche, como ele fazia no começo, era baiano. Quando o bairro foi desenvolvido, e a avenida criada, o bar já estava lá, e por lá mesmo ficou. Nos tempos da Fundação Educacional de Bauru, o bar se chamava O Baiano. Quando a Fundação se tornou a Unesp, virou 'U baiano', com o 'U' de Unesp. Hoje, é oficialmente - e carinhosamente - chamado de Ubaiano.

O senhor Feliciano Soares de Oliveira, conhecido como Ubaiano, em 2023.

Créditos: Stella Gomes e Alexandre Oliveira

Ubaiano acompanha os estudantes da Unesp há 53 anos, e nesse tempo viu alunos chegarem e se formarem. Casar. Ter filhos e netos, e mandá-los para a Unesp de Bauru. Seu Feliciano já foi patrono e paraninfo de turma de formandos, nome de um bloco de carnaval que desfilava em Bauru nos anos 1990 e recebeu uma Moção de Aplauso da Câmara Municipal de Bauru. Ele é amigo dos alunos até hoje. Não é de se estranhar que ele também esteja presente na história da recepção e apadrinhamento de Felipe.

— O pessoal pediu para gente formar duas filas, uma para os bixos que bebiam e uma para quem não bebiam. Depois, a gente tinha que subir em cima de uma mureta e gritar nosso nome, idade, de onde veio, e depois passar uma cantada. Foi muito engraçado. Eu não lembro muita coisa, mas foi muito engraçado. — Conta, com um ar misterioso.

Felipe não me disse qual das duas filas ele fez parte, mas a falta de memória da noite, e a repetição da frase "muito engraçado" me dão algumas pistas. Resta a você imaginar qual das filas ele escolheu.

— Aí os veteranos nos apadrinharam, foi um veterano de Física que me escolheu, mas logo em seguida uma veterana também quis me adotar. Depois que a parte oficial tinha terminado, começou a festa. — Fala bem humorado, sorrindo. — Eu fui embora logo depois, não sou muito de festa.

O amor pela Física começou desde cedo para Felipe, logo no ensino médio. Depois de uma aula sobre a relatividade, o menino procurou entender tudo que podia sobre o tema, e se decidiu logo: ia ser físico, pesquisador mesmo, daqueles que escrevem teorias e tem o cabelo bagunçado.

— Li alguns livros sobre o tema e quando terminei eu literalmente falei para o meu pai que queria fazer Física. Tentei gostar de outras coisas, mas Física é muito mais legal.

Com a decisão tomada, Felipe prestou os vestibulares e passou na Universidade Federal Fluminense e na Unesp de Bauru.

— Eu decidi vir para Unesp, porque era mais perto, e mais próximo do que eu queria. Eu sentia medo antes de vir para cá, porque eu nunca fui social, nunca consegui me socializar muito bem. Depois do apadrinhamento, eu vi que os veteranos são muito legais, e parece realmente que você faz parte daquilo. O pessoal realmente interage com você.

A recepção na Universidade foi cheia de emoção, descobertas e novas amizades, o que o impressionou.

— A primeira vez que eu tive um contato com uma veterana ela me chamou para ir ver os gatos da Unesp. Eu achei legal. Não imaginava que ia ser assim, que iam me recepcionar e me acolher. Achava que seria algo superficial, mas não foi. Gosto muito dos meus veteranos e do pessoal da minha sala, são gente boa. — revelou Felipe.

— Isso fez com que você quisesse ficar no curso e na Unesp? — Pergunto curiosa. Para mim, uma jornalista, a ideia de fazer um curso como o de Física é espantoso. Queria saber se ele já teve dúvidas, se já sentiu vontade de ir para casa, de desistir.

— Sim, com toda a certeza. O meu sonho era fazer Física na USP. Acho que qualquer físico quer ser formado pela USP, porque é a maior faculdade de Física do Brasil. Às vezes eu ainda penso em refazer o vestibular para tentar ir para lá. Só que, ao mesmo tempo, ainda que lá seja o meu sonho, eu gosto muito daqui. Então sim, essa recepção influencia muito. Penso que ajuda na retenção dos novos alunos. — Responde, com um semblante pensativo — Na Unesp, todo mundo é próximo, no sentido de todo mundo ser acessível. Hoje eu vou almoçar no RU e o meu professor vai sentar na mesa comigo e a gente começa a conversar. Parece que tudo aqui é mais confortável.

Não sabemos se a recepção calorosa e aberta que temos na Unesp de Bauru ajuda na retenção de alunos. Não existe pesquisa que meça o impacto direto entre iniciativas

de integração - feitas pelos estudantes - e quantos alunos chegam matriculados no fim do ano.

Não existe um incentivo financeiro ou acadêmico ao vaterano que para tudo no seu dia - muitas vezes já cheio - para criar um PDF com as melhores dicas da cidade, ou fazer um tour com os recém chegados pelo câmpus. Ninguém espera ganhar alguma coisa quando adota bixos e bixetes e os ensinam a como se vestir, se comportar e como navegar nessa nova etapa da vida. Mesmo assim, essas tradições continuam vivas.

Nota:

Carlos Eduardo da Silva Mattos, conhecido como "Luffy". Entrevista realizada no dia 27 de abril de 2023, pessoalmente, na biblioteca da Unesp de Bauru.

Cecília de Oliveira Silva, conhecida como "Ceci". Entrevista realizada no dia 01 de junho de 2023, pessoalmente, no bosque da Unesp de Bauru.

Felipe Andrade Ferreira da Silva. Entrevista realizada no dia 30 de maio de 2023, pessoalmente, na biblioteca da Unesp de Bauru.

VIDA UNIVERSITÁRIA

"É a vivência na universidade. Os encontros entre alunos para dialogar, a dinâmica da busca pelo novo, esportes, Atlética, o respeito e comprometimento com a ciência, os eventos culturais de música e arte... É quase um estilo de vida!"

Ana Laura Alves, aluna do Programa de Pós-Graduação em Design

Na vida, tudo passa. Não importa se é bom, ruim ou difícil. Tudo tem começo e fim. Minha mãe sempre me disse isso quando eu reclamava de alguma coisa. Nos últimos anos, a graduação era um dos tópicos em que isso mais se aplicava. Eu reclamava de uma prova, reportagem ou professor, e minha mãe dizia que iria passar, que nada é para sempre.

Quando a semana de recepção acaba, os bixos não são mais a prioridade. Quando os veteranos voltam à sua vida normal e o primeiro mês de aulas se encerra sem incidentes. Quando os agregues já terminaram e todos têm um lugar para dormir à noite. É nesse momento que podemos considerar a recepção na universidade terminada.

Foi bom enquanto durou. Mas passou. Porém, se engana quem pensa ser o fim da integração e acolhimento. Na verdade, ela se transformou em algo muito mais potente: A vida universitária. Sem as rodinhas de treinamento, e de uma forma muito mais radical, os estudantes que conseguem chegar até aqui têm o mundo à sua porta.

Baderna, com "B" de Bauru
Baderna, com "B" de batuque

A primeira vez que eu ouvi a **bateria universitária** da Unesp de Bauru, a **Naumteria**, tocar achei que estivesse sonhando. Estava no ônibus circular, um que conferi diversas vezes para que estivesse escrito **'Unesp/CTI - Hospital Estadual'**, a três quarteirões do câmpus. Era minha primeira vez indo para a Universidade sozinha.

O som se espalhou pelo coletivo lentamente. Olhando para os outros passageiros, percebi quem era calouro e quem já estava na universidade há algum tempo. Os alunos novos, como eu, tinham uma cara de espanto encantado, já os veteranos agiam como se fosse apenas mais um dia, nada de mais.

— É a Naumteria, eles estão ensaiando na árvore. — Tentou explicar uma das veteranas, percebendo nossa confusão.

Claro que não entendemos nada. O *que* ou *quem* era a Naumteria? Árvore? Qual delas? Estávamos em uma área de preservação permanente, cheio de árvores e plantas, de qual árvore ela estava falando? Ensaiando o quê?

Logo, todas as nossas dúvidas foram respondidas. O ônibus parou no ponto onde tinham me ensinado descer - cortesia de veteranos bem intencionados - na frente do bar do Ubaiano e da Unesp. No canteiro central, a menos de quinze metros da parada, estavam dezenas de alunos com os mais variados instrumentos. Todos tocando em união.

os instrumentos de percussão são aqueles que necessitam ser percutidos (batidos), agitados, raspados ou friccionados para que produzam os sons.

A primeira imagem que veio à minha cabeça era a de uma escola de samba, daquelas que desfilam na Sapucaí. Como nunca fui muito musical ou entendi de instrumentos, não sabia nomeá-los. Mas sabia escutar. Fiquei parada, ouvindo por alguns minutos e apreciando a cena.

Eles ensaiavam na sombra de uma árvore grande, a única daquele canteiro. Depois de alguns minutos, eu e outros bixos e bixetes precisamos continuar nosso caminho. A aula estava para começar.

Depois, descobri o que eles eram. Uma bateria universitária. As baterias universitárias (abreviadas para B.U.) são grupos de alunos que tocam juntos instrumentos de percussão e representam uma instituição de ensino superior. Podendo tocar em eventos da faculdade, festas, torcidas de jogos e onde mais couberem. O nome vem do francês 'batterie', que é a ação de bater, o som resultante, conjunto de armas, de utensílios, ou instrumentos musicais. Para estar em uma *bateria* é preciso *bater* no instrumento.

A primeira bateria universitária do Brasil - ou a primeira de que se tem registro - surgiu em 1969, na cidade de Uberlândia, Minas Gerais. A chamada Bateria Charanga era

composta por estudantes de Engenharia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), que queriam incentivar a torcida e os atletas da universidade em torneios esportivos. Na década de 1990 e nos anos 2000 as baterias universitárias se espalharam pelo Brasil, onde continuam até hoje.

— As baterias universitárias tinham muita influência dentro de eventos esportivos e se assemelhavam muito às torcidas organizadas. Elas nascem tentando reproduzir essa atuação em quadra, levar o time para cima, animar. E, dentro dessa cultura, esse objetivo foi se desenrolando com o passar dos anos. — Conta Renan da Mata Morim Santos, de 29 anos. Renan é natural de São Sebastião, no litoral norte do estado de São Paulo, e cursa sua segunda graduação na Unesp de Bauru.

É justamente no ano 2000 que a Naumteria nasce de uma iniciativa da Atlética da Unesp de Bauru. Nos anos longínquos de 1999 existiam os jogos Unesp, um evento esportivo promovido pela própria Universidade, em que as unidades da Unesp competiam entre si. Justo naquele ano, a Unesp suspende o apoio, e declara que não contribuiria mais para os jogos. A Atlética de Bauru, que tinha planos de fazer uma bateria para torcer nesses jogos de 1999, e já tinha comprado três instrumentos - um Surdo de terceira, um Repinique e um Tamborim - entra em desespero.

— O sonho da bateria iria morrer antes de começar! — Exclama entusiasmado. Ele parece adorar contar essa história, da qual lembra em mínimos detalhes. Renan tinha 5 anos em 1999, e não fez parte da criação da bateria, mas você não saberia disso ao escutá-lo contar. Sua narrativa e conhecimento sobre a bateria é tão cativante que eu poderia jurar que ele estava na sala, contando as moedinhas, quando o dinheiro para o primeiro instrumento foi arrecadado.

Créditos: Foto cedida por Renan da Mata Morim Santos

Jamiro (Renan) em uma apresentação de carnaval para os funcionários da Unesp com a Naumteria.

Nascido em 1999, o programa se tornou uma das principais ferramentas de comunicação digital no mundo na época de popularização da web comercial durante os anos 2000.

A Unesp, que não contava com a astúcia dos alunos e das atléticas, ficou sem saber o que fazer quando os mesmos se reuniram para achar uma solução. E, assim, como uma forma de afronta e vontade de manter a tradição dos jogos universitários, foi criado o InterUnesp - depois, chamado somente de Inter - um evento esportivo de competição entre as Unesp. E, claro, um evento cheio de festas.

— E a bateria que não existiria, teve. É por isso que se chama Naumteria. — Zomba. A gramática estranha, com um 'Naum' escrito de forma 'errada' é cortesia dos jovens da época, que escreviam a palavra 'não' desse jeito no MSN e na Internet nos anos 2000.

— Quando eu entrei na Unesp em 2019, me contaram que um veterano tinha vendido um carro para comprar os instrumentos da Naumteria. Todos os alunos da Unesp

que eu conheço acreditam nisso. Então não é verdade? — Pergunto, chocada. Essa história foi repetida diversas vezes nos meus quatro anos de graduação como um exemplo de espírito e amor universitário. Inclusive, essa história foi uma das forças por trás da ideia de escrever este livro. Sinto-me traída.

— Sim, é uma mentira total! Nós tivemos a oportunidade de tocar no casamento de um dos ex-ritmistas da Naumteria em 2016, por isso sei dessas histórias antigas. Eles contaram tudo para a gente. Foi lá que eu descobri que a história do carro era mentira e, que quem comprou os primeiros instrumentos foi a Atlética, uma vez que naquela época os dois eram uma coisa só. Não sabemos quem inventou essa história, mas ela é boa — revela.

Renan é um Unespiano e músico de coração. Hoje, ele faz Pedagogia, mas já é graduado no curso de Educação Física da Unesp de Bauru.

— Eu não iria fazer faculdade. Chegou uma cartilha da Unesp na minha escola falando que se você passasse no vestibular, não precisaria pagar a graduação. E eu pensei 'Ah, tô fazendo nada, vou prestar'. Vi os cursos e fiquei em dúvida, eu fazia luta, então o curso de Educação Física me chamou atenção. Mas eu gostava muito de música. Só que o curso de Música tinha prova prática, e eu não estava muito seguro de que iria passar. Então escolhi Educação Física. — Lembra, enquanto olha pela janela da pequena sala de estudos.

As salas de estudos - todas as três - ficam do lado esquerdo na Biblioteca da Unesp de Bauru. É um dos poucos lugares com privacidade no câmpus, onde alunos podem se reunir para fazerem reuniões e estudarem. Não existe reserva para as salas de estudo, usa quem chega primeiro. Outra particularidade do local é a péssima qualidade do sinal do wi-fi, que não funciona nas duas últimas salas. Ou se tem privacidade, ou acessa a internet. O universitário nunca tem os dois!

Por mais que Renan amasse música, e quisesse continuar nesse meio, os primeiros dois anos na Universidade foram inteiramente dedicados à graduação e ao Judô. Em 2014, no seu terceiro ano, ele finalmente se inscreveu na bateria.

— Eu sempre entrei atrasado nas coisas. Os ensaios da bateria começam no início do semestre, em fevereiro ou março. Só que eu esquecia de ir. Eu ia só fazendo as coisas da vida e esquecia dos treinos. Nesse período tinha um moço que tocava a caixa, que era instrumento que eu comecei, e ele ia todo dia com a camisa da banda Jamiroquai. Daí, certo dia, ele parou de ir no ensaio e eu fui pela primeira vez, já era maio ou começo de junho, quando eu lembrei. — Começa sorrindo — Só que a gente tinha uma aparência parecida, porque eu tinha cabelo grande ele também, não sei, mas fomos confundidos. O mestre da época, até mencionou 'nossa, até que enfim você tirou a camisa do Jamiroquai', Aí eu fiquei confuso, pensando 'o que esse moço tá falando?'. Um outro membro que tocava me perguntou se não era eu que ia a todo ensaio com camisa do Jamiroquai. Respondi que não, que era a primeira vez que eu vinha. Aí o nome pegou, eles me chamaram de Jamiroquai tantas vezes que acabou virando Jamiro.

Hoje, ninguém mais o conhece como Renan.

— Eu não sei se as pessoas escolhiam os instrumentos quando entravam na bateria nessa época. Eu cheguei atrasado, então eles me deram a caixa para tocar. E eu peguei com bastante facilidade, então ninguém ficou receoso porque tinha entrado atrasado. Em pouco tempo eu tinha aprendido o básico. Fiquei bem nervoso na primeira apresentação, em Araçatuba. Eu quase não toquei de nervosismo, mas deu tudo certo.

No ano seguinte, com a chegada de um novo mestre de bateria, Jamiro se interessou pelo repinique. Pode ter um nome estranho, mas o repinique - também chamado

O mestre de Bateria é a nomenclatura dada a quem é responsável por conduzir o andamento e ritmo de uma bateria durante os ensaios e apresentações.

de ripa - é um instrumento de percussão, um tambor pequeno com peles em ambos os lados, tocado com uma baqueta em uma das mãos, enquanto a outra mão toca diretamente sobre a pele.

Créditos: Foto cedida por Renan da Mata Morim Santos

Jamiro (Renan) com o instrumento que toca na Naumteria, o repinique.

— Só que naquela época existia pré-requisito para tocar repinique, você tinha que saber tocar caixa primeiro, que era o instrumento que eu tocava. Outra coisa era que a pessoa que tocava repinique era quem escolhia o próximo que iria tocar o instrumento. Era uma relação de poder, só quem era escolhido podia tocar. — Afirma Jamiro.

O instrumento é requisitado. Agindo como um segundo mestre, uma vez que nas baterias maiores - como as de escola de samba - o mestre pode não conseguir comunicar com todos da bateria, mas ele pode se comunicar com os ripeiros, que conseguem tocar alto e sinalizar para a bateria que é hora de começar a tocar.

— É difícil chamar no apito, mas no repinique dá! — Explica.

Em 2016, Jamiro finalmente começou a aprender a tocar o ripa, mas só conseguiu mudar de posição e ser o titular do instrumento em 2018. Em 2019, recebeu um convite para ser diretor do repinique, responsável por criar arranjos e ensinar novos membros.

— Foi nesse momento que eu decidi abrir esse instrumento para todas as pessoas, de não ser algo tão elitizado. Mas eu tinha um problema, como sempre foi restrito, eu tinha pouquíssimos instrumentos. Então, mesmo que eu quisesse ensinar, não tinha repinique para todo mundo. — diz.

Para ser justo, Jamiro criou um processo seletivo. Não era mais nomeação, quem quisesse aprender o repinique tinha que ser selecionado. Todos tinham oportunidade de participar, e quem tivesse mais facilidade, passava.

— Eu fiz um pedido grande de compras para patrimônio. Eles compraram sete instrumentos. E assim nasceu a escolinha de repinique.

Juntamente com outros dois diretores, o Jesse e a Ita, a escolinha fez tanto sucesso que voltou a ter os mesmos problemas. Mesmo com mais 7 instrumentos, era mais gente

do que repinique. Na pandemia, quem queria aprender, tinha aulas online. Jamiro ensinou uma aluna que hoje é oficialmente uma ritmista da Naumteria.

Um ritmista é um participante da Bateria, que toca um instrumento e participa dentro da célula rítmica. Todos que tocam dentro da Bateria são ritmistas.

A bateria fez com que muitas pessoas se descobrissem na música, e passassem a seguir esse caminho. Em 2019, Jamiro foi chamado para ser jurado de um desafio de bateria de medicina, em Jaú, e foi convidado para tocar em um grupo de samba show, o Malakasamba.

— Eu fiquei meio que encantado pela atuação, porque era uma coisa que eu fazia todo dia, mais de cinco horas por dia, e nunca recebi dinheiro por isso. Aí de repente estava sendo remunerado para tocar. Eu então decidi tentar trabalhar com isso, assim como outras pessoas que eram da Naumteria e hoje em dia estão em grupos de samba show. Eu também pretendo trabalhar com pedagogia musical, agora que entrei no curso de Pedagogia, e quem sabe ir para São Paulo tocar em alguma escola de samba. — Planeja.

Enquanto conversamos, começo a escutar um batuque distante. São seis horas da tarde, hora de ensaio da Naumteria. E é com a bateria de fundo que continuamos a entrevista, depois de Jamiro me garantir que ele pode chegar atrasado *dessa vez* no ensaio.

— É preciso saber tocar algum instrumento para entrar na Bateria? — Pergunto, um pouco rápido demais.

— Não precisa tocar. Até hoje eu não sei! — Brinca, bem humorado. — A bateria tem seus períodos de entrada, onde a gente ensina o pessoal a tocar. Nas primeiras três semanas os novos membros se familiarizam com os instrumentos e tentam achar um de que gostem. Depois que fazem essas escolhas, montamos as escolinhas de cada instrumento. Ninguém precisa saber tocar antes de chegar na Naumteria.

A Naumteria é uma faceta elementar da cultura universitária da Unesp de Bauru. Não só por possibilitar que os estudantes reproduzam e difundam o samba -

considerado um patrimônio nacional - no dia a dia, nas festas e eventos. Mas também por criar um espaço onde todos os participantes se sentem acolhidos e abraçados, trazendo um conforto tão necessário à vida universitária.

— Para mim, Naumteria foi quem determinou o que eu ia fazer para o resto vida. — Insiste Jamiro — Eles me ensinaram a tocar um instrumento que abriu minha mente, e me oportunizaram conhecer uma diversidade de pessoas, que mudaram minha vida. Não sei nem expressar em palavras. — Murmura emocionado.

Naumteria se apresentando em uma festa universitária (Carnailha) no carnaval em 2023.

Créditos: Dope, fotógrafo oficial do Carnailha.

— Eu estou na Naumteria desde 2019, no meu primeiro ano. Inclusive, eu escolhi a Unesp de Bauru por causa da bateria, eu cheguei já conhecendo essa parte da Universidade. — Conta Emanuele Santos Almeida, estudante do último ano de Jornalismo da Unesp de Bauru.

Emanuele e eu somos da mesma sala, e nos conhecemos há quase cinco anos. Para mim, ela sempre foi uma mulher alegre e comunicativa, que se ofereceu - e foi votada - como representante de sala no nosso primeiro ano. A considero uma colega. Mesmo assim, não conseguimos achar um momento para conversarmos pessoalmente. Estamos nos falando pela internet, em uma chamada de vídeo.

Ela começa me explicando que a sua relação com a música começou desde cedo. Aos 10 anos, Emanuele aprendeu a tocar clarinete, e nunca mais parou.

— Eu não sabia que as baterias universitárias existiam, na época eu tinha um namorado, agora ex, que tinha passado em uma universidade no Paraná. Lá, ele conheceu a B.U. da instituição e me contou tudo sobre. E eu me apaixonei pela ideia. Quando fui prestar vestibular, uma das condições para eu me inscrever era se a universidade tinha uma bateria. Eu amo música. — Diz.

A - quase - jornalista não foi a única a pensar assim. Dentro da Naumteria existem muitos relatos de alunos que escolheram a Unesp de Bauru pelo o que a bateria - e outros projetos - tinha a oferecer, e não só por seus cursos.

— Falar da minha trajetória dentro da faculdade, é falar da Naumteria. Não tem como excluir uma da outra. Eu acho que a gente vai se descobrindo dentro do curso e da universidade. Na minha experiência, eu entrei com muita certeza do que eu queria, e estou saindo com quase certeza nenhuma. — Brinca, com um olhar preocupado. Tipo, a gente acha que tem que sair da universidade com a cabeça formada e a vida decidida. Mas hoje acho que isso não é real, a faculdade me mudou bastante. — Continua a estudante.

Emanuele participou de diversos projetos durante seus anos de universidade, como a Empresa Júnior de Jornalismo, a **Jornal Jr.**, a **Revista Torta**, especializada em jornalismo científico e **Enactus**. Ao mesmo tempo, balanceando a graduação - em período integral - e, obviamente, a Naumteria. Tudo isso sem deixar de lado sua vida social.

— Eu sou de Itapeva. E aí meus veteranos não entenderam muito bem o nome da cidade achavam que era Itaipava, como a cerveja. Então meu apelido acabou sendo Ita, a única parte que eles conseguiam falar sem errar. Eu lembro que no começo ninguém entendia por que me chamavam de Ita, então disse que era por que tinha passado no **ITA (o Instituto Tecnológico de Aeronáutica)**, mas era mentira, só para zoar. Todo mundo acreditou. — Brincou, sorrindo. Me surpreendo com sua resposta, pois como o resto da sala, eu também acreditava nisso. — Já na bateria, meu apelido é Rita, por que eu sou a Ita que toca Ripa.

Ita (Emanuelle) com outros integrantes da Naumteria.

Créditos: Foto cedida por Emanuele Santos Almeida

— A gente fala que a Naumteria também é uma forma de permanência estudantil, sabe? Temos esse ciclo de amizade, essa coisa fora da caixinha, que normalmente não conseguimos no nosso dia a dia. — Confessa Ita.

Por mais que a Naumteria seja uma forma de permanência estudantil para a Ita e alguns dos outros ritmistas, a Unesp de Bauru não a reconhece como um projeto de extensão ou uma política de permanência estudantil oficial. Isso faz com que não exista uma verba destinada a bateria, vinda da Instituição. Tudo é feito por alunos, para alunos. Mas vem mudando aos poucos.

— Atualmente, a **Pró-Reitoria de Extensão Universitária e Cultura (Proec) da Unesp** promove eventos para baterias universitárias. E é muito legal, ela reforça que a gente também tem uma ação social dentro da faculdade, não só como um promovedor de cultura, com o samba e a música, mas também como um local de permanência para os estudantes. — Afirma Emanuele.

Como Jamiro, Ita começou tocando caixa, mas diferente dele, começou a aprender Repinique quase ao mesmo tempo. Ela passou pela diretoria de ripa, e, em 2023, foi chamada para ser uma das mestres de bateria da Naumteria.

— É a primeira vez que duas mulheres regem a Naumteria. Hoje, fizemos história com duas mulheres mestres. — Diz, com orgulho.

A primeira mulher mestre de bateria da Naumteria foi Giovana Orru Tiengo, que assumiu o cargo em 2019. Jojota - apelido dado a Giovana na Universidade - se formou em Psicologia há alguns anos. A segunda foi Yumi Suzuki, ficou no cargo de 2020 a 2022, quando se formou em Design. O cargo de mestre é concedido a duas pessoas por vez, que fazem um trabalho em conjunto. Nesses dois casos, as meninas tinham um co-mestre masculino.

— Para mulheres é sempre mais difícil. Principalmente quando a gente está como mestre, sabe? Tem que ter um movimento de conscientização para falar que a gente precisa ser respeitada, sabe? Eles não respeitam por si só, tem pessoas que vêm e pedem para ser respeitadas. É foda [*sic*][7]. — Reflete Ita. — Às vezes eles tentam invalidar o que uma nova diretora fala. Outras vezes, precisamos pedir para um outro homem falar pela gente, senão eles não vão escutar.

Ita (Emanuelle) regendo a Naumteria.

Créditos: Foto cedida por Emanuele Santos Almeida

[7] Para manter a naturalidade das falas dos entrevistados, todas as expressões, inclusive as que fogem à língua culta, serão mantidas.

Mas ainda existem homens que se acham melhores que todo mundo, principalmente em instrumentos maiores, que se recusam a escutar quando uma mulher fala.

— Antes, era difícil para as mulheres. Principalmente se você tocava o instrumento de cozinha. — Lembra a mestre. **Instrumento de cozinha** é o nome popularmente dado a instrumentos grandes que ficam no fundo da bateria, responsável por sustentar o samba. — A gente vê isso mudando. Quando eu entrei como diretora de ripa, queria muito diversificar o pessoal que tocava Repinique, já que sempre tivemos homens héteros e musculosos tocando, sabe? Hoje, temos três ou quatro meninas no repinique, e eu considero isso uma vitória.

— Por que você acha que tinha tanto preconceito com mulheres tocando repinique? — Pergunto curiosa. O vídeo fica estático, penso que a imagem travou até Ita responder com uma voz cansada.

— Na realidade, era machismo mesmo. Na época que o Jamiro entrou, não podia entrar de primeira na ripa, você tinha que passar por outro instrumento antes. Aí basicamente você tocava a caixa por um ano e, se gostassem, te chamavam para tocar ripa. E, como eram homens que tocavam, eles sempre escolhiam outros homens. — Responde resoluta.

Foi somente no ano de 2013, que a primeira mulher, uma estudante de Arquitetura, *começou a aprender* ripa na Naumteria.

— Mas em todas as competições e desafios ela tocava caixa. Eram sempre homens, veteranos, que tocavam ripa.

Créditos: Foto cedida por Emanuele Santos Almeida

Ita (Emanuelle) segurando o repinique, junto com outros membros da Naumteria.

Após a pandemia, enquanto a bateria estava retornando ao funcionamento depois de dois anos parada e, enquanto ainda era diretora do instrumentos, Ita ajudou a abrir a escolinha de repinique, junto com Jamiro.

— Nós estávamos tentando combater essa hegemonia, entende? — Desabafa a mestre. E eu entendo, como mulher, sei perfeitamente do que ela está se referindo. — Agora a gente tem homens gays, mulheres, mulheres pretas, mudou a cara do naipe, o que foi uma conquista muito grande!

É uma forma de se referir aos instrumentos da bateria.

A sinceridade de Ita me encanta e começo a me perguntar se sua inspiração por mudança reflete algum preconceito passado por ela por ser uma mulher na bateria. Então a pergunto exatamente isso.

— Você já sofreu algum assédio ou sexismo por ser uma mulher na bateria? — Pergunto.

— Ah, já. A gente sempre é diminuída. Eu acho que não é por ninguém que tá lá agora, mas por gente mais velha, veteranos antigos. Como o que aconteceu em 2019. Eu me provei muito, mas não consegui nenhum resultado. Eu acho que eu colhi os resultados só agora. Então, tipo, eu me provei muito, me desgastei demais, como a gente sempre tem que fazer quando é mulher. — Murmurou.

Ita se refere a uma injustiça sofrida por ela no seu primeiro ano de bateria, quando após aprender dois instrumentos em um ano - caixa e ripa - começou a ter um desempenho menor na caixa, por conta de um desgaste. Isso fez com que fosse cortada do time que iria para o desafio de baterias do Inter.

— Eu saí do ensaio chorando, sabe? Eu só tinha comprado o ingresso para eu ir no Inter porque tinham me dado quase certeza de que eu iria tocar. Liguei para minha mãe em desespero, porque fiz uma dívida que achava que não ia conseguir pagar. O Inter era caro, mais de quinhentos reais, e em outra cidade. Então foi um trauma, ser uma das únicas meninas e bixetes que estava tocando, ensaiando para caralho, das onze da noite até uma hora da manhã. E eu fui cortada. — Lembra, brava.

O instrumento que encantou tanto Ita, quanto Jamiro, é notoriamente difícil de aprender. É necessário muita técnica e persistência, pois machuca. Quem toca tem as mãos calejadas.

— Eu fui a primeira mulher a tocar repinique em desafios, as outras tocavam em apresentações, mas eu fui a primeira a ir em uma competição tocando ripa. E aí recebi comentários, né? De caras mais velhos da bateria, vinham dizendo coisas como ‘ah, tá doendo sua mão, como que tá?’, de uma forma condescendente. Eles nunca tinham algo bom para falar, sempre algo pejorativo. — Comenta. Além do assédio moral, ainda existe o assédio sexual a ser enfrentado. — É até um pouco triste falar, mas a gente está acostumada. É apenas mais um dia normal de uma mulher em posição de liderança, sabe?

Uma das formas - pouco - sutil de sexismo dentro da Naumteria é a exclusão intencional de mulheres em atividades de integração da Bateria. Há pouco tempo, existia uma república masculina somente para membros da bateria, o que por si só não é problemático, mas lá dentro eram realizadas confraternizações, rodas de pagodes e, até mesmo, a montagem de grupos de samba shows, onde somente os homens da Naumteria eram convidados.

— Eu e o Jessie tocamos o mesmo instrumentos, às vezes eu tocava até que melhor, mas chamavam ele. Eu nem sabia que essas coisas aconteciam, fiquei sabendo esse ano. Parecia que era ultra secreto. — Me conta Ita, com um semblante sério.

Uma das formas que as ritmistas da Naumteria encontraram para se apoiarem e se protegerem do assédio foi a criação de um grupo de apoio.

— A gente tem um grupo chamado NaumTemMinas, em que a gente discute essas coisas, saímos para conversar, falar do que tá acontecendo, avisar outras meninas para terem cuidado com certas pessoas, esse tipo de coisa. Não só com coisas que acontecem na bateria em si, mas dentro da Unesp. Nem sempre foi fácil, mas a gente está aprendendo. Tentamos lidar o mais rápido possível com essas coisas. — Explica, com uma voz esperançosa.

Ita - Rita - não deixa um "pequeno detalhe" como o machismo impedi-la de continuar.

— Eu aprendi a respirar fundo na Universidade. E também que a sua profissão, o que você faz, não é o que você é. — Diz a veterana — Eu não quero sair da Naumteria e parar de trabalhar com música, sabe? Eu já pensei em ir para São Paulo e entrar em uma escola de samba, ou aprender a tocar outro instrumento.

— Antes, era difícil para as mulheres. Principalmente se você tocava o instrumento de cozinha. — Lembra a mestre.

Créditos: Foto cedida por Emanuele Santos Almeida

Membros da Naumteria reunidos no Inter de 2022.

Enquanto a Naumteria é amada pelos seus membros e os alunos da Unesp de Bauru, ela é vista como um grupo "baderneiro" pelos bauruenses. O ensaio na árvore do canteiro central, por exemplo, já foi interrompido pela polícia, chamada por vizinhos que reclamavam do barulho.

A palavra baderna, muitas vezes utilizada para representar as B.U., foi - e é - usada para justificar a repressão por parte de autoridades, principalmente em relação ao samba. Mas sua origem é uma de resistência puramente brasileira.

No Rio de Janeiro do século XIX, a bailarina italiana Marietta Baderna, com então 21 anos, fazia sucesso entre a elite brasileira. Exilada no Brasil em 1849 após seu pai apoiar atos democráticos em seu país natal, Marietta se apaixonou pelos ritmos e danças afro-brasileiras, e chegou a dançar ao ar livre com escravos. Decidiu, então, incorporar esses movimentos

ao balé clássico, o que chocou a sociedade escravista brasileira. Foi boicotada, rechaçada e ridicularizada. Mas não desistiu, o que rendeu inúmeros fãs que foram - carinhosamente - chamados de "badernistas", e a palavra "baderna" tornou-se sinônimo de confusão ou tumulto.

— Nós somos vistos como uma instituição baderneira, sabe? E a gente é mesmo, temos ideias bem idiotas! — Brinca, sorrindo. — Mas, também promovemos muitas coisas. A gente não é só barulho, nós somos samba!

Atlética

No dia 1° de Abril de 1996, em uma terça-feira como qualquer outra, era fundada a **Atlética da Unesp de Bauru.** Ah, sim, a ironia da criação da mesma logo no dia da mentira não me escapa. Se estivesse escrevendo ficção, me acusariam de falta de originalidade.

— A Atlética da Unesp de Bauru foi formada inteiramente por pessoas da Faculdade de Engenharia, em sua grande parte homens. — Conta a bauruense Luisa Saraiva Andreo, de 25 anos.

Luisa está no último ano da graduação em Engenharia de Produção da Unesp de Bauru e participou da Atlética durante três anos, dois dos quais no papel de presidente da instituição.

— A criação da Atlética foi muito sobre a vontade de ter pessoas juntas, trabalhando com esporte. Na Unesp, como um todo, já existiam outras atléticas, e a de Bauru foi inspirada nelas. — Ponderou Luisa. Outro ponto importante para a criação da Atlética foi a aproximação entre as três faculdades. — A gente tá no mesmo ambiente, só que, ao mesmo tempo, éramos muito separados. Antigamente, você não imaginava pessoas da FAAC, FC e FE em uma mesma festa, em um mesmo espaço. Então, acho que talvez existia essa necessidade de integração do câmpus.

A história das atléticas no Brasil é longa e complicada. Uma **Associação Atlética Acadêmica (AAA)** é formada por alunos de um ou mais cursos, que de forma voluntária, trabalham para garantir a prática de esportes, a promoção de festas e eventos, além da organização de ações sociais, voltadas para a arrecadação de comida, doação de sangue e projetos sociais.

A primeira que se tem registro é a Associação Atlética Acadêmica "Luiz de Queiroz" (AAALQ), da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" da USP, fundada no dia 20 de setembro de 1903. Em 1930, com a era Vargas, o conceito de Atléticas se espalha pelo país, e mais dessas associações começam aparecer.

Em 1941, o decreto-lei nº 3617 institucionalizou a criação das Associações Atléticas Acadêmicas, como organizações independentes de estudantes universitários. Inicialmente, as AAAs tinham que ser vinculadas aos Centros Acadêmicos. Após a implementação da Constituição de 1988, essa obrigatoriedade de vinculação foi revogada, uma vez que é garantida constitucionalmente a autonomia desportiva.

Durante a ditadura militar (1964-1985) as AAAs chegaram a receber patrocínio dos militares, que tentavam usá-las para substituir os Diretórios Acadêmicos (DA) e reprimir a organização política dos estudantes[8]. Contudo, pouquíssimas atléticas - e universidades - existiam no Brasil nessa época, por isso estudiosos argumentam que o efeito das Atléticas no apoio à ditadura militar foi mínimo. Mesmo assim, esse passado sombrio ainda existe e deve ser lembrado.

— Atlética foi uma instituição que passou por muitas mudanças, principalmente mudanças culturais. Ao longo dos

[8] Motrivivência, Florianópolis: **A organização e configuração do esporte universitário no Brasil (1940-1980)**. v. 30, n. 53., p. 52-68, maio/2018. versão online. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2018v30n53p52. Acesso em 02 de outubro de 2023.

anos, ela foi se ampliando e tendo espaço para outras pessoas, o que acaba mudando o pensamento da instituição em si. — Explica Luísa, confiantemente. — Então, a Atlética começou a ter uma pegada mais voltada para o social. Um desses projetos foi o 'Doa Unesp', de doação de sangue, outro foi a de corte de cabelo, e antes da pandemia a gente tinha doações de marmitas. Acho que a Atlética se tornou um ambiente muito plural, não só voltado a festas e esportiva, mas como a gente pode transformar a vivência do aluno no câmpus.

Luisa é apaixonada por esportes, mas não foi só por isso que ela se juntou a Atlética. A oportunidade de aprender a se comunicar e a gerir um negócio foi um ponto importante para ela.

— Eu fiquei três anos na Atlética, fui parte da Diretoria de Produtos e depois presidente. Nos primeiros dois anos eu participei pela internet, uma vez que eu entrei bem em 2020 quando estourou a pandemia. Foi muito frustrante, fizemos uma só festa naquele ano e já precisamos fazer isolamento. Em 2021 e 2022 eu me tornei presidente, um deles ainda no sistema online, o outro já presencial. E foi uma experiência maravilhosa, que me ajudou a desenvolver tudo que eu precisava. — Conta.

Para entender como a Atlética da Unesp de Bauru funciona e como consegue se manter relevante na vida universitária, é importante entendermos sua estrutura.

A principal liderança é formada pela presidência e vice-presidência, que são responsáveis pela atlética como um todo. Para fazer parte da presidência, o membro deve ser votado para o cargo, e, após a posse, tornando-se o responsável legal pela empresa. Um pouco mais abaixo existe a Tesouraria, que cuida de toda questão financeira, documental e de associação da Atlética. O último setor administrativo é o de Gestão de Pessoas (GP), que cuida do bem estar e performance dos membros.

Já as diretorias da Atlética são divididas em Diretoria de Ação Social, Diretoria de Comunicação, Diretoria Geral de Esportes (DGE), Diretoria Geral Externa e Diretoria de Eventos. A primeira, a Diretoria de Ação Social é responsável pelos projetos socioculturais da Atlética, doações e capacitações sobre pautas sociais, como racismo e sexismo. A Diretoria de Comunicação faz postagens nas redes sociais da Atlética, bem como se comunica com os alunos do campus. A Diretoria Geral de Esportes (DGE) é considerada a principal diretoria, pois cuida e facilita todos os treinos, aluga quadras e faz a ponte entre os atletas e a Universidade. Já a Diretoria Geral Externa cuida dos relacionamentos externos da Atlética, como com a prefeitura ou patrocinadores. Por último, existe a Diretoria de Eventos, que - como o nome sugere - realiza as festas e os eventos da Atlética.

— Na minha gestão tínhamos 36 membros. Parece pouca gente, mas não é! A atlética funciona bem com 30 pessoas, mais que isso, acaba não sendo muito produtivo. — Diz.

Uma das principais funções da Atlética é a contratação de treinadores, que ajudam os atletas da Unesp de Bauru a terem um alto rendimento e a ganharem jogos. Esses treinadores são pagos pela própria entidade, uma vez que a Unesp não disponibiliza verba para esse fim. E como a Atlética arruma dinheiro para pagar essas pessoas? Simples, eles produzem festas, vendem produtos e dependem de alunos associados.

São alunos que se associam, pagando um valor mensal, a atlética.

— Com a associação, por exemplo, todo dinheiro arrecadado vai basicamente para o investimento esportivo, seja no pagamento dos treinadores, compra de material, aluguel de quadras particulares para treino, então é muita grana! Mas nada vai para a atlética em si. — Explica Luísa, que relembra as dificuldades enfrentadas pela Atlética durante a pandemia — Uma das coisas que eu tenho muito orgulho de ter feito como diretora de patrimônio, foi conseguir pagar alguns meses de salário para os técnicos e técnicas durante

a pandemia. Não conseguimos mantê-los contratados, mas conseguimos continuar os pagamentos por um tempo. E fizemos isso com as vendas online de produtos, por mais difícil fosse continuar nossos serviços naquele momento, tínhamos essa motivação pra gente continuar.

Quando o esporte é mencionado na Unesp - principalmente na de Bauru - um evento vem em mente: **O Inter**[9]. Toda a preparação, treinos, e trabalho feito pelos atletas e pela própria atlética são voltados para ganhar o maior jogo esportivo dentro da Universidade, e garantir que Bauru levante a taça.

— Acho que ter uma instituição que representa o câmpus de Bauru no Inter é algo muito forte, principalmente para quem faz parte da Atlética. Querendo ou não, está na nossa mão o sucesso ou insucesso de todo um ano de treino. Somos 100% responsáveis pelos atletas nos campeonatos e sabemos que todos têm um amor pelo Inter, por levantar a taça junto com todo mundo e ouvir que Bauru é campeão. É muita responsabilidade, sabe? — Confidenciou, sorrindo. — A primeira vez que eu fui no evento, eu tinha acabado de pisar na universidade, e nem fazia parte da Atlética. Mas lá estava eu, comprando a entrada para o Inter de Prudente de 2016! O evento não era nem em Bauru e fui com cara e coragem, porque quando eu entrei as pessoas só falavam do Inter.

O evento é visto por Luísa - e muitos outros estudantes - como uma experiência que precisa ser experimentada para que alunos da Unesp se sintam verdadeiramente Unespianos.

— Acho que um dos momentos que eu mais me senti fazendo parte da Unesp, foi quando eu estava no Inter, perdendo a voz de gritar, porque a gente tava perdendo. É um sentimento de pertencimento muito grande. Ganhando ou perdendo não paro de apoiar, então você realmente sente muito essa conexão com a Unesp. Estando dentro da Atlética esse sentimento só aumentou! — Revelou, animada.

9 O Inter será abordado com maior detalhamento ao fim deste capítulo.

Em 2022, Bauru recebeu o vigésimo Inter, o primeiro pós-pandemia. E foi durante a gestão de Luísa que a Unesp de Bauru ganhou os jogos pela décima terceira vez.

— Então, nesses mais de 20 anos de história, a Atlética de Bauru teve muitos altos e baixos. Nem sempre Bauru levantava a taça, mas acho que a história da Atlética de Bauru é sobre resiliência.

O conto das duas Marianas

Quando penso em líderes de torcida - ou **cheerleading** em inglês - logo imagino filmes adolescentes, garotas convencionalmente atraentes e o sonho americano. Ah, e pompons, muitos pompons! A Unesp de Bauru, entretanto, nunca me veio à mente. Até eu conhecer as **Texuguetes**.

— As Texuguetes são as líderes de torcida oficial da Unesp de Bauru. — Explica Mariana Regina Silva de Paulo, de 24 anos. — O time surgiu em 2006, e quando começou era bem simplesinho mesmo. Eram cinco meninas com cada uma das letras que formavam a palavra Bauru, que decidiram torcer, na arquibancada, no Inter daquele ano.

Créditos: Foto cedida por Mariana Regina Silva de Paulo

Créditos: Foto cedida por Mariana Regina Silva de Paulo

Fotos das primeiras Texuguetes, em 2007 e 2008 (da esquerda para direita, respectivamente). Os nomes das integrantes não puderam ser confirmados.

Mariana Regina Silva de Paulo é uma integrante das Texuguetes desde que entrou no curso de Ciências Biológicas, na Unesp de Bauru, em 2017. Hoje, é a líder de torcida mais experiente e antiga do time, o que a faz ser a pessoa ideal para uma conversa sobre esse assunto.

Estamos na biblioteca, mais especificamente na sala de estudos 1, quando faço a primeira pergunta. Estou um tanto quanto nervosa, pois Mariana é a primeira pessoa que estou entrevistando para o livro, que naquele momento não passava de uma ideia. Decido começar do básico, que para mim significava entender seu apelido.

— Você me disse para te chamar de Maru, que é o seu apelido. Você pode me explicar o que significa? — Pergunto, sem pensar duas vezes. Talvez devesse ter começado com uma apresentação mais formal? Ou pedindo para que ela fale das Texuguetes? Meus pensamentos correm soltos enquanto espero que ela responda.

— No primeiro ou segundo dia que eu cheguei aqui em Bauru, escreveram meu nome errado numa brincadeira, aí ficou Maruana, sabe? Aí eles decidiram me chamar de Maru mesmo. Gostei. — Fala um pouco tímida, ainda incerta da nossa entrevista. Decido fazer logo outra pergunta, para evitar um silêncio constrangedor.

— Por que você escolheu a Unesp de Bauru? Ciências Biológicas é um curso presente em vários câmpus da Unesp, por que vir aqui? — Continuo mais segura de mim mesma.

As Texuguetes se apresentando no Inter de 2018.

Créditos: Foto cedida por Mariana Regina Silva de Paulo

— Eu escolhi o câmpus da Unesp de Bauru por causa das Texuguetes. Quando eu estava pesquisando quais dos câmpus fazer meu curso, vi que em Bauru tinha **cheers** e decidi vir para cá por causa delas. — Diz Maru, sorrindo. Sinto-me instantaneamente aliviada.

Cheers é a abreviação da palavra cheerleading, que, em português, significa líder ou animadora de torcida. Contudo, o nome pode causar alguma confusão no público brasileiro, já que os deveres das líderes de torcida vão além de cuidar e animar as arquibancadas. Hoje, cheerleading é um esporte que conta com mais de três milhões de participantes ao redor do mundo, segundo o **International Cheer Union (ICU)**, a organização responsável pelo esporte[10].

O esporte é importado, criado nos Estados Unidos, em 1884, na Universidade de Princeton. Nessa época, era exclusivamente masculino, mas em 1923 as mulheres começaram a ser permitidas na prática do esporte. Nesse momento também são incorporados movimentos de ginástica, lançamentos e pompons ao esporte. Nos anos 1930 a modalidade se espalhou pelas universidades norte-americanas, e as mulheres passaram a liderar.

— Só em 2013 que as Texuguetes começaram a ser levadas mais a sério, com apresentações oficiais no Inter. Em 2017 foi quando tentamos nos profissionalizar um pouco e começar a realmente competir. — Conta Maru.

— O que os Texuguetes significam para você? — Indago. Maru já havia me falado várias informações técnicas sobre o time, sem nunca falar o que o mesmo era para ela.

— Primeiro de tudo, as Texuguetes são uma família. Uma grande e dinâmica, mas que se ama desde 2006. Eu acho que é um pouco um refúgio para mim, sabe? Porque quando a gente está nos treinos, ou mesmo saindo juntos,

10 Para mais informações sobre o ICU, acesse: https://cheerunion.org/

nos comportamos como uma família. E quando estamos treinando não importa qualquer problema que você estava passando qualquer coisa ele tava acontecendo na sua vida, tudo vai embora! — Exclama Maru.

No Brasil, o esporte chegou oficialmente em 2008 por meio da criação da Comissão Paulista de Cheerleading. Em 2016, o Comitê Olímpico Internacional (COI), além de reconhecer o esporte, também reconheceu a ICU. Hoje, existe uma campanha para que a modalidade seja incluída nos Jogos Olímpicos de 2028, em Los Angeles.

Créditos: Foto cedida por Mariana Regina Silva de Paulo

Time das Texuguetes em 2017.

No cheerleading, cada time é separado por níveis, do 1 ao 6, os quais diferem um do outro pela dificuldade dos movimentos. O nível 1 são os beginners (iniciantes em inglês), o único nível não competitivo. O nível 2 são os noviços, nível 3 os mediano, o nível 4 avançado, o nível 5 elite e o mais alto nível, o 6, premier. Atualmente, existem equipes universitárias no Brasil do nível 2 ao nível 4.

— A gente está no nível dois, os níveis mudam de acordo com a dificuldade dos movimentos que a gente faz, né? Um exemplo disso é o flick, que é um tipo de mortal, que não pode ser feito em alguns níveis. — Explica Maru, com os olhos brilhando de animação. — Também temos diferentes posições dentro de um time de Cheer. As mais famosas são as flyers, que ficam no topo da pirâmide, e "voam" quando são lançadas. Em seguida temos as bases, que dão a sustentação dos movimentos, que são fundamentais pois são elas que levantam as flyers. As back spot ou traseira auxiliam e dividem o trabalho em todos os movimentos de elevação. As main base ou lateral são bases que ficam, obviamente, na lateral. As side base ou central, são necessárias somente em alguns movimentos, fazendo o papel de um "pilar" embaixo da flyer. E, por último, temos a front spot, às vezes chamada de frontal ou anjo, que tem o papel de corrigir as bases e garantir que nenhum acidente aconteça. — Diz Maru, entusiasmada.

Maru poderia ficar a tarde toda conversando sobre líderes de torcida, e eu a escutaria. Sua animação é tão contagiante que me pego pensando sobre escrever um livro somente sobre as Texuguetes.

— E qual a sua posição? — Pergunto.

— Eu sou flyer, mas a gente sempre tenta buscar pessoas que vão ser mais diversas nas posições, para poder ter uma substituta, se precisar, né? Mas normalmente é uma posição física. — Responde Maru.

Créditos: Foto cedida por Mariana Regina Silva de Paulo

A posição base única, com Maru como flyer, Ronaldo como base e Tutu como spotter.

Um dos maiores desafios encontrados dentro do esporte é a estereotipação dos participantes. A ideia de que só mulheres magras podem ser uma cheerleader está gravada no subconsciente coletivo da sociedade por anos de filmes - especialmente no começo dos anos 2000 - que dificulta a popularização do esporte.

— Nós temos homens no nosso time, temos mulheres negras, gordas, baixas, altas. O slogan não oficial da Texuguetes é 'a gente simplesmente não trabalha com estereótipo'. — Afirmou a Texuguete.

Outro problema enfrentado pelas Texuguetes é a falta de apoio. A Unesp, por exemplo, somente há pouco tempo começou - mais ou menos - oferecer um espaço para o time treinar.

— A Unesp não ajuda em quase nada. Quando eu entrei, a gente treinava no gramado na frente do [Anfiteatro Guilherme R. Ferraz] Guilhermão, quando estava tendo um evento lá, a gente ia para uma das ruas de asfalto dentro do câmpus. A gente não tinha um lugar fixo, treinava onde tinha espaço. Em 2019 a gente conseguiu um tempo para usar o tatame do Departamento de Educação Física (DEF), que utilizamos desde então. Mas sempre é um pouco difícil ter um horário pra gente, pois o departamento dá prioridade para qualquer outro esporte. Então é complicado. Fora isso, a Universidade dá algumas oportunidades de participação em eventos oficiais, como uma forma de divulgação. Só que divulgação não ajuda com patrocínio, não é mesmo? — Diz Maru.

É o Anfiteatro Guilherme R. Ferraz, que está localizado dentro da Unesp de Bauru.

Já a Atlética, instituição que normalmente apoia o esporte no câmpus, não paga um treinador para as Texuguetes, como fazem para os times de outras modalidades.

— A gente não tem treinador. Nós nos organizamos em comissões, uma delas é a comissão técnica, que basicamente é responsável pelos treinos, competições e por tudo que vai acontecer com o time. Essas pessoas se oferecem para aprender a montar rotinas, ir atrás de regulamentos e se

capacitarem. Tudo que um treinador faria, essa comissão faz. — Continua Maru, com um semblante irritado.

Diferente de outros times, as Texuguetes vendem rifas, café da manhã e contam com a Febre Amarela para se manterem em funcionamento. Outra forma de arrecadação de dinheiro são as apresentações nos semáforos, chamadas de pedágio, que normalmente são realizadas para arrecadar dinheiro para novos uniformes ou para inscrição de alguma competição. Contudo, um dinheiro inesperado vem ajudando o time a se manter desde 2022.

— Eu penso que esse é o meu jeito de continuar no time. — Conta a ex-texuguete Mariana Alves Pegoraro, de 28 anos, formada em Engenharia Mecânica pela Unesp de Bauru, que patrocina o time.

Créditos: Foto cedida por Mariana Alves Pegoraro

Time das Texuguetes em 2016.

Créditos: Foto cedida por Mariana Alves Pegoraro

Time das Texuguetes em 2016.

Estamos conversando via chamada de vídeo, uma vez que a engenheira mora atualmente em Limeira (SP). Mas nem sempre foi assim, Mariana é bauruense, e sempre sonhou em participar das Texuguetes.

— Quando eu estava no colegial, eu tinha uma amiga que morava na frente da Unesp. Foi ela que me falou da existência das Texuguetes, então eu entrei sabendo que eu queria fazer parte do time. Eu sempre gostei de dançar, de me aventurar em coisas novas. A primeira coisa que eu fiz foi tentar achar um contato para falar com alguém do time, na época eu conheci o presidente da Atlética, e ele falou na minha cara que 'não, elas não são muito boas. É muito pequeno, tenta outros esportes, tem vários que precisam de gente, que tem técnico e patrocínio', aí eu respondi que não, eu queria as Texuguetes. No primeiro treino que eu fui eram 4 pessoas, e elas estavam tentando se reestruturar. No final do ano a gente terminou

com 8 pessoas, então a gente era realmente muito pequeno. Mas não menos importantes. — Explica Mariana, que entrou na Universidade e no time em 2014.

A ideia de patrocinar as Texuguetes é antiga, nascida das dificuldades passadas por ela no seu período no time. Hoje, ela contribui com cento e cinquenta reais mensais, que ajudam a manter as Texuguetes funcionando.

— Quando eu estava no primeiro ano, eu e a minha amiga Suelen sempre brincávamos, que a gente poderia ser rica para patrocinar o time. Meu sonho era me formar e ter um emprego muito bom, para conseguir dar todo o dinheiro que as Texuguetes precisam. A primeira vez que eu vi alguém nos apoiar foi a Febre Amarela, que um ano ajudou comprando um tatame móvel, que nada mais são do que quadrados de EVA grossos, para podermos treinar sem ter medo de nos machucar. E quando eu percebi o quanto esse dinheiro ajudou, decidi que quando eu me formasse iria ajudar o time. Eu queria que as pessoas que viessem depois de mim pudessem viver o que eu vivi, e ter as Texuguetes como apoio, porque eu realmente acho que só me formei por causa do time. — Fala Mariana, calmamente. — Então eu queria dar essa oportunidade para outras pessoas sem tantas dificuldades, como as que a gente viveu. Quando eu comecei o meu primeiro emprego ainda não estava para me sustentar, mas no segundo ano eu pensei 'agora é hora de voltar e dar aquele suporte que eu tanto quis no passado'. Foi quando eu entrei em contato, em 2022, e comecei a patrocinar.

As Texuguetes foram importantes na vida universitária de Mariana, que ia aos treinos para escapar das aulas. Sua sala, do curso de Engenharia Mecânica, tinha cinquenta alunos, destes somente cinco eram mulheres. No ano anterior, o número era ainda menor, com apenas três mulheres.

— Eu nunca ouvi alguém nos sexualizar, mas o pessoal falava coisas como "Ai, você tá perdendo tempo com isso de líder de torcida, podia estar fazendo uma coisa melhor". — Lembra a engenheira.

Em 2019, no seu último ano no time, Mariana participou com as Texuguetes do Cheerfest, a maior competição de cheerleading do Brasil. Era a primeira vez que as líderes de torcida da Unesp de Bauru participaram de uma competição que não fosse o Inter.

— O destino me levou de volta para o time, eu fiz um intercâmbio de dois anos durante a graduação e, apesar de eu continuar em contato, todo mundo estava treinando para essa competição desde o começo do ano, então mesmo que eu fosse voltar a tempo, eu não iria competir. Mas uma das meninas largou a faculdade, e sobrou uma vaga. Então, eu cheguei no domingo no Brasil, e na segunda-feira, eu estava treinando de novo. — Começa Mariana, que passou dois anos na França durante a sua graduação. — Como era a nossa primeira competição, a gente prometeu dar o nosso melhor, mas sabíamos que era quase impossível ganhar, certo? Tipo, a gente precisa ter o conhecimento primeiro para saber como serão nas próximas vezes. Fomos com essa mentalidade. A gente deu o nosso máximo e nos divertimos, só que uma das meninas rompeu o ligamento do joelho no meio da apresentação, e mesmo assim continuou dançando. Não foi perfeito, mas foi o nosso melhor. Eram onze times na categoria universidade, na qual a gente estava competindo, e o pessoal começou a falar a colocação de cima para baixo. Quando o time que a gente tinha certeza que ia ganhar foi anunciado em quinto, a esperança bateu. Teoricamente, você não pode gritar quando o segundo lugar é anunciado e você sabe que ganhou, mas não aguentamos. Na hora que anunciaram nosso nome foi muito emocionante, todo sofrimento e treino valeu a pena. Fomos campeãs. — diz.

— Eu penso que esse é o meu jeito de continuar no time. — Conta a ex-texuguete.

Créditos: Foto cedida por Mariana Regina Silva de Paulo

Time das Texuguetes em 2019, ganhando ouro no Cheerfest.

Mariana fica emocionada, e dou alguns minutos para ela se recompor. Devo confessar que até mesmo eu, que nunca participei de uma competição esportiva, fico com meus olhos cheios de lágrimas. Quando se acalma, Mariana olha para tela e sorri.

— É o segundo melhor dia da minha vida, só perde para o meu casamento, mas assim, por pouco. — Finaliza bem humorada.

A Febre Amarela e outros sintomas

Com uma bateria universitária, uma atlética e uma equipe de líderes de torcida é de se imaginar que a Unesp de Bauru esteja completa quando falamos de apoio, animação e torcida pelos seus atletas. E se fosse qualquer outro câmpus da Unesp, em alguma outra cidade, seria o suficiente. Os alunos seriam felizes, os atletas se sentiriam apoiados e a festa estaria garantida.

Mas não na Unesp de Bauru. Na cidade sem limites - slogan oficial do município - sentiu-se a necessidade de ter algo a mais. E assim nasceu a Febre Amarela, a torcida organizada (T.O.) oficial da Unesp de Bauru.

As primeiras T.O. surgiram no Brasil em meados de 1950, e eram quase que inteiramente formados por mulheres que iam aos estádios acompanhar seus maridos e vê-los jogar[11]. A partir desse momento, as torcidas se organizaram - *obviamente* - e tornaram-se uma potência das arquibancadas.

Pode parecer estranho a existência de uma torcida organizada dentro de uma universidade, mas ela faz muito sentido, principalmente no contexto da Unesp de Bauru. Não acredita em mim? Então imagine a seguinte situação: Em uma competição de basquete, por exemplo, a Atlética de Bauru fica responsável pelos seus atletas, tendo a certeza que eles chegaram no local da partida no horário certo, alimentados, treinados e etc. Eles também são responsáveis por ajudar a organizar o jogo, se manter em contato com a arbitragem e muito mais. A Naumteria está lá para tocar, seja durante o intervalo, como um show, ou durante o jogo para animar os espectadores, tendo que cuidar dos instrumentos, da harmonia, da música e assim por diante. As Texuguetes aparecem para apoiar o time,

[11] Rondinelli, Paula. **"Torcidas Organizadas"**; Brasil Escola. Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/educacao-fisica/torcidas-organizadas.htm. Acesso em 04 de outubro de 2023.

e fazer suas rotinas de acrobacias e danças - se a quadra tiver espaço para isso.

Mas, quem controla e organiza a torcida? Sabemos que a Unesp de Bauru é o maior câmpus, podendo chegar a 7 mil alunos (entre estudantes de graduação e pós-graduação), e que a maioria deles são apaixonados por competições esportivas - leia-se o Inter -, então quem vai ter certeza que todos estão se comportando bem? Que continuem cantando e torcendo mesmo quando o time está perdendo? Quem puxa um hino ou uma canção para afogar as vaias dos rivais?

E é aí que a Febre Amarela entra em toda sua glória. A ela é atribuída tudo que acontece fora de quadra, principalmente nas arquibancadas, durante os jogos. São elas que animam os torcedores, que apoiam o time, separam - e começam - brigas, e resolvem problemas de última hora. Tudo isso para que as outras instituições - a Atlética, a Naumteria e as Texuguetes - consigam cumprir suas funções.

Créditos: Foto do blog Febre Amarela

Torcida Organizada Febre Amarela no Inter de 2009.

Créditos: Foto do blog Febre Amarela

Torcida Organizada Febre Amarela no Inter de 2009.

— A Febre Amarela partiu muito dessa necessidade de incentivar o esporte dentro do câmpus, de saber que você pode fazer mais do lado de fora da quadra. Por que às vezes você não joga, não pratica nenhum esporte, mas também quer fazer parte dos jogos, sabe? — Explica Nicole Bianca Saraiva Rocha, de 23 anos.

— A Febre começou em 2008, e era meio que uma galera que se desvinculou da Atlética para criar a torcida. Antigamente, tudo era meio bagunçado, então não tínhamos essa divisão certinha das instituições, de quem era Febre, Atlética ou Bateria, era todo mundo junto e separado! — Brinca sorridente Mateus de Paula Santos, também com 23 anos.

Os dois são simpáticos, alegres e amam o esporte e a Unesp. A única coisa que ambos não têm, é tempo. Tentei diversas vezes marcar uma conversa com os dois juntos, em uma espécie de uma entrevista a três, onde eles me contariam sobre a Febre. Não deu certo. Por motivos de força maior - eles não compartilhavam nem vinte minutos livre ao *mesmo tempo* - os entrevistei separadamente. Eu não contava, porém, com a enorme sintonia que os dois teriam em suas respostas e brincadeiras. Senti que estávamos juntos, jogando conversa fora em um fim de tarde qualquer. E foi exatamente assim que decidi escrevê-los.

Nos imagino na Central de **Laboratórios Didáticos de Informática (CLI) da FAAC**, sentados em um dos bancos de concreto ao lado do jardim vertical. A CLI é onde os alunos da FAAC têm suas aulas práticas, o que normalmente requer computadores ou laboratórios de fotografia, rádio e televisão. É um lugar calmo, que se enche de vida no final de um semestre. A característica mais marcante da Central, entretanto, é sua localização, que fica a mais de um quilômetro da entrada principal. O prédio é longe de tudo, cercado por mata, e com pouca iluminação. Por causa disso, os alunos o apelidaram carinhosamente de **Mundo Perdido - ou MP** para facilitar. Hoje, alguns prédios foram

construídos ao seu entorno, mas o nome, vindo de uma época em que a única forma de chegar até lá era uma rua sem asfalto, pegou.

Mateus, muito provavelmente, nunca frequentou o MP. Ele é do curso de Educação Física - da turma de 2017 - e, portanto, pertence à Faculdade de Ciências e não à FAAC. Como o Mundo Perdido, poucas pessoas o conhecem pelo seu nome de batismo, e preferem chamá-lo de Netinho.

— Meu apelido é Netinho porque quando me apresentei como Mateus de Paula Santos, o pessoal começou a brincar que meu sobrenome combinava com o cantor de pagode, o Netinho de Paula. A gente não se parece nem nada, mas você sabe como é apelido, quanto mais estranho, mais pega! — Diz descontraído.

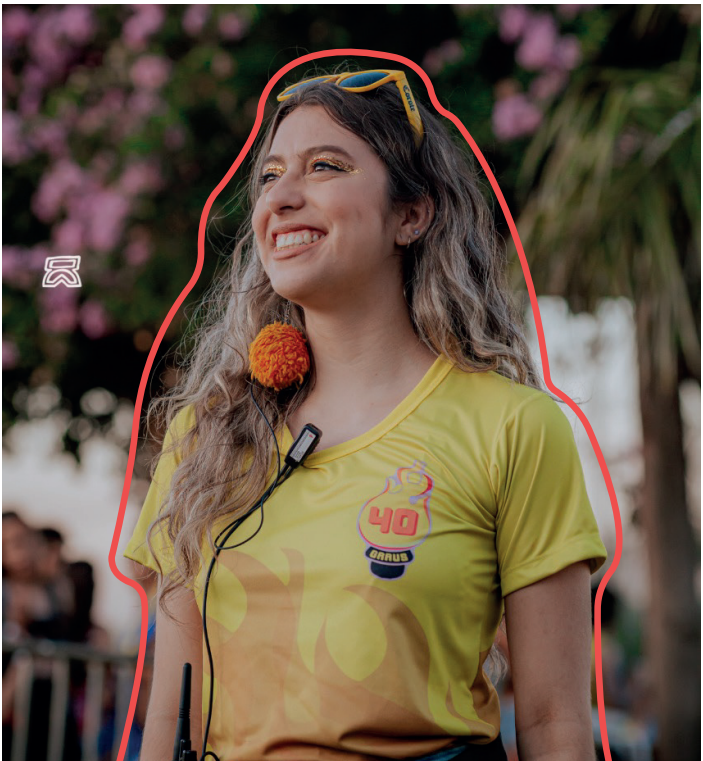
Netinho é de Sumaré, cidade perto de Campinas, e escolheu a Educação Física pelo seu amor ao esporte. Aos 17 anos ele se mudou para Bauru com a cara e coragem, e encontrou, ainda no seu primeiro ano, a Febre. E nunca mais saiu.

Netinho (Mateus) vestido como o Texurelo, o Texugo amarelo, mascote da Febre Amarela.

Créditos: Foto cedida por Mateus de Paula Santos

— A história do meu apelido é grande, mas muito engraçada! — brinca Nicole, enquanto cruza as pernas no banco. — Eu sou da Zona Norte de São Paulo, e eu só passei na segunda chamada aqui na Unesp, então cheguei bem depois que o resto da sala. Por causa disso, ninguém me conhecia. Quando eu fui na minha primeira festa aqui em Bauru, eu acabei ficando muito bêbada, e queria dançar. Por estar muito calor na pista, eu subi no sofá de concreto que tinha na república onde a festa estava acontecendo e comecei a rebolar. E como o sofá ficava de frente para a porta, todo mundo que entrava nessa área da sala ficava com a cabeça na altura da minha bunda. E aí eles olhavam para cima assim e eu tava lá, dançando horrores! E nem dava para ver meu rosto direito, aí ficavam perguntando 'Da onde veio esse bixete?', até que uma veterana achou incrível e subiu para dançar comigo. Dançamos a noite inteira, aí no fim da festa ela me deu o apelido de Rabetania, por causa da música do MC Lan. Mas era muito longo, e acabou ficando Rabs! — comenta.

Rabs (Nicole) na festa 40 graus.



Créditos: Foto cedida por Nicole Bianca Saraiva Rocha

Rabs é da turma de 2018 do curso de Jornalismo, e soube desde o ensino médio que queria seguir carreira na comunicação. A mesma é técnica em comunicação visual pela Etec, fala inglês e já fez ballet, jazz, ginástica acrobática e aulas de circo, tudo isso antes mesmo de pisar na Universidade. Filha de mãe baiana e pai cearense, Rabs sempre quis seguir os passos do pai e se formar em uma Universidade Pública. Conseguiu.

— Por que a torcida organizada da Unesp de Bauru se chama Febre Amarela? — Pergunto, curiosa. Acho que desde que eu escutei esse nome, há cinco anos, tenho vontade de fazer essa pergunta.

— Eu não sei — Respondem juntos.

— Nossa, que vergonha! Não sei te responder. — Continua Rabs — Sempre pensei que esse nome vinha do fervor de estar torcendo, cantando os hinos e gritando. E se você está na quadra quando Bauru está jogando, tudo que você consegue ver na arquibancada é amarelo, você literalmente só enxerga aquela multidão amarela de pessoas torcendo, daí penso que vem o nome, mas não tenho certeza. — Finaliza.

Em uma das minhas pesquisas, descubro um blog antigo da Febre Amarela, que pode ter algumas respostas. Em um dos seus posts[12], de 13 de junho de 2012, lee-se:

"Por que FEBRE AMARELA se o Texugo é azul?

Quem estava nas quadras do Integramix deve ter ouvido a gente cantar essa música. Agora a gente vem aqui contar a história:

A Batera do Inferno, de Ilha Solteira começou com essa música no InterUNESP 2011, a galera continua se perguntando: por que FEBRE AMARELA, se o Texugo é azul?

12 Post encontrado no https://febreamarelaunespbauru.blogspot.com/2012/06/por-que-febre-amarela-se-o-texugo-e.html. O blog parou de ser atualizado no mesmo ano, mas os posts ainda podem ser visualizados.

A gente responde, com ajuda de Douglas Okumura, um dos fundadores da Atlética.

As cores oficiais "primárias" da Atlética de BAURU são o azul e o branco, e as cores oficiais "secundárias" são o amarelo e o preto, registradas em estatuto. E a escolha do Texugo na cor azul aconteceu por meio de um concurso para eleger o mascote de Bauru, em 2001, quando a Atlética foi reaberta, depois de um tempo parada.

Já o amarelo foi escolhido para a bata em 2002, numa reunião pré-Inter, quando cada cidade escolheu a sua cor. Além de já ser uma das cores oficiais, o amarelo se destacaria bastante e, por isso, foi decidido assim. Depois desse ano, cada câmpus que resolvia fazer parte do Interunesp escolhia uma cor diferente das que já estavam oficializadas.

Então, por carregarmos no peito esse amor pelo nosso câmpus, quando a torcida foi criada, ficou decidido que o nome faria referência à cor que representasse Bauru, desde sempre e oficialmente, o AMARELO!

Post original nesse link.

RUMO AO ENEA!"

Membros da Febre Amarela levantam o troféu após Bauru ganhar o Inter em 2019.

Créditos: Foto cedida por Mateus de Paula Santos

Netinho e Rabs foram, respectivamente, presidente e vice da gestão da Febre Amarela em 2020. Ambos foram eleitos para o cargo, que dura um ano. Mesmo estando na Febre desde o momento que entraram na Universidade, nada os preparava para gerir a instituição em ano de pandemia.

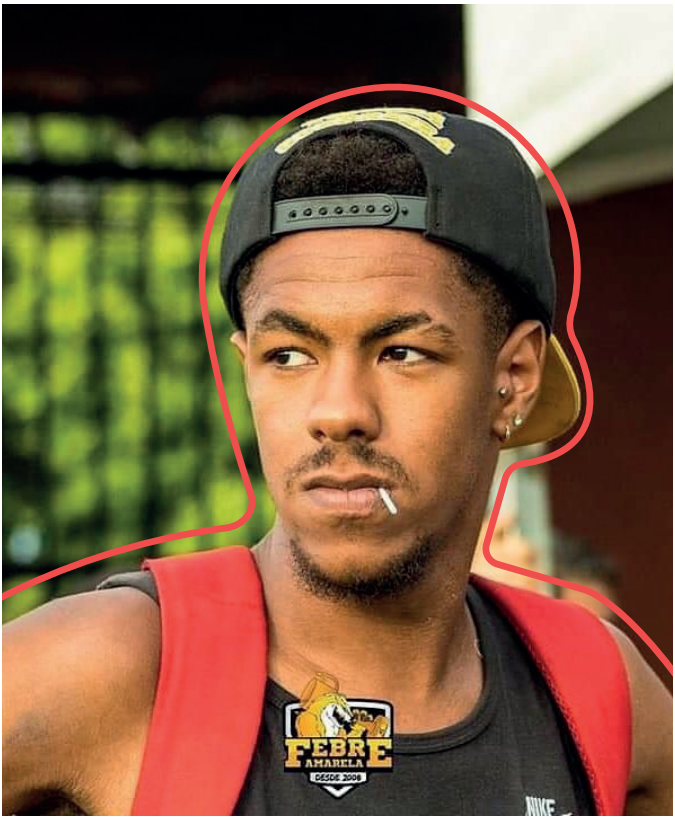
— Eu entrei na Febre Amarela em 2017, na Diretoria de Eventos. Já em 2020, eu fui Presidente e a Rabs vice, o que durou um ano. Esse ano me ensinou que é muito difícil estar na Febre, e a gente só fica porque gosta mesmo da torcida! Tínhamos começado nossa gestão fazia poucas semanas, e já estávamos atrás de arrecadar dinheiro, fazer festas, mas aí entrou uma pandemia. E não sabíamos se mantínhamos as datas das festas ou se adiávamos, e como manter os contratos com os fornecedores? Um caos. Outra coisa que nos preocupamos era como manter a galera ativa dentro da Febre? E aí foi onde a gente deu mais importância às ações sociais, porque mesmo que a gente não pudesse fazer as coisas presencialmente, a galera não para de passar necessidade por causa da pandemia, sabe? Tipo piora, então a gente fez uma campanha de doação. — Revelou Netinho.

— Já eu entrei na Febre Amarela em 2018, no meio do ano. Eu já fazia parte das Texuguetes naquela época e a capitã delas era Diretora de Financeiro da Febre e namorada do presidente. Então a gente tinha essa relação muito próxima entre as instituições — Começa Rabs, enquanto aproveita para relaxar no sol — Existe uma festa muito tradicional feita pela Febre Amarela, chamada **40 Graus**. Naquele ano as Texuguetes participaram da festa, a gente pagou mais barato pelo convite e trabalhou parte da festa, pintando o pessoal. Por sermos de outra instituição, ganhamos também um convite para participar de um *after* com o pessoal da Febre, e aí eu estava pensando se eu ia ficar ou não, porque eu não tinha levado barraca ou colchão para dormir, não tinha nada dessas coisas. Mas de última hora eu encontrei um amigo da minha sala que também foi convidado, e decidimos ficar. E aí a gente só viveu o rolê intensamente! E foi assim, surreal... Era uma animação enorme, tinha gente do nosso câmpus, de outros câmpus, incrível! Eu tive a oportunidade de conversar muito com as pessoas da Febre que estavam lá naquele ambiente, principalmente com o vice-presidente da época. E aí ele me convidou para participar de uma reunião da Febre e conhecer o pessoal. E foi exatamente isso

Origem na língua inglesa vem de after party, que significa pós-festa, ou um evento menor que acontece após um principal.

que eu fiz, na semana seguinte eu participei da minha primeira reunião. Entrei primeiro na Diretoria de Comunicação e no ano seguinte eu fiquei em comunicação e em eventos, depois assumi o cargo de Diretora de Comunicação. No meu terceiro ano, em 2020, eu fui vice-presidente. Eu fui mudando de função, fui mudando de diretoria, mas eu consegui traçar minha trajetória, ali dentro da febre, a partir desse convite para a festa.

A 40 Graus é a maior festa organizada pela Febre Amarela, chegando a registrar aproximadamente três mil e quinhentas pessoas, o que a rendeu o nome de "mini-inter". O evento ***open bar*** é realizado no meio do ano e atrai unespianos de vários câmpus, que vêm para escutar a Naumteria e outras baterias tocar. O dinheiro arrecadado com a festa ajuda a manter a Febre funcionando.



Créditos: Foto cedida por Mateus de Paula Santos

Netinho (Mateus) na festa 40 Graus.

A relação entre a Febre Amarela e as outras instituições - leia-se Atlética, Naumteria, Texuguetes e Unesp - é um tanto quanto complicada. Por um lado, com as Texuguetes e a Naumteria, a convivência é estreita e amigável, com a Febre muitas vezes patrocinando a compra de uniformes, instrumentos e apoio. Por outro lado, a relação com a Universidade é inexistente, já que a Febre Amarela não é reconhecida pela mesma. A falta de CNPJ faz com que a Unesp não possa, por exemplo, disponibilizar uma sede para o funcionamento da T.O.

É o Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica, um número único que identifica uma pessoa jurídica e outros tipos de arranjo jurídico sem personalidade jurídica junto à Receita Federal brasileira.

— A gente não é reconhecido como instituição pela Unesp ainda, porque não temos CNPJ, mas provavelmente vamos resolver essa questão até o meio do ano. — Comenta Netinho, esperançoso.

A Atlética, no entanto, tem um relacionamento complicado com a Febre Amarela. Em 2008, alguns membros da Atlética tiveram uma discussão sobre a forma que eles deveriam apoiar os atletas. A partir dessa controvérsia, um grupo se desvinculou da Atlética e fundou a Febre Amarela.

— Hoje a gente fala que não existe mais essa briga, mas quando eu entrei em 2018, essa briga ainda existia e a gente realmente se odiava! A gente era sanguinário, brigamos mesmo, e tudo por causa dessa primeira briga, que aconteceu lá em 2008. — Conta Rabs, com uma expressão incrédula. — Mas a gente só brigava porque achávamos que deveríamos brigar! Às vezes rola desentendimento, mas se a gente leva isso por uns anos, aí se torna um ódio herdado. — Lamenta a jornalista.

— A relação já foi muito boa e já foi muito horrível. A gente já deu o dinheiro para os caras, a gente já pediu dinheiro para os caras. Então, a Febre não é da Atlética e a Atlética não é da Febre, e está tudo bem. — Revelou Netinho.

Torcida Febre Amarela no Inter 2019.

Créditos: Foto cedida por Mateus de Paula Santos

A Febre Amarela engloba toda a paixão e loucura - no melhor sentido da palavra - do aluno da Unesp de Bauru pelo esporte. Mas também é muito mais que isso, a Febre é o apoio tão necessário quando se está longe de casa, é a integração que tão desesperadamente precisamos.

— Estamos ali porque amamos um ao outro e porque queremos fazer aquilo juntos. Nunca vamos deixar a Febre acabar porque ela já acolheu tanta gente, tantas vezes! Às vezes são pessoas que não acharam seu lugar dentro do curso e se sentiam sozinhas, e, ali dentro da Febre, ganhou uma família. Porque pra gente não interessa que curso você faz, se você é atleta ou não, da onde você vem ou quem você é. A Febre Amarela é que nem coração de mãe, sempre cabe mais um! A gente quer você lá dentro porque você é você! — Fala Rabs emocionada .

— A Febre Amarela tem esse impacto enorme dentro da vida universitária, sabe? Por que assim, tem gente que pode desanimar do curso, desanima de tudo, mas não quer sair daqui por causa da Febre, por exemplo. Muitas pessoas falam isso, cara. Eu continuei em Bauru por causa da Febre. E tem gente que se forma e faz parte da febre. Tem gente que sai da Unesp, vai para outra faculdade, e ainda faz parte da Febre. — Desabafa Netinho, com um sorriso no rosto.

Uma grande parte desse sentimento é ampliado quando toda a Febre Amarela se reúne para torcer no Inter. O sentimento de união e companheirismo que existe entre os alunos da Unesp de Bauru é estranho para qualquer um que o vê de fora. Inclusive para alunos de outras unidades da Unesp.

— O Inter para a gente da Unesp de Bauru é outra coisa, ele importa muito! A competição importa, a dedicação para o esporte importa, não é à toa que a gente tem uma bateria, uma torcida organizada, líderes de torcida... tipo importa pra gente fazer parte desse ambiente, mas também importa ganhar! Para os outros câmpus isso não é tão 'massacrado', eles podem apenas competir, se divertir, e voltar para casa e para ele está tudo bem. Já para a gente, ganhar, estar lá, competir é muito importante. Eu estava falando disso esse fim de semana em Araraquara com os alunos da Unesp de lá, eu sei todos os anos que Bauru ganhou o Inter. Quer que eu fale? — Diz Rabs

Para satisfazer a curiosidade geral, os anos que Bauru ganhou o Inter foram: 1998, 2002, 2003, 2005, 2006, 2007, 2009, 2011, 2012, 2013, 2014, 2019 e 2022.

Ela acerta todos. O que Rabs não sabia ao me conceder essa entrevista em abril de 2023 era que Bauru ganharia, em outubro, o Inter deste ano.

Créditos: Foto cedida por Mateus de Paula Santos

Netinho (Mateus) torcendo por Bauru no Inter.

— Eu gosto muito mais do jeito que a gente vive. Apesar da maluquice, eu adoro que rende histórias para contar. Quem mais, de qualquer outro câmpus, vai falar que perseguiu o rival até no box do banheiro, porque eles foram para o seu lado da quadra? — Relembra Rabs, com uma risada malandra.

Ela tenta continuar falando sobre as amizades que fez em seus anos na Febre, mas levanto as minhas duas mãos no sinal universal para ela parar. Não posso continuar a entrevista até que ela me conte, nos mínimos detalhes, como essa perseguição aconteceu. Insisto até que ela ceda, e comece a falar.

— O papel da Febre Amarela dentro do Inter, além de torcer incentivar as modalidades esportivas de Bauru, é cuidar da quadra, para que a Atlética não tenha que fazer isso. Então se Bauru recebe qualquer punição esportiva por mal comportamento da torcida, não é a Atlética que vai ser cobrada, e sim a Febre. A gente tenta cuidar da nossa torcida, que é muito grande, para que não tomemos punições, e percamos pontos. Tínhamos algumas funções na época em que Presidente Prudente participava, que era o nosso maior rival e um campus que ligava para essa competição tanto quanto a gente. Isso significava que eles eram malucos também! Existia o que era, basicamente, a função de segurança. Se alguém de Prudente viesse para o nosso lado da quadra, a gente seguia a pessoa e ficava monitorando para ver o que elas iam fazer, o que ela queria. Será que iam gravar alguém falando alguma coisa para a gente perder ponto depois? Ou será que ela iria colocar uma camiseta como se fosse de Bauru para gerar uma punição de propósito? Essas coisas aconteciam, a gente ficava doido quando Prudente participava. E aí a gente tinha isso, mas eles também nos seguiam quando a gente ia para o lado deles da quadra. Aí em 2019, eles pararam de participar do Inter, então deu uma diminuída na intensidade.

Isso sugere outra pergunta que *precisa* ser respondida. Por que Presidente Prudente não participa mais do Inter, se eles são tão apaixonados pela competição quanto Bauru? Pergunto para Netinho, que não me decepciona ao responder.

— Porque eles não concordaram com a maneira na qual eles perderam o Inter de 2019. Presidente Prudente tinha ganhado todos os Inters de 2015 a 2018, e a gente perdia para eles sempre por pouquíssimos pontos. E aí veio 2019, eles também estavam ganhando, esportivamente falando, mas eles tomaram uma punição muito séria em quadra, em que teve que parar o jogo por que a torcida deles xingou um atleta e derrubou coisa em quadra. E aí quando isso aconteceu eles perderam, acho que entre 10 e 15 pontos, e caíram na classificação, o que fez Bauru ganhar. Só que eles não aceitaram,

apesar de Bauru já ter perdido títulos por infrações de torcida, por que acreditavam que o Inter deveria ser totalmente pautado no esporte. O que é completamente ridículo, pois sem essa punição as torcidas seriam um caos violento, outro ponto é que existe uma coisa chamada regulamento, que eles simplesmente não querem mais seguir. Então, após perderem para a gente em 2019, eles nunca mais voltaram. — Conta Netinho calmamente.

Fico surpresa com a informação e tento fazer mais perguntas sobre a ausência de Presidente Prudente no Inter de 2022, mas ambos não parecem estar com vontade de falar sobre a "cidade que não deve ser nomeada". Rabs começa a sorrir e a contar outra história.

— Nós já torcemos para câmpus menores da Unesp, por exemplo. Na Copa Unesp do ano passado, Bauru foi eliminado na semifinal do futsal por uma mudança de horário de jogo que não foi bem notificada. A final então ficou Araraquara, de quem a gente 'perdeu', e Ilha Solteira. Então a gente torceu e gritou por Ilha. Eu acho que não estou sendo babaca por falar isso agora, mas Ilha Solteira é um câmpus muito pequeno, a galera realmente não tem costume de assistir o pessoal jogar. Eu falo que foi uma das primeiras vezes que alguém torceu por eles, e foi a Febre. A gente ficou cantando com os poucos alunos da Ilha que tinha lá da quadra, e foi incrível! Tipo, aquilo fez diferença para eles e eu acho que é por isso que a gente faz o que a gente faz. Pela gente e pelos outros. Porque não tem nada que pague, vê a galera feliz, porque o time deles ganhou e tinha gente ali torcendo e incentivando. — Revela Rabs.

— E como faço para fazer parte da Febre Amarela? — Pergunto, animada. A ideia de fazer parte de uma organização que representa o ápice da Cultura Universitária me anima.

— A gente fala que todo mundo que torce para Bauru faz parte da Febre, mas a gente tem que lembrar que somos uma torcida organizada, né? Então tem que ter um mínimo de organização. Não temos um processo seletivo dentro da Febre, então se a pessoa se interessar ela vai precisar participar de no mínimo três reuniões seguidas. E assim levar durante o ano, aprendendo, até já fazer parte de uma das Diretorias da Febre. — Diz Netinho.

A Febre Amarela, como a Alética, funciona em diretorias. A primeira diretoria é a da Presidência, composta por presidente e vice. Em seguida existe a Diretoria de Eventos, de Ação Social, de Financeiro, de Patrimônio e Patrocínio, bem como a de Gestão de Pessoas, que cuida dos membros e a de Comunicação, que gerencia as redes sociais da Febre.

O sol está se pondo, e as luzes externas do Mundo Perdido começam a ser acesas. Sei que meu tempo acabou, e que preciso encerrar a entrevista, mas faço uma última pergunta.

— O que é a Febre Amarela para você? — Pergunto, talvez já sabendo a resposta.

— Acho que o sentimento que eu tenho pela Febre seria amor. Porque é muito bom estar aqui, a gente só passa perrengue, mas gostamos disso. Vamos aprendendo a tomar decisões, a se colocar no lugar das outras pessoas, a trabalhar em grupo, a lidar com divergências que acontecem durante a organização de festas, ou durante o Inter, e saber que vai sempre ter alguém para te ajudar. É muito bom. — Responde Netinho.

— A Febre Amarela é a minha família, ela é o conjunto de pessoas que nunca se encontraria em nenhuma outra situação, mas que se uniu por um interesse em comum e o amor pela instituição. Eu poderia falar quinhentas mil palavras, mas a melhor que engloba o que a Febre é para mim é a palavra família. — Fala Rabs.

Termino a entrevista e me despeço dos dois. Gosto de imaginar eles saindo juntos da Unesp e foram beber uma cerveja gelada no Ubaiano, relembrando do passado. Sei que isso não aconteceu, mas às vezes, como escritores, nos é permitido uma certa licença poética, e decido usar a minha assim, imaginando dois amigos ocupados parando alguns minutos para conversar.

Resolvo ir embora também, afinal, o próximo ônibus vai passar em vinte minutos e o caminho é longo até o ponto. Escolho ir cantando, para espantar os males e a saudade, treinando o hino[13] que a Febre Amarela me ensinou.

13 Hino feito pela Febre Amarela, chamado meu coração acelera.

Meu coração acelera
Eu vim aqui pra cantar
Sou de Bauru, torcida guerreira
Que não para de apoiar

Amarelo em toda terra
Amor igual não se viu
Canta feliz a torcida da UNESP
Mais amada do Brasil

Esporte vs Universidade

— Eu estou envolvida com esportes desde os 3 anos. Eu comecei jogando futebol na rua com meu irmão. — Conta Laura da Costa Duarte, natural de Jaboticabal. — Eu tenho quatro irmãos, um deles é meu gêmeo, mas sou a única menina. Então eu nunca fui de brincar de boneca e casinha, mas sempre queria ganhar uma bola ou chuteira no meu aniversário. — Continua.

Laura é uma mulher ocupada. Ela está no seu último ano do curso de Educação Física, faz parte de um projeto de extensão que ensina handebol para crianças e adolescentes, é pesquisadora e bolsista **CAPES**[14], e também atleta. Tudo isso com apenas 21 anos.

Na verdade, Laura é uma poliatleta.

14 A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) é uma fundação mantida pelo Ministério da Educação (MEC), responsável pelo financiamento de bolsas de pesquisas na graduação, mestrado e doutorado. Além da consolidação e ampliação de pesquisa no país.

A palavra estranha não me passa despercebida, e decido pesquisa-lá na internet enquanto Laura está distraída. Não encontro muita coisa, então procuro a composição da palavra. “Poli” vem do grego polýs, que significa “muito”, já atleta... bem eu sei o que é um atleta. Mesmo assim fico um pouco confusa, então decido, finalmente, perguntar a ela o significado.

Poly (Laura) com seu uniforme de futebol de campo.

Créditos: Foto cedida por Laura da Costa Duarte

— Eu gosto e pratico mais de uma modalidade de esporte. Represento a Unesp de Bauru nos times de futebol de campo, vôlei de quadra e no basquete. — diz Laura, prendendo alguns fios de cabelo que se soltaram de seu penteado. Ela só começou a jogar vôlei recentemente, no começo de 2023. — Inclusive, por gostar de tantos esportes, o pessoal me deu o apelido de Poly, que vem, justamente, da palavra poliatleta.

Me impressiono com a quantidade de modalidades esportivas que ela pratica e também com a engenhosidade do apelido. Suspeito que talvez, a palavra poliatleta não exista nos dicionários, mas, para ela - e outros alunos da Unesp de Bauru - o termo é comum e faz parte de sua realidade.

A primeira vez que encontrei a Poly foi por acaso, na biblioteca do câmpus. Eu estava sentada na ponta de uma das longas mesas brancas na biblioteca, quando eu vi três mulheres se aproximaram e sentaram na ponta oposta. No começo não dei muita importância, afinal, é normal compartilhar as mesas que ficam logo na entrada. Após uma segunda olhada, percebi o que me chamou atenção naquele grupo. Todas estavam uniformizadas, com os cabelos presos, prontas para um treino. Para mim, que tinha passado as últimas duas semanas tentando achar um atleta disposto a ser entrevistado, aquela visão era um milagre. Puxei assunto, e em menos de 10 minutos tínhamos combinado o dia e horário da nossa conversa.

— Eu entrei na Unesp em 2020. Vim para Bauru porque a área da educação esportiva é muito forte. Então estou fazendo licenciatura e me preparando para ensinar. — Fala Poly, que se diverte ao me contar que o resultado da aprovação vestibular saiu no dia do seu aniversário de 18 anos. — Foi um presente e tanto, fiquei muito feliz!

Tento imitar sua felicidade, mas me retraio um pouco quando ela menciona ser parte dos ingressantes de 2020. Nós os chamamos de “a turma dos quinze dias”, uma vez que

os bixos e bixetes desse ano não passaram mais de quinze dias na cidade, com aulas presenciais na universidade, antes da pandemia ser decretada. A ideia de que Poly não pode treinar ou participar do Inter, por dois anos, me deixa triste, mas ela não parece abalada.

— Nossa, em 2022 eu fiquei louca, esperando o ano inteiro para participar do meu primeiro Inter. Quando eu cheguei na Unesp, eu não sabia que o Inter existia, mas quando me falaram da competição eu tive certeza que estava na universidade certa. Eu perguntei logo de cara se podia jogar em mais de uma modalidade, e eles basicamente me falaram que poderia jogar em quantas eu conseguisse aguentar, desde que o horário dos treinos e das competições não batessem, sabe? — conta Poly.

Os horários de treinos são um dos maiores desafios organizacionais da Atlética, uma vez que não podem coincidir com as aulas, empregos e treinos de outras modalidades, seja por que um atleta faz parte de mais de uma modalidade, ou pelo uso da quadra. O time de basquete, por exemplo, treina das 22h30 às 00h30, duas vezes por semana.

Após um ano de treino - e dois de espera - Poly estava preparada. Porém, com a competição chegando perto, também apareceram a ansiedade e o medo. O time de basquete, por exemplo, estava à beira de uma crise.

— A nossa treinadora de Basquete agendou uma consulta com a psicóloga para o time inteiro, porque todo mundo estava ansioso. A gente debateu, conversou, falou sobre o nosso time e o que estava acontecendo. Falamos de tudo, o que era bom, ruim e tudo mais. — Explica Poly.

Os atletas ganham da Atlética um alojamento durante o Inter, bem como alimentação e transporte para o jogo. Esse tipo de “concentração” ajuda na integração do time e na organização, já que ninguém é proibido de ir em festas, mas são aconselhados a não passarem a noite inteira acordados.

— Meus pais não queriam que eu ficasse no alojamento, e nem fosse nas festas, mas achei que precisava passar por isso, que fazia parte da cultura universitária. — Diz, com um olhar distante. — Eu falava para os meus pais que chegava em casa meia noite, mas na verdade eu saia da festa cinco horas da manhã. O ônibus demorava uma hora para nos levar da festa para o alojamento, então quando a gente tinha jogo de manhã, que começava às oito e meia, só dava tempo de se trocar, comer alguma coisa e ir para competição. Jogar assim, virada, foi uma loucura porque eu pensei que eu não ia conseguir.

Mas conseguiu. Ao chegar em quadra, as atletas se depararam com uma arquibancada azul e amarela - cores oficiais da Unesp de Bauru -, a bateria tocando e os torcedores, que também tinham festejado com o time a noite inteira, mais animados do que nunca.

— A primeira vez que entrei em quadra eu quase fiquei louca, dá uma nostalgia, uma alegria, sabe? Aí você pensa, nossa, eu tô fazendo o que eu gosto e agora que eu vou jogar para caramba! — Lembra Poly, que me confessa que suas pernas tremeram no primeiro jogo.

Poly (Laura) em um jogo de Basquete.

Créditos: Foto cedida por Laura da Costa Duarte

E todo trabalho duro, noites sem dormir, treinos pesados acabam valendo a pena. No futebol de campo feminino, o time de Bauru ganhou em primeiro lugar. Já no basquete, o outro esporte em que Poly competiu, ficou em segundo.

— Ganhar foi maravilhoso, foi a melhor sensação da minha vida! Foi o melhor jogo que eu já fiz em todo o meu tempo jogando futebol de campo. Acabei fazendo três gols na final. — Conta Poly, gesticulando toda animada. — Eu cheguei virada da festa, aí eu falei nossa é agora! Eu estava jogando numa posição que eu nunca joguei o ano inteiro, eu era zagueiro, mas estava jogando de volante, e o técnico estava me dando total suporte. Eu lembro do meu primeiro gol até hoje! A Rafa do meu time cruzou para mim, e a bola veio no meu pé que não é dominante, o direito. Eu chutei, e parece que foi em câmera lenta! Depois, quando as meninas de Rio Claro colocaram a mão na bola, o juiz deu pênalti, e eu perguntei quem ia bater, e aí o técnico falou 'você Poly, você vai bater o pênalti!'. Só que eu não era capitã nem nada! Eu pensei: caraca tá na minha mão! Faltavam cinco minutos para acabar o jogo e eu acabei fazendo o meu segundo gol, que empatou a partida. Nos pênaltis, eu bati de novo e acertei. Nossa, eu fico imaginando aquela arquibancada! Estava toda torcida de Rio Claro tocando bateria, fazendo de tudo para que eu errasse. Só que a gente tinha a Febre Amarela, e nossos torcedores! E aí o último pênalti mano, eu lembro até hoje todo mundo saindo correndo para a arquibancada! — Finaliza Poly, radiante.

Poly (Laura) com o time de futebol de campo feminino.

Créditos: Foto cedida por Laura da Costa Duarte

— E no Basquete? Como foi ficar em segundo lugar? — Pergunto. Sua animação diminui imediatamente, mas ainda continua feliz.

— O basquete era o que eu estava mais ansiosa, com mais expectativa. No primeiro quarto, a gente foi muito bem. Estávamos ganhando de 12 a 0, mas aí depois tipo não deu, a gente cansou também. E por conta de ter uma peça ali no time de Rio Claro que era diferenciado, acabamos perdendo. Mas a sensação de foi de primeiro lugar! — Responde, mais controlada.

A visão de Poly animada, me contando todos os detalhes - e gols - do Inter, contrasta muito com a ideia estereotipada de uma acadêmica ou uma cientista. Quanto ela se acalma, tomo um gole de água e penso em como fazer a próxima pergunta sem ofendê-lá.

— Como é fazer tudo? Ser cientista, professora e atleta? — Pergunto, decidindo ir pelo caminho mais diplomático.

— Atualmente está muito complicado para mim. Tá ficando pesado, toda semana eu tento me organizar e ver realmente o que eu consigo fazer. Às vezes a iniciação científica requer um pouco mais do meu tempo, então não treino naquele dia. Em outro momento, a minha cabeça não está boa, então eu sei que o corpo também não vai aguentar. Para mim tá sendo um pouco difícil conciliar, mas eu tô conseguindo. Até porque o esporte, para mim, é um escape. Se eu eu não jogar, não vivenciar aquilo, eu também não consigo um bom rendimento pros meus estudos. O esporte me ajuda muito a ter essa autonomia, a ter vontade e motivação para estudar. — diz.

Gostaria de dizer que nossa entrevista terminou nesse ponto, que ser cientista, aluna, professora e poliatleta eram os únicos desafios enfrentados por ela. Entretanto, Poly é mulher, e isso vem com sua própria quantidade de dificuldades.

— Eu vejo uma falta de valorização das modalidades femininas. Ano passado, por exemplo, a Atlética vivia postando **stories** do futsal e futebol de campo masculinos, mas nada dos femininos. Às vezes não temos meninas para preencher um time de futebol de campo, e talvez se divulgássemos da mesma forma que fazemos com o masculino, mais meninas fariam parte. Então é pouca a visualização que a gente tem, acho que falta esse incentivo para o esporte feminino. — Começa, com um olhar bravo e semblante triste. Um segundo depois, como se ficar triste desencadeasse uma reação alérgica, Polly abre um sorriso e começa a falar. — Ano passado aconteceu uma situação muito inusitada. A administradora do nosso time de basquete acabou estacionando o carro em um lugar que tinha um toco de árvore, e não conseguia sair. E as oito meninas do time de basquete se juntaram e levantaram o carro. Nós também somos fortes, em todos os sentidos da palavra!

Poly (Laura) com o time de vôlei feminino.

Créditos: Foto cedida por Laura da Costa Duarte

A história de **GPS** com o esporte é um pouco diferente. Atualmente com 19 anos, o também estudante de Educação Física da Unesp de Bauru começou a jogar vôlei na adolescência, aos 15 anos, após assistir algumas partidas durante as Olimpíadas.

— O voleibol entrou na minha vida universitária como uma salvação. Porque antes eu praticava as parte individuais, a técnica, e não a parte coletiva, de ser integrante de um time. Eu tinha dificuldade em me comunicar, me expressar, sabe? Eu acabei meio que me acostumando com a ideia de socialização, e percebi que isso me ajudou muito na ansiedade e estresse. — Conta o atleta.

GPS (Marco) com sua medalha de ouro no vôlei de quadra no Inter 2022.

Créditos: Foto cedida por Marco Antônio de Souza Nanias

Ah, sim, você deve estar se perguntando: GPS? Que tipo de nome é esse? Na realidade, esse é apenas mais um dos apelidos de universitários, o que já se tornou um padrão nesse livro. Não seria nada de novo se não fosse por um pequeno detalhe, eu não soube, por muito tempo, o *nome real* do GPS. Pode parecer estranho, mas normalmente sou apresentada para um entrevistado que me diz seu nome de batismo - ou social - e logo em seguida seu apelido.

Não o GPS. Passei semanas conversando com ele pela internet, marcando e desmarcando datas, locais, horários e nunca me ocorreu que eu não sabia seu nome. Quando percebi o meu erro, já era tarde - e constrangedor - fazer essa pergunta. Tentei pesquisar online, perguntar para quem me passou seu contato, cheguei até mesmo a falar com alunos de Educação Física, mas ninguém sabia. Um apelido bem dado é assim mesmo, quase que uma identidade secreta. Ele poderia ser a **Hannah Montana** da Unesp de Bauru, e nunca saberíamos. No dia da entrevista, ficou claro que teria que perguntar seu nome, então decidi que faria disso minha prioridade.

— Primeiramente, qual o seu nome? Perguntei para um monte de gente, mas ninguém sabe. — Pergunto constrangida.

— Nossa, sério? Meu nome é Marco Antônio de Souza Nanias, mas sou conhecido como GPS. — Responde gargalhando, me deixando instantaneamente à vontade. — Eu comecei a graduação em 2021, enquanto estávamos ainda usando o **ensino remoto**, então no meu primeiro dia o pessoal fez uma chamada de vídeo para se conhecer, e eu cheguei atrasado na ligação. Imediatamente, eu comecei a perguntar muitas coisas, eu estava muito perdido mesmo, aí o pessoal começou a brincar, falando que eu precisava me achar, se eu queria um mapa ou o waze. Aí alguém disse 'só um GPS para esse aí saber onde tá', e o apelido pegou. O curso de Educação Física tem muito essa cultura de apelidos e recepção dos bixos.

Com a biblioteca lotada naquele começo de tarde, decidimos nos sentar em um banco do lado de fora, comicamente posicionado ao lado de latas de lixo reciclável. Percebo rapidamente que GPS é uma pessoa carismática e descontraída, e em alguns minutos de conversa faz parecer que nos conhecemos há anos.

GPS é membro dos times de vôlei de quadra e vôlei de praia, e defendeu Bauru nas duas modalidades durante o Inter de 2022. Na quadra, ganhou. Na areia, perdeu, ficando em segundo lugar.

GPS (Marco) saltando durante um jogo de vôlei de quadra.

Créditos: Foto cedida por Marco Antônio de Souza Nanias

— Eu gosto muito da técnica, até por que eu não consegui entrar em um time profissional por conta da idade, e também por causa da minha altura. — Diz. Detecto um

tom de tristeza em sua voz. — Em um período de tempo eu até quis parar por conta disso, mas percebi que se eu cair é pior, então decidi que meu foco seria fazer Educação Física e seguir na parte técnica e didática do voleibol. Minha meta era chegar e já tentar o máximo para conseguir passar entrar no time. Deu certo. Tiveram uns treinos abertos na volta da pandemia, e eles logo me aceitaram como atleta.

Hoje, GPS participa de uma Iniciação Científica sobre o ensino de vôlei e também é integrante de um projeto de extensão que dá aulas de natação. O mesmo pretende terminar a **Licenciatura** em Educação Física e reingressar para conseguir o seu **Bacharelado**.

— O que o esporte significa para você? — Pergunto.

— Alegria. O esporte traz para mim um misto de emoções, porque a gente se expressa, quer uma coisa bem feita, nos doamos ao máximo e isso é uma coisa que a gente leva para a vida toda. O esporte acaba refletindo nos nossos valores, na forma como trabalhamos em grupo e até mesmo no dia a dia. Posso afirmar com toda a certeza que o esporte salva vidas. — Comenta GPS.

Como Poly, Marco tem mais de um rótulo: aluno, professor, pesquisador e atleta. A ideia de que é possível fazer tudo, o tempo todo, não me parece possível, contudo, após esses dois relatos, a prática parece mais plausível.

— Não é saudável, pelo menos na minha perspectiva e experiência, ser tudo. Eu acho que consigo controlar mais as coisas porque vejo o vôlei como uma forma de lazer e não como um trabalho, sabe? Justamente por que foi uma escolha minha fazer parte do time, e não ganho nada para estar ali. Entretanto, isso não vem sem consequências. Minha saúde, por exemplo, foi impactada tanto pelos treinos exaustivos tarde da noite, como pelos dias de jogos intensos no Inter. E é aquela coisa, você pode estar doente, mas suas responsabilidades não param. — Diz GPS.

Créditos: Foto cedida por Marco Antônio de Souza Nanias

Time de vôlei de quadra da Unesp de Bauru.

De inimiga a treinadora

A competição está tão presente no dia a dia do universitário que é difícil de imaginar uma instituição de ensino superior que não a incentive. A Unesp, por exemplo, utiliza o **coeficiente de rendimento, ou CR**, para ranquear os alunos, que disputam aulas, intercâmbios, verbas e oportunidades. Outro tipo de competição encorajada, é a esportiva, que mesmo de forma amadora, cria rivalidades e desentendimentos.

Um dos principais rivais da Unesp de Bauru é o câmpus de Presidente Prudente. Ninguém sabe ao certo como essa rivalidade começou, mas se especula que teve início em 2005, no Inter daquele ano, quando uma contagem errada nos pontos deu a vitória para Bauru, mesmo que, na realidade, pertencesse a Presidente Prudente. As atléticas então combinaram de dividir o título, o que não caiu bem para alguns alunos. Outros dizem que a competição acadêmica entre as unidades é antiga, uma vez que ambos compartilham alguns dos mesmos cursos.

Essa realidade é bem conhecida por Amanda Cristina Madeira Martins, de 33 anos, atual treinadora do time feminino de basquete da Unesp de Bauru. Formada em 2010 no curso de Educação Física pela Unesp, Amanda foi atleta universitária, participou de competições - incluindo o Inter -, trabalhou ensinando basquete, fez projetos de extensão e se pós graduou em treinamento esportivo. Essa seria uma história feliz, sem muitos problemas, se não fosse por um pequeno detalhe: Amanda fez tudo isso na Unesp de Presidente Prudente.

— Olha, esse mundo dá volta, e ainda faz um duplo twist carpado! — Comenta a treinadora, após eu perguntar como é ser da Unesp de Prudente, mas hoje treinar um time da Unesp de Bauru. — Eu passei seis anos competindo pela Unesp de Prudente no time de basquete feminino, e sempre briguei com minhas rivais, que normalmente eram de Bauru ou Rio Claro. O ódio era tão grande que eu evitava ficar ou namorar pessoas dessas cidades. Quando eu terminei a graduação, apareceu o processo seletivo do Sesc, a empresa que trabalho hoje, e a vaga era para a sede em Bauru. Naquela época não conhecia muitas pessoas que morassem em Bauru, uma delas era a Lena, que era membro da atlética e me xingava das arquibancadas! — Sorri Amanda, ao lembrar da amiga. Mas ela é uma pessoa maravilhosa fora do fervor dos jogos, e me convidou para trabalhar como técnica na Unesp de Bauru. Como você pode imaginar, não fui bem aceita.

Amanda foi treinar justamente o time de basquete que ela competia contra, que ainda contava com algumas das mesmas atletas que ela brigou em quadra. O primeiro mês foi marcado por um "motim" - palavra dela, não minha - em que nenhuma das meninas aparecia nos treinos. Até que a Atlética se envolveu e uma frágil paz foi estabelecida entre o time e a treinadora.

— Nesses últimos anos eu falo que meu coração é verde e amarelo. Verde porque é a cor de Prudente, e eu nunca

vou deixar de ser da Unesp de lá. E Amarelo, a cor de Bauru, por se tornarem minha família. — Afirma Amanda.

O time de Basquete feminino da Unesp de Bauru com a treinadora Amanda no centro.

Créditos: Foto cedida por Laura da Costa Duarte

O time de Basquete feminino da Unesp de Bauru com suas medalhas de prata no Inter 2022.

Créditos: Foto cedida por Laura da Costa Duarte

— Como é para você estar dentro da Unesp novamente? — Pergunto.

— Sensacional! Eu falo que a gente sai da Unesp, mas a Unesp fica correndo nas nossas veias aí durante muito tempo, né? Eu me vejo dentro da Unesp, não como Universitária, mas mesmo assim como parte dela.

Amanda treina o time de basquete feminino todas as segundas e quartas-feiras, das 22h30 às 00h30, em um ginásio alugado perto da Unesp. Por acabar tarde, a treinadora e outras alunas que têm carro dão caronas para o resto do time, já que os ônibus circulares param de rodar na cidade às 23h30.

— Como foi perder para Rio Claro no Basquete no Inter de 2022? — Pergunto.

— Para mim foi frustrante, porque o nosso time era muito forte. Dentro de uma partida de basquete são quatro períodos de 10 minutos cada, no primeiro a gente começou ganhando de doze pontos de diferença! O que eu acho que aconteceu foi muita questão emocional, pelos outros anos já terem perdido para a mesma equipe, e aí querendo ou não tem aquele receio de jogar. E aí lutamos até o fim, com a torcida vibrando o tempo todo. Mas foi um pouco frustrante, porque todo mundo acreditava muito na vitória, a gente estava bem confiante.

A treinadora acredita que é necessário trabalhar mais a parte psicológica dos atletas, e que uma parceria entre a Atlética da Unesp de Bauru e o curso de Psicologia trariam benefícios a todos os envolvidos, e não só as meninas do basquete. Amanda já propôs essa iniciativa, que está em avaliação.

— Você se sente apoiada sendo técnica de um time da Unesp de Bauru? Dá para se sustentar só com esse trabalho? — indago.

— Primeiramente eu não tenho como me sustentar sendo somente treinadora do basquete feminino da Unesp. Eu ganho uma ajuda de custo, paga pela Atlética, mas não dá para viver ainda só com esse valor não. Mas eu sempre tive um respaldo muito grande da Atlética, né? Principalmente a partir do ano passado e esse ano, então sempre quando eu preciso de alguma coisa eu peço para o representante da modalidade. Então eu sempre me reporto a eles e sempre, na medida do possível, eles conseguem me atender. Agora, vendo da parte dos atletas, eu percebo algumas situações que às vezes faltam um pouco. O próprio Inter, por exemplo, os atletas deveriam ter um benefício maior e não ter que pagar o mesmo valor que todo mundo para para ir nas festas.

Em 2022, Amanda completou seu décimo quarto Inter, e foi comemorar com as meninas do basquete na festa.

Em 2023 pretende ir à festa novamente, dessa vez para comemorar a vitória. Por que, no final, não importa a cidade, todos somos Unesp.

— O treino em si, de 4 horas semanais, é a menor das minhas funções como técnica. O meu jeito de trabalhar sempre foi muito de se envolver com o aluno, trocar uma ideia, ver se está tudo bem, mandar uma mensagem. Então, eu não tenho contato com elas só dentro das quatro linhas da quadra, mas também estou disposta a conversar. Eu não sei de muita coisa, mas o pouco que eu sei, eu acho que é legal compartilhar, e acho que isso é muito característico do esporte, sabe? — Finaliza a treinadora, que se despede. Ela já está atrasada para seu trabalho no Sesc.

O Inter(Unesp)

Como era de se esperar, o Inter é o evento mais importante da cultura universitária unespiana, principalmente para o câmpus de Bauru. Muitas universidades do interior paulista têm eventos semelhantes, como a TUSCA (Taça Universitária de São Carlos), o Carnallha (também da Unesp), o InterUsp e diversos outros eventos menores, mas poucos chegam ao nível de grandeza do Inter.

A história do Inter é como tudo na Unesp, cheio de altos e baixos, com poucas informações registradas e feito com mais paixão do que organização. A partir dos anos 1970, a própria instituição estava à frente dos "Jogos Unesp", um evento esportivo pequeno e limitado, mas ainda importante para os alunos. Em 1998, a reitoria anunciou que suspenderia os "Jogos Unesp" daquele ano, mas nunca explicou o motivo da dissolução, que continua um mistério até hoje. Uns citam custos, outros a má fama que o evento estava ganhando por causa das festas, mas ninguém sabe ao certo. Nos anos 2000, cansados de esperar, algumas das principais atléticas da Unesp se reuniram e criaram o então chamado InterUnesp, que teria

sua primeira edição em 2001 - nos moldes que conhecemos hoje. Desde então, a organização é feita completamente pelos alunos da Unesp, que fundaram a **Liga Interuniversitária de Esportes Universitários (LIEU)**. Atualmente, o Inter é promovido em parceria da LIEU com o **Grupo Toy**.

— A LIEU, na verdade, é o ponto de encontro de todas as Atléticas da Unesp. Então a gente tá aí com 23 atléticas atualmente. Todas, menos Presidente Prudente, e é o ponto de encontro com essas atléticas, a união de todos os atletas. Então a gente desenvolve várias atividades durante o ano, a gente tem mais de 10 reuniões presenciais, também desenvolvemos a feira de profissões da Unesp, a gente desenvolve Copa Unesp, a gente desenvolve o Torneio Eletrônico (TE), que é os esportes de modalidades eletrônicas, como FIFA e Xadrez. Durante o ano também temos capacitações socioculturais, falamos sobre racismo, homofobia, gordofobia e coisas assim. Também temos projetos sociais, como a doação voluntária de sangue. — Conta o presidente da LIEU, Murilo Cezar Lima Amorim, de 23 anos. — Hoje, a gente tem o Grupo Toy, que é a empresa que coordena e realiza toda a parte festiva do evento, como contratação de atrações e do espaço.

A premissa é simples, durante o dia - e às vezes, no começo das noites - são realizados partidas esportivas em 13 diferentes modalidades: Atletismo, Basquete, Futsal, Futebol, Futebol de 7, Handebol, Judô, Natação, Tênis Campo, Tênis Mesa, Vôlei, Vôlei Praia e Xadrez. À noite, é feito uma festa ***open bar***, com atrações musicais e muita animação.

Todos os anos o Inter muda de local, passando por cidades que tenham um câmpus da Unesp e que comporte um evento desse tamanho. Em 2017, por exemplo, Bauru recebeu o maior Inter visto até o momento, com 16 a 18 mil pessoas todas as noites. Em 2019, foi registrado o menor número de participantes desde o início do evento, com 7 mil participantes por festa. A primeira edição pós pandemia,

em 2022, o número de pessoas voltou a subir, com a média diária de 8.600 pessoas por festa, mas o crescimento foi menor do que o esperado.

Hoje participam 22 câmpus (Araçatuba, Araraquara, Assis, Bauru, Botucatu, Dracena, Franca, Guaratinguetá, Ilha Solteira, Itapeva, Jaboticabal, Marília, Ourinhos, Registro, Rio Claro, Rosana, São João da Boa Vista, São José do Rio Preto, São José dos Campos, São Paulo, São Vicente, Sorocaba e Tupã) separados em duas divisões, sendo a primeira com 12 participantes e a segunda com 11. A troca ocorre entre os dois primeiros colocados da Segunda Divisão com os dois últimos da Primeira Divisão.

Além dos eventos esportivos, no InterUnesp de 2007, surgiu o **Desafio das Baterias**, que nada mais é que uma competição entre as baterias universitárias da Unesp. Logo depois, em 2016, foi criado o **Desafio de Cheerleading** que dentro da mesma premissa, as cheerleaders competem entre si para o título de campeão.

— Eu acho que o Inter é o ponto de encontro dos estudantes, principalmente daqueles que costumam trabalhar esportivamente durante todo o ano para jogar. Eu vejo que muitas pessoas que não são de república não conseguem um contato com as pessoas mais populares da faculdade conseguem isso através do esporte, muitas pessoas que não tem condição financeira, né? Moram na Moradia Estudantil, por exemplo, conseguem essa inclusão, esse envolvimento com as pessoas que estão ali, na ativa, em rep, em atlética. Eu vi um depoimento, inclusive semana passada, de um menino do handebol falando que ele não conhecia ninguém. Ele não era de rap e não era chamado para nada, e que através do handebol ele começou a ser incluído, sabe? Ele começou a ser chamado. Ele começou a participar. Então, eu acho que o principal intuito do Inter é fazer a inclusão social através do esporte. — Continua.

Murilo, além de ser presidente da LIEU, estuda Administração Pública na Unesp de Araraquara. Com 150

quilômetros nos separando, conversei com ele por vídeo chamada, na tarde de uma terça-feira. A primeira coisa que ele me diz é para chamá-lo pelo seu apelido.

— Pode me chamar de Estraga! — Pede Murilo. Pergunto imediatamente o motivo do apelido inesperado — Eu contei o final de uma história que estava sendo bem repetitiva na república. Tipo, chegaram umas meninas para fazer uma integração lá, e um veterano começou a contar a história pela décima oitava vez. Aí eu já gritei logo o final da história "aconteceu isso e isso, pronto acabou" e a partir daí ficou estraga prazer, encurtado para Estraga.

O presidente e a vice-presidente da LIEU, Murilo Cezar Lima Amorim e Luisa Saraiva Andreo, respectivamente, em um evento de divulgação do Inter 2023.

Créditos: Foto cedida por Murilo Cezar Lima Amorim

— Por que a LIEU é importante? — Pergunto, após nossa introdução. A ideia de uma instituição, feita inteiramente por alunos, que interliga todas as Unesp me intriga.

— É importante, porque as Atléticas não conseguiriam se organizar. Hoje há 23 atléticas no Inter, 20 ativos, porque o resto vai morrendo aos poucos. Então as atléticas precisam desse auxílio, né? Elas precisam desse suporte que a LIEU trás, tanto na questão social, quanto na questão esportiva e de comunicação. Eu acho que sem a LIEU não existiria Inter. Muita gente acha a gente um porre, né? Mas nós somos importantes. — Explica Murilo.

Um dos aspectos mais polêmicos - além das drogas e mortes acidentais - presentes no Inter, é a mudança de nome. Como é de se esperar, não existe um registro exato do por que ou quando o evento deixou de se chamar InterUnesp e se tornou somente Inter.

— O evento chama Inter por conta de problemas em edições anteriores, né? A Unesp pediu para ser desvinculada tirar o nome Unesp dos jogos. Hoje a gente tem uma briga muito grande com a Reitoria, com as pessoas responsáveis aí para voltar a ser InterUnesp. Por que a gente não pode usar o nome da universidade? E aí fica nesse impasse e a gente fica na briga mesmo. Eu acho que nunca vamos conseguir voltar para o nome inteiro, mas fica nessa, né? E daí todo ano tem uma expectativa de voltar o nome. — Diz o presidente da LIEU.

Em minhas pesquisas, um incidente é citado como um catalisador para a mudança de nome. Em 2010, no Inter de Araraquara, três alunos da Unesp criaram um comunidade no Orkut chamado “Rodeio das Gordas Araraquara 2010”, que encorajava alunos - homens - a agarrar e montar em alunas - mulheres - obesas, e se segurar pelo maior tempo possível.

Segundo notícias da época, mais de 50 alunos participaram do “Rodeio”, que chegavam perto dessas mulheres como se

Foi uma rede social filiada ao Google, criada em 24 de janeiro de 2004 e desativada em 30 de setembro de 2014. Seu nome é originado no projetista chefe, Orkut Büyükkökten, engenheiro turco do Google.

fossem conversar e paquerá-las, mas logo em seguida as atacavam. Algumas regras absurdas foram implementadas, como a quantidade de segundos, que diminuía conforme o tamanho da mulher, ou a necessidade de gritar "pula, gorda bandida!" e "escolhi você por ser a garota mais gorda que já encontrei". Existia também uma premiação para os melhores "montadores de gordas".

Na época, a Unesp afirmou em nota à imprensa que *"repudia práticas de desrespeito entre membros de sua comunidade, mas, a fim de assegurar o cumprimento da lei e das disposições do Estatuto da Universidade, inclusive no que se refere à preservação do direito de defesa dos envolvidos, a Administração não se pronuncia sobre procedimentos administrativos desse tipo durante o andamento de seus trabalhos".*

Após a repercussão do caso, a Unesp de Assis, onde é especulado que os organizadores frequentavam, abriu um processo disciplinar que acabou suspendendo dois alunos por cinco dias. É válido ressaltar que os outros câmpus não abriram sindicância, mesmo que outros 48 alunos tenham participado.

Além das - quase nulas - consequências impostas pela Unesp, o Ministério Público processou os três organizadores[15]. Em 2011, dois dos organizadores assinaram um **Termo de Ajustamento de Conduta (TAC)** e doaram valor equivalente a 20 salários mínimos a três instituições que se dedicam ao combate da dependência química e da violência de gênero. O terceiro organizador, que brigava na justiça para não pagar o valor estabelecido, foi condenado em 2020 pela Promotoria de Justiça dos Direitos Humanos de Araraquara a pagar 30 salários

[15] Informações podem ser encontrados no link: https://www.jusbrasil.com.br/noticias/mp-move-acao-civil-contra-universitario-que-criou-rodeio-das-gordas/2859064

mínimos (referente a 2010) em indenização por danos morais ao Fundo de Reparação de Interesses Difusos e Coletivos.

Mesmo que o ocorrido tenha tido impactos no mundo real - fora da bolha universitária - e seja uma das possíveis razões para a retirada do nome Unesp do Inter, decido procurar a reitoria para confirmar o por que a mesma pediu esse desvinculamento. Em nota via e-mail, Assessoria de Comunicação e Imprensa da Unesp informou:

"Prezada,

Nos moldes como ocorre, o Inter é um evento privado, cuja organização é realizada integralmente pelos estudantes da Unesp, sem vínculo ou ingerência da administração da Universidade. Embora ocorram participações de unespianos, não se trata de um evento oficial da nossa Universidade.

Cordialmente,

Assessoria de Comunicação e Imprensa da Unesp"

— Você tem esperança que o Inter volte a se chamar InterUnesp? — Pergunto.

— Acredito que sim, eu tenho muita confiança nisso. A gente está trabalhando muito para voltar com esse nome. Nós temos outros projetos, como o NUMIS, o Núcleo de Movimento, Inclusão e Saúde, que incentiva o esporte não só para os alunos da Unesp, mas para toda comunidade Unespiana, os funcionários, servidores, docentes e etc. Então a gente tem um contato próximo com a Reitoria, que financia a Copa Unesp. — Explica o Estraga. A Copa Unesp é melhor classificada como um treino para o Inter, um evento totalmente esportivo - sem festa - em esquema reduzido, com menos categorias esportivas, apoiado e organizado pela Unesp e a LIEU. — A Copa Unesp é um caminho para dar tempo ao tempo e mostrar que a gente não é só uma festa universitária. Eu acho que a galera já tá cansada de saber isso, mas ainda falta um pouquinho, alguns detalhes, para melhorar essa relação.

Murilo toca em um assunto muito importante, o Inter é só mais uma festa universitária? Será que a parte esportiva foi perdida em meio a bebidas e atrações musicais? Pergunto a ele sobre isso.

— A festa, em teoria, era para pagar a organização esportiva. Mas hoje elas não pagam mais os jogos, tá? A gente não consegue mais pagar os jogos com a festa, porque atualmente o Inter dá 400 mil reais de gasto com a parte esportiva, como o aluguel e a contratação da arbitragem. E é bem caro, então a festa hoje dá, de lucro, uns 200 mil reais, nem isso, o ano passado, por exemplo, o Inter igualou. A gente não teve lucro no Inter do ano passado, o que a gente arrecadou, nós gastamos. — Conta Estraga, um pouco decepcionado. — Por causa disso, esse ano a gente vem com uma super reestruturação para ver se a gente consegue voltar a ser o Inter de antigamente. A festa esse ano vai estar 100% fortalecida, com boas atrações musicais. A ideia é que esse ano a gente consiga voltar ao Inter para aquele patamar onde ele consiga pagar a festa e os jogos. Ou pelo menos consiga ter uma pequena porcentagem de lucros para pagar os jogos, porque o Inter não faz mais sentido no formato que ele está hoje.

Segundo o presidente da LIEU, o Inter vem dando prejuízos desde 2019. A dívida foi arcada pela empresa que realizou a festa, como previsto em contrato, já que a mesma tinha a concessão para realizar a festa do Inter pelos próximos cinco anos. Porém, existe uma cláusula que dita que se alguma Atlética se desvinculasse do Inter, a mesma teria que pagar uma parte dessa dívida. Na época, a ideia de alguma Atlética se desvincular era ridícula. Até Presidente Prudente.

— Prudente saiu sem pagar. Eles fizeram um acordo junto com a empresa de que eles poderiam sair sem pagar, só que agora, para eles retornarem para o Inter temos que fazer essa cobrança, né? Eles têm que pagar alguma coisa, porque eles não podem simplesmente voltar e achar que está tudo bem. — Desabafa Murilo, que continua. — A gente aprende muito com os erros do passado, né? Então muitas das coisas que aconteceram em gestões anteriores, vamos aprendendo.

— E qual o sonho para o Inter? — Pergunto, percebendo que nosso tempo está chegando ao fim.

— O sonho é entregar um esportivo de qualidade. Queremos fornecer um esportivo foda [*sic*], que a galera fale 'porra [*sic*] velho, o Inter voltou a ser o Inter!'. A gente é o maior jogos universitários da América Latina, e hoje perdemos muito para outros eventos universitários.

Nota:

Emanuele Santos Almeida, conhecida como "Ita" ou "Rita". Entrevista realizada no dia 18 de abril de 2023, online, via a plataforma do Google Meet.

Laura da Costa Duarte, conhecida como "Polly". Entrevista realizada no dia 09 de maio de 2023, pessoalmente, no bosque da Unesp de Bauru.

Luísa Saraiva Andreo. Entrevista realizada no dia 21 de abril de 2023, online, via a plataforma do Google Meet.

Marco Antônio de Souza Nanias, conhecido como "GPS". Entrevista realizada no dia 17 de maio de 2023, pessoalmente, na frente da biblioteca da Unesp de Bauru.

Mariana Alves Pegoraro. Entrevista realizada no dia 21 de abril de 2023, online, via a plataforma do Google Meet.

Mariana Regina Silva de Paulo, conhecida como "Maru". Entrevista realizada no dia 11 de abril de 2023, pessoalmente, na sala de estudos da biblioteca da Unesp de Bauru.

Mateus de Paula Santos, conhecido como "Netinho". Entrevista realizada no dia 18 de abril de 2023, online, via a plataforma do Google Meet.

Murilo Cezar Lima Amorim, conhecido como "Estraga". Entrevistado no dia 25 de abril de 2023, online, via a plataforma do Google Meet.

Nicole Bianca Saraiva Rocha, conhecida como "Rabs". Entrevista realizada no dia 18 de abril de 2023, online, via a plataforma do Google Meet.

Renan da Mata Morin Santos, conhecido como "Jamiro". Entrevista realizada no dia 17 de abril de 2023, pessoalmente, na biblioteca da Unesp de Bauru.

Treinadora Amanda Cristina Madeira Martins. Entrevista realizada no dia 22 de maio de 2023, pessoalmente, na biblioteca da Unesp de Bauru.

NEM TUDO SÃO FLORES

"A cultura universitária é uma relação de indivíduos que fazem parte de grupos diferentes e estão em um mesmo local, comum, compartilhando experiências e conhecimentos. Essa troca de relações é cheia de preconceito, estigma e afeto. São relações diacrônicas que, muitas vezes, conduzem as pessoas a conviver mais com um grupo de pessoas do que outros, dentro de seu próprio curso ou sala. Existe um saber e uma prática própria desses indivíduos dentro do estabelecimento universitário."

Thayná Dias, aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência.

Nem tudo são flores. Essa expressão popular poderia ser o slogan oficial da universidade pública. Embora sim, exista uma grande parte da universidade que é incrível, animada, tolerante e importante para o desenvolvimento humano, ainda deve-se reconhecer que não é perfeita.

A ideia de que tudo na vida de um estudante universitário termina em festa e que existem somente experiências incríveis durante essa fase, vem de uma fantasia quase que hollywoodiana, onde todo o resto - as partes ruins, no caso - é "varrido para baixo do tapete", para não acabar com o "barato" coletivo. A universidade que existe no subconsciente popular é a do sertanejo universitário, da cervejinha depois da aula, da festa de fim de semana e dos jogos esportivos. Em resumo, tudo que já foi apresentado neste livro até o momento.

O racismo, o assédio sexual e moral, a maternidade durante a graduação, e as lutas pela permanência estudantil, não passam pela cabeça do vestibulando, muitas vezes menor de idade, ao se matricular em uma graduação do ensino superior. A ideia de quatro - ou cinco, seis, sete, dez - anos lutando por dignidade, um ensino de qualidade e direitos básicos não estão listados nos panfletos ou no "guia do estudante", que muitas vezes são as únicas formas que novos alunos e suas famílias têm de entender o que é uma universidade.

Se quisesse falar sobre uma sociedade ou lugar perfeito, escreveria uma utopia. Se quisesse ser uma acadêmica e mostrar o quanto a universidade cresce, com dados em cima de dados, de uma forma analítica e não pessoal, escreveria uma tese. Mas quero ser jornalista, então conto histórias reais, de pessoas reais.

Doa a quem doer.

Aluna, mulher, mãe.

Suzan Ayumi Kassahara, de 27 anos, está no terceiro ano do curso de Pedagogia. A futura educadora começou sua graduação na Unesp de Marília, mas mudou de câmpus em 2020.

— Eu tô gostando muito da Unesp de Bauru. É bem diferente da Unesp de Marília, né? Acho que é por causa das vertentes diferentes da Pedagogia que ensinam em cada câmpus. Quando me matriculei aqui, não esperava que a diferença fosse tão grande, mas me surpreendeu. Eu me identifiquei muito mais daqui na Unesp de Bauru! — Conta a estudante, que está na sua primeira graduação.

Suzan também é mãe da Yuna Kassahara, de quase três anos, e Eduardo Jin Kassahara - conhecido como Jin -, de seis meses.

Suzan e seu marido, junto com seus filhos Eduardo Jin e Yuna.

Créditos: Foto cedida por Suzan Ayumi Kassahara

— Eu ainda estou tentando encaixar tudo certinho, sabe? Conciliar a maternidade com a faculdade, então por hora ainda não estou fazendo estágio, nem mais nada, só estudando e sendo mãe mesmo. — Explica, quase se desculpando por não estar em um projeto de extensão ou fazer uma pesquisa. Suzan não precisa se desculpar por nada.

Estamos na biblioteca, no fim da tarde, sentadas perto da entrada, em uma das pequenas mesas redondas. O lugar está calmo, nos dando uma privacidade necessária, já que estamos acompanhadas de um convidado de honra, o bebê Jin. Sentado em seu carrinho, brincando distraidamente com o seu dinossauro de pelúcia, Jin não dá trabalho. Não exige o colo da mãe e não chora. Tudo que ele quer fazer é mastigar seu brinquedo e olhar as pessoas entrando e saindo da biblioteca. Acatamos veementemente a sua decisão de ser deixado em paz.

A cena pode parecer estranha, já que um bebê não é - infelizmente - o público alvo esperado na Biblioteca da Unesp de Bauru. A primeira vez que vi mãe e filho juntos, sentados em um dos sofás de descanso, fiquei extasiada. Gostaria de dizer que toda essa animação era por ter finalmente achado uma mãe na graduação e possível entrevistada deste livro, que vinha procurando há semanas. Ou talvez por ter conseguido achá-la de forma natural, sem pedir indicações para outras pessoas, que de algum jeito provaria uma junção natural entre maternidade e universidade. Mas nada disso é verdade, eu só realmente gosto de bebês. Queria segurá-lo, abraçá-lo e cheirar seu cabelo.

Foi o que eu fiz, depois de me apresentar para Suzan e perguntar se poderia pegá-lo no colo, claro. Depois dessa interação, fui embora me sentindo mais leve, cantarolando até o ponto de ônibus. Estava quase dentro da circular quando lembrei do livro. Voltei correndo e, milagrosamente, ambos ainda estavam lá. Marcamos nossa entrevista para a próxima semana.

É a desistência, por parte do aluno, da matrícula em todas as disciplinas, pelo prazo máximo de 2 anos.

— Nós estamos sempre aqui de tardezinha. Pode vir que a gente conversa com você, não é filho? — Me disse Suzan, fazendo de conta que o pequeno participava da conversa. Por alguns minutos Jin olhou para mim e abriu um sorriso, entendi isso como um bom sinal.

Suzan começou na Unesp em 2018, mas suspendeu a matrícula do curso no meio de 2019 para trabalhar e arrecadar dinheiro no Japão, junto com o marido. Em 2020, com a declaração da pandemia de covid-19, o casal ficou "preso" na terra do sol nascente durante o lockdown. E nesse momento veio a surpresa.

Confinamento, uma medida de restrição de movimento.

— A Yuna foi uma surpresa, estávamos no auge da pandemia, confinados no Japão quando eu descobri a gestação. Quando dava para gente voltar para o Brasil, eu já estava no prazo máximo de segurança para voar grávida,

Jin dormindo em sala de aula.

Créditos: Foto cedida por Suzan Ayumi Kassahara

então decidimos ficar mais um pouco, e a minha filha nasceu lá. — Lembra a mãe, que agita um brinquedo na frente do bebê quando ele balbucia. — Já o Jin nasceu em outubro de 2022, aqui no Brasil mesmo. Eu tinha pedido a transferência para a Unesp de Bauru e voltado para as aulas em 2020, que estavam na modalidade remota, então encaixou certinho comigo estando em outro país. O pessoal da minha sala acompanhou a gravidez do Jin todinha!

Após o nascimento do seu filho mais novo, Suzan pediu uma licença maternidade à Unesp, prevista na resolução nº 79[16], que aprova o afastamento por 120 dias (ou quatro meses) de alunas a partir do 8° mês de gestação. Após esse período, a estudante-mãe voltou às aulas, e agora com um novo companheiro de sala.

— Eu perguntei antes do Jin nascer se eu poderia trazer ele, né? Se teria algum problema, porque eu tenho a mais velha em casa e ela é um pouco ciumenta com o pai, e não sabia se conseguiria colocar os dois para dormir. O pessoal super concordou, falaram que não teria problema, então eu fiquei mais aliviada por poder trazer o Jin. — Começa contando Suzan, que pára no meio da frase para pegar o seu filho no colo. — Como ele é uma criança bem calma, eu até trago um tapetinho para ele ficar e brincar no chão. Eu chego aqui cedo porque a gente vai buscar a mais velha às cinco e meia na creche, e aí eu já fico direto na Unesp. Então das 17h30 até 19 horas, ele tira um cochilo. Depois levo para sala, e lá ele brinca, dorme, passa de fileira em fileira no colo do pessoal!

16 UNESP. Reitoria. Resolução Unesp nº 79, de 25 de agosto de 2005. Dispõe sobre a aplicação do regime de exercícios domiciliares aos alunos submetidos a tratamento excepcional. São Paulo, 2005. Disponível em: https://www.itapeva.unesp.br/Home/Graduacao/resolucao-unesp-79-2005-execicios-domiciliares.pdf. Acesso em: 8 de setembro de 2023.

Créditos: Foto cedida por Suzan Ayumi Kassahara

Jin com Suzan na sala de aula.

— E o Jin gosta de vir para a aula? — Pergunto, enquanto também brinco com o bebezinho.

— Com certeza! Ele já sabe o nome de todo mundo da sala, né, filho? Ele adora! É um menino bem brincalhão, nunca estranhou, sempre vai no colo de todo mundo. Então eu acho que ele gosta sim! — Responde a mãe pelo pequeno, que no mesmo instante solta uma gargalhada, como se estivesse também participando da entrevista. Tenho a leve impressão que ele sabe que estamos falando dele.

— Como é essa experiência de ser mãe durante a graduação? — Pergunto, ainda encarando a criança.

— Ah não é fácil não, hein? Não é fácil, até porque é uma escolha minha de continuar a graduação, porque crianças demandam muita atenção, muito do nosso cuidado. Não vou falar que é fácil, até porque não vou

romantizar a maternidade, mas não é impossível, né? Não é impossível, até porque eu tenho uma rede de apoio para me ajudar. — Responde.

Além do marido, que a ajudou a não desistir da graduação, Suzan conta com o apoio da sogra, sogro e cunhada, que moram juntos na mesma casa. A conquista de uma casa própria é o próximo item na lista dos jovens pais.

— Essa rede de apoio é a parte da família do marido. Eu faço de tudo para não pedir ajuda para eles, no sentido de ficar olhando deles enquanto eu estudo, né? Até porque a mais velha ela está frequentando o Centro de Convivência Infantil, a creche da Unesp, em período integral. Então nesse período da manhã e da tarde eu consigo conciliar tudo com ele no colo, né? Até porque ele não dá muito trabalho, ele é bem tranquilo. Quando não dá, eu peço ajuda para a minha sogra ou para a minha cunhada. — Diz.

Percebo que Suzan falou sobre a relação de seu filho com seus amigos e colegas de sala, bem como a relação dele com o espaço físico - a biblioteca, a sala de aula e etc - da Unesp, mas ela não comentou a reação dos docentes com a mais nova adição da sala.

— Em um geral, os professores aceitaram bem. Mas teve uma situação, quando o Jin estava um pouco mais exaltado, e o professor chamou minha atenção, ele disse basicamente que 'se continuar assim agitado vai ser um pouco difícil de continuar a aula', mas ele só deu a entender, sabe? Ele não falou para eu parar de trazer ele nem nada, até porque ele tem uma filha. Eu entendo o lado dele, e ele também entende o meu, né? — Conta Suzan, que parece um pouco desconfortável em tocar no assunto.

O comentário do professor aconteceu no fim de uma aula, onde nem todos os estudantes estavam presentes. Suzan entendeu o lado dele. Seus colegas não. Uma das suas amigas, que presenciou as observações do professor, decidiu contar

o ocorrido no grupo de mensagens da sala, o que causou uma comoção. Todos então decidiram escrever uma carta e assiná-la coletivamente, condenando a fala do professor e reiterando a importância do Jin dentro da sala de aula.

Jin com uma colega de sala de Suzan, durante uma aula.

Créditos: Foto cedida por Suzan Ayumi Kassahara

— Foi uma surpresa para mim, porque não foi só pelo Jin, né? Foi por mim também. — Comentou sorrindo, a ideia de que ela tenha recuperado um pouco da sua individualidade, muitas vezes esquecida por jovens mães, também me faz sorrir. — Todo mundo achou um absurdo, mas eu falei que estava tudo bem, que eu compreendo o ponto de vista do professor, mas o pessoal não gostou muito da atitude e da maneira que ele falou. Então foi escrita uma carta coletiva, assinada e enviada para a coordenadora do curso. Todo mundo ficou sabendo. Assim, eu acho que tem essa sensibilidade, de me apoiar mesmo que eu

tenha uma rede de apoio, e tenha escolhido tentar trazer ele, para que próxima aluna que precise trazer o filho para a sala de aula seja mais normalizado, sabe? — Continua.

O Jin e a Yuna são muito queridos pelos tios e tias honorários que encontraram na Unesp. Passado de colo em colo, Jin encanta calouros e veteranos, assistindo mais aulas que alguns alunos matriculados.

— E a Unesp? Como ela te apoia? — Pergunto, preocupada.

— De certa forma sim, né? Até porque existem as políticas públicas de licença maternidade e o auxílio maternidade também. Mas se a gente for pensar em questões de estrutura, é um pouco mais difícil. Não tem um fraldário para trocá-lo no banheiro ou algum cantinho para deixar ele em sala de aula, né? Não tem um espacinho para ele ficar no chão, até porque não é um espaço para as crianças. Mas como meu curso só tem de noite, então não tem nem como deixar lá no na Gente Miúda.

O **Centro de Convivência Infantil (CCI)** Gente Miúda é a creche da Unesp de Bauru, voltada para filhos de alunos, professores e funcionários do campus. O CCI proporciona os cuidados básicos e gratuitos a crianças de 3 meses a 3 anos e 11 meses, em período integral (das 7h30 às 18h00) ou reduzido (das 7h30 às 12h00 ou das 13h30 às 18h00). A ideia é promover o desenvolvimento dessas crianças, de uma forma lúdica, livre e divertida.

— Não foi fácil colocar a Yuna no Gente Miúda, porque ela é um bebê de pandemia, sabe? A parte de socializar é um pouco mais difícil para ela, mas a gente começou a ir pouco a pouco. Começamos com meio período, depois que a gente viu que ela estava se adaptando e não estava mais tão relutante para ir para lá, a gente decidiu colocar no integral. — Confidência Suzan, enquanto amamenta Jin. — Temos planos de colocar o Jin lá quando ele completar um ano. Não queria colocá-lo com três meses, uma escolha minha mesmo, por querer acompanhar esse processo dele começar a comer, andar, engatinhar, falar. Eu preferi que ele ficasse um ano comigo, juntinho.

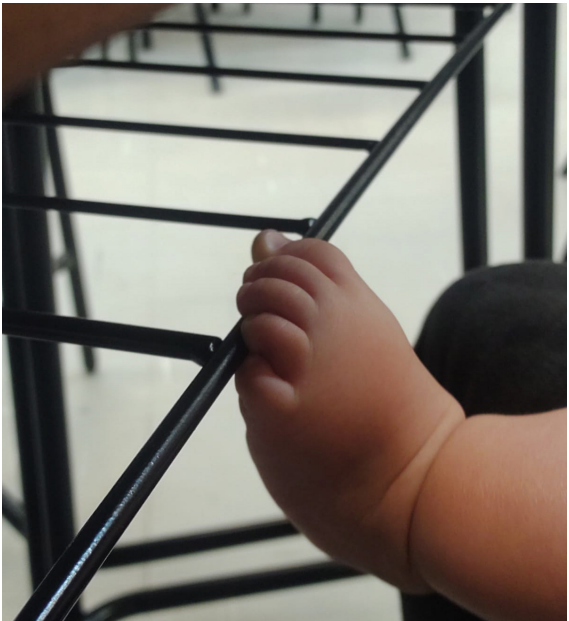
— E como você se sente com tudo isso? — Pergunto, insegura do que eu estou querendo dizer. Mas ela entende.

— Muito feliz, até porque essa é a minha primeira graduação. Estou me descobrindo, tá sendo um processo de autoconhecimento, né? Eu estou gostando de ser mãe, sem qualquer romantização. Eu gosto do curso de Pedagogia. Eu acho que para mim apesar de estar sendo corrido tudo mais tá sendo maravilhoso. — Finaliza.

A biblioteca começa a encher, e outros alunos, já acostumados com a presença de Jin, decidem brincar com ele. Isso me dá alguns minutos a sós com Suzan, que vigia o filho a distância. Agradeço pela entrevista, mas também por me ensinar que nada é impossível, principalmente para uma mulher.

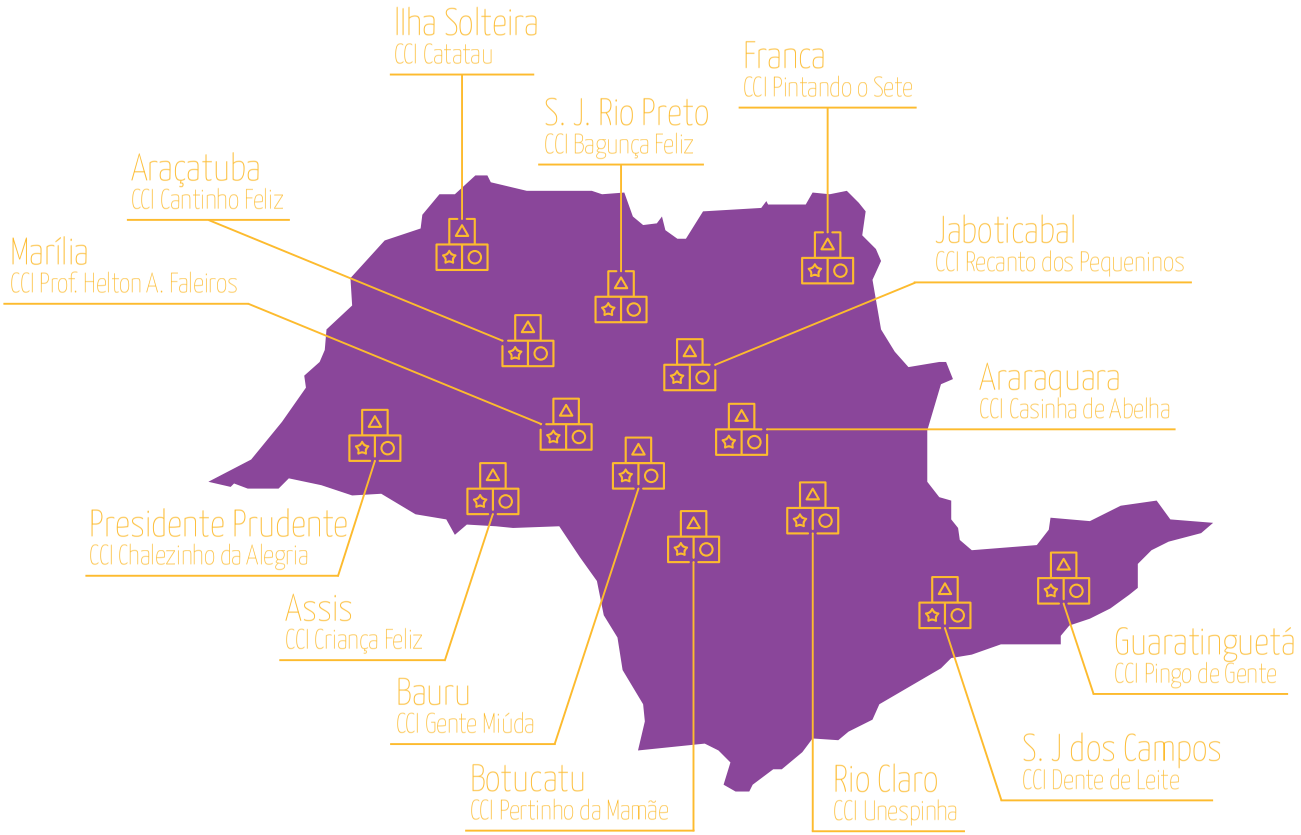
Depois da nossa conversa, me pego pensando no CCI Gente Miúda. Primeiramente, o nome fofo me intriga, então decido pesquisá-lo. Descubro que a Unesp de Bauru não é a única unidade que possui tal projeto, nem é a única que tem um nome encantador.

Pé de Jin encostado em uma das carteiras da sala de aula.



Créditos: Foto cedida por Suzan Ayumi Kassahara

CCIs - Centros de Convivência Infantil da Unesp



©Bárbara Beline

*Dados obtidos em 2023.

Mando um e-mail diretamente para a coordenação do CCI. A minha ideia é tirar algumas dúvidas simples sobre o Gente Miúda, mas me surpreendo com o convite de ir conhecer o local e conversar pessoalmente. Digo sim, sem pensar duas vezes.

O CCI está localizado na mesma avenida do câmpus da Unesp de Bauru, na frente da Faculdade de Engenharia e ao lado do Laboratório de Engenharia Mecânica. Quem me estendeu o convite foi a agente de desenvolvimento infantil e supervisora Izabel Priscilla Teodoro Souza, que trabalha há 13 anos na instituição.

— O CCI foi criado a princípio para atender mães trabalhadoras da universidade, então funcionárias, há mais ou menos uns 30 anos. Começou bem pequeno, aí depois, com lutas e reivindicações foi se expandindo, começando a atender também pais, docentes, servidores técnicos administrativos e, finalmente, alunos. Para cada designação, existe uma porcentagem de vagas reservadas, então a maioria das vagas é reservada para servidores, cerca de 70%, 20% é para docentes, e 10% para os alunos. — Conta Izabel, de 42 anos.

Além de se encaixar nessa porcentagem, para colocar um filho no Gente Miúda é necessário passar por uma entrevista com a assistente social da Unesp e fazer uma avaliação socioeconômica, onde todos os interessados são classificados de acordo com essa análise e o número de vagas, em que os mais vulneráveis têm prioridade.

— Hoje estamos com 32 crianças matriculadas, mas nós já atendemos um número maior. E aqui a gente tem um espaço bem amplo, né? — Diz Izabel, apontando para o parquinho arborizado através da janela — A gente trabalha atualmente com a primeiríssima infância, que são crianças de três meses a três anos e onze meses, já que hoje uma criança deve estar matriculada em uma escola a partir dos 4 anos. Então aqui nós não somos professoras de educação infantil, nós somos

agentes de desenvolvimento infantil, nós passamos por um concurso onde foi exigido o curso de Pedagogia, só que a nossa nomenclatura não é de professora.

— Existe mais demanda do que vaga? — Pergunto.

— Olha, nós já tivemos momentos de ter uma fila de espera grande, mas agora estamos conseguindo atender dentro da expectativa, então vamos passar por um processo seletivo para o próximo ano, e eu acredito que vai dar para atender todos os interessados. — Diz a educadora.

Sala do CCI Gente Miúda

Créditos: Foto feita por Bárbara Cardi Camarini

— Como o CCI é financiado? E por que tem esse nome, Gente Miúda? — Continuo minhas perguntas rapidamente.

— A Unesp repassa uma porcentagem de dinheiro público para a alimentação, manutenção e salário. Mas o CCI também tem uma Associação de Pais, que contribuem voluntariamente todo o mês com uma quantia em dinheiro, para conseguir comprar materiais, que por questões burocráticas a Unesp não pode comprar. — Diz, se levantando, começando a me mostrar as salas do CCI — Já o nome, eu não sei te dizer de onde vem, mas eu acho muito bonitinho!

Ela pode não saber, mas Maria Luiza Moraes Prado, assistente social da Unesp há 45 anos, sabe.

— Fui eu que implantei a creche em 1988. Fiz todo o projeto. Todo mundo chamava o CCI de creche, já que não tinha nome. Então fizemos uma votação entre a gente mesmo, e ao mesmo tempo eu tinha visto uma propaganda de alguma coisa, que chamava as crianças de gente miúda. Não sei o quê. Mas o nome pegou! — Diz Maria Luiza.

Na época, para o CCI receber verbas da Unesp, ele precisava primeiro ser montado e equipado. Então os novos funcionários da Unesp, liderados por Maria Luiza, arrecadam o dinheiro necessário para começar.

— Os meus dois filhos ficaram na Gente Miúda. Hoje, o mais velho tem 35 e o caçula 33 anos. Teve uma época que ele era considerado um dos melhores centros de convivência da cidade e era bem diferenciado. Todo mundo queria vir para o CCI da Unesp. — Continua a assistente social. — Nós já sofremos muito com a falta de professoras, inclusive teve uma época que a associação dos pais teve que pagar o salário dessas funcionárias. Nossa, passamos por muitas coisas! O tempo todo fazendo promoção para ter dinheiro para poder manter o projeto.

Perto de se aposentar, Maria Luiza me recebe na Seção Técnica de Saúde (STS), ao lado do CCI, um dia depois da

minha conversa com Izabel. Ela está feliz em me contar o que sabe, e mais anima ainda pela possibilidade de me ajudar neste livro. Nossa conversa é fluida, e me sinto em um café da tarde com uma amiga. Passamos uma hora conversando e seu amor pelo Gente Miúda me lembra da conversa com Izabel, que terminou com um passeio pelas salas cheias de brinquedo e com uma declaração.

— O CCI é muito importante para a universidade e para muitas mães, que são eternamente gratas por cuidarmos de seus filhos. Queria poder dar esse carinho para todas as crianças. Espero que a gente seja visto com bons olhos por vocês! — Exclama a supervisora Izabel.

Bolsas na frente da sala do CCI Gente Miúda

Créditos: Foto feita por Bárbara Cardi Camarini

Todos alunos da Unesp, mesmo aqueles que não têm filhos, apreciam o CCI Gente Miúda pelo que ele é, e pelo que representa. Isso é especialmente verdade para a doutoranda em Comunicação Cassiana Anunciata Caglioni, de 42 anos, que deixa seu filho Joaquim todos os dias aos cuidados de Izabel e das outras educadoras.

— Olha, não sei se tem isso em outras universidades, mas eu nunca me senti tão com os meus direitos garantidos, como me sinto estando na Unesp. Eu vejo todo esse apoio como uma coisa humana, sabe? Digna. Não tem um dia que eu não saio do CCI e não penso 'poxa, isso que é dignidade, é assim que deveria ser para todo mundo!' — Confessa a pós-graduanda.

Cassiana é casada há dez anos, e veio para a cidade de Bauru em 2017 para começar o mestrado na Unesp de Bauru. Três anos depois, o casal planejou ter um filho, mas sofreram uma perda gestacional.

— Quando eu saí do mestrado, entrando para o doutorado, eu estava com quase 39 anos. A gente tinha planos de ter filhos, mas eu tinha adiado um pouco justamente por conta da vida profissional e da vida acadêmica. Então no começo de 2020, quando começou a pandemia e tudo era remoto, decidi tentar. Só que tive um aborto espontâneo. Foi um período bastante difícil também, porque é uma parte da maternidade que às vezes é invisível, foi um luto muito grande e depois de uns quatro meses mais ou menos, a gente engravidou do Joaquim. — Revela Cassiana, com uma voz triste. — Então o Joaquim foi muito esperado, muito querido, muito planejado. Ser mãe dele é uma honra e uma benção!

Estamos conversando por uma chamada de vídeo, em um sábado à tarde, enquanto Joaquim está cochilando. O sinal da internet está ruim, causando algumas falhas na comunicação, mas continuamos nossa conversa. Temos quarenta minutos até que ela precise continuar sua rotina de mãe, professora e aluna. Tento ser rápida, antes que a internet caia.

— Qual a sua maior dificuldade sendo mãe durante o doutorado? — Pergunto rapidamente.

— A gente não tem uma rede de apoio aqui em Bauru, né? Digo de familiares mesmo, porque pai e mãe não dá nem para a gente considerar. Rede de apoio é outra coisa, acho que isso é a parte mais complicada. E, assim, eu sempre fui muito bem acolhida pela minha orientadora... — Começa Cassiana, com uma voz de choro — Desculpa, eu fico até emocionada em falar da minha orientadora, porque ela também é mãe, e me ajudou muito. Ano passado eu estava bem ansiosa, por conta de problema financeiro e de não estar dando conta, né? De tudo que eu precisava, tanto do doutorado, quanto com Joaquim, foi ela que me ajudou. Ela que falou do CCI, do auxílio maternidade. Eu nunca tive uma cobrança que não fosse genuína, ou um conselho maldoso, pelo contrário, eu sempre fui muito acolhida por ela.

O preconceito contra mães ou mulheres que querem ser mães no mundo acadêmico ainda existe. Muitas vezes, os perpetuadores dessa hostilidade nem tentam esconder suas intenções.

— Durante o período que eu tive a minha perda gestacional, eu até tentei entrar em um programa de doutorado em uma outra universidade. Eu participei do processo seletivo e na hora da entrevista, o entrevistador, um homem me falou assim 'Ah, você é casada né? Tá pensando em ter um filho logo?'. Naquele momento, para mim, eu me senti muito julgada. Não compreendia o porquê da pergunta, sabe? E, assim, claro que existe uma demanda grande na produção de conteúdo, principalmente nesses primeiros anos da pós-graduação, mas que quando a gente tem um apoio, quando temos compreensão, isso flui de uma maneira emancipadora. — Diz.

— O que você quer para a sua vida daqui para frente? — Questiono.

— Olha, depois da maternidade eu tenho pensado muito em algo que eu não pensava antes, que é na questão de uma estabilidade profissional. Penso também no futuro do Joaquim. Então já fico pensando que tipo, quando acabar meu doutorado, talvez eu não tenha mais a vaga dele no CCI, e tudo mais. Eu acabo meu doutorado no começo de 2025, então tenho mais um tempinho, mas cabeça de mãe não para, já to pensando longe.

Violência de gênero

A violência contra mulher, seja ela sexual, física ou psicológica, ainda é um problema na sociedade brasileira. Segundo a quarta edição da pesquisa "Visível e Invisível: a Vitimização de Mulheres no Brasil", realizada pelo **Fórum Brasileiro de Segurança Pública** e pelo **Instituto de Pesquisa Datafolha**[17], foram registrados, em 2022, o maior número de estupros e estupro de vulnerável[18] da história, com quase 75 mil vítimas, equivalente a um caso registrado a cada 7 minutos no país.

A pesquisa revelou ainda que 28,9% das mulheres no Brasil sofreram algum tipo de violência de gênero em 2022. Para colocar esse número em perspectiva, é como se fosse um estádio de futebol com capacidade para 50 mil mulheres vitimizadas, lotado, todos os dias.

17 Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **Visível e Invisível:** a Vitimização de Mulheres no Brasil. Brasil, 2023. Disponível em: https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/03/visiveleinvisivel-2023-sumario-executivo.pdf. Acesso em 8 de setembro de 2023.

18 Estupro de vulnerável, previsto como crime no artigo 217-A do Código Penal, é caracterizado por uma relação de poder, na qual a vítima se encontra em uma situação de vulnerabilidade. Esse estado decorre de 3 circunstâncias: a vítima é menor de 14 anos, portanto ainda não completou o seu desenvolvimento físico e psíquico; quando esta não pode oferecer resistência; alguém que, por enfermidade ou deficiência mental não possui o necessário discernimento para a prática do ato sexual.

A forma mais comum de violência contra a mulher é a **importunação sexual**[19] - ou ainda o **assédio sexual**[20] - que se caracteriza pela abordagem grosseira, intimidação, ofensas e propostas inadequadas com a intenção de subjugar e amedrontar a mulher, bem como a prática de um ato libidinoso (que tem objetivo de satisfação sexual) na presença de alguém, sem sua autorização.

A pesquisa mostrou que 30 milhões de mulheres brasileiras relataram ter sofrido algum tipo de assédio e/ou importunação sexual em 2022. Dessas, 26,3 milhões de mulheres ouviram cantadas e comentários desrespeitosos na rua, equivalente a 41,0% das denúncias; 11,9 milhões tiveram esse tratamento desrespeitoso inserido no ambiente de trabalho (18,6%); 8,2 milhões de mulheres foram assediadas fisicamente no transporte público (12,8%); E 7,2 milhões foram abordadas de maneira agressiva em uma festa (11,2%).

Com uma soma básica, os dados parecem não bater. Até se levar em conta que, em média, cada mulher entrevistada sofreu quatro episódios de violência por ano. Entre mulheres divorciadas a média foi de 9 agressões.

Esses dados assustadores não deveriam ter um lugar em um livro sobre cultura universitária, se não fosse um detalhe: essa violência também está presente dentro das universidades.

O Instituto Avon e o Data Popular realizou em 2015 uma pesquisa sobre "violência contra a mulher no ambiente

19 A importunação sexual, previsto como crime no no Código Penal pela lei 13.718 de 2018, é definida como: "praticar contra alguém e sem a sua anuência ato libidinoso com o objetivo de satisfazer a própria lascívia ou a de terceiro". Esses atos incluem toques indesejados, encoxadas, beijos, lambidas, masturbação e até ejaculações.

20 O assédio sexual, previsto como crime no artigo 216 do Código Penal desde 2001, se caracteriza pelo ato libidinoso sem o consentimento da vítima, cometido por pessoa que tenha relação hierárquica ou de subordinação, muito comum no ambiente de trabalho. A pena é aumentada se a vítima é menor de 18 anos.

universitário" com mais de 1.800 universitários de graduação e pós-graduação de todo o país[21]. Os dados revelaram que 67% das mulheres entrevistadas disseram já ter sofrido algum tipo de violência (sexual, psicológica, moral ou física) praticada por um homem no ambiente universitário, e 56% já sofreram algum tipo de assédio sexual. Já a violência sexual direta, como estupro, tentativa de abuso enquanto sob efeito de álcool, ser tocada sem consentimento e/ou ser forçada a beijar, foi sofrido por 28% das entrevistadas.

— Na minha experiência, a gente tem essa ideia errada de que quem importuna sexualmente numa festa são as pessoas de fora, por exemplo, são os 'bauruenses' ou não universitários. O pessoal coloca o preço mais alto nas festas para quem não é universitário, para barrarem essas pessoas e fazem essa segregação, mas a maior parte das importunações foram feitas por universitários. — Conta Caroline Oréfice Demétrio, jornalista formada em 2019 pela Unesp de Bauru. — Eu só não digo 100%, porque eu não consigo te dar essa certeza. Mas uns 80% eram estudantes da Unesp, majoritariamente pessoas com condição financeira alta, brancas, que sabiam que iam se safar. A gente viu, em muitos casos, pessoas que tinham plena consciência de que nada aconteceria com elas.

Caroline acompanhou de perto o problema da violência contra a mulher nos seus anos de graduação. A mesma é co-fundadora do Aliança, um grupo de meninas que se uniram para tentar ajudar mulheres que sofriam algum tipo de violência dentro e fora dos espaços universitários.

— Em 2019, eu fazia parte da Liga com a minha república feminina, chamada 'Arrependidas', e a gente participava

[21] Instituto Avon/Data Popular. **Violência contra a mulher no ambiente universitário.** Brasil, 2015. Disponível em: https://assets-dossies-ipg-v2.nyc3.digitaloceanspaces.com/sites/3/2016/09/Pesquisa-Instituto-Avon_V9_FINAL_Bx-2015-1.pdf. Acesso em 8 de setembro de 2023.

ativamente. Inclusive, uma das minhas amigas que morou comigo era parte da organização da Liga. — Lembra Caroline, olhando pela janela de vidro. Estamos no segundo andar da sua loja de produtos veganos e naturais, em Bauru. O dia está chuvoso e frio, e Caroline tira alguns minutos para falar comigo entre a organização de um produto e a postagem nas redes sociais de outro.

A liga a que Caroline se refere é a **Liga das Repúblicas de Bauru**, que nada mais é que um grupo formado por mais de 40 repúblicas bauruenses que ajuda na organização, divulgação de vagas e ações sociais envolvendo as repúblicas de Bauru.

— O pessoal tinha dado uma ideia de que precisava de uma representação para as repúblicas femininas. E aí nisso uma das minhas grandes amigas até hoje, a Peppa, falou 'Office é sua chance, vamos nessa! Vamos fazer parte, vamos puxar esse projeto, vamos ver como funciona.' — Conta Caroline, que na sua época de estudante era chamada de Office após uma confusão com o seu sobrenome "Oréfice". — A Peppa forneceu a casa da república Mocó pra gente fazer a primeira reunião com as meninas, e falamos 'gente, temos que entender o que a gente tem, qual é nossa maior necessidade? O que dá para fazer?' E foi um bate-papo mesmo, e ali surgiu a Aliança.

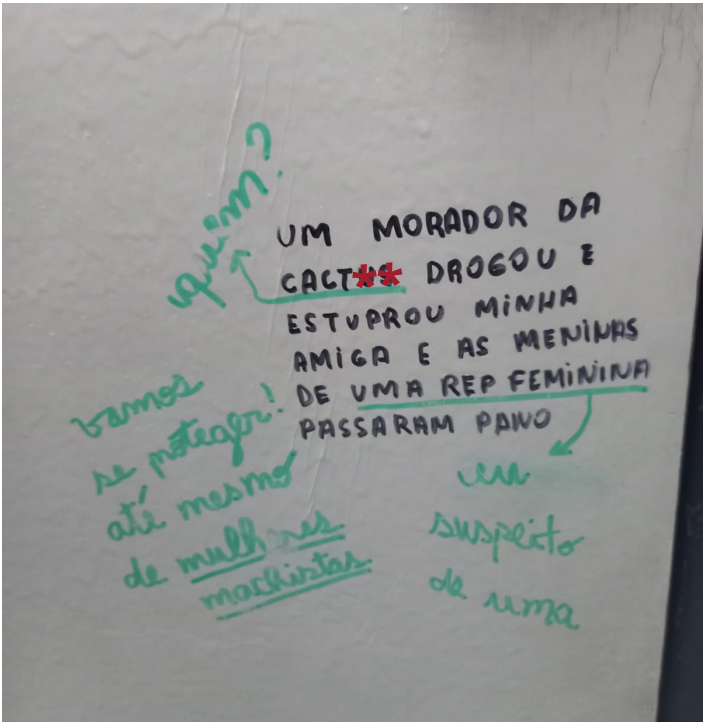
A Aliança era um sub-divisão dentro da Liga das Repúblicas de Bauru, onde as repúblicas femininas se uniram não só a partir da necessidade de um espaço seguro para poder fazer denúncias, conversar, alertar sobre comportamentos masculino, mas também para poder dialogar sobre festas e eventos.

— Além das denúncias, a gente se reuniu para se ajudar, sabe? Para podermos organizar o calendário de festa das nossas repúblicas femininas, de modo que uma não bateria de frente com a outra. Porque nós já éramos menores, é muito difícil na cultura de repúblicas você ficar maior do que uma república masculina, é só ver o tanto de nome grande

de repúblicas masculinas que tem. Às vezes essas repúblicas tem 20 anos de existência, e eles consomem aquelas datas principais como se só eles existissem. — Diz.

Foi usando da sororidade - entendida como a união de mulheres, proteção, apoio mútuo em casos de violência de gênero - que a Aliança cresceu e começou a ter duas frentes: A primeira constituía em reuniões e encontros de mulheres, onde denúncias, desabafos e histórias eram contadas.

Denúncia feita na porta do banheiro feminino do Mundo Perdido.



Créditos: Foto feita por Bárbara Cardi Camarini

— Eu acredito que foram em torno de 15 meninas na primeira reunião para debater mais sobre como o assédio acontecia na vida de cada uma. Porque aí a gente estava falando também de intersecções que existem, como o da mulher branca, da mulher negra, da mulher lésbica, da mulher bisexual e por aí vai! A gente tem várias intersecções então cada uma dava o seu relato a sua experiência sua vivência com relação ao assédio que sofria. — Conta a jornalista-empresária — Todas aquelas meninas ao meu redor já tinham sofrido importunações sexuais ou estupro. Foi por isso que decidimos criar a Aliança.

A segunda forma de ação que a Aliança achou foi em palestras e conversas com repúblicas masculinas, para orientar a maneira certa de agir em cada caso, e, literalmente, como não assediar ou estuprar pessoas.

— A gente tinha uma planilha de quase todas as repúblicas masculinas de Bauru. Tenho certeza que não eram todas, por que Bauru é uma cidade universitária que tem em torno de 30 mil universitários, mas tínhamos muitas repúblicas. A gente fez uma listagem das que conhecíamos e separamos as meninas que iriam conversar com cada uma delas, de forma presencial e remota, antes e durante a pandemia. Mas chegou num ponto que a gente percebeu que estávamos tirando uma, duas, três horas no nosso dia, organizando conteúdo, criando manuais, para ninguém prestar atenção. Mais de uma vez conversamos com várias repúblicas, mais de uma vez colocamos nossas advogadas para conversarem sobre o fato de muitos caras, por exemplo, tirarem a camisinha no meio do sexo, e que isso também é crime. Eles sabem que não é não, eles têm informação, eles só não querem ouvir. É um crime! Não dá para falar que é um erro, e a gente nunca usou esse termo, sempre foi 'vocês estão cometendo um crime. Vocês precisam entender isso!' Só que não funcionava. Então, a gente começou a investir nosso tempo, esforço e possível dinheiro no nosso time de advogados, já que a gente não vai conseguir pelo diálogo,

vamos pela justiça! E essa foi a forma que a gente encontrou. — Fala Caroline, indignada.

Naquele momento, as meninas da Aliança começaram a fazer pressão nas repúblicas que acobertavam casos de estupro e assédio. A ideia era que, em grupo, elas teriam uma voz maior. Pensando nisso, e na saúde e bem estar das universitárias, a Aliança começou a criar as tendas de acolhimento em festas realizadas por repúblicas.

Essas tendas constituíam em um lugar reservado para mulheres procurarem ajuda caso se sentissem coagidas, desrespeitadas ou agredidas no evento. A ideia era criar um lugar onde essas mulheres pudessem recorrer dentro da festa. Após um tempo, também foram desenvolvidas as rondas, onde algumas dessas voluntárias ficavam circulando o evento e garantindo que ninguém estivesse sendo agredido longe do olhar da tenda.

— As tendas de acolhimento eram gratuitas, movidas 100% por voluntárias. A única coisa que a gente pedia em troca para a organização do evento era transporte e alimentação, só. Todas as meninas que trabalhavam nessas tendas estavam lá para proteger outras meninas e porque elas queriam um ambiente mais seguro para as outras pessoas. Começamos aos poucos, a primeira república a adotar as tendas foi a Sansara, e demorou um pouco para construirmos uma relação com a equipe de segurança, mas no final do ano já tínhamos um diálogo muito bom com esses seguranças, que expulsavam imediatamente os assediadores da festa. — Lembra Caroline, que me pede um minuto para resolver um problema.

Enquanto espero, tento recapitular o que é a Aliança: Elas começaram como um grupo de apoio para mulheres que tinham sofrido alguma violência no espaço das repúblicas de Bauru. Depois, passou a conscientizar sobre o assédio nas repúblicas masculinas e entre universitários no geral, o que não deu certo. Após essa falha, decidiram prestar

um serviço de acolhimento, completamente gratuito e voluntário, no lugar onde mais eram relatados estes casos: as festas universitárias. Tudo isso dentro de um ano.

— Chegou um momento em que o projeto passou a ter auxílio jurídico e psicológico, a gente trabalhava com duas advogadas e três psicólogas que davam todo esse auxílio. Então chegava uma mulher que tinha sofrido um assédio ou uma importunação sexual, e a partir daquele momento a nossa equipe tentava ajudar, marcando psicóloga para uma sessão de terapia de emergência, uma advogada para saber seus direitos, de como denunciar, como fazer boletim de ocorrência, corpo de delito e etc. A gente dava esse auxílio para qualquer mulher que pedisse, mesmo que a agressão não tivesse acontecido em uma república ou festa. Nós estávamos lá.

Quando um caso de importunação sexual ou estupro chegava a Aliança, com uma vítima que queria denunciar, o projeto pegava na mão dessa mulher e ajudava em todas as etapas.

— A Aliança fazia o caminho completo, desde pegar a menina que queria denunciar na casa dela, até levar na delegacia e auxiliar em todo o processo de denúncia. — Conta Caroline. A chuva diminuiu, e consigo ver alguns clientes entrando na loja do primeiro andar. — O processo de denúncia é muito complexo. As pessoas não querem que você denuncie, elas vão dificultar a sua vida. Aliás, a primeira vez que a gente foi fazer uma denúncia foi muito difícil achar a delegacia da mulher em Bauru, porque o endereço no site não bate com o local. A gente foi em absolutamente todas as delegacias de Bauru, e uma jogava para outra. Tudo isso era bancado pela Aliança, a gasolina, o Uber e tudo mais. Acabamos voltando para a primeira delegacia, tinham mentido para gente. Aí veio o segundo problema, a pessoa que foi ouvir a denúncia era um homem, e nem sempre a mulher que acabou de sofrer uma importunação

vai se sentir confortável de denunciar para um homem. Depois disso, o delegado também era um homem, o que fez a vítima se sentir desconfortável mais uma vez. Todo esse processo é muito difícil, se você vai sozinha, ele se torna praticamente impossível. É muito complexo você pedir para uma vítima ter a coragem e a força de fazer tudo isso sozinha, é basicamente você jogar tudo no colo dela e falar boa sorte! É retraumatizar essa mulher.

— E vocês conseguiram responsabilizar alguém por essas importunações? Conseguiram ganhar algum processo? — Pergunto com esperança. Para mim, a ex-unespiana na minha frente é o mais perto de uma super heroína que já conheci.

— O processo de importação sexual e de estupro é muito longo, justamente para vítima não ficar até o final. Quer dizer, não posso afirmar isso, mas eles são longos. Geralmente eles levam anos até acontecer algo, é só pegar o caso da Mari Ferrer[22], por exemplo. Ela foi desacreditada a todo momento! A gente nunca conseguiu chegar até o final, mas temos boletim de ocorrência registrado. Temos vários inclusive, alguns a nível criminal. Mas ainda não teve um desenvolvimento quanto a isso. Tivemos vários corpos de delitos realizados, em que acompanhamos as vítimas até onde poderia acompanhar, mas nada desenrolou. A gente faz muita coisa para que nada aconteça. E esse é o grande problema, a gente acaba fazendo

22 Mariana Ferrer era influenciadora digital e trabalhava como promoter de uma casa noturna, quando em dezembro de 2018 ela foi dopada por um homem que lhe ofereceu uma bebida "batizada", durante um evento em seu local de trabalho. Em seguida, ela foi levada a uma sala da boate e estuprada. Após a denúncia, o caso demorou a ser julgado, e o réu foi inocentado por falta de provas, mesmo que o DNA dele tenha sido encontrado dentro da vítima.

Na época do julgamento do caso da Mari Ferrer - que só aconteceu em 2020 - o juiz Rudson Marcos, da 3ª Vara Criminal de Florianópolis, acatou a tese de defesa do acusado, se referia o crime como um "estupro culposo", que em termos jurídicos seria um estupro sem intenção. O termo não está presente nas páginas do processo, mas a ideia está subentendida. Mari ainda foi desacreditada durante todo o julgamento e o advogado do réu fez comentários como "não gostaria de ter uma filha 'no nível' dela", e após mostrar algumas fotos do Instagram da vítima, disse que Mariana tirava fotos em "posições ginecológicas" e "chupando o dedinho".

tudo isso e a vítima se sente desmotivada, ela fala 'olha até onde eu cheguei com isso para nada acontecer'. Infelizmente, nunca chegou ao ponto de a gente poder comemorar uma vitória, de que a justiça foi feita, que é o máximo que dá para fazer, né? O trauma não vai embora. Hoje em dia eu não sei como estão as coisas, pois eu não faço mais parte da cultura universitária. Mas o que eu posso dizer é que em 2019 as meninas estavam extremamente engajadas. — Conta Carolina, que sabe mais sobre a cultura universitária da Unesp que muita gente, já que sua mãe também é um ex-unespiana. Ela literalmente cresceu para estudar na Unesp.

Infelizmente a Aliança não existe mais. Não consegui descobrir ao certo por que o grupo deixou de existir, mas suspeito que seja um misto de culpa de uma pandemia que impossibilitou vários dos serviços prestados, e a necessidade de adaptar o que era feito, e desvincular a Aliança do espaço das repúblicas. Mas ainda existe esperança.

— Da Aliança surgiu a Loba, uma associação gerida pela Marjory Frojoni, que participava da Aliança em 2019. A ideia era criar uma empresa que prestasse esse serviço das tendas de acolhimento, mas que pudéssemos cobrar desses eventos por esse serviço. Todo o dinheiro arrecadado é revertido de volta para a associação, com a contratação de mais psicólogas e advogadas, bem como na capacitação das voluntárias. Me orgulho muito dessa associação. — Explica.

Me despeço de Caroline e encaro a chuva forte caindo do lado de fora. Não me abalo. Ainda estou pensando em tudo que ela me disse, mas principalmente sobre a Loba e o nome da sua fundadora. Marjory Frojoni. Que, surpreendentemente, faz parte da minha turma de Jornalismo.

No dia seguinte, encontro ela em sala de aula, e logo peço uma entrevista. Ela aceita sem hesitar, mas pede para realizá-la por vídeo chamada, já que está com uma viagem marcada para Joinville, em Santa Catarina, para filmar um documentário sobre balé, que foi apresentado como seu TCC.

É a sigla para Trabalho de Conclusão de Curso, um trabalho acadêmico de caráter obrigatório e instrumento de avaliação final de um curso superior.

— Por que criar o Loba? — Pergunto assim que a conexão da internet se firma.

— Eu tive um problema com um cara, uma agressão, em 2019. Eu namorava na época, tinha mudado recentemente para Bauru, e um cara tentou me beijar e eu disse não. E ele reagiu muito mal, tentou me agredir porque eu não queria ficar com ele. Era uma das primeiras festas que eu estava frequentando como universitária, e isso me abalou. E aí eu comecei a procurar quem era esse cara, o que ele fazia. Eu queria fazer alguma coisa em relação a isso. Foi aí que eu achei a Aliança, mas quando eu a encontrei já tinha passado muito tempo do que tinha acontecido. — Conta Marjory.

Em 2020 a Aliança tentou se manter, mesmo com o isolamento social. As meninas apostaram em lives e postagens em redes sociais para tentar manter o projeto vivo. Inclusive, nessa época começaram a receber casos de importunação sexual virtual.

— Foi quando eu conversei com o pessoal que restou na Aliança, eu falei que 'eu sei que estamos em pandemia, mas um dia a gente vai sair, e é muito massa o serviço que a gente oferece para todo mundo. Quem precisa de ajuda recorre a gente, só que dos eventos a gente não cobra nada, né? E querendo ou não, a gente está prestando um serviço. Então acho que é o momento da gente olhar com mais cuidado para isso'. A gente nunca teve nenhuma fonte de arrecadação de dinheiro e, eventualmente a gente precisou de verba durante a pandemia. Pegamos muitos casos de pessoas que tinham perdido o emprego, o auxílio da faculdade e a gente se mobilizava, se juntava, e mandava algumas coisas para as pessoas que pediam. Começamos a pensar que a gente ia precisar de algum tipo de fonte de renda, né? Principalmente para que pudéssemos investir no projeto. E aí eu fiz essa proposta.

No final de 2021, quando as aulas presenciais e as festas voltaram, a Loba foi finalmente criada.

Créditos: Foto cedida por Marjory Frojoni

Voluntários da Loba em uma festa.

— A gente ainda faz a parte educacional, inclusive fora de Bauru. Começamos pegando eventos em Bauru, mas temos toda uma parte social, para quem precisa se informar, para quem precisa de ajuda. A gente conseguiu ajudar muitas mulheres que sofreram alguma violência em Bauru e em outros lugares que precisam de alguma orientação que queiram fazer alguma coisa em relação ao que sofreram. Então a gente já acompanhou as meninas na delegacia. A gente já orientou o que fazer depois de uma violência para muitas vítimas que nos procuraram e também ali, né? Sempre tratando na conscientização do pessoal. E, nesse

sentido, também orientei algumas meninas de Araraquara que vieram pedir ajuda, dicas e orientações sobre como a Loba tinha começado, e sobre a história da Aliança, porque havia muitos casos em Araraquara, e elas começaram um mega movimento lá, que tá dando super certo, chama 'Chama Elas'. Inclusive tiveram ajuda do Centro de Apoio da Mulher da cidade de Araraquara, estão tendo uma super ajuda da Unesp de lá, coisa que a Aliança não teve na época. Eu tô muito feliz com o trabalho que as meninas estão fazendo em Araraquara. — Comenta Marjory.

Atualmente, a Loba não está em pleno funcionamento, já que Marjory[23] está em um período transitório na sua vida, terminando a faculdade e pensando nos próximos passos. Mas ela não pensa em desistir do projeto.

— A Loba é só para mulheres? — Pergunto.

— Da organização sim, mas durante os eventos a gente viu a necessidade de contratar homens também. Então, a gente tem alguns homens que são capacitados e que trabalham durante o evento, isso porque a gente precisa fazer rondas em banheiros masculinos e também temos um público LGBTQIA+, e percebemos essa necessidade de trazer mais representatividade para dentro da tenda de acolhimento durante os eventos. — Explica.

— E qual foi o impacto da criação da Loba na sua vida? — Indago.

— Teve um impacto muito grande na minha vida. Primeiro como mulher, eu aprendi a me reconhecer, a saber meus direitos, encontrar minha voz e de lutar pelo que eu acredito. É uma das coisas mais gratificantes que eu desenvolvi trabalhando nesses dois projetos. Fora isso, eu tive um aprendizado sobre gerir a associações, prestar serviço e etc. Tudo que eu já vivi com outras

[23] Marjory Frojoni se formou no curso de Jornalismo na Unesp de Bauru em julho de 2023.

mulheres me deu uma visão, assim muito foda [*sic*]! Acho que preciso encontrar uma outra palavra, né? — Gargalha Marjory. Falo para ela que não precisa encontrar uma outra palavra. Foda [sic] descreve muito bem. — Hoje, eu tenho um aparato muito grande sobre como lidar com muitas situações que envolvem agressão contra mulher. Hoje eu sei que meu agressor não sairia impune das situações que eu passei e eu quero que outras mulheres saibam também, entendeu?

— E qual seus planos para a Loba no futuro? — Faço a minha última pergunta, pois sei que Marjory é uma mulher ocupada e precisa continuar com seu dia.

— A Loba já é muito mais do que eu imaginei. Para você ter uma noção, a gente pega eventos em São Paulo! Ela teve um crescimento muito grande. Eu também estou procurando outras pessoas para fazerem parte do projeto, então vejo mais pessoas trabalhando por ela, assim como eu trabalho e a partir daí um crescimento. Mas, em um futuro ideal, a Loba não existiria. Não teria a necessidade.

Na minha jornada para entender o violência contra a mulher dentro da universidade, abri um espaço para qualquer aluna da Unesp de Bauru que gostaria de contar sua experiência. Três se disponibilizaram.

Uma desistiu dois dias antes da entrevista, por sentir que não conseguiria lidar ao reviver o que aconteceu. Outra, após o contato inicial, não me respondeu mais. A terceira e última mulher conversou comigo, mas pediu para não ser identificada. Decido chamá-la de Dandara, que significa "princesa guerreira".

Entendo todas. Imagino a angústia de reviver momentos de sofrimento, o medo de represália e o impacto psicológico

que aparecer em um livro contando suas histórias, para que as pessoas leiam, correndo o risco de ser julgada e desacreditada. Acato todos os pedidos.

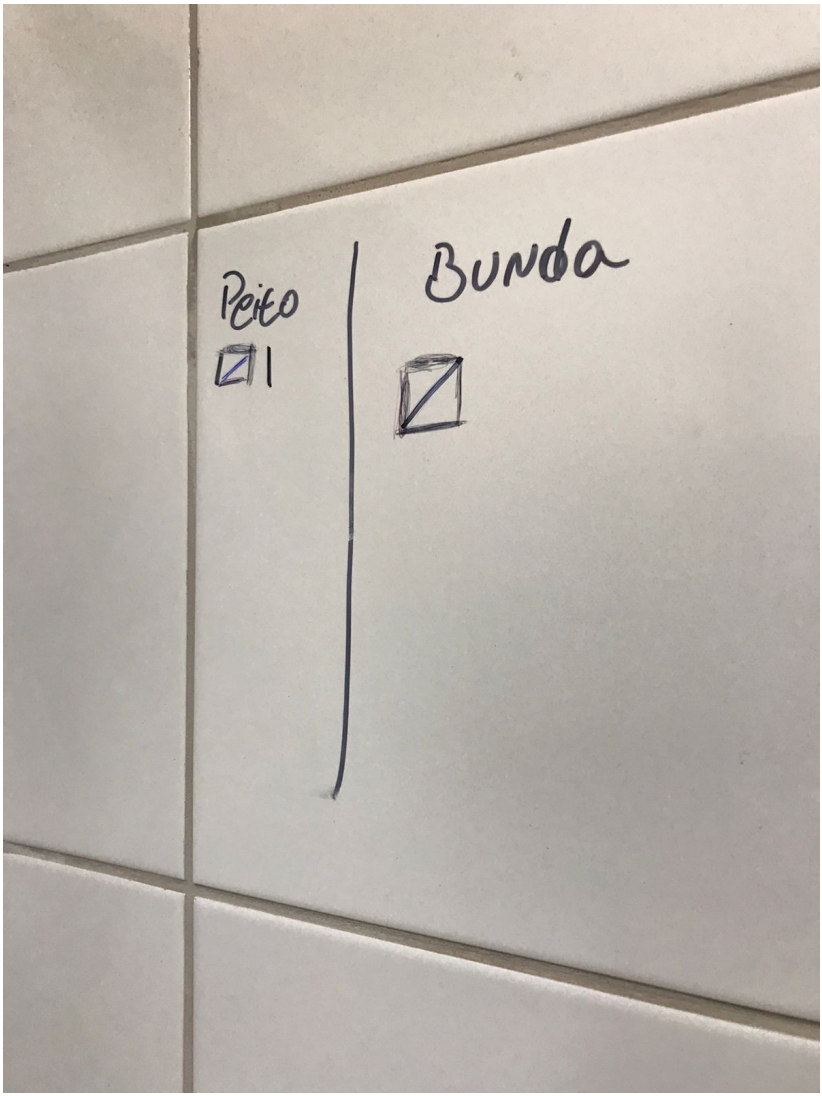
Encontro Dandara no câmpus e vamos juntas até uma das salas de estudo da biblioteca. Lá, conseguimos privacidade. Quem olhasse pela janela veria duas mulheres, alunas, conversando. Nada de mais.

Tento deixá-la mais a vontade possível, fazendo perguntas pessoais e compartilhando interesses, mesmo sabendo que não poderia usar nenhuma das informações no livro. Funciona, após alguns minutos nós duas estamos mais relaxadas e prontas para começar.

— A primeira vez que me lembro de me sentir assediada na universidade eu estava numa festa grande, da Atlética. — Começa Dandara, que está no último ano de graduação. — Eu lembro que estava perto dos banheiros e eu estava ficando com uma menina, amiga minha. E muitos caras queriam entrar no meio, vir para cima da gente. As nossas amigas de sala que estavam com a gente tiveram que fazer uma roda em volta da gente, para nos proteger, sabe? Porque os caras queriam entrar no meio, queriam tipo participar daquele momento privado. Eu sou bisexual e isso acontece muito com mulher que se relaciona com mulher, desde que as duas performem uma 'feminilidade tradicional'. E aí, assim, foi ridículo, foi um momento que você pensa, porra [sic], o que tá acontecendo aqui?

A objetificação de mulheres, sejam elas bisexual, lésbicas ou héteros, é um problema constante dentro e fora da unidade de Bauru.

Votação feita na parede do banheiro masculino na Unesp de Bauru.



Créditos: Foto cedida por Eduardo Henrique Rota Hilário

— Em uma outra festa, eu e essa mesma menina estávamos dando um beijo triplo, com um amigo nosso. E, tipo, tiraram foto, sem nosso consentimento, e mandaram num grupo da república desse menino, zoando ele, chamando ele de pegador. Mais uma vez objetificando a gente, e falando merda por que ele tá ficando com duas mulheres, é chato, sabe? — Conta Dandara, brava.

A experiência de Dandara não é isolada, ao contrário, é tão comum que também foi parte da pesquisa "violência contra a mulher no ambiente universitário"[24], que constatou que das universitárias entrevistadas 14% tiveram fotos ou vídeos repassados sem autorização, e 24% foram colocadas em rankings sem autorização.

— Eu sei que esse tipo de zoação acontece, mas a partir do momento que chegou até mim, eu me senti ofendida. Achei que foi desrespeitoso. Acabei entrando em contato com os meninos que mandaram a foto, e aí eles pediram desculpa e tiraram do grupo. Mas o estrago já estava feito. — Continua.

Gostaria de falar que essa foi a última vez que Dandara teve problemas em festas universitárias, mas estaria mentindo. O próximo caso aconteceu em uma festa de república e ilustrou exatamente o que a Aliança lutava contra.

— Ano passado eu estava de novo numa festa com uns amigos, tipo, eu sou muito amiga de alguns dos meninos de uma república. Então estamos todos lá, conversando e sendo felizes, e eu acabei ficando com um menino dessa rep. Em um outro dia, em uma festa diferente, ele já chegou dando selinho, sem perguntar se eu queria, eu já fiquei meio incomodada. Em uma terceira festa, ele veio direto em cima de mim. E aí tipo eu falei 'não, não, saí!' Eu fiquei mal o resto

[24] Instituto Avon/Data Popular. **Violência contra a mulher no ambiente universitário.** Brasil, 2015. Disponível em: https://assets-dossies-ipg-v2.nyc3.digitaloceanspaces.com/sites/3/2016/09/Pesquisa-Instituto-Avon_V9_FINAL_Bx-2015-1.pdf. Acesso em 8 de setembro de 2023.

da festa. Essa situação me fez perceber que independente de se você é amiga das pessoas de uma república masculina ou não, essa amizade só vai até certo ponto. Ali dentro ainda vão ser 13,14, 23 homens, você ainda é uma mulher. Não importa se você é amiga de um cara ou de 10, se você frequenta a casa todos ou dias ou uma vez só, você ainda é colocada em uma posição de fragilidade, está sempre sujeita a isso. Foi isso que eu aprendi dessa situação, eu posso estar errada, mas o que eu aprendi foi isso. Falei com um dos meninos da rep sobre o que aconteceu e ele não se importou. O pessoal lá de dentro soube desse assédio e eles não fizeram nada, contei para um dos meus amigos e ele basicamente disse 'Ah, é assim mesmo. Não liga para isso' — Diz, olhando para mim enquanto brinca com as mãos — Continuo amiga dele, mas já sei que ele nunca vai me apoiar. Aprendi que ele é meu amigo, mas eu sei que esse tipo de situação, eu não tenho o apoio dele, e é totalmente natural, é homem. Para mim homem é homem, eles não sentem o que a gente sente, eles não entendem o que a gente sabe sobre estar sempre em alerta, eu sei que se eu tiver aqui na Unesp ou lá fora, e você começar agir estranho porque um cara tá do seu lado, eu vou começar a ficar em alerta por você, porque a mulher sabe quando ela tem que ficar alerta pelas outras pessoas, entendeu? E os homens não sabem. Então eu aprendi que amigos são amigos, gênero a parte.

— Tudo isso que aconteceu, mudou sua vontade de ir em festas? — Indago.

— O assédio em festas, sinceramente, eu acho que a gente está acostumado. Eu realmente acho isso. A gente está acostumado a estar alerta, a gente está acostumado aos comentários, a se esquivar, a arrumar desculpas. Tipo, é super chato quando acontece. Agora, quando esse assédio vem da onde você menos espera? Esse é o pior para mim... quando aconteceu comigo, me deixou sem chão. — Responde ela, com o olhar distante.

Percebo que, dessa vez, Dandara não aparenta estar brava como ficou ao contar os outros casos de assédio que sofreu. O sentimento que consigo notar é de desconforto, mas, corajosa como ela é, respira fundo e começa a falar.

— Tinha um cara, que eu havia me envolvido em uma festa antes da pandemia. Ele era super simpático, politizado, de esquerda e todo estereotipado. Quando estávamos em lockdown, e as aulas estavam sendo online, flertamos muito pelas redes sociais. Eu considerava ele uma boa pessoa, um amigo até. Quando acabou a pandemia, ali naquele final de 2021, uma galera da Unesp começou voltar para Bauru e combinamos de sair. Chamei ele para ir lá em casa, porque tinha acabado de mudar para um apartamento novo. E aí a gente tava lá, bebemos um pouco de vinho, não fiquei nem um pouco bêbada, foi só uma taça. — Fala, com calma. Dandara não estava bêbada, mas segundo a pesquisa de 2015 do Instituto Avon, 11% das universitárias entrevistadas sofreram tentativa de abuso sob efeito de álcool. — Eu sou uma pessoa que não tem muita experiência sexual, quando chamei ele para ir pra minha casa, pensei que ele esperaria alguma coisa, mas tipo, eu não tenho obrigação de fazer nada, entendeu? Então começamos a ficar, a gente foi para o quarto e tudo mais tava rolando lá, foi quando eu falei para ele que não queria realizar o ato sexual. Eu fui clara com isso, e passei o resto da noite ouvindo coisas do tipo 'nossa, eu sabia que você era muito santinha mesmo', 'eu quero muito te comer', 'porque agora é uma meta para mim te comer' ou 'você vai para sua cidade, mas dá para ficar com ninguém, hein? Porque quando você voltar a gente vai transar'. Nisso, mais umas três vezes ele tentou transar comigo. Ele tentou de novo, e eu falei corporalmente e em voz alta, que não. Eu tinha que afastar ele, e logo ele tentava de novo. Eu estava dentro do meu quarto, na minha casa, e eu simplesmente desliguei. Quando ele foi embora, eu não conseguia processar e nem acreditar no que tinha acontecido.

— Quando a ficha caiu? — Pergunto.

— Demorou muito, quando eu comentei para os meus amigos que eu tinha saído com ele, aí nesse primeiro momento sem saber da história completa, elas falaram coisas como 'nossa, ele é uma pessoa muito legal' e tudo que eu consegui pensar 'será que sou eu o problema?' E aí eu fiquei refletindo muito sobre isso, por uma semana. Eu comecei a me sentir retraída, sabe quando alguém falou de alguma coisa que te dá nojo? Asco? Eu precisava falar quantas vezes não para ele entender? Foi quando eu contei para três amigas minhas e elas me disseram que aquilo tinha sido uma importunação sexual, foi só aí que eu percebi o que tinha acontecido. Foi meio que uma confirmação de que eu não estava louca. — Conta.

Dandara vai embora, levando com ela toda luz da sala de estudos. O sentimento que fica é o desespero, a tristeza e o medo. Respiro fundo. Fico pensando no que conversamos durante o resto da semana. Decido descobrir como a Unesp, uma instituição pública de ensino superior, lida com denúncias de violência contra mulher.

A primeira coisa que percebo é a existência da ouvidoria, uma seção obrigatória em todas as instituições públicas. Segundo o site oficial da ouvidoria da Unesp:

"Cabe ao ouvidor encaminhar as questões ou sugestões apresentadas à área competente, acompanhando a sua apreciação, além de identificar problemas no atendimento do usuário. Atua ainda na prevenção e solução de conflitos e estimula a participação do cidadão na fiscalização e planejamento dos serviços públicos. Ele deve agilizar a remessa de informações de interesse do usuário ao seu destinatário e facilitar ao máximo o acesso do usuário do serviço à Ouvidoria.

As Ouvidorias devem desempenhar as seguintes funções (ROMÃO, s/d)

- *Ouvir e compreender as diferentes formas de manifestação dos cidadãos (solicitação de informação, reclamação, denúncia, elogio e sugestão) como demandas legítimas;*
- *Reconhecer os cidadãos, sem qualquer distinção, como sujeitos de direitos;*

- *Qualificar suas expectativas de forma adequada, caracterizando as situações e identificando os seus contextos, para que o Estado possa decodificá-las como oportunidades de melhoria;*
- *Responder aos cidadãos;*
- *Demonstrar os resultados produzidos, avaliando a efetividade das respostas oferecidas e elaborando relatórios gerenciais capazes de subsidiar a gestão pública.*

(Controladoria Geral da União/ Ouvidoria, Brasília, 2013)[25]"

Entro em contato com a Profª. Drª. Cláudia Maria de Lima, que possui um currículo impressionante: É graduada em Jornalismo e Pedagogia, mestre e doutora em Psicologia Escolar pela PUC-Campinas, Livre-Docente em Mídias e Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação pela Unesp, professora do Departamento de Educação da Unesp no câmpus de São José do Rio Preto, e ouvidora geral da Unesp.

Em um primeiro momento, tento entender as funções da ouvidoria e descobrir como a mesma lida com denúncias de importunação sexual, assédio ou violência.

— Na ouvidoria nós atuamos para garantir os direitos das pessoas, sejam eles pedidos de informação, situações de denúncias, como de assédio, importunação sexual, racismo, xenofobia, homofobia, transfobia e muito mais. A ouvidoria tem uma autonomia da ação e sempre conta com o auxílio das direções de cada câmpus, das pró-reitorias e das diferentes instâncias da universidade para resolver o problema. Não somos nós que resolvemos o problema, nós o identificamos. A ouvidoria é totalmente independente. — Explica a professora.

A ouvidoria geral da Unesp está localizada na cidade de São Paulo, então converso com a Professora Cláudia via chamada

[25] Ouvidoria da Unesp. **Sobre a ouvidoria**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" [2023]. Disponível em: https://www2.unesp.br/portal#!/ouvidoria_ses/sobre-a-ouvidoria/sobre-a-ouvidoria/ . Acesso em: 8 de setembro de 2023.

de vídeo. Mesmo que a Ouvidoria Geral esteja na capital, todos os câmpus da Unesp têm um representante local. Desde o primeiro momento que entrei em contato com a equipe da ouvidoria, fui muito bem recebida. A profª. Cláudia entendeu o propósito do livro e se dispôs a me ajudar instantaneamente.

— Felizmente, dentro da Unesp a gente não tem um número grande de casos de violência. Mas também é importante entender até onde podemos atuar, não temos competência para atuar, por exemplo, nas festas universitárias. Inclusive existe uma determinação legal, por parte do Superior Tribunal de Justiça (STJ), que proíbe nossa atuação nesses casos. Podemos atuar em tudo aquilo que estiver ligado a instituição, incluindo a aula online, e-mail institucional, moradia estudantil, aulas de campo, eventos dentro da universidade com ligação direta com a Unesp, como congressos e semanas acadêmicas. Enfim, deve existir esse vínculo com a universidade, não basta que o agressor e a vítima sejam ambos alunos da Unesp. — Diz a profª. Cláudia. — Não temos competência administrativa para punir um estudante que cometeu uma violência fora do âmbito da universidade, eu sei que parece uma coisa ruim, mas temos que pensar na competência administrativa, já pensou o que ia acontecer se a gente fosse policiar todos os nossos alunos? É para isso que existe o ministério público, polícia, defensoria pública e demais órgãos responsáveis por essas áreas e assim por diante.

— O que a Unesp pode fazer nesses casos, que acontecem fora do escopo da Ouvidoria? — Pergunto, curiosa.

— O que podemos fazer é acolher a pessoa que foi vítima da violência, não importa onde ela aconteça. Hoje, nós temos a Comissão de Acolhimento que faz esse serviço. — Responde orgulhosa.

A Comissão de Acolhimento é formada por um comitê, presidido pela própria professora. Cláudia junto com a **Coordenadoria de Ações Afirmativas, Diversidade e Equidade (CAADI)** da Unesp. A Comissão é responsável

pelo centro de acolhimento, o Acolhe Unesp[26], que apoia toda e qualquer pessoa que tenha sofrido algum tipo de violência e procure ajuda. Esse apoio pode vir de várias maneiras, como o encaminhamento da pessoa para uma unidade de saúde, a assistência social da Unesp, a serviços psicológicos e o aconselhamento, sempre garantindo que a vítima entenda suas opções.

— Qualquer pessoa, não importa o gênero, pode ser atendido pelo Acolhe Unesp em situações de violência. — Relata Cláudia.

— A Comissão de Acolhimento e a Ouvidoria são algo novo? — Pergunto.

— A Ouvidoria tem 20 anos, só que efetivamente esse trabalho e toda essa questão do Acolhe Unesp, ela vem acontecendo com mais frequência nesses últimos dois e meio, três anos, com muita força. Ela assume esse caráter com mais força nesses últimos anos, principalmente após o apoio que foi dado a ela nessa gestão. Então, a ouvidoria no primeiro momento era só eu. Agora a gente tem uma equipe, temos protocolos e uma organização. A gente, efetivamente, conseguiu implementar tudo isso e fazer com que ela crescesse em termos de atendimento, né? Para você ter uma ideia, até final de maio nós tínhamos nesses dois anos e meio, entre 2021, 2022 e 2023 quase 4.500 registros até agora. Então, é um número expressivo, mas não são todas situações de violência. Eu acho que tem também a questão da credibilidade do trabalho que estamos fazendo, é lento, não é um trabalho imediato, mas é muito importante.

Desde 2017, a ouvidoria fornece, no fim de cada semestre, um relatório[27] das manifestações dos seis meses

26 Para entrar em contato com o Acolhe Unesp:
Telefone: (11) 5627-0495
WhatsApp: (11) 99931-0252
E-mail: comissaodeacolhimento@unesp.br

anteriores. No primeiro semestre de 2023 foram feitas 997 manifestações para a ouvidoria da Unesp, via e-mail, telefone, sistema Sisgrad ou presencialmente. Destas, 345 foram denúncias, 243 reclamações, 333 solicitações de informação, 20 sugestões, 19 elogios e 37 outros tipos.

Das denúncias e reclamações - as duas categorias mais importantes para o tema discutido -, 334 foram solucionadas, 13 foram solucionadas parcialmente, 62 foram encerradas, 24 foram consideradas improcedentes, 26 foram encaminhadas a outro órgão e 129 estão em andamento ou em análise.

— Não dá para saber se o Acolhe Unesp está dando certo, em questão de dados, porque é muito recente. O que a gente vê são situações individuais, onde pessoas nos procuram, pedindo ajuda e funciona. Mas não podemos publicizar essas vitórias, por ser uma questão de privacidade. Mas a gente ainda tem dificuldade de acessos, as pessoas ainda desconhecem ou desconfiam do papel da ouvidoria e do Acolhe Unesp, então é muito importante divulgar o que a gente faz. — Conta Cláudia.

O trabalho que a Unesp faz com a ouvidoria parece básico, mas os protocolos e o Acolhe Unesp são revolucionários no espaço acadêmico. A Profª. Drª. Bianca Spode Beltrame, da **Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)**, realizou uma pesquisa[28] em 2018 com 44 instituições federais de ensino superior brasileiro, para analisar os programas de prevenção ao assédio. O resultado foi chocante, 70% das

[27] Ouvidoria da Unesp. **Relatórios**. Brasil: Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" [2023]. Disponível em: https://www2.unesp.br/portal#!/ouvidoria_ses/relatorios/. Acesso em: 8 de setembro de 2023.

[28] Beltrame, B. S. **Programas de prevenção e tratamento dos casos de assédio – Benchmarking entre as IFES.** Orientadora: Silvia Generali da Costa. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Administração Pública Contemporânea) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/201742. Acesso em: 8 de setembro de 2023.

instituições não possuem qualquer medida de combate ao assédio. E, a maioria, também não desenvolve programas de prevenção aos casos ou tem protocolos para denúncias.

— Eu não posso falar pelas outras universidades, não sei se elas fazem como a Unesp, mas estamos na frente quando se trata disso. Sabemos que existem alguns trabalhos específicos, mas em relação à Comissão de Acolhimento, por exemplo, não é algo presente em vários lugares. A gente tem um caso de uma universidade em Minas Gerais que usou o nosso protocolo de atendimento de acolhimento de violência sexual, então eles nos pediram para usá-lo. E tudo isso está disponível no nosso site, e qualquer pessoa pode utilizá-lo. — Diz a professora.

— Qual a parte mais difícil do seu trabalho? — Indago.

— É lidar com o sofrimento, muitas vezes é um sofrimento que a gente não consegue atuar. As pessoas chegam com situações e histórias bastante difíceis para ela, no sentido de que vivem em situações difíceis e não necessariamente tem uma relação com a universidade, e isso me deixa bastante empenhada em tentar ajudar, mas nem sempre a gente consegue. Então acho que isso é o mais difícil, né? É querer ajudar, mas não poder.

Para denunciar qualquer violência de gênero, assédio sexual, homofobia, transfobia, racismo e/ou qualquer tipo de preconceito à Ouvidoria da Unesp, utilize o sistema da Unesp[29]. Ou mande um e-mail direto para a Ouvidoria de cada faculdade[30].

29 Para denunciar a ouvidoria da Unesp, utilize o endereço online: https://sistemas.unesp.br/ouvidoria/pages/externo/manifestacao.xhtml?idUnidade=1

30 Ouvidoria da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design: ouvidoria.faac@unesp.br
Ouvidoria da Faculdade de Ciências: ouvidoria.fc@unesp.br
Ouvidoria da Faculdade de Engenharia: ouvidoria.feb@unesp.br

Em Bauru, alguns serviços de ajuda a mulher são:

Loba Ativismo

Instagram: @lobativismo

Formulário: https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLScOWtTe6S05re5cv_R-vqu9jb47tsckULaPSGcDZOGn1JgnFA/viewform

Centro de Referência da Mulher em Bauru

R. Raposo Tavares, 11-35 - Centro, Bauru

Telefone: (14) 3227-7533

Horário de funcionamento: De seg à sex, de 08:00 às 17:00

Delegacia da Mulher em Bauru

Praça Dom Pedro II, 2-70 - Centro, Bauru

Telefone: (14) 3224-3301

Vara Especializada em Violência Contra a Mulher em Bauru

R. Silva Jardim, 2-77 - Jardim Bela Vista, Bauru

Telefone: (14) 3234-2993, bauruvioldom@tjsp.jus.br

Horário de funcionamento: De seg à sex, de 09:00 às 17:00

Promotoria de Justiça de Bauru

Endereço: Avenida Getúlio Vargas, 21 - Bauru - SP, 17017-383

Racismo

É inegável que o racismo faz parte da sociedade brasileira. É evidente também que, tudo aquilo presente dentro da macro bolha social, reflete dentro da micro bolha da universidade e contamina a cultura universitária.

A universidade não nasceu espontaneamente, não foi feita por pessoas sem ideais ou preconceitos e, definitivamente, não é perfeita. Tudo isso contribui para a existência de um racismo universitário e acadêmico, tão forte e presente nas instituições de ensino superior do interior paulista, que seria um desfavor ao leitor deste livro não discuti-lo.

Devo confessar que como uma mulher branca, a ideia de explorar o racismo na universidade me causa algum desconforto, já que este não é o meu lugar de fala e não tenho sequer um letramento racial suficiente para realizar entrevistas sobre o tema. Contudo, a percepção de que eu não deveria falar sobre isso, só por que não faz parte da minha realidade ou de que seria "inconveniente" aprender sobre a luta antirracista, é, em si só, uma forma de racismo. Como uma pessoa branca, não devo esperar sentada que uma pessoa preta me eduque sobre sua existência, ou que o **mês de novembro** - conhecido como novembro negro - chegue para pensar sobre o assunto.

Porém, a ideia de acidentalmente perpetuar o complexo do branco salvador - ou *white savior complex*, em inglês - também não me pareceu o caminho certo. Decido então procurar um dos maiores ativistas antirracista da Unesp, que coincidentemente faz parte do corpo docente da Unesp de Bauru.

O Prof. Dr. Juarez Tadeu de Paula Xavier é um homem negro, ativista antirracista, formado em Jornalismo pela PUC de São Paulo nos anos 1990. Ele fez seu mestrado e doutorado pela USP, no programa de pós-graduação em Integração da América Latina, e atua como professor no curso de Jornalismo na Unesp de Bauru desde 2011. Hoje, Juarez é vice-diretor da Faculdade de Arquitetura, Artes,

É um processo de reeducação racial que reúne um conjunto de práticas com o intuito de desconstruir formas de pensar e agir naturalizadas e normalizadas socialmente, em relação a pessoas negras e pessoas brancas.

É o termo usado quando uma pessoa branca acredita que pode salvar pessoas não-brancas de situações vulneráveis, porém se colocando no meio da história para que assim possa ser retratada como um herói.

Comunicação e Design (FAAC), presidente do fórum das vice-direções da Unesp, representante da Unesp no Conselho Municipal de Cultura de Bauru e membro da Comissão de Heteroidentificação da Unesp.

Por todas suas qualificações, e pela triste verdade de que não conheço - e pode *muito bem não existir* outro professor e ativista negro do mesmo nível na Unesp -, o chamo para uma conversa. Muito solícito como sempre, o professor aceita imediatamente.

Antes de mais nada, faço uma pergunta crucial a ele: Com quem eu devo falar para mostrar o racismo presente na Unesp de Bauru? Ele não me decepciona, e me indica cinco pessoas em menos de dois minutos, como se não precisasse pensar sobre o assunto. Percebo, alguns dias depois da nossa conversa, que ele provavelmente não precisou. Não faltam pessoas afetadas pelo racismo no câmpus de Bauru. Decido, naquele momento, entrevistar todas.

Volto a tentar entender algo que me foi dito no primeiro ano da minha graduação, por um colega de curso: "Em relação a luta antirracista na Unesp, todos os caminhos levam ao Juarez".

— Como o racismo está presente no dia a dia da Universidade? — Indago.

— Desde o final da década de 1960, início da década de 1970, trabalhamos com um conceito de enfrentamentos chamado racismo estrutural. Ele é estrutural, porque ele está na base da organização da sociedade tangível e intangível, está presente na fundação de todas as instituições na sociedade, sejam elas materiais ou imateriais, ele ajuda a estruturar essas organizações, que surgem na sociedade juntamente com a violência, e a brutalidade racial. — Explica o professor, que nasceu na zona norte de São Paulo e que trabalhou, desde criança, em uma banca de jornal. — Nessas instituições, no caso do racismo estrutural, ele nos

faz compreender a partir da análise da realidade social brasileira que o racismo está na universidade em todas essas suas dimensões.

Para entender um pouco mais sobre o racismo estrutural citado por Juarez, é preciso compreender a classificação de racismo do advogado, filósofo, professor universitário e atual ministro dos Direitos Humanos e da Cidadania do Brasil[31], Silvio Almeida. "O racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo 'normal' com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção." (Almeida, 2019, p. 50, grifos do autor)[32].

— O ensino superior brasileiro foi fundado no racismo científico, lá no século XIX. E isso tem implicações sociais concretas, pois mesmo que a população branca seja minoritária na sociedade brasileira, ela é majoritária na universidade. Esse recorte social, presente tanto na universidade pública como na privada, distribui também benefícios materiais. Um exemplo disso é a bolsa de produtividade para professores, a bolsa de iniciação científica e as bolsas no mestrado e doutorado, que são dadas a pessoas brancas, já que muitos programas de pós-graduação ainda não têm pessoas negras no seu meio. — Explica Juarez.

Outro ponto que ajuda a propagar o racismo estrutural na universidade são os textos e teoria - chamados de bibliografia - utilizado em sala de aula que são, em sua maioria, quando

[31] Em 22 de dezembro de 2022, Silvio Almeida foi anunciado como o Ministro dos Direitos Humanos e da Cidadania do terceiro governo Lula (2023 - 2016), e assumiu o cargo em 3 de janeiro de 2023.

[32] Almeida, Sílvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?**. 1° ed. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

não inteiramente, compostos por escritores e pensadores homens, norte-americanos ou europeus, brancos, com um poder aquisitivo maior.

— Em questões, como a episteme, não há abordagem científica brasileira que possa romper com esse padrão patriarcal, capitalistas e supremacistas branco. Então tem pouca abordagem temática, que não seja não masculina, não branca e não vinculada ao capital. Teoricamente, há uma dificuldade de ir além do mercado e pensar na perspectiva que possa abranger outros grupos da sociedade brasileira, como as mulheres negras, gays, lésbicas, trans e indígenas. Mas isso não é real, pois existe uma grande quantidade dessas pessoas produzindo conteúdo, eles só não chegam à universidade. Essa obsessão que a universidade tem por uma suposta neutralidade arqueológica da pesquisa é uma expressão do racismo. Por isso, o racismo cotidiano na universidade, ele vai além da violência física ou da violência material, está presente ainda na lógica da organização da universidade no Brasil. — Continua o ativista.

Na filosofia, episteme é conhecimento, compreensão ou conjunto dos diversos saberes científicos pertencentes a uma época.

A violência não é estranha para Juarez, que foi agredido e esfaqueado em 20 de novembro de 2019, em pleno dia da Consciência Negra. O incidente aconteceu perto de um dos supermercados da cidade de Bauru, onde um homem embriagado teria chamado o professor de "macaco" e após uma discussão entre os dois, o agressor sacou um canivete e desferiu golpes contra Juarez, que não sofreu ferimentos graves. O professor prestou queixas de injúria racial e lesão corporal contra o homem, e a primeira audiência de instrução aconteceu em setembro de 2021. O caso ainda corre na justiça.

— O senhor pode me falar sobre alguns casos de racismo que aconteceram na Unesp de Bauru?

— Nós tivemos desde 2012, que é quando adotamos políticas de ações afirmativas, a prática de três modalidades diferentes do racismo, nós já tivemos a

discriminação, que é a segregação material concreta, na medida em que você não tinha a presença da população negra da universidade. Isso é uma característica de segregação como **apartheid** na África do Sul. Existe uma certa visão preconceituosa em relação à população negra, as manifestações de pichações que nós tivemos no banheiro, com xingamentos racistas, é um exemplo disso. — Explica o vice-diretor.

Juarez se refere a dois incidentes, ocorridos em 2015 e 2019. No primeiro caso, pichações de cunho racistas são encontradas no banheiro masculino próximo ao departamento de Comunicação Social (no qual Juarez faz parte), com dizeres como "Juarez macaco", "negras fedem" e "Unesp cheia de macacos fedidos". Na época, as pichações racistas foram repudiadas pela Universidade, que declarou em nota à imprensa que "A Universidade conta com um Grupo de Prevenção da Violência que atua na conscientização da comunidade e no fomento aos Direitos Humanos e que na segunda-feira (27), a direção da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Unesp inicia o processo de averiguação dos fatos, que inclui levantamento de informações e obtenção de nomes, datas e horários que possam resultar em provas substanciais de comprovação de responsabilidades da infração ao Regimento Geral da Unesp, o que pode levar às sanções previstas no artigo 162, que vão da advertência verbal ao desligamento dos responsáveis da instituição".

Uma comissão foi formada para averiguar o caso, que passou quatro meses ouvindo algumas pessoas, mas não conseguiu identificar os culpados.

Créditos: Foto retirada do portal G1

Pichações racistas feitas na porta do banheiro da Unesp de Bauru

Em 2019, quando eu já fazia parte do corpo discente da Unesp, tivemos outro incidente. O clima na universidade estava pesado. Poucos meses antes, um homem e um adolescente atacaram a Escola Estadual Raul Brasil, em Suzano (SP), e mataram sete pessoas. Poucas semanas depois, a polícia descobriu motivações racistas e neonazistas para o ataque.

Foi em meio a esse cenário que foram encontrados pichações de cunhos nazistas, como suásticas e a frase "White Power", que significa poder banco na tradução do inglês, no banheiro do Mundo Perdido. Como no incidente de 2015, além da realização de um boletim de ocorrência, a Unesp instaurou uma comissão, que após analisar as imagens das câmeras de segurança, não conseguiu identificar os culpados.

Créditos: Foto retirada do portal G1

Pichações Neonazistas feitas na porta do banheiro da Unesp de Bauru

Lembro-me do medo. Da incerteza. De pessoas discretamente faltando às aulas. Será que esse é um aviso? Haveria um ataque armado na Unesp? Como nos protegeríamos? Mas, também me recordo dos protestos antirracista, das discussões geradas pelo câmpus, dos alunos se unindo e repudiando as pichações. Da luta. Da esperança, de que dessa vez seria diferente, de que dessa vez pegaríamos os culpados. Eu tinha acabado de chegar há apenas três meses, e ainda via a Unesp com um brilho cor-de-rosa, idealista e, naquele momento de união, senti orgulho de ser unespiana.

Créditos: Foto retirada do portal G1

Protesto contra pichações Neonazistas feitas na porta do banheiro da Unesp de Bauru

— A negação sistemática da humanidade do negro, também é presente no dia a dia da Unesp de Bauru. Nós tivemos um episódio importante aqui na universidade há poucas semanas, quando um jovem negro, de um dos cursos mais concorridos da Unesp, teve uma crise psicológica dentro do câmpus e precisou de ajuda. A quantidade de postagens que foram feitas nas redes sociais, as fotos tiradas em um momento de vulnerabilidade, as fofocas e boatos, tudo isso

não foram feitas por alienígenas. Ninguém chegou de outro planeta, eram colegas de turma, colegas na universidade, que fizeram essas publicações. — Conta Juarez, com a voz nervosa. — Inventaram coisas absurdas, que ele estava armado, que ele estava procurando fazer um atentado e, assim, sucessivamente. Eu vi aquelas fotos, aquelas postagens, e me perguntei se fosse uma jovem menina branca e loira, teria sido postado o mesmo conteúdo? Muito provavelmente não, né?

Eu estava no câmpus quando esse episódio aconteceu, lembro de chegar na entrada da biblioteca e encontrar dezenas de pessoas paradas, tirando fotos e cochichando. Naquele momento, vi um jovem deitado no chão recebendo cuidados médicos. Pergunto imediatamente o que aconteceu, e três pessoas me dão versões diferentes. Um amigo, que vende doces na frente da biblioteca e acompanhou o que ocorreu me conta a verdade resumida: O estudante não estava bem psicologicamente, e tiveram que chamar ajuda do SAMU. Passo alguns minutos conversando com ele sobre o que aconteceu e a vida em geral, mas logo continuo meu caminho.

No dia seguinte, enquanto saía do prédio em que moro, a senhora que cuida da portaria me para e pergunta se eu estava na Unesp ontem quando um aluno tentou atacar algumas pessoas. Digo a ela a verdade, ainda surpresa com a forma que esse incidente chegou a ela.

— Dá para perceber que nessas manifestações, consciente ou não, são expressas todas as categorias do racismo. Ali é o preconceito em relação a população negra, a segregação de imaginar que o negro não deve estar naquele lugar. O racismo de negar à humanidade daquela pessoa, e o direito à privacidade. — Continua Juarez.

O vice-diretor também recorda de casos registrados na ouvidoria em que houve humilhações dentro da sala de aula, por parte de professores e também entre alunos. Segundo a Ouvidoria Geral da Unesp, de 2018 a 2023 foram realizadas

17 denúncias de racismo à ouvidoria: uma em 2018, três em 2019, três em 2020, duas em 2021, três em 2022, e cinco em 2023, das quais três ainda estão em averiguação[33].

— Nesse período que eu estou na Unesp, há cerca de 12 anos, não houve um único ano em que eu me recorde, que não houvesse uma manifestação racista no câmpus. Nós nunca tivemos essa marca, né? Houve manifestação racista, como também houve manifestação misógina e LGBTfóbicas. Mas não houve nenhum ano em que não foi registrado uma prática racista contra mulheres e homens negros, em todas as dimensões da universidade. Tem sido uma prática lamentavelmente corriqueira, que se repete por que a comunidade universitária ainda não descobriu a melhor forma de averiguar, apurar e punir os responsáveis.

Muitas dessas denúncias acabam morrendo nas comissões preliminares de averiguação e não vão à frente, como vemos nos dois casos de pichações. A acumulação dessas questões pode, um dia, fazer com que a universidade perca autonomia de fazer a averiguação das ocorrências de violações de direito que ocorrem dentro da universidade e passe isso para outra instância, como ministério público ou polícia cível.

— Os casos de racismo na universidade, a instituição não tem encontrado uma melhor forma de identificar, aplicar sanções e fazer com que a universidade discuta política academicamente. Quais são as explicações do racismo no meio acadêmico? Então, essa falta de projeto tem feito com que os crimes de racismo da universidade não sejam apurados como deveriam. — Continua Juarez.

— Como um homem negro, como foi chegar na vice-diretoria de uma faculdade pública? — Indago.

33 Informação adquirida através do Sistema de Informação ao Cidadão da Unesp.

— É importante considerar que isso tem ocorrido com uma certa frequência após a criação das políticas afirmativas e em função das movimentações das universidades. Mas hoje, ainda é difícil porque nós somos pouquíssimos, eu acho que eu sou o único vice-diretor negro da Unesp [atualmente], nos 24 câmpus. Temos uma professora negra que foi eleita vice-diretora há pouco tempo no câmpus de São José do Rio Preto, a Profª. Drª. Monica Abrantes Galindo de Oliveira, mas homem sou só eu. E o único diretor negro da Unesp é o Prof. Dr. Renivaldo José dos Santos, do câmpus de Rosana. Só. — Informa Juarez. O número baixo de pessoas negras na estrutura de poder da Unesp me surpreende. — Penso que tudo isso significa a continuidade da atividade política que eu tenho feito na minha vida inteira lutando contra o racismo. Eu acho que eu posso na gestão hoje, como vice-diretor, contribuir para um projeto de diversidade que eu acredito. Que é a universidade pública, gratuita, democrática, inclusiva e acolhedora. Uma universidade que atende a perspectiva da população negra em especial, e da população segregada de forma geral, eu acho que não há alternativas para as populações que lutam contra o racismo hoje em dia. A segregação social existe. — Continua.

Após a entrevista com o professor Juarez, passo a semana toda pensando sobre a pequena quantidade de alunos negros dentro da minha classe no curso de Jornalismo. Me pergunto por que só percebi esse fato no final da graduação. Será que a minha cegueira racial é tão profunda, que nunca me perguntei o motivo da falta dessas pessoas? Tento me lembrar das escolas - todas públicas - que passei durante o ensino fundamental e médio, escolas tidas como “boas” e de “qualidade”. Posso contar nos dedos de uma mão a quantidade de pessoas negras presentes. O choque de realidade me assusta, mas também garante que nunca mais vou deixar de perceber essa realidade em minha volta.

Essa segregação social e racial é muito presente também dentro da pós-graduação da Unesp. É tão aparente que

virou tema de pesquisa da mestranda Débora Martins Lopes e da doutoranda Carina Nascimento, duas mulheres negras que decidiram lutar contra o racismo acadêmico.

Conheci ambas por indicação do professor Juarez, que me informou que elas sempre estavam dispostas a conversar sobre sua pesquisa e ajudar outros universitários. Consegui marcar para nos reunirmos online, já que a logística de locomoção para o câmpus, ou de achar um local para nos encontrarmos tomaria minutos preciosos da nossa conversa.

A primeira a chegar na chamada de vídeo foi a Débora Martins Lopes, de 26 anos, que se graduou em Ciências Biológicas (licenciatura) no câmpus da Unesp de São Vicente, no litoral paulista. Débora decidiu desde o começo do curso trabalhar com educação inclusiva, e quando chegou o momento de fazer um mestrado, a mesma quis estudar o recorte racial dentro da educação inclusiva. Não achou oportunidades em São Vicente.

— Ali no câmpus de São Vicente nenhum professor tinha formação para trabalhar com as relações étnico-raciais[34]. Até porque não tem nenhum professor negro lá, né? E é tudo muito votado aí para o meio ambiente. Então, eu fui uma das primeiras alunas a chegar com a demanda de trabalhar com relações etnico-raciais dentro da educação inclusiva. E aí os nossos professores, mesmo que fossem incríveis e maravilhosos, admitiram que não sabiam o que fazer. Eles me falaram 'Débora, sua pesquisa é muito boa. Sei que você quer fazer isso, mas eu não tenho como te ajudar. Eu não tenho conhecimento sobre o tema. Não tenho formação para isso'. Foi quando eles me indicaram a Unesp de Bauru e o Juarez, e me pediram para mandar um e-mail a ele. — Começa a Débora,

34 O Vice-Diretor da Unesp de São Vicente, o Prof. Dr. Denis Abessa, confirmou em e-mail que "não há linhas de pesquisa sobre relações étnico-raciais, uma vez que os cursos oferecidos pelo IB/CLP [Unesp de São Vicente] são de Ciências Biológicas (Graduação) e Biodiversidade de Ambientes Costeiros (Pós-Graduação)".

que expressa sua frustração com a universidade. — Ou seja, terceirizaram para o outro lado do estado de São Paulo uma demanda com que universidade dali não conseguia lidar, né? Que é uma coisa que a gente observa dentro da universidade, dentro da escola e, na verdade, dentro de qualquer espaço. Se tem alguma coisa relacionada ao negro, o branco vai terceirizar aquilo para outra pessoa negra, ele não vai se esforçar, não vai tentar aprender nada. Ele vai se tirar daquilo, porque é como se ele não tivesse responsabilidade nenhuma acerca do debate, da compreensão, né? Então, ele vai transferir para o negro, porque o negro é obrigado a entender, é obrigado a lidar com todo o problema de preto, de pardo, de favelado que existe na face da terra, desabafa.

O e-mail foi mandado. Débora e Juarez finalmente marcaram uma reunião online e conversaram por uma hora e meia.

— Nossa, eu lembro que eu estava muito nervosa, me preparei muito para aquela reunião. Eu suava frio. Logo de cara eu falei que queria fazer parte de um grupo de pesquisa, foi quando ele me apresentou o **NeoCriativa**. Eu entrei no Neo, no meio da pandemia, não lembro se foi em 2020 ou 2021, mas sei que passei um semestre fazendo lives e webinários, e também aprendendo, por que eu não sabia de nada! O Juarez sempre fala que eu cheguei crua no Neo, eu não tinha um letramento racial. — Conta Débora.

O NeoCriativa é o Núcleo de Estudos e Observação em Economia Criativa da Unesp de Bauru, grupo de pesquisa certificado pelo CNPq[35] e vinculado à Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC). Criado em 2011, o núcleo estuda a economia criativa e seus desdobramentos nas quatro vertentes do setor - artes, mídias, inovação tecnológica, patrimônio material e imaterial. O Neo é coordenado pelo Prof. Juarez Xavier e reúne estudantes de graduação, pós-graduação e pesquisadores.

[35] Disponível em: http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/371557

Depois de um tempo participando do grupo de pesquisa, o professor aceitou orientá-la no mestrado profissional em Mídia e Tecnologia, caso a bióloga se inscrevesse e fosse aceita. O resultado não demorou a chegar, e Débora se tornou mestranda em 2021.

— Entrei na pós-graduação em Mídia e Tecnologia no sistema online, ali no começo, que foi onde eu conheci a Carina, né? E a gente teve esse encontro ancestral. A gente sempre fala que ela é minha irmã mais velha, e foi realmente dessa falta de pessoas negras na turma que fez a gente se encontrar. Éramos só nós duas ali, eu e a Carina, duas mulheres pretas, de idades diferentes, formações diferentes, mas com algo muito mais forte em comum, que é a nossa raça. — Diz Débora, com um brilho no olhar. — A partir dessa falta que a gente viu ali dentro, naturalmente nos conectamos e eu acho que isso é uma coisa da pessoa negra. Só vai ter você e outra pessoa negra no ambiente, vocês podem nem se falar, mas vão se olhar e se conectar. Vocês vão se acolher, vão dar aquele sorrisinho, tipo eu te reconheço, você me reconhece, e tá tudo bem, sabe? E, mesmo de forma online, a gente conseguiu criar isso, né? Nessa época eu já estava no Neo, assim super ativa com Juarez, fazendo mil e um eventos online e apresentando várias coisas. Quando eu trouxe a Carina para trabalhar com a gente no Neo, foi uma alegria! O Juarez sempre fala, né? Acho que foi umas das coisas mais assertivas pro Neo foi trazer a Carina pra gente, alguém no doutorado, é muito importante assim pensando que ela é a única mulher negra do doutorado, e eu sou uma de duas do mestrado.

Carina Nascimento é publicitária de formação e mestre em Ciência da Comunicação pela ECA (USP) desde 2009. Em 2020, voltou à universidade como aluna especial do doutorado em Mídia e Tecnologia. No mesmo ano, Carina prestou o processo seletivo para o doutorado em Mídia e Tecnologia. Foi aceita[36].

[36] Carina é orientada pela Profª. Drª.Vânia Valente (orientadora) e co-orientada pelo Prof. Dr. Juarez Tadeu de Paula Xavier (co-orientador).

— Eu acabei entrando no programa 2021. No início eu estava um pouco perdida, assim o meu projeto inicial não tem nada em comum com o que eu tô fazendo hoje. Foi na minha primeira disciplina que eu conheci a Débora, pelo Meet. Quando formamos grupos para um trabalho, fiquei no dela. Lembro dela abrindo o microfone e falando 'Se alguém quiser fazer alguma coisa com relações étnico-raciais, tô disponível', e começamos a conversar. E aí a gente começou a criar esse vínculo de afeto, uma amizade muito forte mesmo, acho que temos algum encontro ancestral, porque eu bati o olho na Débora e foi amor à primeira vista!

Débora (a direita) e Carina (a esquerda).

Créditos: Foto cedida por Débora Martins Lopes e Carina Nascimento

Em meio a essa amizade, elas decidem pesquisar e tentar compreender o racismo acadêmico e seus desdobramentos, por meio do mapeamento da presença negra nos quatro cursos de pós-graduação da FAAC.

— E desde então a gente vem trabalhando com pesquisas que tentam responder quais são os desdobramentos do racismo sistêmico, né? E aí juntas a gente quis entender melhor, como que dá essa interação dentro da pós-graduação. A gente construiu essa pesquisa de forma conjunta para entender como os corpos negros estavam distribuídos ali dentro da pós-graduação, até porque surge desse nosso incômodo, de sermos as únicas ali naquele espaço, de sermos as únicas a trazer nesse tema. — Comenta Débora, que fez parte da segunda turma de alunos de Ciências Biológicas após a implementação das cotas que, consequentemente, foi a sala com o maior número de pessoas negras na história da Unesp de São Vicente. — Então, toda vez que você vê um trabalho voltado para as relações étnico-raciais na pós-graduação, no programa em Mídia e Tecnologia, é do NeoCriativa. Nós somos orientandas por um dos únicos professores negros da instituição, automaticamente os nossos trabalhos são na maioria das vezes os únicos que pautam essas questões.

Os resultados da pesquisa apontam que em 2021, na pós-graduação em Arquitetura, 30 (trinta) pessoas se autodeclararam como mulheres brancas, 17 (dezessete) como homens brancos e um como homem negro, não havendo a presença de mulheres negras no programa. A pós-graduação em Design conta com 38 (trinta e oito) mulheres brancas, 45 (quarenta e cinco) homens brancos, um homem negro e uma mulher negra.

O programa de pós-graduação em Comunicação, na modalidade mestrado, é composto por 24 (vinte e quatro) mulheres brancas, 15 (quinze) homens brancos, 7 (sete) mulheres negras e 4 (quatro) homens negros. No doutorado

do mesmo programa, são 29 (vinte e nove) são mulheres brancas, 15 (quinze) são homens brancos, 6 (seis) são homens negros, 6 (seis) são mulheres negras e uma que se autodeclara como mulher amarela.

Já o programa de pós-graduação em Mídia e Tecnologia, no mestrado profissional, existem 26 (vinte e seis) homens brancos, 21 (vinte e uma) mulheres brancas, 2 (dois) homens negros e 2 (duas) mulheres negras - uma delas é a Débora -. E o doutorado apresenta 36 (trinta e seis) homens brancos, 21 (vinte e uma) mulheres brancas; 2 (dois) homens negros e apenas uma de mulher negra - sendo essa mulher a Carina -.

— Eu vejo a nossa pesquisa como uma denúncia, né? Então, quando a Unesp se diz inclusiva, sustentável, democrática e etc, é muita fabulação. Por que realmente ela não é! A essência da Unesp, a gente sabe que é outra, né? É uma universidade elitista, branca, de classe média, que não tá afim de estudar o outro, que quer ficar na mini bolha e acabou. Você sabe que tá cheio de professores que inclusive flerta com fascismo, só tá um pouco mais discreto ali porque não tem espaço para isso. Para mim foi revelador, foi muito importante entender o por que eu sou a única mulher negra do doutorado, no programa de Mídia e Tecnologia da Unesp. — Diz Carina

O número pequeno de pessoas negras impacta na produção científica voltada para questões raciais. Segundo um levantamento no repositório de teses e dissertações da Unesp, Débora e Carina observaram que em 2021, das 359 (trezentos e cinquenta e nove) pesquisas realizadas na pós-graduação em Comunicação, apenas 3 (três) possuíam cunho racial. Na pós-graduação em Design, dos 264 (duzentos e sessenta e quatro) trabalhos produzidos, apenas um apresentava a temática étnico-racial. Ambos os programas de Arquitetura e no mestrado profissional em Mídia e Tecnologia, contam também com apenas uma produção que envolva o tema. Por fim, no programa em Mídia e Tecnologia, curso de doutorado, das 16 (dezesseis)

teses defendidas, nenhuma abarcava as relações raciais na sociedade.

— A gente tentou fazer esse recorte da FAAC. Pegamos todos os cursos de graduação de Comunicação para tentar avaliar quantas pessoas negras têm à medida que vão subindo, né? Então, à medida que você vai se distanciando, chegando ao doutorado, a gente percebe que tem bem menos pessoas negras. Eu percebi também que não temos muitos professores negros, e que são pouquíssimos os servidores públicos no cargo administrativo, nós os vemos no operacional, infelizmente. — Explica Carina, que continua — Para mim foi muito reveladora essa pesquisa, os dados falam por si só, né?

O mesmo levantamento apontou que na docência da FAAC, 45 (quarenta e cinco) são homens brancos, 38 (trinta e oito) são mulheres brancas, sendo que, apenas um se autodeclara como homem negro e uma como mulher negra.

— A nossa pesquisa foi desconfortável, não para a gente, mas para as pessoas que a gente teve contato para realizar, foi uma pesquisa que causou um desconforto, né? E se causou desconforto, é porque a gente está no caminho certo. É o que o Juarez sempre fala para a gente. Causou desconforto porque a gente mexeu naquela ferida que tá aberta e que ninguém quer falar sobre, que é a raça. Então ir atrás dos programas de pós-graduação, falar com os coordenadores, falar com pessoas de outros câmpus foi algo extremamente desconfortável, porque os dados sempre mostravam a sub-representação da população negra. Então é fácil você falar que você tem uma política de inclusão e diversidade, mas quando você pega os dados não existe. — Conta Débora sobre a pesquisa.

Débora ainda me explica que tudo começa durante a graduação, inclusive as ações afirmativas. Uma dessas ações é a Lei 12.711, de 29 de agosto de 2012, que diz:

"Art. 3° Em cada instituição federal de ensino superior, as vagas de que trata o art. 1° desta Lei serão preenchidas, por curso e turno, por autodeclarados pretos, pardos e indígenas e por pessoas com deficiência, nos termos da legislação, em proporção ao total de vagas no mínimo igual à proporção respectiva de pretos, pardos, indígenas e pessoas com deficiência na população da unidade da Federação onde está instalada a instituição, segundo o último censo da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE."

Em 2022, no marco dos 10 anos da criação da Lei de cotas, o Laboratório de Estudos e Pesquisas em Educação Superior (Lepes) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) publicou uma pesquisa intitulada "Avaliação das políticas de ação afirmativa no ensino superior no Brasil: resultados e desafios futuros"[37]. Nela, afirmam que no período de 2013 a 2019, a variação percentual de estudantes vindos de escolas públicas, pretos, pardos, indígenas e de baixa renda (com menos de um salário mínimo e meio) teve aumento de 205%.

— É aí que grande parte da população negra consegue até entrar na universidade. Mas e para permanecer? Quem consegue finalizar esse curso? Quem são os alunos que vão conseguir chegar até o final, tendo bolsa de permanência estudantil, que muitas vezes é de valor baixíssimo. Enfim, são poucos os que conseguem chegar ali no final, e os que conseguem geralmente precisam ir direto para o mercado de trabalho. É muito difícil quem consegue seguir a vida acadêmica, por que a gente esbarra em programas de pós-graduação que não tem nenhum tipo de ação afirmativa para que essa população consiga entrar. Então a nossa pesquisa apontou, que dos 24 câmpus da Unesp, se tivesse cinco que tem ação afirmativa para o programa de pós-graduação é muito! — Continua Débora.

37 LEPES. Avaliação das políticas de ação afirmativa no ensino superior no Brasil: resultados e desafios futuros. Rio de Janeiro: UFRJ, 2022. Disponível em: https://static.poder360.com.br/2022/08/pesquisa-avaliacao-lei-de-cotas-lepes-acao-educativa.pdf Acesso em: 9 de setembro de 2023.

Um dos maiores exemplos dentro da FAAC é o Mestrado profissional em Mídia e Tecnologia, que não é contemplado com nenhuma bolsa ou auxílio destinado a alunos do mestrado profissional, sejam eles pretos e pardos ou não. Segundo a Assistente Administrativa da Seção Técnica de Pós-graduação, Caroline E. Bolla Ruggeri, isso acontece com todos os mestrados profissionais[38] pois é uma regra da Capes. No doutorado acadêmico, existe a possibilidade de bolsa por demanda social[39], que seleciona candidatos de forma independente da instituição de ensino em que o aluno está matriculado. Em 2023, a Unesp de Bauru tem 297 alunos de mestrado (acadêmico) e doutorado utilizando o programa de demanda social, totalizando mais de 70% das bolsas oferecidas (no câmpus da Unesp de Bauru), e quase quatro milhões de reais, segundo o portal da transparência da Capes[40].

— Os professores acabam olhando a gente, como se não participássemos daquele lugar. Algo que quase todo mundo que passa pelo NeoCriativa escuta em algum momento, é 'o que você faz não é ciência, o que você faz é militância', e o que gente vem fortalecendo com o Neo, junto com professor Juarez, é que nós fazemos ciência sim! Nós somos ativistas acadêmicos, esse é o termo que utilizamos. E é muito difícil, porque o tempo inteiro você é refutado, em qualquer trabalho que você vai apresentar, você tem que estar munido para se defender cientificamente, para mostrar que o que você faz é ciência, né? — Fala a mestranda.

38 A única exceção para o recebimento de bolsas no mestrado profissional é o "Programas de Mestrado Profissional para Qualificação de Professores da Rede Pública de Educação Básica (ProEB). Informações disponíveis em: https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-a-distancia/proeb

39 Regulamento disponível em: http://cad.capes.gov.br/ato-administrativo-detalhar?idAtoAdmElastic=11663#anchor

40 Dados disponíveis em: http://transparencia.capes.gov.br/transparencia/xhtml/PesquisaEntidadeEnsino.faces

Afinal, ciência é uma parte essencial da universidade. Segundo a Profª Drª Mariléa de Almeida[41], no artigo Racismo acadêmico e seus afetos, a mesma diz: "defino racismo acadêmico como a maneira pela qual aspectos estruturais do racismo se expressam nos espaços acadêmicos, em especial nas universidades. Nesse sentido, o racismo acadêmico poder ser compreendido com uma tecnologia de poder cujas práticas de discriminação racial ocorrem de forma velada ou explícita. Esses atos fazem parte do funcionamento institucional que, no Brasil, historicamente se configurou como um espaço hegemonicamente branco e masculino. O racismo acadêmico materializa-se pelas escolhas epistemológicas, pela inexistência de um corpo discente e docente diverso em termos raciais e pela criação de entraves meritocráticos/burocráticos/financeiros que dificultam o acesso e/ou a permanência de pessoas não brancas, especialmente negras e indígenas, no espaço." (Almeida, 2021, p. 99, grifos meus)[42]

Esse é o caso da primeira mestranda negra do programa de pós-graduação em Mídia e Tecnologia (mestrado profissional), a professora Meiriane Jordão da Silva, de 35 anos. Marcamos de nos encontrar no Parque Vitória Régia, no fim da tarde. O parque é considerado o cartão postal de Bauru, e conta com uma concha acústica suspensa em cima da água, parquinhos para crianças e muito espaço verde. Me sento em uma das fileiras da arquibancada e espero Meiriane.

[41] Doutora em História IFCH/ UNICAMP, (2018). Em 2015, realizou o doutorado sanduíche na Columbia University (Nova York), com foco nos feminismos negros estadunidenses. Mestre em História pela Universidade Severino Sombra. Especialista (Pós-graduação lato sensu) em Filosofia pelo Centro Universitário de Barra Mansa. Especialista (Pós-graduação lato Sensu) em História do Brasil Pós Trinta pela Universidade Federal Fluminense. Foi professora de história nos segmentos fundamental e médio nas redes públicas estadual e municipal no Estado do Rio de Janeiro. (1998-2011). No ensino superior, além de experiência na rede privada (2007-2013), atuou como professora orientadora on-line no projeto REDEFOR/UNICAMP (2011-2012) no curso de Especialização Lato Sensu para professores da Rede Pública de Ensino no Estado de São Paulo. E-mail: marileaatm@gmail.com.

[42] Almeida, de M. Racismo acadêmico e seus afetos. **História: Questões & Debates.** Curitiba, v. 69, n. 2, p. 96-109, jul./dez. 2021.

Quando sugeri esse local para a entrevista, tinha um propósito. A ideia de falarmos de um assunto tão pessoal, como o racismo sofrido por ela em sala de aula, dentro da própria universidade que permitiu que isso acontecesse, não me pareceu adequado. Abandonei o conforto da sala de estudo, o Wi-fi da biblioteca e a conveniência do Mundo Perdido por um lugar neutro, onde poderíamos observar o pôr do sol e conversar à vontade. Fiquei alguns minutos aproveitando a paisagem e escutando os carros passarem na Avenida Nações Unidas no horário de pico até minha entrevistada chegar.

Quando vi Meiriane chegando, com seus cabelos trançados e um sorriso contido, percebi que estávamos exatamente no mesmo lugar em que foi feita a gincana de integração do curso de Jornalismo para os calouros de 2019. Se eu fechasse os olhos, ainda podia ver as tintas e escutar as gargalhadas.

— Eu sou professora na rede pública Estadual, dou aula na primeira escola de período integral de Bauru, a Eduardo Velho Filho. Eu vim de uma construção que meus pais sempre falaram que a única forma de eu mudar a minha realidade era através do estudo. Eles não poderiam me dar tudo então, eu tive que ser bolsista na universidade durante a minha primeira graduação. — Conta Meiriane, que é formada em História e especialista em Antropologia. — E quando eu entrei na universidade pública, no mestrado, foi muito difícil. Principalmente por eu ter que trabalhar em duas escolas para sustentar minha família e ter que fazer acordo com os diretores para eu estar disponível para ir para as aulas de mestrado. Eu saía para ter aula, e voltava para dar aula.

— Você se importa de me contar o episódio de racismo que você sofreu? — Pergunto.

— Foi por uma professora do programa de Mídia e Tecnologia da Unesp...

— Espera, desculpa interromper, mas você pode me falar o nome dessa professora? Você se importa de identificar ela para o livro? — A interrompi perguntando.

— Então, eu não me importaria de identificá-la, se ela ainda não estivesse no mesmo programa de pós-graduação da Unesp. Eu estou planejando tentar uma vaga para o doutorado, e ela é uma pessoa que tá ali dentro dos espaços de poder. Tenho receio de isso me prejudicar depois. — Explica Meiriane.

A entendo perfeitamente. Afinal, a Unesp não a protegeu antes, porque faria agora? Decido acatar o pedido dela.

— Primeiro ela falou em alta em bom som, para toda sala ouvir, que eu não conseguiria terminar meu mestrado. Só se eu parasse de trabalhar, né? E eu preciso do meu emprego. Ela insistia que só se eu parasse de trabalhar eu ia dar conta de terminar o meu mestrado, sendo que a disciplina dela foi a única disciplina que eu tirei C. Todas as outras matérias foram um A com excelência. — Começou contando Meiriane, que me mostra um documento com seu histórico de notas do mestrado, confirmando sua fala. — Porque ela vem de uma estrutura que ela conseguiu somente estudar, diferente da minha que eu trabalho desde os 15 anos.

Essa pode ter sido a primeira, mas não foi a última vez que a professora implicou com Meiriane.

— A professora boicotou todos os pré-projetos da minha dissertação de mestrado, ela escreveu 'KKKKKK' e 'nossa, mas é isso? KKK' em algumas páginas do meu projeto. Eu tenho elas até hoje. — Explica, com uma expressão indignada. — Ela começou a falar de coisas do meu projeto que não existiam, ela questionou leis do Estado, falando que nunca existiram. Ela riscou o meu trabalho inteirinho. Ela falou que eu não entreguei dentro do prazo, mas eu tirei um print do horário que foi entregue. Algumas partes do meu projeto foram citadas em frente à sala de aula, debochando que não era uma pesquisa verídica.

A pesquisa de Meiriane consiste em um estudo de ambiência escolar, sobre o enfrentamento ao racismo dentro da Escola Estadual Azarias Leite de Bauru[43], previstas nas Leis Federais 10.639[44] e 11.645[45].

— Ela me deu faltas exorbitantes, mesmo eu estando lá. Ela colocou 12 faltas, e o máximo eram 10. Ela tentou me reprovar por falta. Daí chegou o momento que eu não queria mais ir para aquela aula. Porque se eu fosse dar palpite ela me diminuía, sabe? Ela falou que meu projeto não era importante. Que aquilo que eu estava fazendo não era importante, eu tinha que fazer uma coisa relevante. Falou que quem ia ler aquilo, desqualificou todo o meu projeto. — Lembra Meiriane, enquanto o sol desaparece no horizonte. — A aula dela era para manutenção do pré-projeto, para a gente construir nossa dissertação. Aí eu falei para o Juarez, que era meu orientador, que eu não queria vir mais, acabou. Não venho. O professor Juarez virou para mim e falou assim 'Não, você não vai desistir. Nós, pessoas pretas, precisamos trabalhar com ponto de apoio. Se a gente não trabalhar com pontos de apoio, sozinha, a gente não avança'. E aí eu tinha uma rede de apoio muito forte no NeoCriativa. O pessoal do Neo começou a me ajudar a escrever o projeto, junto com o professor Juarez e a sua esposa.

43 Silva, M. J. **Ambiência de ensino e aprendizagem para educação de enfrentamento ao racismo: um estudo de caso na escola estadual Azarias Leite Bauru - São Paulo**. Orientador: Juarez Tadeu de Paula Xavier. 2019. Dissertação de (Mestrado em Mídia e Tecnologia) - Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2019. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/handle/11449/182468

44 Lei n° 10.639, de 9 de Janeiro de 2003. Que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Dísponivel em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm

45 Lei n° 11.645, de 10 de Março de 2008. Que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Dísponivel em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm

Um dos maiores problemas enfrentados por ela durante a correção do pré-projeto foi a linguagem no qual foi escrito. Meiriane me explica que decidiu escrever sua dissertação em primeira pessoa, para dar uma proximidade pessoal ao tema, e fazer uma releitura do racismo que ela sofreu dentro da escola nos seus anos de ensino básico, fundamental e médio.

— Hoje eu vejo os meus tabus. Depois de alguns anos agora que eu vou tentar o doutorado de novo, mas eu não sei aonde eu quero. Porque muitas vezes a gente se cansa de ser o primeiro em tudo. Eu fui a primeira pessoa negra a fazer esse mestrado no programa em Mídia e Tecnologia. Eu sofri tudo que tinha que sofrer e, às vezes, eu acho que não era necessário passar por isso. — Diz Meiriane, enquanto observa um morador de rua escolher um lugar na arquibancada, distante de nós, e começar a montar sua "cama" para à noite. — A professora simplesmente destruiu toda autoestima que eu tinha. Eu consegui passar no processo seletivo da Unesp, uma das melhores universidades da América Latina, eu tô aqui dentro, e em um ano e meio ela conseguiu acabar com toda minha autoestima. Na minha defesa eu não conseguia olhar para cima e falar com com a minha banca. Eu só queria sair de lá e chorar.

— Você denunciou a professora para a ouvidoria? — Pergunto, preocupada.

— Na época, que foi no final do segundo semestre de 2018, eu tirei foto de tudo e mandei para a Reitoria. Entrei com um processo formal contra ela, por e-mail, na ouvidoria. Inclusive, o professor Juarez me ajudou a fazer toda a documentação do que aconteceu. Como estávamos no final do semestre, ela ainda me mandou um áudio, por WhatsApp, me dizendo que eu não conseguiria defender a minha dissertação. Anexei eles no processo. — Diz Meiri, com uma voz embargada em uma mistura de tristeza e raiva. — A Unesp foi totalmente negligente com a leitura do meu processo. Não me deram devolutivo até hoje. Simplesmente parece que eu encaminhei

a denúncia para um e-mail que não existe. Isso foi em 2018. Ninguém da Unesp nem me ligou, ninguém me falou nada do meu processo. E, assim, quando eu fiz todo o processo, eu ainda tinha que ter aula com essa professora. Tudo que eu falava na aula dela virava deboche ou então eu pedia para falar ela não me deixava. Quando ela descobriu sobre o processo, ela parou de ir às aulas.

Decidida a entender o por que a Unesp não tinha entrado em contato com Meiriane, ou tomado alguma providência em relação a professora, entrei em contato com a ouvidoria local do câmpus de Bauru. Em um e-mail, a ouvidora da FAAC, Flávia Zumiani Sanches, me informou que o processo passou pela ouvidoria e foi encaminhado para a diretoria da FAAC para análise, e que o resultado dessa averiguação é sigiloso, só pode ser obtido pela denunciante.

A noite chega. As luzes automáticas do Parque Vitória Régia se acendem, e os barulhos de trânsito se tornam menos altos. Ambas ficam em silêncio por alguns minutos, encarando a concha acústica e o lago que a rodeia. Estou prestes a me despedir, quando Meiriane fala, em um tom baixo e contido.

— A sociedade odeia a mulher preta, né? Então, independente ou não das minhas dores, sempre vai ser um 'mimimi', sempre vai ser um 'não é nada' ou um 'será que é para tanto?'. Nós sempre temos que ler as entrelinhas , e ter pessoas para nos apoiar. Todo o sistema foi feito contra a gente.

Uma das formas encontrada pela Unesp de tentar combater o racismo acadêmico foi por meio da criação do Núcleo Negro da Unesp para Pesquisa e Extensão (NUPE). A sua origem, por si só, vem da consequência de uma instância de racismo durante a Jornada de Filosofia, em 1999, do câmpus da Unesp em Marília.

— O NUPE é um projeto que tem essa característica extensionista e nasce em função de um episódio onde a

professora Profª. Drª. Gislene Aparecida dos Santos apresenta sua dissertação de mestrado sobre Filosofia Africana e é rejeitada. Então você começa a ver o movimento dentro da Unesp, que mesmo após 24 anos, é bem superficial . Um exemplo disso é que se você entra no site da Unesp e procura pelo NUPE, só tem lá um texto curto do que é. — Conta a Profª Drª Kelly Cristina Magalhães, coordenadora local do NUPE na FAAC.

A partir desse momento, começa uma movimentação para a criação do NUPE, para garantir que racismo epistêmico não tenha força na Unesp. Segundo a resolução Unesp Nº 43[46], o Núcleo visa desenvolver e estimular atividades de extensão e de pesquisa na Unesp sobre temas relativos à questão do negro.

— Os alunos deveriam estar se reportando ao NUPE em casos de racismo, mesmo em casos fora da competência da Unesp. E, a partir daí, a universidade dialoga com o conselho da comunidade negra, com a comissão de igualdade racial da OAB, que tem um trabalho sério também. Então a gente deveria fazer essa conexão. — Conta a professora Kelly.

O NUPE não existe em todos os câmpus da Unesp, cabe a cada faculdade se organizar e adquirir uma pauta, um assunto principal que será vinculado ao núcleo. O da Unesp de Bauru é a cultura, mais especificamente o samba, com o projeto *Samba na Cidade*, que promove uma aproximação dos alunos com a cidade a partir da relação que os bairros têm com a música.

— A gente montou o Samba na Cidade e tivemos essa ideia de uma roda de conversa sobre samba, trazemos pesquisadores, músicos e etc. A partir desse momento, o samba se torna uma ferramenta de aproximação da universidade com a comunidade. Principalmente para

46 Resolução Unesp Nº 43, de 22 de março de 2012, presente no endereço online: https://sistemas.unesp.br/legislacao-web/?base=R&numero=43&ano=2012&dataDocumento=22/03/2012

o fomento e a valorização dessa cultura e pudesse se transformar numa ferramenta também de luta contra o racismo, fortalecendo a cultura negra no interior do Estado. — Continua a professora.

Outra forma de integrar e reunir a comunidade negra dentro da Unesp é o **Coletivo Kimpa**. Ah! Um nome que não sei quase nada sobre, e que é fundamentado no contexto da Unesp de Bauru. Estava sentindo falta de algum desses, faz algumas páginas que não temos um, não é mesmo?

A primeira coisa a se descobrir é o que "coletivo" significa nessa circunstância. No caso, se refere a um grupo de pessoas, bem como entidades, que compartilham uma série de objetivos, problemas ou interesses, que trabalham e são motivados pela realização de um determinado objetivo comum. Os coletivos podem ser diferentes das cooperativas por não estarem necessariamente focados em um benefício econômico, mas também podem sê-lo.

Já "Kimpa" é um nome próprio. Dona Beatriz Kimpa Vita, também conhecida como Beatrice de São Salvador do Congo e Kimpa Vita, foi uma profetiza e líder espiritual e política do reino do Congo. Ela tentou reunificar o país, pregando que Jesus e outras figuras cristãs primitivas eram do reino do Congo. Kimpa Vita é vista como uma figura antiescravista e é conhecida como antecessora dos movimentos modernos de democracia, autodeterminação e nacionalismo na África.

— O Coletivo Kimpa começou no fim de 2014 e se firmou no início de 2015. Mas acredito que o Kimpa ganhou mais força com a greve de 2015. Então nascemos nesse contexto de luta, e fomos formado por alunos, principalmente Jornalismo, com o apoio do professor Juarez. Basicamente o coletivo nasceu depois que começou a entrar mais alunos cotistas e percebemos a necessidade desse espaço para discutir essas questões raciais, sabe? Discutir o preto na universidade, autores pretos e tudo mais. — Conta Gustavo Paulo da Silva, de 25 anos, enquanto conversamos em uma chamada de vídeo.

Créditos: Foto cedida por Gustavo Paulo da Silva

Alunos da Unesp de Bauru em uma reunião do Kimpa

Gustavo, que entrou no curso de Design no período noturno da Unesp de Bauru em 2016, foi morador da moradia estudantil, fez parte do movimento estudantil e do time masculino de basquete.

A sua paixão pelo esporte, inclusive, rendeu ao estudante seu apelido universitário. Durante sua mudança de Araçatuba para Bauru, o mesmo pegou uma das malas erradas. Ao invés de roupas, tudo que tinha dentro era uma bola de basquete. Por causa disso, seus companheiros na moradia estudantil começaram a chamá-lo de, adivinhem? Basquete!

— Quando a greve acabou, o Kimpa se separou um pouco, sabe? Em 2017, quando eu entrei, eles fizeram a primeira reunião de volta do coletivo na moradia estudantil, e eu fui conhecendo mais do Kimpa. Nessa época eu estava muito vulnerável, psicologicamente falando. A greve tinha consumido muita energia da gente [alunos em geral], e era meu primeiro ano na universidade, tinha acabado de me afastar da minha família pela primeira vez. Cidade nova. Aquele mundo novo

que tu não sabe o que tá acontecendo, entende? Eu estava perdido! — Explica Gustavo, enquanto faz carinho em sua gata, que aparece na tela. — E foi nesse momento que uma amiga minha me levou para uma das reuniões do Kimpa. Depois disso eu abracei ferrenhamente o coletivo.

Nesse período o Coletivo Kimpa realizava atividades mais acadêmicas, como rodas de discussão sobre autores negros, ações em escolas públicas de Bauru, e palestras sobre a importância das políticas de cotas e dos auxílios de permanência estudantil.

— Eu encontrei o meu lugar. Eu sentia que faltava alguma coisa para mim, já fazia parte da luta por questão de igualdade, de permanência [estudantil] e tudo mais. Só que faltava a questão da identidade, sabe? O Kimpa uniu isso tudo muito bem, nessa primeira reunião eu já senti essa conexão, todo mundo que participa do Kimpa a primeira vez fala isso, na verdade. — Continua Gustavo, que sorri ao me contar que estava tão animado por ir em uma reunião do coletivo, que decidiu fazer um bolo para levar. Todos o adoraram, é claro. Se tem uma coisa que descobri nos meus anos de graduação, é que universitário ama uma comida grátis.

No começo de 2018 o Kimpa passaria por um dos seus maiores desafios até hoje: Dois alunos negros, do câmpus da Unesp de Bauru, se suicidaram. Essas tragédias aconteceram em pouco tempo uma da outra, e mudaram profundamente a cultura universitária da época. O Kimpa, que antes era um local de estudo e luta, passou a ser um lugar de acolhimento.

— O Kimpa, nessa época, acabou se tornando um local realmente só de acolhimento, então a gente parou de discutir autores, paramos de levar o nosso trabalho de escola em escola, e acabamos ficando muito mais na função de acolher essas pessoas pretas que estão dentro da Unesp, para a gente tentar evitar com que aquilo acontecesse de novo. — Diz Gustavo. Uma das formas encontradas pela própria

Unesp para ajudar nesse momento de crise, foi a criação do **Núcleo Técnico de Atenção Psicossocial (NTAPS)**[47].

O NTAPS foi criado em 2018, a partir de ações conjuntas entre a Faculdade de Ciências, Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design e Faculdade de Engenharia do câmpus de Bauru, em parceria com o Banco Santander, e com o apoio da **Coordenadoria de Permanência Estudantil (COPE)** da Unesp. O objetivo do Núcleo era - e ainda é - bem simples, melhorar as condições psicossociais e promover a saúde (mental e física) da comunidade acadêmica. O projeto vem dando certo, e hoje se expande por todos os câmpus da Unesp.

— Para mim, o Kimpa mostrou a força que tinha nesse momento. Nós fizemos reuniões, acolhemos os meninos que moravam com uma das vítimas. Teve momentos que ficamos todos quietos assim. Estávamos em roda, ficou todo mundo muito em silêncio, e muita gente começou a chorar e se abraçar, realmente se acolher, sabe? Acho que mostrou a nossa força. Me ajudou a entender o que realmente é comunidade, e quando falo isso não estou só me referindo a pessoas pretas, mas entender que a gente, universitários, temos uma comunidade. A gente devia se dar espaços para ser vulnerável dessa forma. Foi um momento muito significativo, porque não precisamos falar nada, mas mostrou tanto para os meninos que foram lá desabafar, quanto um para o outro, que estávamos ali. — Diz o estudante.

— Eu vejo no câmpus muitos cartazes sobre reuniões do Kimpa, e muitos deles deixam explícito que são eventos somente para pessoas negras, você pode me explicar o por que disso? — Pergunto.

— É uma questão de acolhimento. A Unesp, e a

[47] O NTAPS é um projeto importante para a comunidade acadêmica unespiana, para entender um pouco mais sobre o mesmo, acesse: https://www.fc.unesp.br/#!/ntaps/relatorios/

sociedade em geral, tem algumas dinâmicas racistas e demandaria um tempo de explicá-las para quem, por exemplo, não sofre esse tipo de descriminação. Então fazemos essas reuniões fechadas para o público negro para a gente não ter essa necessidade de ficar explicando porque a gente tá falando certas coisas. Eu não quero ter que explicar para alguém porque eu sofri racismo, como que eu sei que foi mesmo uma discriminação. Eu só quero chegar e falar, sabe? É tudo sobre acolhimento. — Explica Gustavo, me informando ainda que nem todos os eventos são restritos. — Quando abrimos um evento para todos, conversamos primeiro dentro do coletivo, para ver se vale a pena. Normalmente, esses eventos abertos têm mais esse caráter de ensino, de criar discussão e conversa dentro da universidade.

— A Unesp apoia o Kimpa? Ela oferece, por exemplo, verba para fazer um evento ou imprimir cartazes? — Indago, tentando entender um pouco da relação do coletivo com a universidade.

— Sobre as verbas, nós temos uma relação muito próxima com o professor Juarez e com a atual diretora da FAAC, a professora Ferdi. O Juarez é uma porta para gente, principalmente nas questões financeiras, até porque ele nos avisa quando o Banco Santander vai abrir editais para apoiar projetos sociais, ou algum outro edital da própria Unesp. Quando queremos realizar um evento, sempre começamos conversando com eles, e aí sempre rola [*sic*] da FAAC dar um tanto, da FE ou FC oferecer o *coffee break* e, assim, por diante. Mas também houve momentos em que tivemos que vender brigadeiros para levantar um caixa. — Começa Gustavo, que tem que parar a entrevista por alguns minutos para resgatar uma de suas gatas de um lugar alto. Quando ele volta para tela, continua falando. — Agora, antes de pensarmos em apoio, devemos entender que os Coletivos não são previstos pelo estatuto da Unesp, sabe? Então, por exemplo, os

projetos de extensão, as semanas acadêmicas, e outras atividades do tipo são reconhecidas pela universidade, e recebem apoio e verba. Agora, como a Unesp nasceu dentro do contexto de ditadura militar, em uma época que os coletivos eram basicamente proibidos, eles não entraram dentro da estrutura da universidade, e se não estão dentro, como podem ser apoiados? — Continua.

Créditos: Foto cedida por Gustavo Paulo da Silva

Alunos da Unesp de Bauru em uma reunião do Kimpa

É verdade que o estatuto da Unesp[48] não prevê os coletivos dentro da organização da universidade. Contudo, existe um reconhecimento que os mesmos existem. Um exemplo disso é a Coordenadoria de Ações Afirmativas, Diversidade e Equidade (CAADI) da Unesp, que prevê esse relacionamento entre o CAADI e os coletivos no seu regulamento[49].

— Falando pessoalmente, eu, Gustavo, acredito que a Unesp não foi feita para mim. Por esse motivo mesmo que eu não me formei. Primeiro, temos uma permanência estudantil[50] falha, com um RU que deixa a desejar e uma moradia estudantil que não tem lugar para todos que precisam. Outra coisa são os auxílios[51], que na época em que eu ainda estava ativo na Unesp não passavam de 300 ou 400 reais[52] e, assim, não dá para sobreviver com esse dinheiro. — Diz Gustavo, indignado. — Você força os alunos a terem que trabalhar, mas se eu faço um curso integral, como é meu caso, eu não consigo trabalhar! Se você falta às aulas para trabalhar, seu coeficiente de rendimento (CR) diminui, e o CR é importante para conseguirmos **disciplinas optativas**, já que se ele for baixo diminui a nossa chance de conseguir fazer essas matérias, não consigo me formar se não fizer as optativas, e se não me formar não consigo um emprego melhor. Então, tipo, você já coloca uma pressão ali psicológica dentro do aluno, e é

48 Estatuto da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", atualizado no dia 05/01/2022. Disponível em: https://www.rosana.unesp.br/Home/administracao/secaotecnicadeapoioacademico/estatuto-consolidado-jan-2022.pdf

49 Resolução n° 7, de 26 de janeiro de 2022, que promove a criação da Coordenadoria de Ações Afirmativas, Diversidade e Equidade (CAADI) da Unesp. Disponível em: https://www2.unesp.br/Home/caadi/resolucoes-07-2022.pdf

50 A permanência estudantil será abordada com maior detalhamento ao fim deste capítulo.

51 Resolução Unesp n° 33, de 9 de março de 2023, que estabelece normas para a concessão de Auxílios de Permanência Estudantil na Graduação e Colégios Técnicos. Disponível em: https://www.sjbv.unesp.br/Home/ensino/graduacao/resolucao-unesp-33_09-03-2023.pdf

52 Os valores, em 2023, continuam na média descrita por Gustavo. Disponível em: https://www.fc.unesp.br/Home/Administracao/Saepe/permanenciaestudantil3699/edital-2023-fc--permanencia-estudantil.docx.pdf

aí que a gente percebe que é armadilha atrás de armadilha. No momento eu estou com a minha matrícula suspensa, falta um ano de aulas para eu conseguir terminar.

— Para você, estar na universidade é uma forma de resistência? — Pergunto.

— É sim, infelizmente. Quando eu vim para Bauru, minha mãe conversou muito comigo, ela falava para mim que 'qualquer coisa você larga o curso volta para casa'. Se eu não me engano, a minha turma foi a segunda de cotas para pessoas negras e escola pública. — Conta. Gustavo está equivocado, em 2016 a Unesp já seguia a lei de cotas a quatro anos. Esse foi justamente o ano em que o governo tentava atingir a meta de 50% de vagas para pessoas negras dentro das Universidades Públicas. — Então, eu vejo como resistência. Foi bonito ver a Unesp se enchendo de não só pessoas pretas, mas pessoas que eu consigo me enxergar, são pessoas iguais que estudaram comigo na escola pública. É legal ver esses corpos, essas pessoas, dentro da Unesp.

~~*Resistência*~~ *Permanência Estudantil*

Quando pensamos na universidade *pública*, em sua estrutura, temos a clássica imagem do tripé universitário: o ensino, a pesquisa e a extensão. Essa organização, por mais que correta que seja (nos moldes estabelecidos pelo Ministério da Educação) deixa de fora um aspecto importante presente dentro da universidade, a permanência estudantil.

As políticas de permanência estudantil são ações que as instituições de ensino superior, em parceria com o governo, oferecem aos alunos em situação de vulnerabilidade para ajudá-los a permanecer na universidade. Essa ajuda pode acontecer de diversas formas, no caso da Unesp de Bauru, isso se traduz, atualmente, a auxílios socioeconômicos (antigamente conhecido como bolsas), o **restaurante**

universitário (RU), a **moradia estudantil** e o Centro de Convivência Infantil (CCI).

— A universidade precisa dar condições para os seus estudantes estarem ali. O nome não é à toa, né? Permanência. A universidade tem que tentar diminuir a quantidade de barreiras que os estudantes encontram para viver na universidade. — Explica o psicólogo André Alexandre Adalgiso Padoveze, que estudou na Unesp de Bauru entre os anos de 2007 a 2013. — Eu fui um estudante trabalhador, que teve um emprego praticamente durante toda a graduação. Teve muitos dias, anos na realidade, que eu saia de casa às oito da manhã e voltava meia noite, para dar conta de tudo. Principalmente das demandas que eu tinha para minha subsistência.

André e outros estudantes em um ato chamado "Busão dos Estudantes", no dia 19/05/2011, que pede a criação do R.U. e da Moradia Estudantil

Créditos: Foto do Centro Acadêmico da Psicologia

Hoje, André trabalha no atendimento a pessoas com deficiência que são vítimas de violência ou violações de direitos, em Campinas. Mas quando chegou na Unesp em 2007, o estudante estava mais interessado no movimento estudantil e na luta por uma universidade melhor, do que qualquer coisa que a sala de aula tivesse para oferecer.

— Eu já entrei na universidade muito com uma ideia de ampliar. Nunca fui um estudante muito tradicional, a sala de aula para mim não era o principal. É claro que eu valorizo muito o ensino, e tem que ser valorizado, mas tentei manter o máximo da minha participação no que a universidade poderia me oferecer. — Conta André, com um sorriso nostálgico.

Estamos conversando por chamada de vídeo, em uma noite de segunda feira em julho. Encontrei André por acaso, conversando com algumas pessoas que estão há mais tempo na Unesp de Bauru do que eu.

— Meu primeiro dia de faculdade foi uma reunião do centro acadêmico[53], eu pulei a aula! Acho que eu não tenho apelido exatamente por isso, porque eu pulei o trote. Sempre fui contrário ao **trote**, mesmo antes de entrar na Unesp, eu amava meu cabelo, tive cabelo comprido minha adolescência toda e era parte da minha identidade, a ideia de raspar o cabelo para o trote não era o que eu queria. Então eu já fui pronto para arranjar todas as brigas possíveis, para que meu cabelo não fosse tocado, né? E realmente tive muitas brigas no primeiro mês de faculdade por causa disso! — Diz o psicólogo.

A Unesp proíbe o trote[54] desde 1999 quando aprovou a resolução nº 86[55], após um calouro do curso de medicina

53 Os centros acadêmicos serão abordados com maior detalhamento no próximo capítulo.

54 Bandeira, L. M. Trotes, Assédios E Violência Sexual Nos Campi Universitários No Brasil. **Revista Gênero**, Niterói, v. 17, p. 49 - 79, 2017. Disponível em: https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/download/31263/18352/106537

55 Resolução nº 86, de 4 de novembro de 1999, que Dispõe sobre a proibição do trote na UNESP e dá outras providências. Disponível em: https://www2.unesp.br/Home/ouvidoria_ses/resolucoes-86-1999.pdf

da Universidade de São Paulo (USP) morrer em trote violento. Na época, o crime chocou o Brasil, e fez com que as universidades (públicas e privadas) se unissem para estabelecer normas contra o ato. Por mais inocente que pareça, a resistência de André a raspar o cabelo poderia ter consequências desastrosas, como foi no caso de Carlos Alberto Souza, que morreu em 1980 após ser agredido por veteranos ao se recusar e resistir ao corte do cabelo.

— O movimento estudantil começou a assumir uma posição forte contra os trotes. Eu participei demais disso, de ir na porta dos trotes e festas para fiscalizar os veteranos. Então eu pulei a primeira semana de aulas, né? Mas não pulei a reunião do centro acadêmico. — Continua André. — Foi esse movimento estudantil que eu herdei.

Reunião do Conselho de Estudantes da Unesp de Bauru (CEUB), em 2016.

Créditos: Foto do Centro Acadêmico da Psicologia

O movimento estudantil sempre esteve presente nas principais lutas sociais, tanto dentro como fora da Universidade. O mesmo tem seu início em 1901 - quase vinte anos antes da criação da universidade no Brasil - com a criação da Federação dos Estudantes Brasileiros, que ficou pouco tempo em funcionamento. Após a Revolução de 1930, a juventude do país se tornou mais politizada e envolvida em questões sociais. É nesse cenário que, no dia 11 de agosto de 1937, no Rio de Janeiro, que o então Conselho Nacional de Estudantes conseguiu criar uma entidade única que englobasse todos os estudantes, eles a chamaram de **União Nacional dos Estudantes (UNE)**[56].

Desde então, a UNE vem lutando. Em 1964, com a implementação da ditadura militar no Brasil, uma das primeiras ordens do novo regime foi metralhar e incendiar a sede da UNE, na Praia do Flamengo. Pouco tempo depois, os militares proibiram a existência da UNE, que passou a atuar na ilegalidade. Ao final dos anos 1970, com os primeiros sinais de enfraquecimento do regime militar, a mesma começou a se reestruturar, e em 1984, participou ativamente da campanha "Diretas já!". Hoje, a UNE - e o movimento estudantil em geral - luta principalmente pela melhoria da educação pública de qualidade no país, e vem ganhando mais espaço desde a criação do **ProUni**, do **Fies** e da **Lei de Cotas**.

— Naquela época, o movimento estudantil pensava em um projeto de Universidade, tínhamos até uma frase, 'universidade pública, gratuita e de qualidade!'. Só que esse jargão por si só não diz nada, né? Ele sintetiza um conceito muito complexo. A gente herdou um movimento que discutia muito sobre a pauta da permanência estudantil, que de forma mais genérica, envolve questões como RU e

56 Para saber mais sobre a história da União Nacional dos Estudantes, acesse: https://www.une.org.br/memoria/historia/

Moradia Estudantil, que sempre foi prioridade. Quando eu cheguei na Unesp de Bauru, a única permanência estudantil garantida eram as bolsas [auxílios], e só. — Conta André.

A luta do movimento estudantil não acontecia somente no macro espaço nacional, como a UNE faz parecer. As pautas regionais, de cada instituição de ensino - seja ela superior ou não - é o que alimenta o movimento. E na Unesp de Bauru não faltavam coisas pelo o que brigar.

— Eu lembro de um caso que aconteceu em 2013, logo antes de eu sair, com o Diretor da Faculdade de Engenharia, que na época também era o diretor responsável pela administração geral do câmpus, o Prof. Dr. Jair Wagner de Souza Manfrinato. — Diz André[57]. — A universidade não tinha dinheiro, toda vez que íamos fazer uma reivindicação era isso que falavam, aí do nada aparece um lago ornamental de carpas, com direito a uma pontinha, ao lado da cantina da FE. Quando divulgaram que aquilo tinha custado muito caro, a gente fez uma puta [*sic*] manifestação em cima daquele laguinho! Não tínhamos dinheiro para abrir o RU, mas tinha para construir um lago artificial? Aí não, né!

Ato contra a construção do lago de carpas, em 2013.

Créditos: Foto do Centro Acadêmico da Psicologia

[57] A administração do câmpus de Bauru se reveza entre os três diretores das faculdades - a FAAC, FC e FE - a cada dois anos. Esse estilo de organização só é realizado em duas unidades da Unesp, a de Bauru e a de Botucatu.

Quase caio da cadeira quando André me fala do lago de carpas. Conheço o lugar que ele está se referindo, me lembro de pensar, na primeira vez que o vi, o quão deslocado e alienígena o lago parecia dentro do câmpus, como se existisse só para confundir os alunos.

— Nós protestamos, arrumamos cartazes e fizemos barulho! Até conseguimos algumas varas e fingimos pescar no lago de carpas do Manfrinato. — Continua.

Decido entender um pouco mais sobre a construção polêmica. Afinal, quanto custou? E por que foi feito? Segundo a administração do câmpus, o lago foi um projeto de paisagismo, feito pela Administração Geral (AG) em parceria com a Faculdade de Engenharia (FE) durante a reforma do piso da cantina, em 2013. Ao todo, o lago custou 13 mil reais, que se atualizados com as correções necessárias traduz-se hoje para impressionantes 28 mil reais.

A parte mais irônica de tudo isso? Em 2023, menos de 10 anos depois da sua construção, o lago de carpas foi desativado. Quando perguntado o porquê do aterramento do lago, a AG disse que "os servidores da Administração Geral que faziam a manutenção do lago acabaram se aposentando ou foram readaptados. Ao se avaliar a terceirização dessa manutenção, foi verificado o alto custo frente às prioridades do câmpus. Como já havia um projeto de revitalização do prédio administrativo da FE, com previsão de instalação de um *novo lago*, foi decidido utilizar alguns dos materiais nessa nova obra. As carpas foram doadas para a Prefeitura (Jardim Botânico) e, o restante da estrutura, para a Vila Vicentina (Lar de Idosos)." Ao todo, foram gastos 350 reais para o aluguel de equipamento próprio para terraplanagem.

Créditos: Foto feita por Bárbara Cardi Camarini

Local onde ficava o lago de carpas, em 2023.

— Nós fazíamos muito barulho na porta Manfrinato. Quem estivesse no comando da Administração do câmpus, esse sofria na nossa mão! — Conta André, sorrindo. A ideia era simples, se as pautas do movimento estudantil não fossem atendidas ou escutadas, os alunos invadiam os corredores ao redor da sala do diretor no comando da AG e faziam, bem... barulho. Os alunos usavam batuques, tambores, panelas, tudo que fizesse som. Quanto mais desafinado, melhor. A ideia era incomodar, tornar impossível trabalhar, ser disruptivo. — Uma coisa engraçada, foi que nessa época que o Manfrinato era o diretor, eu fazia parte da gestão do Diretório Acadêmico 'César Lattes'[58], e nossa chapa se chamava Erva

58 O Diretório Acadêmico César Lattes será abordado com maior detalhamento no próximo capítulo.

Daninha, na conotação que era difícil se livrar da gente. E adivinhe a especialidade acadêmica do Manfrinato? O estudo do extermínio de ervas daninhas. E foi tudo sem querer, nem sabíamos disso quando criamos a nossa chapa.

Ao conversar com o psicólogo, percebi que ele sabia muito bem o que queria fazer durante seus anos na universidade, e não era ser um aluno complacente e mediano.

— E de onde vem tudo isso? Essa vontade de brigar, lutar, enfrentar? Você já fazia parte do movimento estudantil antes de entrar na Unesp? — Pergunto curiosa.

— Eu cheguei na universidade com esse espírito de uma rebeldia que eu não sabia entender muito bem, não é que eu tinha isso bem organizado. Muito pelo contrário, no meu caso era mais fogo do que iluminação. Eu não fazia parte do movimento estudantil antes de entrar na Unesp, mas eu tive professores maravilhosos, e pais que me ensinaram a lutar pelo que é certo. — Conta André.

André e outros incontáveis alunos da Unesp de Bauru lutaram por tudo que eu, entre 2019 e 2023, desfrutei durante a minha graduação. As principais conquistas dessa época foram o restaurante universitário e a moradia estudantil, que após décadas de lutas foram entregues em 2013. Agora, fazê-los funcionar? Essa é uma outra história.

— Eu peguei uma fase em que o movimento estudantil estava fragilizado. Eu peguei uma transição de um movimento estudantil que tava muito forte para um que já tava morno. Agora, você quer saber de um pessoal que ajudou a mudar a história da Unesp de Bauru? Você deveria conversar com a Celinha. Ela foi a primeira pessoa a pisar dentro da moradia estudantil, ela que a inaugurou! — Exclama André animado.

Créditos: Foto feita por Bárbara Cardi Camarini

Da esquerda para direita, Caio Portella, Juliana Pizano, Henrique Castro, Ana Paula Ciantelli, Rafael Colmanetti, Laís Foganholo, Lucas (sobrenome não identificado), Drielly Lopes

Conversamos um pouco mais sobre o câmpus, o que ainda existe e o que faz falta. Ele fica contente em saber da nova forma de recepção aos bixos, repleta de acolhimento e sem trote, é a norma hoje. No fim da nossa entrevista, ele me passa o contato da "Celinha" e me fala uma frase que desperta meu interesse.

— Pede para ela te contar do movimento 'Eu quero uma casa no câmpus'! — Diz ele.

Em toda a minha pesquisa e entrevistas, nunca ouvi sobre esse movimento. Afinal, o que é o "Eu quero uma casa no câmpus"?

— A minha entrada no movimento estudantil teve muito a ver com permanência. — Essa é uma das primeiras coisas que Célia Regina da Silva, de 47 anos, me fala quando atende a minha chamada de vídeo.

Célia, ou Celinha - por conta da sua pouca altura - começou sua jornada acadêmica em 1997, cursando Psicologia na Unesp de Bauru. Vinda da periferia de São Paulo, a ideia de ir para o interior em busca de uma educação superior parecia absurda.

— Nunca tinha pensado nem em fazer faculdade. Eu comecei a trabalhar desde a oitava série, então nem pensava nisso. E naquela época não tinha políticas públicas voltada para pessoas como eu, a gente tinha o vestibular e era isso. Nada de **ENEM** ou o **SiSU**. — Conta Célia, ao se arrumar na cadeira. Ela parece calma, como se tivesse esperado a vida toda para alguém perguntar sobre seu papel no movimento estudantil. — Mas eu queria ter um emprego melhor. E nessa busca eu entendi que uma faculdade poderia ser minha passagem para ter um emprego melhor, mas como eu não tinha dinheiro para pagar uma faculdade particular, decidi tentar uma pública. E eu até brinco que todo mundo de São Paulo achava que só existia a **USP**.

A última frase nos faz gargalhar juntas. Desde que eu conheço a Unesp - bem antes de fazer parte da mesma - existe uma brincadeira feita pelos alunos que zombam da popularidade da USP. A ideia é de que a Unesp é - e *sempre será* - a prima pobre da USP, que mora no interior e nunca viu a cidade grande - por mais que exista um câmpus da Unesp em São Paulo, a analogia fica mais divertida assim. É claro que este estereótipo é totalmente aceito e, até mesmo, foi inventado pelos próprios alunos da Unesp, que adoram antropomorfizar as relações entre as três maiores universidades públicas do estado, a USP, a Unesp e a Unicamp.

— Eu escolhi o curso de Psicologia porque eu achei que eu levava jeito e não era tão concorrido como Medicina, por exemplo. Enfim, depois do vestibular eu fui a terceira colocada da lista de espera da minha turma, e naquela época a Unesp determinava uma data para ir presencialmente no

câmpus escolhido declarar interesse pela vaga. E eu fui, com a cara e a coragem. Pedi uma folga no trabalho, viajei de ônibus a madrugada toda, e cheguei em Bauru. — Continua Célia.

A surpresa veio quando ao declarar o interesse pela vaga, os servidores informaram Célia que se ela esperasse até a tarde ela poderia ter a resposta no mesmo dia, e até mesmo já fazer sua matrícula. Entre a esperança e a animação de conseguir uma vaga na universidade, veio o desespero. Onde ela iria morar? Como ela se sustentaria?

— Eu gosto de brincar, mas eu realmente nunca tinha saído de São Paulo. Para mim toda universidade pública era como a USP, que tinha um lugar para os estudantes de outras cidades que não tivessem condições financeiras, morar. Eu não imaginava que pudesse existir algo diferente disso. — Explica Célia, com um semblante sério. — Então eu fui ao espaço onde ficavam os centros acadêmicos e pedi para colocar o meu nome para entrar na moradia estudantil. E aí o rapaz que estava lá começou a me passar os contatos de algumas repúblicas, e eu tive que interromper ele e explicar que eu queria a moradia de estudantes, aquela de graça. Lembro até hoje dele me falando que na Unesp de Bauru não tinha isso. E aí eu pensei meu Deus do céu, o que que eu vou fazer?

Para Célia a graduação se tornou muito mais difícil naquele momento. Então ela bolou um plano simples, pedir demissão do seu emprego em São Paulo, pegar todo dinheiro que conseguir e vir para Bauru. Se não conseguisse se sustentar no interior, ela voltaria para casa da sua família.

— Só que eu era zero politizada, sabe? Eu tinha uma visão relativamente crítica de trabalhadora, que acho que enxerga injustiças da luta de classes, mas não tinha nenhuma elaboração disso. Foi na Unesp que eu aprendi a lutar. — Lembra Célia — A militância é diferente de assistência, que é onde a gente enquadra a moradia estudantil e o RU. No meu ponto de vista, não deveria ser chamado assistência,

deveria chamar decência. É indecente um estudante da classe trabalhadora romper todo o ciclo de exclusão social, conseguindo entrar na universidade pública e não ter, de forma natural, uma estrutura para ele usufruir da enorme conquista de entrar em uma universidade.

Foi com a ajuda do auxílio socioeconômico e trabalhando no Centro de Convivência Infantil que Célia conseguiu se manter em Bauru. Foi nessa rotina de trabalhadora-estudante que ela conheceu um grupo de pessoas, principalmente do curso de Jornalismo, e começou a participar do movimento estudantil.

— Não é exagero falar que, naquele momento, ali dentro da Unesp foi como um segundo nascimento, sabe? Começou com esse processo de refletir sobre essas questões da falta de assistência estudantil nas reuniões de estudantes. Nessa época eu ainda não estava no movimento em nenhum cargo, mas eu ia nas reuniões porque eu chegava mais cedo na faculdade, saía direto do trabalho e participava.

— Você pode me falar alguma das manifestações que você participou? — Pergunto.

— Tem uma que me marcou muito. Era mais ou menos nos anos 2000, e não tínhamos o RU ainda, a única coisa que a gente tinha era um restaurante na cantina da FE, que funcionava por licitação. Então o movimento estudantil programava, com uma certa periodicidade, mas sem ninguém fora do nosso grupo saber, atos na cantina. E esses atos a gente chamava ato de 1 real, onde todo mundo sentava, comia e ficava esperando todos do grupo terminar de comer. A hora que todo mundo terminava, um de nós subia na mesa e começava a falar, que todos nós do movimento estudantil iríamos pagar 1 real pela nossa comida, e convidávamos todos naquele espaço a fazer o mesmo. — Começa Célia, que sorri ao recordar. — A mulher que era proprietária da cantina ficava chorando, dizendo que ia ter prejuízo ou menos lucro, né? Mas precisávamos lutar por um RU. Isso acontecia pelo menos uma vez por mês.

Para não serem punidos, o ato era feito por um grande número de alunos, e a pessoa responsável por subir na mesa e fazer a declaração mudava todas as vezes. Célia, que nunca tinha imaginado passar por uma situação como aquela, diz que a experiência a formou como ser humano.

— Nesse período, a cultura universitária tinha mais essa gana, sabe? Hoje, temos uma visão meio positivista tóxica, de que tudo tem que ser agradável, você não pode contrariar ninguém. Só que não é assim que a gente fez existir a universidade. — Diz a psicóloga.

O período em que Célia esteve na Unesp, de 1997 a 2002, foi muito propício para um fortalecimento do movimento estudantil. Entre a redemocratização de 1985 e a eleição do primeiro mandato do Presidente Lula Inácio da Silva em 2003, marcou um momento fertil para a militância no Brasil.

— Para você entender o quão politicamente envolvida eu estava nessa época, eu fiz parte do centro acadêmico, fui representante no conselho de curso, passei por várias instâncias de representação e uma delas foi a **Congregação**[59]. — Lembra Célia.

— Nesse período que eu fiquei na representação da congregação a gente passou por uma situação complicada. Foi bem no início do governo Lula, quando estava tendo uma expansão desordenada das Universidades, inclusive da Unesp. Para você ter uma ideia, o câmpus da Unesp de São Vicente foi criado e não tinha biblioteca. — Conta Célia, indignada. A ideia de uma universidade sem uma biblioteca - principalmente uma pública - é inimaginável, já que na própria regulamentação do Ministério da Educação

59 A Congregação é um órgão deliberativo e normativo, que tem como objetivo a autogestão de cada faculdades. Ou seja, na Unesp de Bauru existem três congregações (a da FAAC, da FC e da FE), que contam com representantes de diversas realidades, como alunos, professores, funcionários técnico-administrativos, direção e departamentos.

diz que para uma instituição de ensino ser considerada uma universidade, é necessário ter no câmpus uma biblioteca. — Não tinha condições de cuidar dos câmpus que já existiam, mas já tinham anunciado a construção de outros? Muitos não tinham RU ou moradia estudantil.

A mobilização atingiu os três segmentos da comunidade universitária, os estudantes, professores e funcionários. O Instituto de Artes, do câmpus da Unesp em São Paulo, foi ocupado por alunos que protestavam por mais permanência estudantil. Para apoiá-los, diversos representantes das congregações decidiram ir à Reitoria, também na capital, na reunião de planejamento e aprovação da expansão dos câmpus. Cerca de 150 alunos, vindos de diferentes unidades da Unesp, tentaram participar da reunião.

— Ali, naquele momento, foi uma experiência muito decisiva para mim. Foi ali que eu comecei entender como a sociedade realmente funciona. — Diz.

O que aconteceu naquela quarta-feira, dia 14 de agosto de 2002, diverge em duas narrativas: A da Célia, que estava lá como aluna e representante discente da congregação da Faculdade de Ciências da Unesp de Bauru, e da jornalista Renata Cafardo, que cobria a manifestação para o jornal Estado de São Paulo.

— Para começar a gente [membros da congregação] chegou em um grande volume de pessoas, e o reitor deu orientação para os seguranças não nos deixarem subir para a sala onde ia ser realizada a reunião. — Começa Célia, que se ajeita na cadeira para me contar a história. — A estrutura do prédio onde acontecia a reunião era toda de vidro, e teve logo de cara um empurra ali que quebrou vidros e algumas pessoas se machucaram com estilhaços. Mesmo assim, conseguimos entrar na sala onde estava acontecendo a reunião, e a partir do momento que a gente entrou a nossa ideia era assistir a reunião e pedir a palavra para questionarmos o Reitor.

Já Cafardo escreveu na reportagem publicada no jornal Estado de São Paulo no dia seguinte que "A intenção era impedir a votação e contribuiu para a atitude o fato de que os alunos estarem provisoriamente sem participação no conselho. [...] 'Pedimos para entrar e eles não permitiram' disse a aluna Liana Castilho. Com um chute, um estudante destruiu a porta da frente da reitoria e todos subiram para o 17° andar, onde se reúne o conselho. Nenhum segurança dificultou a passagem.". Ainda segundo ela, ao chegarem na sala os alunos foram impedidos de abrir a porta por funcionários, que a empurravam fechada. Na confusão, a porta - que também era de vidro - se quebrou, "Alguns dos presentes à reunião receberam os estudantes com cadeiras na mão. [...] O assessor da pró-reitoria de Extensão Luis Guilherme Wadt recebeu uma cadeirada de um aluno e agrediu com um tapa a repórter do Estado por imaginar que se tratava de uma estudante".

— Depois que conseguimos entrar e os ânimos se acalmaram, a gente começou a fazer perguntas, e o reitor escolheu ficar calado. Mas isso não nos intimidou e continuamos fazendo perguntas. Nesse meio tempo aconteceu uma intervenção artística espontânea, feita por um aluno do Instituto de Artes. Ele estava mascarado, com aquelas máscaras características de teatro, sabe? E um bastão, que não sei do que era feito, mas parecia jornal enrolado. Então esse aluno começou a encenar, de forma cômica, tudo que estava acontecendo ali. — Lembra Célia, que sorri. — Quando o pessoal falava 'isso aqui é uma palhaçada!', ele pegava esse bastão e começava a fazer malabares. Quando alguém queria falar, ele apontava esse bastão para a pessoa e o usava como microfone, foi tudo feito na improvisação, uma coisa bem inocente, sabe? O cara era genial.

A jornalista escreveu ainda que o reitor José Carlos Souza Trindade "escutava, atônito, alunos discursarem e se referirem a ele com palavras como 'picareta', 'palhaço' e

‘pilantra’. ‘Não quis falar sob pressão’, afirmou, completando que vai instaurar uma sindicância para apurar o que houve.”

— A reunião foi adiada, o reitor foi embora, e nada mais aconteceu naquele dia. Quando eu cheguei em Bauru, estava estampado na capa de todos os jornais uma foto desse aluno de máscara, apontando o bastão para o reitor, escrito na legenda alguma coisa como ‘vândalo ameaça reitor da Unesp’. — Conta Célia, indignada. — Por isso que eu falo que é uma experiência que me abriu, sabe? O cara tava abrilhantando o protesto e a imagem dele foi usada para reforçar a tese de aluno baderneiro.

Produto: ESTADO - BR - 1 - 15/08/02 A1 - TR. A RED. - Composite PB COR

SP, RJ, MG, PR e SC: R$ 2,00 Demais Estados: ver tabela na página A4

O ESTADO DE S. PAULO

RUY MESQUITA Diretor-responsável

Julio Mesquita (1891-1927) Julio de Mesquita Filho (1927-1969) ANO 123 QUINTA-FEIRA Nº 39761 SÃO PAULO, 15 DE AGOSTO DE 2002 Francisco Mesquita (1927-1969) Julio de Mesquita Neto (1969-1996)

BC anuncia medidas para fortalecer fundos

Parte dos títulos do governo será recomprada e outra será trocada por papéis de vencimento mais curto

Crédito para exportadores será de mais de US$ 2 bi

Golpistas da Venezuela não serão julgados

FHC cobrará dos candidatos ‘responsabilidade patriótica’

‘O mercado que se lixe’, diz Ciro a empresários

Após 23 horas de tensão, ex-interno e refém morrem

Plano Colômbia foi um fracasso, segundo relatório

Protesto na Unesp termina em pancadaria

Ronaldo pode afinal estar perto do Real Madrid

Gramado premia Marieta Severa

Circuito de TV em favela vigiava polícia

Cientistas descobrem um dos genes da fala

PF instaura inquérito para investigar Maluf

Capa do jornal o Estado de S. Paulo, no dia 15 de agosto de 2002. Nele temos uma das fotos do protesto, e a na legenda está escrito “**Selvageria** - *Rosto escondido por máscara, aluno ameaça o reitor da Unesp durante protesto*”

Créditos: Jornal o Estado de S. Paulo

Reportagem sobre protesto intitulado “Era um protesto na Unesp. Virou pancadaria”, escrito por Renata Cafardo

Produto: ESTADO - BR - 14 - 15/08/02 | A14 - Composite | PB
Produto: ESTADO - BR - 14 - 15/08/02 | A14 - Composite | COR

EDUCAÇÃO

Era um protesto na Unesp. Virou pancadaria

Fotos Sérgio Castro/AE

Estudantes quebram a porta e começam a invasão da reitoria, pouco antes da reunião do Conselho

Na sala do Conselho Universitário da Unesp, muita confusão e confronto depois da invasão

José Afonso Carrijo, assessor da reitoria, foi atingido por estilhaços de vidro e levou cinco pontos

Durante os discursos dos alunos, estudante com uma máscara ficou atrás do reitor Trindade

Estudantes invadiram o prédio da reitoria e interromperam a reunião que discutiria o plano de criação de mais câmpus no Estado. Houve feridos e o encontro foi adiado

RENATA CAFARDO

Estudantes da Universidade Estadual Paulista (Unesp) quebraram duas portas de vidro ontem e invadiram uma reunião do órgão máximo da instituição. O reitor José Carlos Souza Trindade, todos os diretores de unidades e outros professores se preparavam para votar um plano de expansão que criaria oito novos câmpus no Estado. Os alunos sustentam que o projeto vai baixar a qualidade do ensino na universidade. Durante a invasão ao prédio da reitoria, na Alameda Santos, houve confronto entre professores e alunos e cerca de dez pessoas ficaram feridas.

"Foi uma atitude antidemocrática e um desrespeito", disse o reitor Trindade, depois que os estudantes deixaram a sala onde se realizaria a reunião. Desde o momento da invasão, por volta das 10h30, ele não pronunciou uma só palavra nem soube se levantou da cadeira da presidência do Conselho Universitário, apesar da insistência dos estudantes em ouvir sua posição sobre o projeto. Trindade escutava, atônito, alunos discursarem e se referirem a ele com palavras como "picareta", "pulhaco" e "pilantra". "Não quis falar sob pressão", afirmou, completando que vai instaurar uma sindicância para apurar o que houve.

Adiamento – A ocupação durou cerca de duas horas e só terminou quando um representante da reitoria anunciou o adiamento da votação, garantindo que o reitor receberia na semana que vem uma comissão de estudantes. Os cerca de 150 estudantes vindos de unidades da Unesp, no interior e na capital, começaram a se concentrar na frente do prédio no início da manhã. Quando a reunião começou, eles mantiveram contato com um membro do conselho, também contrário ao projeto, por celular. Lá dentro, ele pediu ao reitor que deixasse a votação do plano para o fim da reunião e discutisse primeiro a criação de cursos em unidades já existentes. Segundo Trindade, a idéia era atrasar ao máximo a votação para que depois fosse adiada, por falta de tempo. A proposta foi negada e essa resposta desencadeou a invasão.

A intenção era impedir a votação e contribuiu para a atitude o fato de os alunos estarem provisoriamente sem participação no conselho. As eleições de seus representantes seriam ontem. "Pedimos para entrar e eles não permitiram", disse a aluna Liana Castilho. Com um chute, um estudante destruiu a porta da frente da reitoria e todos subiram para o 17.º andar, onde se reúne o conselho. Nenhum segurança dificultou a passagem.

Na entrada da sala, foram impedidos de prosseguir e começaram a pressionar a porta. Funcionários da Unesp empurravam do lado contrário, até que ela se quebrou. Alguns dos presentes à reunião receberam os estudantes com cadeiras na mão.

Durante a permanência dos alunos na sala, houve várias discussões entre estudantes e professores. O assessor da pró-reitoria de extensão Luis Guilherme Wadt recebeu uma cadeirada de um aluno e agrediu com um tapa a repórter do **Estado** por imaginar que se tratava de uma estudante. Outro assessor da reitoria, José Afonso Carrijo, foi atingido por estilhaços de vidro e levou cinco pontos na testa. Alguns alunos também ficaram a camiseta manchada de sangue.

A situação esteve tensa durante todo o tempo e muitos professores se refugiaram no fundo da sala. "Também discordo de alguns pontos do projeto, mas impor a opinião pela violência é uma atitude fascistóide", disse o diretor da unidade de Araraquara, José Segatto. "Quem tem o privilégio de estudar em uma universidade pública não pode ter um comportamento desse", completou o chefe de gabinete da reitoria, Luiz Antonio Vane.

ALUNOS PRETENDIAM PARTICIPAR DA DISCUSSÃO

Estudantes não querem docentes viajantes

O projeto de expansão da Unesp pretende aumentar em 50% a atuação da instituição. Seriam criados câmpus nas cidades de Dracena, Tupã, Rosana, Ourinhos, Itapeva, Registro, Sorocaba e Iperó. A idéia inicial é oferecer um curso em cada um deles e utilizar uma parte dos professores de outras unidades. Os prédios e os funcionários não docentes serão mantidos pelas prefeituras dos municípios.

A principal crítica dos alunos e de um grupo de professores refere-se aos docentes viajantes. Segundo eles, os professores ficariam pouco tempo na faculdade por ter de voltar ao seu câmpus de origem. O prejuízo seria principalmente a ausência de pesquisa na unidade. Além disso, questiona-se a garantia de continuidade da expansão, já que ela é feita por meio de parcerias com prefeitos.

Para os estudantes presentes ontem à manifestação, a situação atual da Unesp já é precária, com falta de professores e má estrutura de bibliotecas e laboratórios. Portanto, para eles, não seria o momento de gastar dinheiro com novas unidades. Segundo o reitor Trindade, estão sendo feitos investimentos na contratação de docentes e em infra-estrutura e a expansão não inviabilizará essas melhorias.

A Unesp recebeu em 2001 uma verba adicional da Assembléia Legislativa de R$ 80 milhões pelo seu grande projeto de ampliação. Reitores da USP e da Unicamp ficaram indignados por receberem montantes menores. Além disso, o orçamento da Unesp corresponde a 2,3% da arrecadação do ICMS. Para a USP são 5,2% e para a Unicamp, 2,1%.

A reunião de ontem havia sido convocada em regime de urgência, porque a aprovação do projeto garantiria mais verbas do Estado. Segundo Trindade, o plano de expansão precisa ser entregue à Secretaria de Ciência e Tecnologia no fim deste mês. O reitor ainda não sabe dizer quando será marcada uma nova reunião do Conselho Universitário. **(R.C.)**

RELIGIÃO

Papa não renuncia durante visita à Polônia, diz cardeal

Autoridades polonesas anunciam esquema para chegada de João Paulo II, amanhã

JOSÉ MARIA MAYRINK
Enviado especial

CRACÓVIA – O cardeal Franciszek Macharski, amigo e sucessor de Karol Wojtyla como arcebispo da arquidiocese de Cracóvia, garante que o papa embarca amanhã para a Polônia numa viagem de ida e volta. Ou seja, não tem nenhum fundamento a especulação de que João Paulo II poderia renunciar ao pontificado e se recolher a um mosteiro.

"Basta ler o texto da primeira homilia que João Paulo II fez no Vaticano, ao ser eleito papa em 1978, quando citou o episódio do 'quo vadis', no qual Cristo mostrou a São Pedro o que esperava dele", disse o cardeal. Na cena guardada pela tradição oral da Igreja, Cristo aparece carregando uma cruz e avisa a Pedro que ia ser morto de novo porque ele, Pedro, estava fugindo de Roma.

Convencido de que o papa polonês vai cumprir sua missão até o fim, Macharski liga essa visita de João Paulo II – a oitava que faz à sua pátria – à parábola do filho pródigo, na qual um pai acolhe o primogênito que volta à casa, depois de esbanjar seus bens na farra. "O papa vem nos dar a mão para nos levantarmos, porque não se pode dizer que fomos perfeitos e correspondemos ao que esperava de nós."

Macharski, que falou ao **Estado** após participar de uma entrevista coletiva com outras autoridades para explicar o esquema da visita, referiu-se a uma provável decepção que João Paulo II teria com os rumos tomados por seu país depois de se livrar do comunismo, em 1989.

João Paulo II, que apoiou o movimento sindical Solidariedade, liderado pelo metalúrgico Lech Walesa, mais tarde presidente da República, não estaria satisfeito com o nível do regime econômico adotado pela Polônia, um capitalismo atrasado em relação à União Européia. O papa condena também a onda de consumismo que, apesar desse atraso, tomou conta do país.

CRACÓVIA JÁ ESTÁ CHEIA DE BANDEIRAS

Com taxa média de desemprego de 13%, a Polônia só deverá ser admitida na União Européia em 2004. As negociações para sua admissão terminam no fim do ano, mas o processo terá de ser aprovado em 2003 pelos países membros e posteriormente ser submetido a referendo na própria Polônia.

Preparativos – Macharski disse que não terá caráter sentimental esta visita do papa à cidade em que viveu e trabalhou por 40 anos. "A emoção o acompanhou nas outras viagens, mas nesta o mais importante é a mensagem que nos traz."

Cracóvia, de 800 mil habitantes, já entrou no ritmo da visita. Bandeiras e faixas nas cores amarelo e branco, da Santa Sé, vermelho e branco, da Polônia, e azul e branco, da Virgem Maria, padroeira da cidade, decoram ruas e praças, principalmente o Parque Blonia, onde João Paulo II celebrará missa no domingo. A imprensa fala na expectativa de 4 milhões de peregrinos.

Karol Wojtyla ficará hospedado na residência episcopal em que morou quando foi arcebispo – uma construção medieval de paredes amarelas cuja sacada dá para a Rua dos Franciscanos, no centro histórico. A área começou a ser isolada ontem à tarde, pois as pessoas não poderão se aproximar muito.

Créditos: Jornal o Estado de S. Paulo

O reitor remarcou a reunião, em um local diferente, e conseguiu aprovar o projeto que criava os novos câmpus.

— E essa foi a última manifestação que você participou na Unesp de Bauru? — Pergunto decepcionada. A ideia de sua história com o movimento estudantil ter terminado assim me deixa triste.

— Depois de formada, o pessoal do movimento estudantil me convidou para um evento que ia ter na Unesp, eu estava trabalhando num curso de pós em Penápolis que é relativamente perto de Bauru, então aceitei. E foi eu e o Afonso Mancuso Mesquita, um amigo meu que também fazia parte do movimento estudantil da época. A gente ia fazer parte de uma mesa no evento, para dialogar com o pessoal da nova chapa do DACEL. — Começa a psicóloga.

Fazia 11 anos que Célia havia se formado, e muita música tinha mudado na Unesp de Bauru. O movimento estudantil não era mais tão forte como no começo dos anos 2000, mas o restaurante universitário e a moradia estudantil, tão demandados pelos alunos uma década antes, tinham sido construídos. Não estavam funcionando, é claro. Seria uma narrativa muito simples se tudo estivesse bem.

— Bom, nós estávamos na Unesp e o pessoal que estava organizando o evento tinha se programado para usar a moradia, que ainda não tinha sido inaugurada, para os estudantes de fora da cidade pernoitar. Isso era um sábado, e nós teríamos mais atividades no domingo. E o pessoal que estava na organização fez tudo o que o diretor pediu, eles recolheram os nomes dos estudantes que iam dormir na moradia, entregaram com antecedência e tudo mais, só que não é assim que eventos de estudantes funcionam, sabe? Na prática o que aconteceu foi que teve gente que tinha dado o nome que não veio, e tinha gente que estava lá que não tinha nome naquela lista. Quando chegamos na moradia e falamos com o funcionário que estava lá que alguns nomes iam ser trocados, ele quis ligar para o diretor. É claro que o

Manfrinato não aceitou que ninguém que estivesse fora da lista entrasse. — Continua.

Os alunos então decidiram, ali mesmo ao lado da moradia estudantil e na beira da rodovia, abrir uma assembleia sobre o que deveriam fazer. A decisão tomada? Ocupar a moradia estudantil.

Alunos reunidos na frente da Moradia Estudantil, alguns minutos antes de ocupá-la

Créditos: Foto cedida por Marcelo Ubiali Ferracioli

— Quando o pessoal decidiu ocupar, eu e o Afonso estávamos só acompanhando, porque tecnicamente falando nós não fazíamos mais parte daquilo, né? Quando o pessoal foi colocar o pé dentro da moradia, a Laís Sandi Foganholo, que fazia parte do DACEL e era uma das organizadoras do evento, pediu para todo mundo parar. Lembro até hoje, ela falou assim 'vou chamar aqui dois colegas, que participaram das ocupações, que lutaram por essa moradia, bem antes da gente estar aqui. Celinha e Afonso, vocês vão ser os primeiros a pisar na moradia. Até me arrepia lembrar disso, porque depois de tudo que a gente passou quando era estudante, totalmente ao acaso sem querer, fomos os primeiros a pisar na moradia de Bauru mais de 10 anos depois de formados. Eu acho que faz a universidade, né? — Explica Célinha.

Célia e Afonso, os primeiros a entrarem na Moradia Estudantil

Créditos: Foto cedida por Marcelo Ubiali Ferracioli

Hoje, 20 anos depois de formada, Célia não é mais a Celinha do movimento estudantil, representante da congregação e parte do DACEL. Ela é a Profª Drª Célia Regina da Silva, psicóloga, mestre em Educação pela PUC de São Paulo, doutora em Educação Escolar pela Unesp de Araraquara, e foi professora na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) de 2020 a 2023.

— Eu estava dando aula na UEMG, lá em Minas, já preparada para fazer uma carreira acadêmica por lá, quando abriu vaga na Psicologia da Unesp de Bauru. E aí eu quando eu vi a vaga que era muito dentro do meu perfil, em psicologia escolar. Pensei nossa, será que eu consigo passar na Unesp mais uma vez? Agora como professora? Nossa seria tão bom, acho que nem dá! Eu fiz esse concurso. Passei. Voltei para Bauru dia 14 de março de 2023, e sou a mais nova professora do departamento de Psicologia e tô trabalhando lá junto com alguns dos professores que me formaram, que me fizeram quem eu sou hoje.

Após alguns minutos de conversa, a professora Célia me informa que precisa encerrar a nossa conversa. Agradeço pela aula sobre a perseverança do estudante universitário, e estou quase me despedindo quando me lembro de algo muito importante.

— Espera! Professora, o que é o 'Eu quero uma casa no câmpus'? Me falaram esse nome, mas não sei o que é! — Pergunto desesperada.

— Olha, eu não consegui participar do 'Eu quero uma casa no câmpus', acho que você deveria conversar com o Marcelo, já que ele estava à frente desse movimento. — Me informa a professora, que se despede apressadamente.

Eu, tu, nós, vós queremos uma casa no câmpus

— Você pode me explicar o que é o 'Eu quero uma casa no câmpus'? — Pergunto quase imediatamente após a chamada de vídeo conectar. Eu sei exatamente três coisas sobre o meu entrevistado, que seu nome é Marcelo Ubiali Ferracioli, que ele fez Psicologia na Unesp de Bauru entre os anos 2000 a 2005 e, principalmente, que ele pode me responder essa pergunta.

— Foi um movimento feito por alunos da Unesp, sobretudo de Bauru, que reivindicava uma permanência estudantil melhor, em especial a moradia estudantil. Para a gente conseguir isso, ocupamos algumas partes do câmpus, morando acampado nelas por um tempo. — Explica Marcelo, que hoje é professor do departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). — O nome desse movimento vem da música 'Casa no Campo' da Elis Regina[60]. Tem uma parte que ela canta 'Eu quero uma casa no campo', nós só mudamos a palavra campo, por câmpus [no sentido de unidade universitária].

Panfleto do Projeto de Integração dos Calouros da Unesp (PICU) de 2003.

Créditos: Foto cedida por Marcelo Ubiali Ferracioli

60 Casa no campo é uma composição de Tavito e Zé Rodrix, imortalizada na interpretação de Elis Regina.

— Havia uma cultura de ocupações na Unesp Bauru, assim como havia uma cultura de ocupações nas universidades Estaduais de São Paulo, naquela época. A gente sabia por exemplo que tanto a USP quanto à Unicamp e outros câmpus da Unesp, como o de Marília, tinham conseguido as suas moradias via ocupações. Foi quando decidimos, no PICO mesmo, fazer uma ocupação mais resistente, mais forte. Então decidimos nos preparar! — Conta o professor com um sorriso no rosto. Após o fim do PICO, o movimento estudantil convidou o MST para ministrar uma oficina de construção de barracos, que trouxe muitos ensinamentos, mas também surpresas. — A nossa ideia era construir esses barracos para ocupar o câmpus, mas enquanto conversávamos com o pessoal do MST eles explicaram que morar em um barraco é muito difícil, e que eles só faziam isso por que não tinham outra opção, mas que se pudessem, em vez de barracos eles ocupariam algum prédio, que já tivesse alguma infraestrutura.

Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

Os alunos ocuparam primeiro a sala 23, perto da cantina da FE, e transformaram o câmpus em sua casa. Na frente da sala, existia um contador de dias, informando o público a quanto tempo a ocupação estava acontecendo. A céu aberto, um sofá improvisou uma sala de estar, os "acampados" tomavam banho no ginásio Guilhermão, e um fogão dava a um canto da sala o nome de cozinha.

Primeira fase da ocupação "Eu quero uma casa no câmpus" (2003), na sala 3.

Créditos: Foto cedida por Marcelo Ubiali Ferracioli

— A ocupação se tornou uma espécie de centro nervoso do movimento estudantil. Estávamos pressionando a Reitoria para a construção da moradia, já a questão tinha passado duas vezes por discussão no conselho universitário e as duas vezes foi rejeitada a aprovação da construção. Então não é que a gente tinha um silêncio sobre o tema, tínhamos uma negativa. Nesse primeiro momento estávamos tentando reverter essa decisão, depois descobriremos o resto. — Conta Marcelo. A ocupação na sala 23 durou um pouco mais de dois meses, quando os alunos encontraram um lugar melhor para ocupar. — Estávamos de olho no prédio do Grupo Administrativo do Câmpus [GAC], que estava em construção. Vimos que o prédio tinha água, vaso sanitário, luz, e até mesmo um espaço para cozinha. E aí pensamos que era hora de nos mudarmos. Aí a gente fez o C.H.I.C.O., o Conjunto Habitacional Independente do Conselho Universitário.

O C.H.I.C.O. foi inaugurado no dia primeiro de julho de 2003, e tinha como propósito ser o "bloco 1" da moradia. Para tornar a realocação da ocupação relevante, o movimento estudantil convidava os alunos e a imprensa para irem ao local, e produziam textos informativos.

Segunda fase da ocupação "Eu quero uma casa no câmpus" (2003), alunos se mudando para o prédio do GAC

Créditos: Foto cedida por Marcelo Ubiali Ferracioli

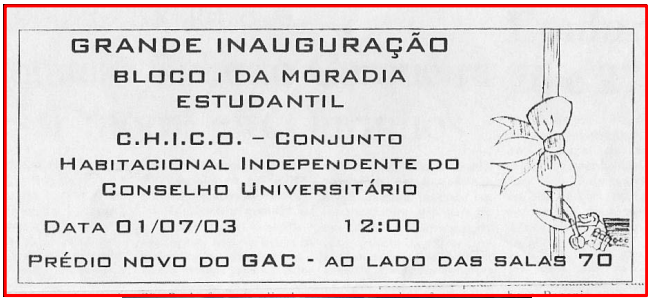
Alunos fazendo uma reunião na ocupação do prédio do GAC

Créditos: Foto cedida por Marcelo Ubiali Ferracioli

Alunos dando entrevista para televisão sobre ocupação "Eu quero uma casa no câmpus" (2003), na frente do prédio do GAC

Créditos: Foto cedida por Marcelo Ubiali Ferracioli

Panfleto de inauguração do C.H.I.C.O. - Conjunto Habitacional Independente do Conselho Universitário



Créditos: Foto cedida por Marcelo Ubiali Ferracioli

— Estava muito difícil manter a ocupação, mas quando mudamos para o C.H.I.C.O. parece que o pessoal animou, sabe? Mas 10 dias após estarmos nesse novo lugar, a Unesp mandou cortar a luz e a água do prédio, igual fazem nos presídios quando tem rebelião, né? Aí ficou impossível permanecer lá. — Afirmou Marcelo.

Temendo perder o engajamento dos alunos, Marcelo e os outros participantes do movimento decidiram ocupar duas salas nas 70's[61], uma para dormitório e outra para cozinha, sala de estar e local de convivência.

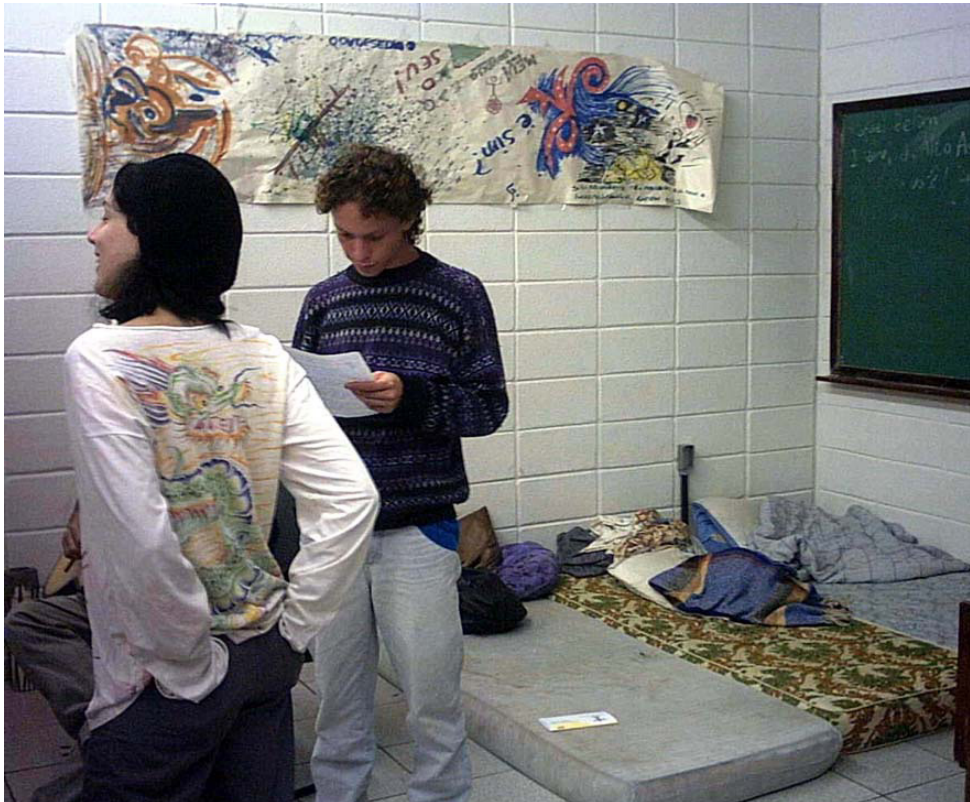
— As salas não podiam ficar vazias. Porque se ela ficasse vazia chegava a vigilância, jogava tudo para fora e trancava a sala, né? A gente tinha um esquema de permanência para sempre ter alguém lá, mesmo durante as férias. E aí durante as aulas a gente revezava o pessoal, ficava uns e outros iam para aula, cozinhávamos ali mesmo, lavávamos as louças na torneira que ficavam na frente, e voltamos a tomar banho

61 As 70's são um conjunto de 10 salas, numeradas de 70 a 79, perto da portaria principal. Esse local é muito importante para diversos cursos da FAAC, mas principalmente, para o curso de Jornalismo que tem a maioria de suas aulas naquele local. São salas simples, com uma lousa de vidro, cadeiras antigas com apoio para o caderno e uma mesa para o professor.

no Guilhermão. As pessoas sabiam quem era a gente por que passávamos de toalha pelo câmpus . — Fala o professor, sorrindo. — É muito entusiasmante, mas também tem que ter muita organização para manter um ambiente limpo, já que se ele ficasse muito sujo seria impossível ficar dentro das salas, então era muito desafiador.

As ocupações do movimento "Eu quero uma casa no câmpus" duraram ao todo 172 dias, quase 6 meses, e foram extremamente difíceis para os 60 alunos que começaram a ocupação. Desses, somente 5 ainda estavam presentes no fim da ocupação. Para combater o cansaço, usavam do bom humor e decoravam partes do complexo das 70's como se fosse uma casa. Um exemplo disso são os orelhões, que de uma forma lúdica, foram transformados em chuveiros.

Terceira fase da ocupação "Eu quero uma casa no câmpus" (2003), nas salas 70's



Créditos: Foto cedida por Marcelo Ubiali Ferracioli

Créditos: Foto cedida por Marcelo Ubiali Ferracioli

Marcelo fingindo tomar banho no orelhão, na frente das salas 70's

— Eu não abandonei minha república para estar lá, mas teve pessoas que literalmente abandonaram seus aluguéis e foram morar na ocupação em tempo integral. E tivemos diversos problemas que iam além do cansaço, como a exposição constante, a pressão para desocuparmos e, até mesmo, casos de assédio e sabotagem. — Conta Marcelo, que começa a falar sobre outro assunto quando o interrompo.

— Você pode me contar um pouco mais sobre esse caso de assédio e as sabotagens? — Pergunto.

— A sabotagem foi por parte da direita estudantil. Eles quebravam lâmpadas e diziam que era a gente, eles deixavam na frente da porta da ocupação garrafas de whisky caríssimas. Tudo isso para que eles pudessem chegar e falar: olha, como é que eles não têm dinheiro, se bebem whisky? São vândalos, ficam quebrando coisas! Aconteceu isso. Então esse tipo de coisa foi muito difícil, né? — Explica

Marcelo, que continua. — Já a situação do assédio foi um pouco mais complicada, pensamos até em expulsar um dos moradores da ocupação por causa dessa situação, mas não rolou. A gente não podia impedir ele de participar da ocupação, mas nunca deixamos ele sozinho, e nunca mais confiamos nele. Eventualmente, ele parou de aparecer.

Nem tudo que aconteceu na ocupação foi difícil e cansativo, muitas intervenções artísticas, apoio dos alunos e professores e, até mesmo, festas que celebravam a ocupação.

Terceira fase da ocupação "Eu quero uma casa no câmpus" (2003), nas salas 70's

Créditos: Foto cedida por Marcelo Ubiali Ferracioli

— Ao mesmo tempo que tínhamos essas sabotagens e situações difíceis e cansativas, nós também tínhamos coisas lindas como pessoas fazendo doações, incentivando e apoiando ideias super interessantes e criativas de diferentes mobilização. Foi lindo!

Quando a ocupação se tornou insustentável, o movimento estudantil decidiu negociar a saída dos alunos das salas. A reitoria, percebendo o enfraquecimento dos alunos, os pressionaram. A Unesp falava que se eles saíssem a moradia voltava para pauta, já os alunos diziam que só sairiam se a planta da moradia estudantil fosse apresentada.

— No fim, o que a gente conseguiu foi a reversão da decisão de não ter moradia, ou seja, uma provação para a construção. Outra coisa que a Unesp fez foi as plantas, já que era uma das condições para gente sair. Na planta original havia cinco pavilhões, com dois blocos horizontais que cabem 32 alunos e 3 blocos verticais que cabem mais de 50 alunos. Mas demorou mais 10 anos para aprovar a verba. Entre a ocupação 'Eu quero uma casa no câmpus' e a construção da moradia estudantil, tem um espaço de 10 anos. Quem lutou e fez a ocupação, não pode morar na moradia.

— Para você, como foi lutar tanto pela moradia estudantil e nunca ter morado nela? — Indago.

— Sigo até hoje nessa luta, então para mim isso não foi nada de novo. Recentemente fui presidente do sindicato dos docentes da Universidade Estadual de Ponta Grossa, onde eu trabalho hoje em dia como professor. Participei de greves, lutei inclusive durante meu mestrado e doutorado. Eu sou pró a luta, entendeu? Eu tô aqui no mundo para três coisas: estudar, lecionar e lutar. Se eu conseguir fazer essas três coisas, já está bom!

Terceira fase da ocupação "Eu quero uma casa no câmpus" (2003), nas salas 70's

Créditos: Foto cedida por Marcelo Ubiali Ferracioli

A moradia é uma parte vital da permanência estudantil na Unesp de Bauru, e reflete diretamente na cultura universitária da mesma. Para entender como é viver em uma moradia estudantil, decidi entrevistar dois moradores atuais.

Evandro Gabriel Oliveira das Virgens, de 25 anos, está no último ano de Engenharia Civil e reside na moradia estudantil desde 2018, quando chegou na Unesp de Bauru. Atualmente, ele faz parte do Conselho Interno, que gerencia a moradia, e é o representante discente na Coordenadoria de Permanência Estudantil (COPE), que gere toda a permanência estudantil distribuída pela Unesp.

Thais Cristina de Oliveira, de 24 anos, é originalmente de São Paulo e sempre teve o sonho de estudar Jornalismo. Hoje, ela está no último ano do curso, e não se vê fazendo outra coisa.

Por terem rotinas muito diferentes, não consegui entrevistá-los ao mesmo tempo. Mas isso não me impediu de nos imaginar juntos, os três sentados em um final de tarde no quiosque que fica no quintal da moradia, observando o

pôr do sol. A caminhada da parte principal do câmpus até a moradia estudantil leva mais de 10 minutos, e é um tanto quanto perigosa, já que temos que atravessar a rodovia Comandante João Ribeiro de Barros para acessar a casa.

Moradia Estudantil e Quiosque, em 2023.

Créditos: Foto cedida por Thais Cristina de Oliveira

— Quantas pessoas vivem na moradia estudantil? — Pergunto, enquanto me sento com as pernas cruzadas no chão do quiosque.

— A casa tem capacidade para 32 pessoas, e hoje estamos com a capacidade máxima. — Explica Evandro, se encostando na mureta.

— Não entendi, como só cabem 32 pessoas? Marcelo Ubiali Ferracioli, que fez parte do 'Eu quero uma casa no câmpus' me falou que seria construído dois blocos com vagas para 32 pessoas cada, e mais três blocos, em formato de prédios, em que caberia 50 pessoas em cada um. Como assim só

tem capacidade para 32 pessoas na moradia? — Indago, preocupada por alguns segundos de não ter entendido as informações certas quando entrevistei Marcelo.

— É uma história frustrantemente engraçada. Sim, as plantas tinham cinco blocos, mas em 2013 quando foi começar as construções veio dinheiro para construção dos dois blocos térreos, com 32 vagas cada. Só que na época construíram apenas um bloco, e a Unesp falou para a comunidade universitária que fez isso porque não existia demanda de mais vagas, e devolveu o dinheiro do segundo bloco. — Conta Evandro, com um semblante sério, enquanto Thais concorda com a cabeça do meu lado. — Só que eu acho tudo isso meio complicado, porque foi na época que tinha liberado as cotas raciais e para alunos de escola pública. Então, se por exemplo em 2013 havia 20 pessoas pedindo moradia, em 2014 com aumento na porcentagem de alunos vindo de escolas públicas, ou em vulnerabilidade socioeconômica, iria aumentar. Essa demanda não foi pensada.

No entanto, o Diretor Técnico Administrativo do Grupo Administrativo do Câmpus, Marcos José Guaraldo Júnior, disse em e-mail que "procuramos os dados e não encontramos nenhuma informação sobre verba adicional para a construção de um segundo bloco na época da construção do primeiro [2013]. No processo de contratação da empresa, que realizou as obras da Moradia Estudantil, constam a carta compromisso da Reitoria com o valor orçado no projeto e o valor final licitado, prevendo um único bloco.". Ele ainda continua: "Também não encontrei nenhuma menção sobre isso nas Atas do GAC ou nos comunicados daquele período."

— Só em 2023, quase 10 anos após a construção do primeiro bloco, foi aprovada a construção do segundo. — Conta Thais.

A construção do segundo bloco, que segue os mesmos moldes do primeiro, começou em agosto de 2023, e a previsão para entrega é março de 2024. O valor total da obra será de R$ 2.118.608,15, verba essa liberada com antecedência pela Reitoria da Unesp.

— Eu não vou nem entrar em campo de politicagem, porque eu fico realmente emotiva de falar. Eu não estaria aqui, sem a moradia estudantil. — Conta Thais, com um um semblante emocionado e lágrimas se formando nos olhos. — Eu cheguei na Unesp de Bauru com uma mão na frente outra atrás, foi um processo bem difícil para mim, eu não tinha onde ficar. Foi literalmente a cena de estar sentada com a minha mãe e a gente se olhou e ela falou para mim 'não tem como você ficar. Eu fiz a sua matrícula, mas você vai ter que voltar'. Nisso passou uma menina, e ela me perguntou o que estava acontecendo e eu contei toda história. Ela imediatamente me acolheu, e me levou para a moradia estudantil onde ela morava.

Em um primeiro momento não entendo as informações que Thais está me passando. Segundo o site da Administração Geral da Unesp de Bauru[62], para fazer parte da moradia estudantil é preciso:

1. A bolsa de apoio ao estudante e a moradia estudantil destinam-se atender alunos de comprovada vulnerabilidade socioeconômica;
2. A solicitação do aluno passará por uma avaliação socioeconômica, tendo como base a renda e as despesas do aluno e da família e também o desempenho acadêmico, no caso de veteranos;
3. A seleção será realizada por uma comissão indicada pelas Vice-Diretorias das unidades do câmpus, mediante a análise preliminar das inscrições feitas no SISCOPE, bem como dos documentos apresentados, complementada pela entrevista realizada pela Assistente Social e visita domiciliar, se forem necessárias;
4. Não participará do processo de seleção o aluno que deixar de apresentar a documentação necessária

62 Informações disponíveis em: https://www.bauru.unesp.br/#!/moradia-estudantil/informacoes-gerais388/

para compor o processo, bem como não comparecer à entrevista agendada;

5. Todo aluno morador da moradia estudantil deverá se inscrever no processo seletivo para o exercício seguinte.

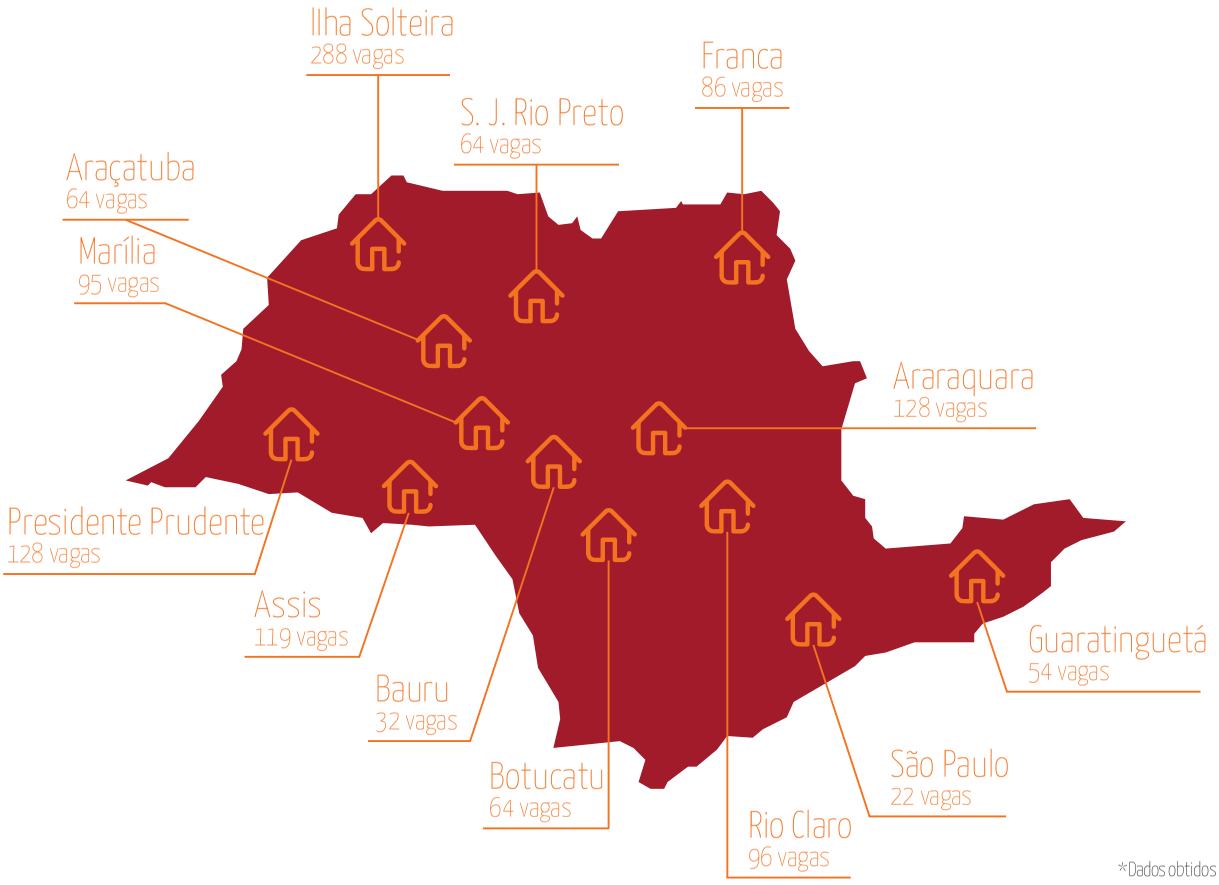
Não entendo como Thais possa ter sido acolhida e recebida dentro da casa sem antes ter passado por esse processo seletivo. Decido fazer essa pergunta a ela.

— Quando eu cheguei na moradia estudantil não foi por causa da Unesp. A gente entra aqui porque temos sorte de encontrar um aluno que é da moradia estudantil no meio do nosso caminho e esse aluno nos acolhe. Depois recorremos a Unesp para poder participar do processo seletivo, mostrando documentação e os critérios de vulnerabilidade socioeconômica. E, assim, a Unesp é contra esse tipo de conduta, não permite isso, mas onde eu estaria se não fossem essas pessoas que me acolheram? Eu teria ido embora no primeiro dia. — Continua explicando Thais.

— É complicado. De 2016 até 2020 nós temos o que chamávamos de política de excedente, que funcionava basicamente como a Thais explicou. Os alunos novos que chegavam em Bauru e precisavam da moradia encontravam algum morador [da moradia estudantil] e pedia para ser acolhido, então a Unesp era notificada e a gente trazia essa pessoa para a moradia estudantil. Isso acontecia por dois motivos, por que o processo seletivo era demorado, e por que tinha mais pessoas que precisavam de lugar para morar do que vaga. Eu entrei assim também, então não era algo escondido, era uma política bem conversada com a Unesp de Bauru. Hoje isso não existe mais, desde que voltamos da pandemia só entra na casa se passar pelo processo seletivo primeiro.

A Unesp de Bauru tem a menor moradia estudantil proporcionalmente ao número de alunos, 32 vagas para quase 7 mil alunos. O único câmpus com uma moradia menor é o de São Paulo, que possui 22 vagas, mas atende apenas mil alunos.

Moradia Estudantil na Unesp



©Bárbara Beline

*Dados obtidos em 2023.

Segundo a Coordenadoria de Permanência Estudantil (COPE), em 2022, a FAAC tinha 128 alunos com Auxílio Socioeconômico[63], 43 alunos com Auxílio Aluguel[64], 1 aluno com Auxílio Especial[65] e 10 alunos com Auxílio Socioeconômico e também com uma vaga na moradia estudantil. Já a FC beneficiava 247 alunos com Auxílio Socioeconômico, 23 alunos com o Auxílio Aluguel e 15 alunos com Auxílio Socioeconômico e também com uma vaga na moradia estudantil. Agora a FE agraciava 60 alunos com Auxílio Socioeconômico, 28 alunos com Auxílio Aluguel, 6 alunos com Auxílio Socioeconômico e também com uma vaga na moradia estudantil. Todos esses alunos também receberam um Subsídio Alimentação[66]. O total de estudantes contemplados com os Auxílios de Permanência Estudantil é de 561 pessoas.

— Quando eu cheguei na moradia, lá em 2019, foi muito difícil. Eram quatro pessoas por quatro, depois uma viajou e ficamos em três por muito tempo. Eu nem tinha colchão nos três primeiros dias, eu dormi com frio. Eu coloquei só a coberta em cima do chão e peguei no sono chorando. Eu não tinha cama, porque cada quarto tem espaço para duas pessoas, e as camas são de concreto fixas no chão. Tínhamos dois espaços extras para dormir no quarto, no meio das duas camas, que chamávamos de sarcófago por que você não pode se mexer já que é muito apertado, e embaixo da bancada que se você se levantasse batia a cabeça. Eu deitava lá pensando o que é que eu tô fazendo aqui, sabe? Não tinha como eu voltar para casa, eu sou a primeira pessoa da minha família a ir para faculdade, eu tinha que ir até o fim. — Conta Thais, mais calma. — Mas passou né? Eu acho que as coisas estão muito melhores hoje, os alunos se mobilizaram e a Unesp

63 O Auxílio Socioeconômico em 2022 era de R$ 390,00.

64 O Auxílio Aluguel em 2022 era de R$ 280,00.

65 O Auxílio Especial em 2022 era de R$ 390,00.

66 O Subsídio Alimentação em 2022 era de R$ 200,00.

respondeu, então acho que existe essa balança, a gente pede um pouco, a Unesp concede um pouco, é um ciclo, né?

— Como é morar com 32 pessoas? Qual a relação entre todos vocês? — Pergunto.

— Olha eu acho que tem seus prós e contras, mas é tipo eu sou muito grato, porque foi que me possibilitou concluir a graduação. Se não fosse a moradia não conseguiria concluir o curso superior. Eu acho que na palavra de um amigo meu, é muito intenso você viver lá, sabe? Porque você conhece muita gente, inclusive que tá na mesma situação que você. Eu acho que dificilmente você tem uma república que é tão variada, porque na moradia a gente tem alunos da FAAC, FE e FC e todo mundo convivendo. — Diz Evandro, enquanto olha para a casa a alguns metros — Eu acho que é um ambiente bem político, eu gosto muito da moradia, porque no último ano ela me aproximou muito do movimento estudantil, tipo era uma coisa que não era muito ligado e por causa da moradia, eu acabei entrando cada vez mais nessa questão da permanência e hoje estou muito voltado ao movimento estudantil.

— É difícil. Como o Evandro disse, é muito diferente de uma república. Claro, que em todo lugar a gente tem que interagir, conviver, aprender a viver junto, a organizar a casa e lidar com personalidades diferentes da sua, e na moradia não é diferente. Cada bloco aqui dentro tem uma dinâmica diferente e as pessoas acabam convivendo mais dentro desses blocos, dessas panelinhas. É bem louco quando eu falo para as pessoas a quantidade de galera que mora comigo, normalmente eles ficam surpresos. — Conta Thais.

A moradia estudantil é dividida em quatro blocos, cada bloco tem 4 quartos com 2 pessoas residindo em cada um, dois banheiros, uma cozinha e uma lavanderia. A cada dois blocos existe uma sala de estar na qual 16 pessoas os dividem, totalizando 2 salas na casa. Normalmente os quartos são divididos por gêneros, mas isso pode ser discutido internamente.

A Unesp de Bauru custeia na moradia estudantil, ou seja o “aluguel”, a conta de água, energia, gás e uma parte dos produtos de limpeza. Os alunos precisam pagar somente pela própria alimentação, que é coberta pelo Subsídio Alimentação e os produtos de higiene individuais. Entretanto, as moradias dos outros câmpus podem ser organizadas de forma diferente, então o modelo não é universal.

— A casa é organizada pelos alunos, a Unesp não se intromete muito na organização interna do dia a dia. Para isso, nós temos um grupo que chamamos de conselho, que são pessoas que vão ‘comandando’ casa. — Explica Evandro, fazendo aspas no ar com os dedos. — Um exemplo do que eles fazem é a mediação quando acontece uma briga, a lista de manutenções, a lista de produtos de limpeza, enfim tem toda uma administração interna, e são eles que vão cuidando disso.

Moradia Estudantil vista de longe

Créditos: Foto cedida por Thais Cristina de Oliveira

— Entendi. Vocês se sentem seguros na moradia estudantil? — Pergunto, mudando de assunto. Uma reclamação recorrente que escuto de pessoas que moram na moradia ou frequentam o Departamento de Educação Física, que fica em frente a moradia, é a falta de segurança.

— Sim, dentro da moradia sim. Penso que seria muito difícil alguém entrar na moradia e tentar fazer algum mal para a gente. Somos 32 pessoas, sempre tem alguém acordado ou prestando atenção. Agora, na passagem da parte principal do câmpus para a moradia, não me sinto seguro. A rotatória em que atravessamos na rodovia Comandante João Ribeiro de Barros é escura e já houve muitos assaltos ali, tanto que fizemos grupos para ir e voltar juntos das aulas à noite. — Responde Evandro, confiante. De repente seu semblante estremece e ele fala. — Por a gente estar no meio do mato, a cada três meses mais ou menos aparece uma cobra, inclusive Cascavéis e é muito perigoso. Temos que ficar ligando para os bombeiros vir resgatá-las. Eles até sabem nosso endereço de cor.

— Nunca me senti segura na moradia. É um tópico muito delicado, mas acho importante falar. Até porque eu sou jornalista em formação e tudo que eu to fazendo é expor os fatos. — Começa Thais. Naquele momento tudo está em silêncio, nenhum pássaro canta, nenhum motor de carro pode ser ouvido, nem mesmo as pessoas que estão dentro da casa a poucos metros de nós fazem algum barulho. — Já compartilhei quarto com pessoas que dormiam com uma faca embaixo do travesseiro, para se proteger. A gente não tem segurança alguma, no geral não tem guardinha aqui no nosso portão, mesmo tendo uma guarita, basicamente qualquer um entra na casa se quiser. Nosso interfone vive quebrado. As portas aqui de casa não fecham. Já roubaram bicicletas aqui no quintal, por que não temos um lugar para trancar elas. Os assaltos já foram frequentes, todo mundo sabe que nesse caminho tem um alto fluxo de alunos, e a gente sempre vai ter um celular ou um notebook. Acho a moradia um lugar inseguro.

Créditos: Foto cedida por Thaís Cristina de Oliveira

Grades na janela do quarto de Thais

— A Unesp apoia vocês? — Pergunto, preocupada.

— Como você define apoio? Acho que o câmpus de Bauru nos apoia, mas não são todos os câmpus que fazem isso. A gente fez o fórum de moradias ano passado, onde representantes de todas as moradias da Unesp se encontram para conversar, só que pelo que eu tinha percebido era um pouco desorganizado, tinha câmpus que participava, tinha

câmpus que não, e aí eu pensei em unificar. Eu consegui o contato de uma pessoa de cada moradia, em um grupo do WhatsApp, e a gente fez um mega evento aqui em Bauru, juntamos às 13 moradias. A COPE pagou a alimentação da galera, e a Unesp de Bauru super apoiou a gente. Fechamos as salas 70's inteiras, para o alojamento do pessoal, para cozinharmos e etc. Então eles acabam ajudando no que podem. — Fala Evandro, enquanto Thais acena com a cabeça, concordando.

O sol está se pondo, então decido encerrar a entrevista. Afinal, preciso cruzar a rodovia e não quero fazê-lo no escuro. Faço uma última pergunta antes de me despedir de ambos.

— O que a moradia estudantil representa para vocês? — Indago.

— Oportunidade. Chance. A moradia foi minha oportunidade, ainda é minha oportunidade, agradeço muito. A moradia estudantil é o que me possibilitou crescer em Bauru e poder ter oportunidades aqui dentro, então sou muito, muito, muito grata por esse espaço. — Conta Thais.

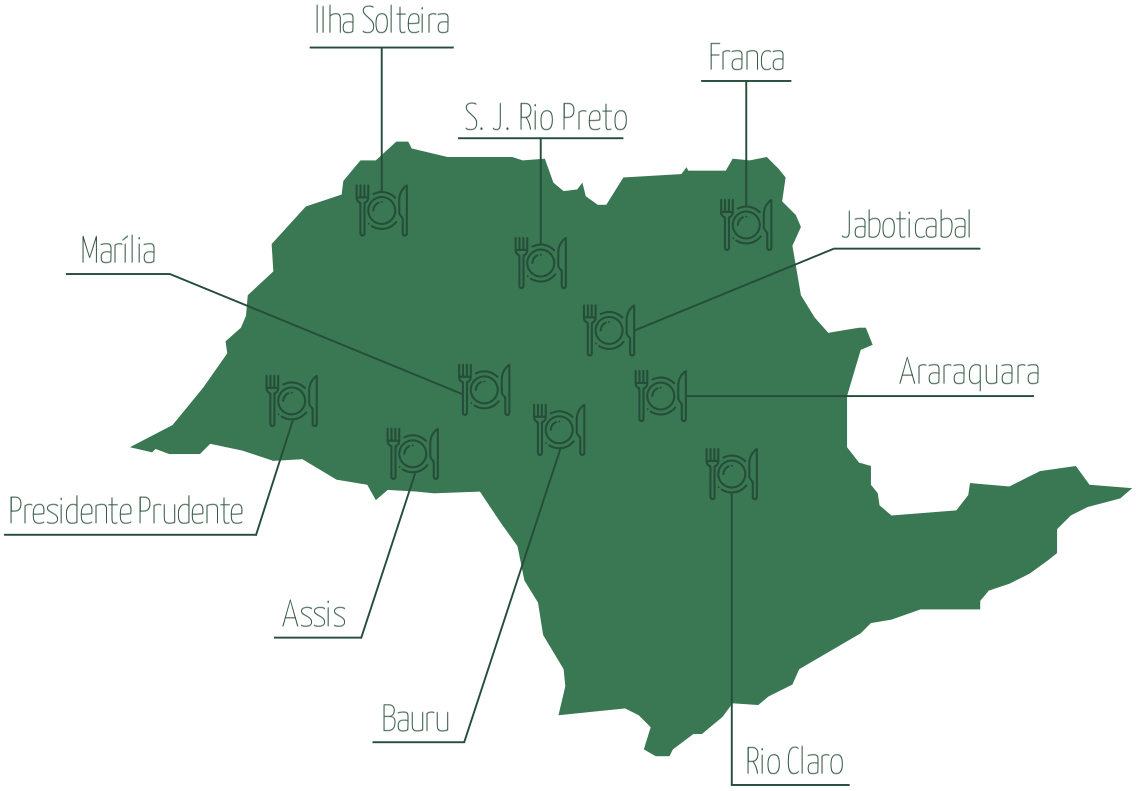
— Eu acho que a palavra que me vem à mente é possibilidade, porque a moradia e o auxílio financeiro me possibilitaram cumprir o curso superior. — Diz Evandro.

Restaurante Universitário

Existem poucas coisas na cultura universitária que une os alunos como comida. Quanto maior a quantidade e menor o preço, melhor. É um segredo não-tão secreto que se você quer que um evento universitário tenha muitos participantes, ofereça um ***coffee break***. O sucesso é garantido.

Talvez por causa desse amor entre o universitário e a comida, ou por que a fome é o inimigo do aprendizado, que o restaurante universitário (RU) é uma das permanências mais importantes para os alunos da Unesp de Bauru.

RUs - Restaurantes Universitários na Unesp



©Bárbara Beline

*Dados obtidos em 2023.

Para entender como o RU funciona, conversei com Marcos José Guaraldo Junior, diretor técnico administrativo da Administração Geral do Câmpus da Unesp de Bauru. Estamos na sua sala, no prédio do Grupo Administrativo do Câmpus **(GAC)**. Sim, o mesmo prédio que foi ocupado pelos estudantes no movimento "Eu quero uma casa no câmpus". É impressionante como tanto pode mudar, mas algumas coisas permanecerem as mesmas.

— Como o RU funciona? — Pergunto. Sei algumas partes da resposta, mas ainda me falta entender a parte técnica por trás do mesmo.

— É um restaurante que atende a comunidade universitária, como diz o nome. O funcionamento é bem simples, os alunos pagam um valor baixo pela comida, e a Unesp subsidia o restante. Por exemplo, o valor total da refeição hoje é de 11 reais, os estudantes pagam dois reais e cinquenta centavos, e a Unesp completa os outros oito reais e cinquenta centavos. Os professores e servidores técnicos também podem comer no RU, só que eles pagam o preço total. — Explica Marcos.

A história do RU da Unesp de Bauru é um tanto quanto conturbada, e Marcos a acompanha desde sua entrada na Unesp, ainda como aluno. Graduado em Engenharia Elétrica pela FE, trabalhou durante alguns anos na Seção de Graduação da FAAC, e depois foi transferido para a Rádio Unesp, onde ficou por 4 anos. No final de 2022, o mesmo foi convidado para atuar como diretor técnico administrativo, e fazer parte da Administração Geral do Câmpus.

As lutas pelo RU não pararam após a sua construção, pelo menos é o que lembra o técnico administrativo. Em 2013, quase um ano após o fim das obras, enquanto esperavam a finalização das licitações, os alunos ocuparam o prédio. O protesto foi eficiente, logo o RU começou a funcionar com 250 refeições diárias, todas durante o horário de almoço. Um ano depois, foi feita outra tentativa perante a reitoria para o aumento de refeições.

— A quantidade de refeições era ínfima perto da quantidade de alunos. A Reitoria aceitou mandar mais recursos para aumentar a quantidade de refeições, que, se eu não me engano, subiu para 360. Isso se manteve até o fim de 2018 — Lembra Marcos.

Em 2019 a empresa terceirizada, responsável pelo RU, quebrou o contrato e não quis dar continuidade às atividades. A escolha de uma nova empresa durou mais de um semestre, já que a burocracia necessária para a contratação de uma empresa no serviço público é extensa. Consequentemente, a distribuição de refeições só começou no meio do segundo semestre daquele ano. Em 2020 a pandemia resultou no interrompimento do serviço, que só voltou a funcionar no segundo semestre de 2022, quando as aulas presenciais retornaram.

Restaurante Universitário da Unesp de Bauru

Créditos: Foto oficial do RU no site da Unesp de Bauru

— Atualmente temos 1.250 refeições. A gente negociou com a Reitoria, e o recurso para o RU foi aumentado. E aí a gente já abriu com 750 refeições para o almoço, e com a novidade de ter 500 refeições na janta também. — Explica Marcos.

Para adquirir as refeições é necessário cadastrar-se no SISRU, que é o sistema que permite a compra de refeições. O mesmo funciona de segunda a sexta, e a refeição precisa ser adquirida com um dia de antecedência.

— Todo mundo que recebe a permanência estudantil tem prioridade na compra de refeições. Então, hoje temos cadastrado no SISRU mais ou menos 617 pessoas com essa prioridade. Para termos certeza que essas pessoas estão tendo esse direito garantido, abrimos a compra de refeições exclusiva para elas, toda segunda-feira. Os demais alunos podem fazer a compra a partir da terça-feira. — Diz Marcos, enquanto me mostra as quantidades de refeição no seu computador. — Eu venho percebendo que, mais ou menos 110 alunos de permanência fazem essa compra prioritária na segunda.

— Existe previsão para o aumento das refeições? — Indago.

— Sim. Se fosse pela Profª Drª Fernanda Henriques, a diretora responsável pela AG atualmente, já teríamos aumentado para 1.500 refeições. Estamos também em um processo de reforma do RU. Mas, sim, pretendemos aumentar as refeições conforme a demanda cresce. — Conta o Marcos.

— Você acha importante a Unesp de Bauru ter um RU? — Pergunto.

— O RU dá muita dor de cabeça, por isso muitos câmpus não querem ter. Eu fiz um levantamento e o Restaurante Universitário ocupa na minha semana de 10 a 15 horas. Mesmo assim, vale a pena sim ter um RU. Ele traz segurança alimentar para diversos alunos, é importantíssimo ter essa refeição de qualidade, com um preço acessível, dentro da universidade. — Fala o diretor técnico administrativo.

Para entender a importância do Restaurante Universitário para os alunos, decido conversar com um dos participantes da ocupação do RU em 2013. Fillipe Alfredo Neves, mais conhecido como Fil, cursou Sistema de Informações de 2009 a 2013 na Unesp de Bauru. Nascido na cidade lanche, ele se envolveu com o movimento estudantil no começo da graduação, e não parou até hoje.

Alunos ocupando o RU, com Fil (Fillipe) ao centro

Créditos: Foto cedida por Fillipe Alfredo Neves

— Era junho de 2013. O Brasil como um todo estava tendo uma movimentação massiva. — Explica Fil. Esse movimento ficou conhecido como Jornadas de Junho, e foi um momento divisório na política do país. — A Unesp vivia um cenário de greve estudantil desde o primeiro semestre de 2013, com o câmpus de Ourinhos, depois Marília e Assis. Nessa época a moradia já estava funcionando, e o RU tinha o prédio construído, mas não funcionava. Por conta desse movimento de greve de outros câmpus, nós fizemos umas

assembleias aqui em Bauru, para ver se o movimento de Bauru aderir ou não à greve estadual. Nesse primeiro momento não aderimos à greve.

Com uma negativa geral da unidade, os que estavam a favor do movimento grevista acabaram se organizando em assembleia de curso e assembleia de faculdade. O primeiro curso a entrar em greve foi o de Psicologia, seguido pelos de Comunicação Social, Arquitetura e Design. Em um certo momento, a FAAC decretou paralisação geral.

— Nós não ocupamos o RU de primeira, essa não era a intenção. No dia 2 de julho de 2013 nós ocupamos a Seção Técnica de Graduação da FAAC e da FC, ficamos lá por cerca de 2 dias. Nós conseguimos começar a negociar com a diretoria rapidamente depois que eles perceberam a quantidade de pessoas que tinha ali. Eles perceberam que era um movimento sério. Mas a negociação não avançou muito, o que fez um grupo dissidente acreditar que ocupar o RU ia ser uma forma de aumentar a pressão. — Continua Fil.

Ocupação da Seção Técnica de Graduação da FAAC e da FC

Créditos: Foto cedida por Fillipe Alfredo Neves

Entrando por janelas e invadindo o prédio silenciosamente, os alunos passaram a focar seus esforços na ocupação do RU. Cerca de 100 alunos se revezavam e faziam parte ativamente desse protesto, que durou mais de 70 dias.

— Eu ajudei a ocupar o RU. — Lembra Fil com um sorriso, enquanto me mostra fotos daquela época. —A ocupação do RU era um lugar bem plural, estava sempre rolando alguma atividade cultural, política ou artística. Nós debatíamos, e convidamos vários grupos políticos e sociais para para fazer atividades no RU. Foi uma época muito especial, sentíamos que era possível mudar as coisas.

Alunos limpando o prédio do RU

Créditos: Foto cedida por Fillipe Alfredo Neves

Alunos em reunião durante a ocupação do RU

Créditos: Foto cedida por Fillipe Alfredo Neves

A pauta da ocupação era simples: uma melhor permanência. A moradia estava começando a funcionar, mas o RU não. Os alunos também queriam um melhor acesso à moradia estudantil, e mais auxílios socioeconômicos.

— A gente desocupou o RU no dia 16 de setembro. Nossas pautas não tinham sido atendidas, mas se tornou insustentável continuar a ocupação. Os cursos já estavam saindo da greve e as aulas voltando. E foi um processo quase que de desmame né? O pessoal gostava tanto da ocupação que foi difícil convencer todo mundo, mas já sabíamos que não tinha a menor condição de sustentar. Tanto que eu ia me formar, em 2013, acabei me formando em 2014. — Explicou Fil.

— E qual foi a lição que ficou ? — Indago.

— Uma boa pergunta. Eu acho que por ter uma participação ativa, essa reflexão crítica sobre a política, sobre as nossas intervenções, que eu continuei na militância depois de 2013. Hoje eu tô na associação de pós-graduandos da Universidade Federal de Santa Catarina, onde faço mestrado. Quer dizer, até 10 anos depois eu estou carregando um pouco dessa experiência. — Termina Fillipe.

Nota:

André Alexandre Adalgiso Padoveze. Entrevista realizada no dia 03 de julho de 2023, online, via a plataforma do Google Meet.

Carina Nascimento, doutoranda. Entrevista realizada no dia 09 de maio de 2023, online, via a plataforma do Google Meet.

Caroline Oréfice Demétrio, conhecida como "Office". Entrevista realizada no dia 14 de junho de 2023, pessoalmente, na loja de produtos veganos da entrevistada.

Cassiana Anunciata Caglioni. Entrevista realizada no dia 10 de junho de 2023, online, via a plataforma do Google Meet.

Dandara. Entrevista realizada no dia 14 de abril de 2023, pessoalmente, na biblioteca da Unesp de Bauru.

Débora Martins Lopes, mestranda. Entrevista realizada no dia 09 de maio de 2023, online, via a plataforma do Google Meet.

Evandro Gabriel Oliveira das Virgens. Entrevista realizada no dia 19 de abril de 2023, pessoalmente, na biblioteca da Unesp de Bauru.

Fillipe Alfredo Neves. Entrevista realizada no dia 11 de julho de 2023, online, via a plataforma do Google Meet.

Gustavo Paulo da Silva, conhecido como "Basquete". Entrevista realizada no dia 29 de abril de 2023, online, via a plataforma do Google Meet.

Izabel Priscilla Teodoro, supervisora do CCI. Entrevista realizada no dia 17 de maio de 2023, pessoalmente, no Centro de Convivência Infantil da Unesp de Bauru.

Marcelo Ubiali Farracioli, conhecido como "Paradinha". Entrevista realizada no dia 19 de julho de 2023, online, via a plataforma do Google Meet.

Marcos José Guaraldo Junior, diretor técnico administrativo da administração geral do campus da Unesp de Bauru. Entrevista realizada no dia 12 de junho de 2023, pessoalmente, no prédio do GAC.

Maria Luiza Moraes Prado, assistente social. Entrevista realizada no dia 29 de maio de 2023, pessoalmente, na seção técnica de saúde da Unesp de Bauru.

Marjory Frojoni. Entrevista realizada no dia 06 de junho de 2023, online, via a plataforma do Google Meet.

Prof. Dr. Juarez Tadeu de Paula Xavier. Entrevista realizada no dia 27 de abril de 2023, online, via a plataforma do Google Meet.

Profª Drª Célia Regina da Silva. Entrevista realizada no dia 11 de julho de 2023, online, via a plataforma do Google Meet.

Profª Drª Cláudia Maria de Lima, ouvidora geral da Unesp. Entrevista realizada no dia 14 de junho de 2023, online, via a plataforma do Google Meet.

Profª Drª Kelly Cristina Magalhães, coordenadora local do NUPE da FAAC. Entrevista realizada no dia 02 de junho de 2023.

Profª Mª Meiriane Jordão da Silva. Entrevista realizada no dia 16 de maio de 2023, pessoalmente, no parque Vitória Régia em Bauru.

Suzan Ayumi Kassahara. Entrevista realizada no dia 03 de maio de 2023, pessoalmente, na biblioteca da Unesp de Bauru.

Thaís Cristina de Oliveira. Entrevista realizada no dia 22 de abril de 2023, online, via a plataforma do Google Meet.

LIDERANÇA ESTUDANTIL

"Acredito que cultura universitária seriam práticas que estudantes que estão nessa fase da vida acabam entrando em contato, como coletivos, a convivência múltipla que a universidade proporciona, atos em prol de causas coletivas, festas, as dificuldades e aprendizados do curso, e por aí vai. Isso resulta em um amadurecimento pessoal e social."

Gabriela Rozante, aluna do curso de Artes Visuais.

Protagonismo. Cooperativismo. Proatividade. São palavras fortes, principalmente quando contextualizadas dentro da vida universitária. É possível presumir que pelo menos uma parte dos alunos desenvolvam algumas dessas características durante a graduação, afinal, já está estabelecido que a formação profissional é apenas uma parte do que compõe um universitário, não é mesmo?

Contudo, é válido também destacar uma outra característica muito importante, a liderança. Para muitos jovens, é durante a universidade que a consciência política desperta e com ela também pode vir o espírito de liderança. Não me entenda mal, nem todo universitário é um líder nato, na verdade, a maioria dos alunos aprenderá a liderar em menores quantidades, como exemplo, na direção de grupos de pesquisa ou encabeçando um projeto.

Mas, há aqueles que querem fazer mais, ir além. São esses alunos os responsáveis por organizar as ocupações que resultam em restaurantes universitários e moradias estudantis, são eles que lutam pelo aumento dos auxílios socioeconômicos e se mobilizam para fazer parte das congregações. A esses alunos é reservado um aspecto da Universidade conhecido por poucos, a liderança estudantil.

E.N.E.C.O.S.

Existem várias formas de liderança estudantil. Na Unesp de Bauru, além dos **Centros Acadêmicos** e **Diretórios Acadêmicos**, também existem coletivos, cooperativas e executivas que ajudam a pautar questões importantes para os alunos. Contudo, as lideranças estudantis de hoje não nasceram espontaneamente.

O Prof. Dr. Juliano Maurício de Carvalho, docente do Departamento de Comunicação Social da Unesp de Bauru, é um exemplo vivo da liderança estudantil. Graduado em

Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica (**PUC**) de Campinas, mestre em Ciência Política pela Universidade Estadual de Campinas (**Unicamp**), e doutor em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), com dois pós doutorados, um na Universidade Carlos III de Madrid, na cidade de Madri (Espanha) e outro na Universidade de Sevilha (Espanha) e com título de Livre Docência em Políticas de Comunicação, Mídia e Indústrias Criativas pela Unesp. Atua nos programas de pós-graduação em Comunicação e Mídia e Tecnologia e na graduação no curso de Jornalismo, onde está há mais de 20 anos. O professor Juliano conta um pouco mais sobre sua trajetória.

— Eu nasci em Votuporanga, na região de São José do Rio Preto, tenho 51 anos. — Conta o professor.

Imediatamente me surpreendo, somos conterrâneos! Conversamos alguns minutos sobre as belezas da nossa cidade, os melhores restaurantes e sorveterias. Enquanto o escuto falar, uma lembrança vem à minha mente: Eu, aos 19 anos, recém aceita no curso de Jornalismo, ainda incerta como seria minha vida em Bauru. Meu pai, orgulhoso por eu ter passado na universidade, chega do trabalho com um cartão de visitas e me entrega dizendo que ele encontrou um professor de Jornalismo da Unesp de Bauru durante o expediente, e que ele é gente boa [*sic*]. Pego o cartão e coloco em um dos bolsos da minha carteira e esqueço dele pelos próximos 4 anos e meio.

Disfarçadamente, alcanço a minha bolsa e retiro minha carteira. O cartão está lá, intacto. Quase não me sinto surpresa quando leio o nome do professor Juliano nele. Decido não falar nada por enquanto.

— Caí na minha primeira redação de um jornal em 1986, onde me tornei repórter e redator. Também trabalhei na Rádio Cidade, e em muitos outros veículos da região. E aí a escolha da minha graduação foi uma coisa meio natural. — Continua. Estamos na sala 2B, na Unesp de Bauru, após uma de suas aulas.

Em 1991, quando ainda era aluno na PUC de Campinas, Juliano ajudou a organizar e fundar a Executiva Nacional dos Estudantes de Comunicação Social (**ENECOS**).

Juliano discursando na Unicamp

Créditos: Foto cedida por Prof. Dr. Juliano Maurício de Carvalho

— Nas décadas que antecederam a criação da ENECOS, todos os cursos de graduação tinham organizações para tratar de suas especificidades dentro do movimento estudantil. Nós, obviamente, tínhamos naquela época o movimento estudantil geral, mas havia essa demanda mais específica, como currículo, como formação profissional de determinado curso, como extensão e, assim por diante. —

Contextualiza Juliano — E aí houve um momento em que essas organizações especializadas por curso já não cabia mais dentro do movimento estudantil geral e muito menos dentro da UNE. Foi aí que em julho de 1991, na Universidade Federal do Paraná, onde estava acontecendo o Encontro Nacional de Estudantes de Comunicação Social (Enecom) daquele ano, nos organizamos e fundamos a ENECOS.

Com a ideia em mente, os alunos não perderam tempo: decidiram sua organização interna, elegeram a primeira diretoria e adotaram um logo - que, era nada mais nada menos que o logo da própria Enecom daquele ano, a digital de um polegar. E assim nascia a ENECOS.

— Na época eu era vice-presidente do Diretório Acadêmico de Comunicação da PUC de Campinas, o Cinco de Maio, e eu tive a grata satisfação de fazer parte da primeira diretoria da ENECOS, eu fui eleito secretário nacional das escolas pagas. — Explica o professor, com um sorriso orgulhoso no rosto. — E a partir daí foi uma história linda, porque nós criamos e discutimos muitas coisas.

Juliano no Diretório Central Estudantil

Créditos: Foto cedida por Prof. Dr. Juliano Maurício de Carvalho

Durante o primeiro ano de existência da ENECOS, foi criado o Congresso Brasileiro dos Estudantes de Comunicação (Cobrecos), que tinha um caráter mais acadêmico e menos político social do que o Enecom.

— O Enecom que acontecia no meio do ano e tinha muita festa, muito entretenimento, o que é justíssimo! Nós éramos jovens! Só que havia uma galera, e eu me coloco entre elas, que estava muito preocupado em fazer discussões científicas e acadêmicas, específicas da área de comunicação. Sentimos então a necessidade de separar a discussão política do movimento de área [área da comunicação]. Então criamos Cobrecos, que acontecia em janeiro, para essa parte mais científica. E mantivemos Enecom, que era o nosso maior evento e mais tradicional, para palestras, debates políticos e para esse espaço mais lúdico. — Lembra Juliano, que com um semblante pensativo, continua — Essa decisão foi tomada, se eu não estou enganado, em congresso do Enecom de 1992, numa plenária três horas da manhã, no **Mineirinho em Belo Horizonte**. Acho que tinham 3 mil e tantos estudantes naquele lugar, e a gente tomou essa decisão juntos. Acho que o movimento foi uma coisa grande, tinha esse frescor, sabe?

— Como você se sentia por fazer parte da ENECOS? — Pergunto, curiosa. Ele sorri, seu rosto se ilumina. Conheço bem essa expressão. Afinal, Juliano foi meu professor, e usava essa mesma expressão nas suas discussões em sala de aula.

— Foi fantástico! Para você ter uma noção, no mês de julho quase todas as executivas faziam seus encontros, o que era muito legal, porque às vezes você ia para uma universidade e lá estava acontecendo três encontros simultâneos. Então, naquela época, era uma cultura do movimento estudantil muito prazerosa. A gente usava esses encontros para conhecer, participar e acompanhar outras áreas. A melhor formação que eu tive sobre extensão universitária, eu tive no movimento de área, nós fazemos seminários nacionais, com experiências que estudantes de comunicação traziam

do Brasil inteiro. Inclusive, o primeiro encontro Paulista de Estudante de Comunicação, lá em 1992 ou 1993 não me lembro ao certo, mas aconteceu aqui! Foi em Bauru também que eu conheci pessoas que eram do movimento estudantil e depois eu vim reencontrá-los como professores na vida universitária, e eles estavam aqui no encontro paulista. — Conta o professor.

— E o que você tem mais orgulho de ter feito durante seu tempo na diretoria da ENECOS? — indago.

— Os protestos que organizamos contra o Collor. — Responde imediatamente e continua — Acho importante contextualizar o que estava acontecendo. Eu estava numa universidade particular, embora ela fosse católica, séria e importante, como as PUCs são, mas tem que pagar uma mensalidade. Só que na época o Brasil sofria com hiperinflação, então não era incomum que todo mês saía um boleto e tinha muito protesto dos alunos, especialmente do aluno trabalhador, do noturno, que era a maioria.

Na economia, a hiperinflação é uma inflação muito alta e normalmente acelerada. Ela corrói rapidamente o valor real da moeda local, à medida que os preços de todos os bens aumentam.

Um boleto bancário é um documento largamente utilizado no Brasil como instrumento de pagamento de um produto ou serviço prestado. Através do boleto, seu emissor pode receber do pagador o valor referente àquele pagamento.

Na época, era comum que universitários fizessem protestos para tentar cumprir a agenda do movimento estudantil. Juliano, tinha sido eleito o primeiro secretário Nacional de Escolas Pagas da Enecos justamente por fazer parte de um Diretório Acadêmico importante, não se intimidava com a ideia de tomar as ruas.

— O estopim dessa história já foi contada por muita gente, de várias maneiras diferentes, mas basicamente o que estava acontecendo, além desses problemas na economia era que tinha surgido algumas denúncias contra o então Presidente da República, o Fernando Collor de Mello. — Conta o professor.

Para resumir uma história extremamente complicada, você deve saber cinco coisas sobre esse escândalo: O Brasil tinha acabado de sair da ditadura militar, e Fernando Collor de Mello foi o primeiro presidente eleito democraticamente;

O país passava por uma das piores crises econômicas já registradas; O irmão de Collor revela em maio de 1992, à **Revista Veja**, casos de corrupção no governo; É aberta uma **Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI)** que investiga a acusação e a considera verdadeira; Em agosto de 1992, Collor é deposto e tem seus direitos políticos cassados.

— E em meio às denúncias o Collor pede para o povo usar verde e amarelo como uma forma de apoio. Só que o **Jornal Folha de S. Paulo** fala que a população deveria usar preto. E naquele dia eclodem um conjunto de manifestações, a principal concentrada no **MASP** em São Paulo, onde nasce o movimento dos caras pintadas.

Com os protestos explodindo pelo Brasil, o movimento estudantil e a UNE se tornam cada vez mais relevantes. O protagonismo dos estudantes se torna tão influente, que o presidente da UNE na época, Lindbergh Farias[67], fez até uma participação no **Xou da Xuxa**, um dos programas de televisão com maior audiência naquele ano.

— Quando explode a manifestação de São Paulo, nós olhamos para Campinas, uma das cidades mais importantes do estado de São Paulo quando falávamos de protagonismo estudantil, e pensamos é agora. E aí eu lembro que era um domingo, e estávamos em reunião do diretório há algumas quadras da Avenida Glicério, que é uma das principais avenidas da cidade, e começamos a ver alguns carros passando em protesto. E aí pensamos 'nós temos que organizar uma manifestação aqui' e começamos organizar. A gente combinou de fazer esse protesto na terça ou quarta, e no dia chegamos mais cedo para fazer oficina de cartazes, intervenções artísticas e muitas outras coisas. E foi criando

Foi um movimento que aconteceu no decorrer do ano de 1992. Esse evento foi organizado pelo movimento estudantil brasileiro que tinha como motivação principal, conseguir o impeachment do presidente do Brasil, Fernando Affonso Collor de Mello.

67 Luiz Lindbergh Farias Filho, conhecido como Lindbergh Farias, é um ex-líder estudantil e político brasileiro, filiado ao Partido dos Trabalhadores (PT). O mesmo foi Senador pelo estado do Rio de Janeiro de 2011 a 2019. É Deputado Federal pelo Rio de Janeiro desde 2023, e seu mandato está previsto para acabar em 2026.

um clima de concentração, alunos foram chegando... E eu me lembro quando faltava uns quinze minutos para as seis, um coronel da polícia chegou e falou assim 'vocês precisam começar a manifestação, todas as ruas no entorno do câmpus estão tomadas de gente, vocês precisam sair com um caminhão de som porque não tem mais como segurar o trânsito'. Estávamos na região central de Campinas, me arrepia só de lembrar! — Explica o professor, animado.

A manifestação começou logo em seguida. Quando Juliano subiu no carro de som - cortesia do Sindicato dos Metalúrgicos - a quantidade de pessoas era impressionante.

— E olhei para aquele mar de gente com os rostos pintados, estudante, imprensa para todo lado, a televisão, jornais, todo mundo estava lá! Políticos, o prefeito, todo mundo foi para manifestação! — Conta, a sua animação é contagiante, e quase me sinto em cima do caminhão de som. — Os estudantes estavam pautando a agenda política da cidade. A manifestação foi chamada por estudante, depois houve outras no Brasil inteiro, que envolveram outros movimentos, mas aquela agenda política naquele momento era uma agenda estudantil. Tanto que no encerramento da manifestação, que foi na frente da Catedral, as lideranças estudantis foram os últimos a discursar, e eu estava entre eles. Tudo isso tinha um significado enorme para a juventude, ter esse protagonismo político tem significado, sabe?

Além de ser parte da diretoria, como secretário nacional das escolas pagas da ENECOS, ele também foi conselheiro e depois assessor. Ao todo, Juliano participou do movimento de área de 1991 a 1995.

— Essa talvez não seja uma parte interessante para escrever sobre, mas é importante contar que ninguém nos bancava. A gente trabalhava, se precisássemos ir para algum lugar, tirávamos folga do serviço, montávamos no ônibus e íamos! Um exemplo disso foi a Intercom do B. — Fala o professor.

— O que é a Intercom do B? — Indago.

— A Intercom é a Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, e eles têm um congresso anual, até hoje. Só que em 1993 eles não permitiam que estudantes participassem do seu congresso, o que é ridículo! Então, a ENECOS organizou a Intercom do B, onde a gente ia na cidade em que a Intercom estava acontecendo e fazíamos um acampamento para os estudantes para protestar, falando que nós queremos participar do congresso. Nós tínhamos intervenções artísticas, conversas políticas, palestras e tudo mais. O nome vem da ideia de que se a Intercom sancionada era o 'A', e a 'B' era a que fazíamos para protestar. Fizemos isso por uns 3 anos, até conseguir o direito de participar. — Responde Juliano.

— Professor, eu, como aluna de Jornalismo, nunca ouvi falar da ENECOS. E eu vejo um desinteresse enorme dos universitários de hoje no movimento estudantil. Você acha que um dia vamos voltar a ser como era na sua época? Ou que tudo isso, o movimento estudantil, as organizações, são um produto do seu tempo? — Pergunto, desanimada.

A verdade é que, mesmo que eu não fosse a universitária mais ativa politicamente, ainda me orgulhava de saber o que acontecia dentro da Unesp. Contudo, nunca fui convidada ou me falaram da existência de certos movimentos ou entidades dentro da universidade. É um pouco estranho para mim quando Juliano conta da sua vida universitária, e tento compará-la a minha.

— Sem nostalgia? Eu acho que existe essa capacidade de voltar nessas condições. Só que as formas de comunicação mudaram, e mudaram para sempre. Por que na internet, quando você não quer falar com alguém, você desliga o computador, sai do celular, bloqueia. As pessoas precisam entender que você não constrói uma sociedade mais tolerante assim. Quando tiver menos telas e mais tolerância é que cada vez mais vão eclodir movimentos ou iniciativas

ou retomada de espaços de convívio presencial. — Diz o professor, em um tom otimista.

Começo a escutar os alunos de outras salas saindo para o almoço, percebo que estamos conversando há bastante tempo, então decido encerrar a entrevista. Pego o cartão de visitas, percebo que os cantos estão um pouco amassados e a cor não é mais tão viva. Coloco o cartão na mesa e falo.

— Professor, o senhor quer ouvir uma história engraçada?

Diretórios Acadêmicos

Na Unesp de Bauru, as principais - *mas não únicas* - formas de liderança estudantil são os Centros Acadêmicos (CA) e Diretórios Acadêmicos (DA). Ambos são segurados pela Lei federal nº 7.395 de 1985[68] que garante a legalidade órgãos de representação dos estudantes de nível superior, que foi assinada após a ditadura militar.

A diferença entre um CA e um DA são poucas. Os Centros Acadêmicos são uma entidade que representa todos os estudantes de um curso, eles lutam por melhorias dentro da sua área, como atualização no currículo, relação com os professores, entre outras questões. Já os Diretórios Acadêmicos fazem praticamente as mesmas coisas que o CA, exceto pelo fato do mesmo representar estudantes de mais de um curso ou de uma mesma área.

Na Unesp de Bauru temos três DA, o Diretório Acadêmico "César Lattes" (DACEL) que representa a Faculdade de Ciências, o Diretório Acadêmico da Faculdade de Engenharia (DAFAE) que é responsável pela Faculdade de Engenharia, e o Diretório

68 Lei Federal n° 7.395, de 31 de outubro de 1985. Dispõe sobre os órgãos de representação dos estudantes de nível superior e dá outras providências. Dísponivel em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7395.htm#:~:text=LEI%20No%20 7.395%2C%20DE,Art%20

Acadêmico “Carolina Maria de Jesus” (DACMA) que é ligado a Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design. Decido conversar com os líderes dos três diretórios, começando com Giovanna Gavioli Fernandes, presidente do DAFAE.

Giovanna tem 22 anos, está no quinto ano do curso de Engenharia Civil e faz parte do DAFAE desde que entrou na Unesp. Estamos na sede do DAFAE, que fica em um pequeno prédio a alguns metros da biblioteca. Nele, além de estar localizado salas para todos os DAs, também existe um espaço para convivência, com uma geladeira, dois microondas e uma mesa de bilhar quebrada.

Membros do DAFAE

Créditos: Foto cedida por Giovanna Gavioli Fernandes

A sede do DAFAE é aconchegante. A primeira coisa que noto são os dois sofás enormes em cada lado da sala, bem como um painel com fotos e duas mesas com computadores. Me sento em uma ponta de um dos sofás e Giovanna se senta na outra ponta. Três outras pessoas estão na sala, uma deitada no outro sofá, e as outras duas sentadas nas mesas. Mesmo estando no diretório da Faculdade de Engenharia, e tecnicamente não pertenço nesse espaço, me sinto em casa.

— Já vou logo avisando que não sei dar entrevista! — Fala Giovanna, após nos sentarmos. Explico para ela que vou ajudá-la e que ela não precisa se preocupar.

— Vamos começar com uma pergunta fácil. O que é o DAFAE? — Pergunto.

— É o Diretório Acadêmico da Faculdade de Engenharia, que já tem mais de 50 anos de existência. A principal função dele é ajudar os alunos a resolver problemas. — Conta a estudante, com um semblante sério. — Na FE, os professores são bem carrascos e para ter problema com algum deles é muito simples, e nós fazemos essa ponte e tentamos resolver. Então, muitas vezes esses professores lecionam em várias disciplinas ao longo do curso, e se o aluno vai reclamar na coordenação, ele pode ficar marcado por esse professor, sendo que vai ter que continuar tendo aula com ele. Essa é nossa principal função, ao meu ver. Mas a gente acaba não fazendo só isso.

O DAFAE também oferece cursos de idiomas por um preço mais acessível, organiza visitas técnicas, leva os alunos a workshops e congressos importantes para a área de Engenharia, e organiza a Semana de Engenharia da FE, um dos eventos mais tradicionais do curso. Outro ponto importante é a participação deles em comissões e congregações dentro da Unesp, como representantes dos alunos.

— E como foi sua trajetória dentro do DAFAE? — Indago, percebo que Giovanna fica mais confortável com o estilo de **entrevista ping-pong**. Decido continuar nesse formato.

— Eu entrei na Unesp em 2018, no curso de Engenharia de Produção. Em 2019 entrei no DAFAE, e em 2020 consegui passar no curso de Engenharia Civil, que eu faço hoje. O primeiro contato que eu tive com o DAFAE foi na produção da Semana de Engenharia, eu participei como apoio. E justamente a sede do diretório se transforma nesses espaço onde a organização da semana se reúne, guarda as coisas e

etc. E eu gostei, do espaço, da convivência com as pessoas e tudo mais. Primeiro eu comecei a participar dessas reuniões do diretório, depois entrei como representante discente, que faz aquela ponte que te falei entre os alunos e a universidade. Logo em seguida eu passei para Sapiens, que é o membro que cuida dos cursos de idiomas, fiquei nesse cargo por bastante tempo. — Lembra Giovanna.

Após sua estadia como membro, Giovanna decide fazer parte da gestão do DAFAE. Para isso, ela precisava participar de uma chapa e ser eleita por voto dos alunos, como dita o estatuto do diretório. Então ela se junta à chapa Niqué, na secretaria, até 2020.

— Durante a pandemia, o DAFAE foi desativado. E ressurgiu no ano passado [2022], só que quase todo mundo que estava nessa direção tinha se formado. Tinha sobrado só 3 pessoas, e eu estava entre elas. Então eu lancei a minha candidatura como presidente, um desses amigos que também tinha feito parte da chapa Niqué, ficou como vice-diretor, e eu fui chamando o pessoal para fazer parte. E como eu já estou aqui há bastante tempo, eu estou ensinando o pessoal novo a como gerir o DAFAE. — Explica Giovanna.

— E como alguém pode entrar no DAFAE? — Questiono. Ela parece mais tranquila, e começa falar sem hesitação.

— É um processo seletivo simples. Hoje, nós estamos prezando mais por qualidade do que por quantidade de pessoas que participam do DAFAE, porque já teve época que no papel a gente tinha um monte de membros, mas eles não apareciam nas reuniões. Inclusive, nem precisa ser da Faculdade de Engenharia para fazer parte do DAFAE, você pode ser da FAAC ou da FC, e a gente tá sempre recebendo, tem espaço para todo mundo.

Hoje, o DAFAE conta com 17 membros, dos quais 15 estão participando ativamente. Eles sempre abrem para a entrada de novos membros no começo de cada semestre.

— Tenho só mais uma pergunta, mas essa é bem filosófica. O que é o DAFAE para você? — Pergunto.

— Eu acho que é minha segunda casa. No momento, é um lugar que eu gosto de estar, com pessoas que eu gosto de interagir. Eu realmente criei uma amizade muito boa com todos os membros, o que faz essa sede ser minha segunda casa. — Responde sorrindo. Os outros membros que estão na sala começam a comemorar, brincando com Giovanna. Sorrio. Acho que entendo o porquê dela se sentir assim.

Membros do DACEL em reunião, enquando Deni fala no microfone

Créditos: Foto cedida por Denisson Guimarães do Carmo

Existem poucas pessoas que eu conheço que tenham me impressionado mais do que Denisson Guimarães do Carmo, de 25 anos. Eu sei, eu sei, falar assim parece um tanto clichê, mas não deixa de ser verdade. Das 9 vezes que usei a palavra "impressionante" - e seus derivados - nesse livro, todas foram extremamente necessárias. Então, por favor, acredite quando afirmo que Deni - como gosta de ser chamado - impressiona.

Nordestino, se mudou de Sergipe para a capital de São Paulo em 2016, onde ficou por dois anos para tentar melhores oportunidades de estudo. Em 2018, passou no curso de Física, na Unesp de Bauru, e concluiu o bacharelado em 2022. Imediatamente, reingressou no curso para conseguir sua licenciatura, que pretende terminar no primeiro semestre de 2024. Dani também faz parte do Observatório Didático Astronômico da Unesp, reside na moradia estudantil, faz Iniciação Científica, trabalha com mudanças climáticas e está atualmente fazendo uma pós-graduação (lato sensu) em Relatividade pela **Universidade Federal de São Paulo (Unifesp)**. Ah, ele também é coordenador geral do DACEL desde 2021.

— Como você consegue fazer tudo isso? — Questiono, abismada. Sinto que essa pergunta é um pouco intrusiva e pouco profissional, mas a surpresa é tanta que não consegui me impedir de perguntá-la.

— Eu sou doido. Eu acho que é um dos aspectos bons da permanência estudantil, né? Você pode ficar na universidade, imerso nesse mundo acadêmico e pode se dedicar mais. — Responde Deni, um pouco sem graça.

— O que é o DACEL? — Pergunto.

— O DACEL, que tem o nome completo de Diretório Acadêmico 'César Lattes', é o Diretório Acadêmico da Faculdade de Ciências. Então ele homenageia o físico brasileiro César Lattes, que foi o primeiro brasileiro que quase ganhou o Prêmio Nobel de Física pela descoberta

programas de especialização e incluem os cursos designados como MBA (Master Business Administration). Com duração mínima de 360 horas, ao final do curso o aluno obterá certificado e não diploma.

do **Méson Pi**. Só que aí o orientador dele levou o crédito, e o Nobel. Ele também foi uma pessoa muito importante para o desenvolvimento científico nacional. O DACEL surgiu junto com a Faculdade de Ciências em 1969, quando ainda era Universidade de Bauru[69]. Então temos quase 55 anos de história. E nós lutamos muito pela permanência estudantil, ajudamos em muitas greves e etc. — Conta Denisson.

Segundo o próprio Deni, o DACEL é uma entidade institucional e política, que mobiliza os estudantes para pautas necessárias. Eles também fazem parte de diversas comissões dentro da Unesp, como a que gere o RU, a Coordenadoria de Permanência Estudantil (COPE), o Grupo Administrativo do Câmpus (GAC), entre outras.

— Nós conseguimos a reforma do prédio onde fica os DAs, que a gente chama [esse prédio] de pátio dos diretórios. Então, nos últimos anos, por conta do aumento da arrecadação do **ICMS**, a universidade vem recebendo mais recursos, e a gente conseguiu 150 mil para reformar todo o prédio, a obra foi terminada agora. — Explica o estudante. Os DA receberam 50 mil reais de cada faculdade (FAAC, FC e FE), que totalizaram 150 mil. Antes da reforma, o pátio dos diretórios estava em um estado precário. — Aos pouquinhos a gente tá voltando. Estamos mandando ofício para comprar mobília, como cadeira, mesa, etc. Estamos tentando deixar o ambiente mais habitável.

Outra conquista do DACEL foi a reorganização de um grupo de mensagens com - quase - todos os Diretórios Acadêmicos e entidades da Unesp, que existia anteriormente, mas tinha sido deixado de lado. Nele, os alunos passaram

[69] A Universidade de Bauru era a instituição que residia no câmpus onde hoje está localizada a Unesp de Bauru. Em 15 de agosto de 1988 a Unesp incorporou a UB.

a interagir e trocar experiências, principalmente no que se diz respeito às questões orçamentárias.

— E aí a gente ficava bem indignada com a forma como os alunos eram tratados nesse ambiente, sabe? E conversando com o pessoal do DACEL conseguimos aumentar o número de representantes nesse grupo. Hoje temos quase cem entidades ativas que fazem parte desse grupo e dialogam entre si. — diz Deni.

Foi a partir desse grupo, e da organização dessas entidades, que esses alunos - incluindo o Deni - conseguiram propor um aumento da permanência estudantil geral de todos os câmpus da Unesp. O orçamento então saiu de 30 milhões, para 58 milhões anualmente, o que culminou em um aumento nos auxílios distribuídos, que passaram de 350 reais para 800 reais. Notavelmente, outra decisão que o DACEL - e todas as outras entidades da Unesp - conseguiram reverter é a de que alunos que recebem algum tipo de permanência não poderiam receber bolsas de projetos de extensão ou de iniciação científica.

— Qual é a organização do DACEL? — Indago, curiosa. Quando falei com Giovanna, ela me disse que seu cargo era presidente do DAFAE, mas Deni se identificou como Coordenador Geral do DACEL. Quero saber se a diferença na nomenclatura é um reflexo de organizações diferentes.

— O DACEL tem uma uma organização mais horizontal, somos divididos em coordenações, e a minha é a geral. Então temos a coordenadoria administrativa, a de comunicação, de eventos, a de política interna e a externa. E dentro dessas a gente se organiza. — Responde confiante.

Créditos: Foto cedida por Denisson Guimarães do Carmo

Membros do DACEL

Deni está no seu segundo ano como Coordenador Geral do DACEL, mas pretende passar o cargo para o próximo aluno eleito em abril de 2024, quando chega o fim do seu mandato.

— Fazer parte do DACEL, para mim, é a forma que eu encontrei de retribuir à Unesp tudo que ela fez por mim, sabe? Todo o carinho que eu tenho pela Unesp, pelos alunos... Porque quando a gente vem pra cá, essas pessoas meio que se tornam a nossa família, e quando temos família, a gente cuida dela, né? Então foi a forma que eu encontrei de me mobilizar, para tornar esse espaço mais acolhedor, fazer com que nossos direitos sejam garantidos. Eu saí do nordeste com um sonho de me tornar um cientista, e a Unesp tornou isso real. — Fala Denisson, com um semblante sério. Encerro a entrevista logo em seguida. Afinal, o que mais precisa ser dito?

Enquanto os Diretórios Acadêmicos da Faculdade de Ciências e da Faculdade de Engenharia existem há décadas,

a Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design criou seu Diretório em 1999. O Diretório Acadêmico Di Cavalcanti (DADiCa), que homenagiava o pintor modernista Emiliano Augusto Cavalcanti de Albuquerque Melo, teve vida curta. Em 2017 o DA foi desativado, por falta de membros para compor uma chapa.

Camilla Ramos de Sousa é natural de Campinas, e foi "adotada" por uma das "famílias" do curso de Arquitetura e Urbanismo quando chegou na Unesp de Bauru. Sua "família" é a do filme do Rei Leão, portanto, o apelido dela é Shenzi, por causa da líder das hienas no longa-metragem. No início de 2020, a estudante percebeu as dificuldades de não ter um Diretório Acadêmico na FAAC.

Membros do DACMA em reunião, enquanto Shenzi (Camilla) fala no microfone

Créditos: Foto cedida por Camilla Ramos de Sousa

— Eu percebi que precisávamos ter um DA quando entrei no meu Centro Acadêmico[70] e fiquei sabendo que era um diretório. Principalmente porque era durante a pandemia, estava tendo todo aquele conflito se a gente iríamos postergar algumas aulas, ou às teríamos na modalidade online. E eu pensei, 'nossa, se tivéssemos um Diretório Acadêmico da FAAC poderíamos nos articular muito melhor'. Foi quando me contaram que o nosso diretório estava desativado desde 2017. — Conta Shenzi. Estamos conversando por chamada de vídeo. — Foi quando eu comecei ver a realidade de outros cursos, por eles não terem um centro acadêmico e como que um diretório poderia ser muito importante nessa luta contra o sucateamento dos cursos da FAAC.

Entretanto, Shenzi e os outros alunos decidiram não reativar o DADiCa, mas sim criar um diretório novo: O DACMA, o Diretório Acadêmico "Carolina Maria de Jesus". Este homenageia a escritora, compositora, cantora e poetisa brasileira Carolina Maria de Jesus.

— Mas por que não reativar DADiCa? Por que criar o DACMA? — Indago.

— É principalmente por uma questão burocrática. O próprio estatuto do DADiCa era muito desatualizado, a gente via algumas coisas que já não faziam muito sentido. Outra coisa, é que tínhamos um certo receio do DADiCa não ter um CNPJ, e se tivesse, o mesmo viria com multas por ficar tanto tempo fora de funcionamento. Resolvemos ter um novo diretório, que fosse mais condizente com os alunos atuais da FAAC, tanto que o DADiCa homenageava o Di Cavalcanti, que era um artista homem, branco, cis, do periodo modernista e etc. Então, com o DACMA escolhemos homenagear alguém mais representativo, como Carolina Maria de Jesus, que foi uma das primeiras escritoras negras do Brasil. — Responde.

[70] Ela se refere ao Centro Acadêmico de Arquitetura e Urbanismo "Flávio de Carvalho".

Para a construção do DACMA, Shenzi e os outros alunos receberam apoio do DACEL e do DAFAE. As conversas começaram em outubro de 2022, e tiveram sua sua assembleia inaugural no dia 16 de maio de 2023.

— No começo, em outubro de 2022, a gente só pensava em reativar o DADiCa. Acho que a gente tava em cinco pessoas nessa, em sua maioria do curso de Design. — Explica Shenzi, enquanto me mostra o instagram recém inaugurado do diretório. — Eu senti que somente neste ano, em 2023, que a gente conseguiu encontrar uma galera muito mobilizada e realmente interessada em fazer parte da primeira chapa do DACMA. Somos 19 atualmente. Dá para perceber que tivemos um crescimento muito grande.

Com a criação do DACMA, era necessário eleger uma chapa para gerir o DA. Como o interesse ainda é baixo - em comparação com os outros DA da Unesp de Bauru - somente uma chapa se candidatou. Nela, Shenzi ocupa a posição de presidente, já que é a pessoa do grupo com maior experiência.

Membros do DACMA em reunião

Créditos: Foto cedida por Camilla Ramos de Sousa

— E como vocês apresentaram o DACMA para os alunos da FAAC? Teve uma boa aceitação? — Pergunto.

— Eu acho que isso é uma das principais problemáticas que a gente está lidando agora. No início, quando estávamos procurando pessoas para fazer parte da nossa chapa, a galera não sabia o que era um Diretório Acadêmico ou um Centro Acadêmico. Um dos nossos principais planos de ação no momento é fazer esse trabalho de base, de conscientizar os alunos, porque não adianta a gente chamar a galera para participar do DA sem eles entenderem o que é. — Fala Shenzi.

— E o que você espera para o futuro do DACMA? — Indago.

— Eu espero que a gente consiga fortalecer nossos laços com estudantes, porque o principal medo agora é toda essa luta que a gente teve para reativar agora seja em vão e daqui um ano o diretório seja desativado de novo. Eu espero que a gente possa construir um DA que seja um reflexo dos estudantes, eu quero construir uma DACMA que seja para todos.

Outras formas de lutar

Como o título sugere, os Diretórios Acadêmicos ou Centros Acadêmicos não são as únicas formas que os universitários - principalmente da Unesp de Bauru - têm de lutar por seus ideais ou de se comunicar com a Universidade.

O *Women in Engineering* (WIE)[71] é um desses grupos não-associados à universidade que fazem a diferença. Segundo o site da WIE no Brasil a WIE é "uma das maiores organizações profissionais internacionais dedicadas a promover engenheiras e cientistas para inspirar meninas em todo o mundo a seguir seus interesses acadêmicos na direção de uma carreira em Ciência, Tecnologia,

[71] Traduzido no português para Mulheres na Engenharia

Engenharia e Matemática"[72] e hoje contam com mais de 40 mil membros em 125 países.

— *Women in Engineering* é um projeto do *Institute of Electrical and Electronic Engineers* (IEEE)[73], que é uma organização mundial, sem fins lucrativos, que promove o avanço da tecnologia em benefício da humanidade. E o WIE é uma parte disso. Aqui em Bauru, a gente trabalha com três missões principais. — Conta a aluna de Engenharia Civil, Giovanna Garbelotti, de 22 anos. — A primeira é o 'Levando Ciência' onde a gente vai em escolas para incentivar que meninas venham para as áreas de STEM; A segunda é o planejamento de eventos voltados para o pessoal da faculdade, como palestras, rodas de conversas e etc; E por fim, nossa terceira missão é ter projetos técnicos, para melhorar a capacidade técnica das mulheres que participam do WIE.

STEM é uma sigla em inglês para "ciência, tecnologia, engenharia e matemática"

Giovanna me explica que o WIE não é um projeto de extensão, mas sim um grupo de estudo. Em 2017, algumas mulheres decidiram trazer o WIE para Unesp após perceberem que dos 60 alunos em uma classe de Engenharia Elétrica, apenas 6 eram mulheres.

— Nós estamos abertos a todo mundo que queira participar, inclusive homens. Antigamente, estávamos muito concentrados no curso de Engenharia Elétrica, mas com o tempo conseguimos mudar isso. Hoje temos uma adesão muito legal das meninas de todas as Engenharias, mas também temos algumas das graduações de Sistema de Informação, Ciência da Computação e Física. — Conta Giovanna, que é presidente do grupo.

Atualmente a WIE de Bauru conta com 15 membros, que são divididos em comissões para a organização interna, e

[72] Informações retiradas do site da WIE no Brasil, para mais informações acesse: https://www.ieee.org.br/rio-de-janeiro/grupos-de-afinidade-wie/

[73] Traduzido no português para Instituto de Engenheiros Eletricistas e Eletrônicos.

para fazer parte deste é necessário passar por processo seletivo. Contudo, as reuniões e eventos do grupo são abertas ao público.

— Você acha que o WIE é importante? — Pergunto

— Sim, eu acho que a gente consegue ter uma atuação boa. Principalmente no intuito de unir as mulheres. Então a gente se pergunta, o que está acontecendo? Quais professores são problemáticos? Nós trazemos assuntos que não costumam vir à tona, sabe? Em relação ao assédio, a falta de respeito, etc. — Responde a estudante.

Uma das formas que o WIE encontrou ajudar as mulheres do câmpus foi com a criação de uma oficina de defesa pessoal, que já contou com duas edições. Nelas, a Associação de Kung Fu Tigres e Dragões trouxe professores para ensinar algumas técnicas da luta.

— Uma coisa que chamou bastante a nossa atenção, é como as mulheres não se sentem seguras no câmpus, principalmente à noite! É um lugar bem grande, cheio de mata e bem escuro. Então tivemos essa ideia, de ter um curso de defesa pessoal, para a gente ter mais segurança. E, assim, não é pra gente sair batendo ninguém, mas para ter alguma chance de correr, sabe? Eu me senti muito bem fazendo essa aula, tendo essa experiência, me deu noção do que fazer, de como manter a calma e saber o que você está fazendo. — Explica Giovanna.

— E como você descobriu o WIE? Não vejo muita divulgação desse grupo. — Indago.

— Eu fui criada com as minhas irmãs sempre me falando sobre feminismo e da luta contra o machismo, e eu já pensava nesse problema de não ter mulheres na Engenharia desde o ensino médio, pois eu fiz um curso técnico e tinham pouquíssimas meninas. Eu já imaginava que seria igual na faculdade, então já entrei com essa mentalidade de achar o meu espaço, um grupo que falasse sobre isso. Nas minhas

primeiras semanas eu fui em uma reunião aberta do WIE e nunca mais sai. — Responde Giovanna, animada.

— O que você espera para o futuro do WIE? — Faço minha última pergunta.

— Acho que a principal coisa, o que me brilha o nosso olho dentro do WIE, e o 'Levando Ciência', que vai nas escolas levar experimentos e ensinar mais meninas sobre as áreas do STEM. Nós sempre tivemos problemas e dificuldades em fazer isso, mas é um sonho que conseguimos realizar nos últimos anos. Espero que isso melhore ainda mais. — Finaliza a presidente da WIE de Bauru.

Outra forma de engajamento político e social são os coletivos[74], que não dependem da universidade para funcionar. Um dos coletivos mais relevantes atuando na Unesp de Bauru hoje é o Afronte, que atua em todo o Brasil.

Gus em um protesto liderado pelo Afronte

Créditos: Foto cedida por Gustavo de Oliveira Leite

74 Os coletivos foram explicados amplamente no capítulo 4.

— Nacionalmente, o Afronte nasceu em 2017, no congresso da UNE daquele ano. Ele surgiu a partir de um conjunto de militantes que se juntaram para construir uma alternativa, uma oposição de esquerda dentro da UNE, já que a mesma era comandada pela liderança política do **PT** e do **PCdoB**, e a muito tempo tinha parado de ter esse papel de luta que tinha anos antes. — Conta Gustavo de Oliveira Leite, que cursa o quinto ano de Psicologia. — Com essa organização, foram surgindo células do Afronte, desde a da Universidade Federal do Pará (**UFP**), em Belém, até Universidade Federal do Rio Grande do Sul (**UFRGS**), em Porto Alegre. Existimos em muitos lugares.

Gustavo, ou Gus, como gosta de ser chamado, tem uma energia contagiante. Estamos conversando na sala de estudos 1, na Biblioteca da Unesp de Bauru em uma sexta-feira. Nesse momento, estou a uma semana realizando as entrevistas para o livro, ainda me sinto um pouco insegura. Entretanto, a empolgação de Gus é tão boa que me permite relaxar.

— Aqui em Bauru, o Afronte nasceu no fim de 2018, por conta de algumas movimentações do Guilherme Cortez[75], que agora é um Deputado Estadual de São Paulo. Na época ele ainda era estudante de Direito na Unesp de Franca, e por causa de uma movimentações e congressos de estudantes da Unesp, que ele sempre participava, ele conheceu o pessoal que militava, independente, aqui na Unesp de Bauru. — Continua Gus, que gesticula enquanto fala. — Então, o Gui [Deputado Cortez] conhece o André [apelidado de Boo] e a Isabela [apelidada de Cinza], e entre indas e vindas, os três criam o Afronte em Bauru. A partir daí, o coletivo que tem o **PSOL** como principal aliado político, cresce a cada dia.

75 Guilherme da Costa Aguiar Cortez é um ativista, professor, advogado e político brasileiro. Filiado ao Partido Socialismo e Liberdade, foi eleito Deputado Estadual por São Paulo em 2022. Seu mandato termina em 2025.

Créditos: Foto cedida por Gustavo de Oliveira Leite

Membros do Afronte de Bauru

— E quando você entra no Afronte? — Pergunto.

— Em maio de 2019, quando estourou aquelas mobilizações gigantescas do Tsunami da Educação[76]. Lembro que eu tinha ido para um dos atos que estava acontecendo em Bauru, entre as 10 mil pessoas no protesto, eu vi uma galera com camisetas do Afronte, e foi nesse momento que eu conheci o coletivo. — Explica o estudante. — Ai eu tive uma aproximação sucessivas, aos pouquinhos, com o Afronte.

Gus conta que sempre foi politicamente e socialmente ativo, desde que morava na Zona Norte de São Paulo. Ao entrar na Unesp de Bauru percebeu uma falta de alunos dispostos a compor o movimento estudantil. Hoje, além

76 Os protestos estudantis no Brasil em 2019, conhecidos popularmente como Tsunami da Educação, ocorreram nos dias 15 de maio, 30 de maio, e 13 de agosto sendo a primeira grande mobilização contra o Governo Jair Bolsonaro.

de fazer parte do Afronte, ele também faz parte do Centro Acadêmico de Psicologia.

Membros do Afronte de Bauru em protesto

Créditos: Foto cedida por Gustavo de Oliveira Leite

— Como faz para entrar no Afronte? Existe uma hierarquia dentro do coletivo? — Indago, curiosa.

— Você só precisa começar a frequentar as reuniões para participar. A gente não exige nenhum nível de experiência política, ou de militância comprovada! — Brinca Gus. Não existe qualquer processo seletivo para a entrada de um novo membro. — Normalmente, se você quiser entrar no Afronte, é só mandar uma mensagem no nosso instagram e falar que quer participar, que marcamos uma reunião para te explicar tudo. A gente percebeu que essa é a melhor forma de introduzir alguém novo no coletivo.

Já a hierarquia do Afronte de Bauru é horizontal, nenhum membro tem mais ou menos poder político dentro do coletivo. Existem dentro do mesmo comissões, como a comunicação, que cuida das redes sociais, a de agito que é responsável por formular faixa, bandeiras e gritos nos protestos e o de finanças, que gerencia o dinheiro do coletivo. No nível nacional, existe uma hierarquia, que organiza e cuida o Congresso da União Nacional dos Estudantes (CONUNE).

— Você disse que existe uma comissão de finanças, isso pressupõe que o Afronte receba algum dinheiro, como isso acontece? De onde vem esse dinheiro? — Indago.

— Excelente pergunta! A gente não aceita financiamento externo. Então, empresas, pessoas, ***lobby*** e, até mesmo do PSOL, que é nosso aliado prioritário, não recebemos a grana de ninguém. Em Bauru a gente financia através do sebo de livros usados, que fica aqui na frente da biblioteca, uma vez por semana. É só com esse dinheiro que a gente se sustenta. — Conta Gus.

Membros do Afronte de Bauru

Créditos: Foto cedida por Gustavo de Oliveira Leite

— Para você, existe uma comunidade dentro do Afronte? — Pergunto. O sol está se pondo e as luzes do câmpus estão se acendendo, em menos de meia hora a biblioteca vai se encher com alunos do período noturno procurando refúgio antes das suas aulas.

— Com certeza. Engraçado essa característica eu vejo muito do Afronte de Bauru assim, e não tanto na parte nacional do coletivo. Mas, aqui, eu sinto que somos uma família. Nós temos essa proximidade de compartilhar espaços, histórias, lutas... — Fala Gus, fazendo uma pausa. Sua expressão muda, ele parece cansado e um pouco triste quando fala. — Sabe, uma amiga minha fala que, às vezes, a militância é muito adoecedora. Ela diz que se não tivesse entrado no Afronte, muito provavelmente ela não continuaria no movimento estudantil, porque é um espaço muito hostil, um espaço de disputa e às vezes as pessoas não travam disputa com respeito. É muito duro. Mas então a maioria mesmo sabe que a gente tem um afeto e cuidado com os outros. Acho que isso faz existir essa comunidade, esse afeto, cuidado uns com os outros e também para as pessoas que a gente se relaciona fora do Afronte.

É com carisma e expressividade que Gus me conta que ele nem sempre foi uma pessoa comunicativa, e que o Afronte o ajudou em vários aspectos da sua vida, como aprender falar em público, ser proativo e principalmente, a militar.

— Eu percebi que se não for pelas minhas ações, ou das pessoas que estão ao meu redor, a gente não muda as coisas. O Afronte me fez perceber essa necessidade de mobilização organizada, de protesto. A gente pode mudar as coisas. — Diz Gus, enquanto observa os alunos pela janela.

Nota:

Camila Ramos de Sousa, conhecida como "Shenzi". Entrevista realizada no dia 05 de maio de 2023, online, via a plataforma do Google Meet.

Denisson Guimarães do Carmo. Entrevista realizada no dia 03 de maio de 2023, presencialmente na sala do DACEL.

Giovanna Garbelotti. Entrevistada realizada no dia 13 de junho de 2023, online, via a plataforma do Google Meet.

Giovanna Gavioli Fernandes. Entrevista realizada no dia 16 de maio de 2023, presencialmente na sala do DAFAE.

Gustavo de Oliveira Leite. Entrevistada realizada no dia 14 de abril de 2023, presencialmente, na sala de estudos 1 da biblioteca.

Prof. Ass. Juliano Maurício de Carvalho. Entrevista realizada no dia 14 de abril de 2023, presencialmente na sala 2 da Unesp de Bauru.

ACADEMICAMENTE FALANDO

"É o modo de comportamento dos indivíduos no meio social e interacional ao qual ele está inserido, quanto à sua maneira de pensar, agir e sentir dentro deste ambiente. Logo, penso que a Cultura Universitária é a prática social na qual o indivíduo se regula quanto ao que é aceito ou não-aceito perante à Universidade."

Laura Lizabello Silva, aluna do curso de Física.

É de se esperar que, depois de ter lido sobre diversos aspectos que existem dentro da cultura universitária, você se pergunte: onde se encaixa o aprendizado? Será que ele não faz parte da vivência, dos costumes e das tradições universitárias? Afinal, uma das primeiras coisas que se associam a uma instituição de ensino superior, é, obviamente, o *ensino*.

Chamamos essa parte de Academia - e não, não me refiro ao lugar onde se faz exercício -, uma instituição quase mágica, com professores, pesquisadores, doutores e mestres que tem o objetivo de ensinar e promover descobertas científicas que melhoram - ou não - a sociedade.

Academicamente falando, tudo pode ser ciência. Desde a descoberta de uma vacina, a linguagem de sinais nicaraguense[77], passando por como surgiu a vida na Terra até como as redes sociais on-line afetam eleições ao redor do mundo. Claro, tudo isso é considerado ciência se for seguido um conjunto sistemático de etapas, normas e técnicas pré-estabelecidas pela Academia.

No fim, existem universidades - faculdade e centro universitário - sem bateria universitária, torcida organizada, atlética ou até mesmo esportes. É mais comum que não exista permanência estudantil, restaurante universitário ou moradia estudantil. Até mesmo os centros acadêmicos e os movimentos de luta e liderança estudantil não são pré-requisitos para que uma instituição de ensino superior se forme. Contudo, a academia, a possibilidade de fazer ciência, de aprender, é o que move a universidade, sem ela, nada disso existe.

[77] A Língua de Sinais Nicaraguense, é uma língua de sinais que surgiu espontaneamente entre as pessoas surdas do oeste da Nicarágua, com inícios nos anos 70 e 80. Ela é de particular interesse aos linguistas pela oportunidade de se poder estudar o nascimento de uma nova língua, e por poder comprovar a hipótese da existência de mecanismos universais que facilitam a aquisição de uma língua, seja ela falada ou não. Estima-se que haja bem mais de 3000 "falantes" dessa língua.

Projetos de Extensão

A primeira vez que ouvi falar sobre projetos de extensão, tudo que eu conseguia sentir era pânico. Era o meu primeiro ano na Unesp de Bauru, as aulas tinham começado a mais ou menos um mês, e todo dia eu descobria alguma coisa nova sobre a universidade, o curso de Jornalismo e mim mesma.

O dia estava quente, o gesso no meu braço me incomodava - sim, quebrei o braço uma semana antes de vir para a universidade - e estávamos escutando um professor dar aula pelas últimas 3 horas, quando alguns alunos bateram na porta e pediram para nos dar um recado.

— Viemos aqui para chamar vocês para fazerem parte do nosso projeto de extensão, que está com inscrições abertas... — Disse uma das meninas que fazia parte do grupo de veteranos, sorrindo. Eles continuaram explicando como se inscrever e o que esse projeto em particular fazia, mas eu já não escutava.

Projeto de extensão era uma palavra que eu nunca tinha ouvido falar. Ao olhar para os meus colegas, todo mundo parecia saber *perfeitamente* do que se tratava, acenando com a cabeça e fazendo perguntas inteligentes. Um pouco desesperada por ser a única que parecia não entender, perguntei baixinho para uma menina sentada ao meu lado o que era isso.

— Hum... é como se fosse uma aula, que você escolhe... um projeto que você faz... sabe? Um projeto de extensão. — Tentou me explicar, mas não o fez muito bem.

Quando os veteranos saíram da sala, os meus colegas começaram a conversar sobre os projetos que haviam se inscrito. Uns já tinham quase certeza que entrariam em seus projetos preferidos, outros se inscreveram logo em três para ter certeza que seriam chamados em pelo menos um. Desesperada, tirei o meu celular do bolso e me inscrevi no

projeto de extensão que tinha acabado de ser apresentado, só para me sentir incluída na conversa. Só para me sentir uma *universitária de verdade*.

Eu descobri o que eram os projetos de extensão logo depois da aula, em uma pesquisa rápida do Google. O Fórum de Pró-Reitoria de Extensão das Instituições de Educação Superior Públicas Brasileiras (FORPROEX) de 2012, definiu que "A Extensão Universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade[78]."

A Unesp classificou os projetos de extensão no "Manual Dinâmico para Elaboração de Proposta de Projeto de Extensão Universitária e Iniciação à Extensão Universitária[79]" de 2018, que tem como suas três principais características: "Buscar atender às questões prioritárias da sociedade para o desenvolvimento da cidadania plena; Conter um conjunto de ações contínuas e sistematizadas de caráter educativo, cultural, político, científico ou tecnológico, desenvolvidas junto a outros setores da sociedade; E envolver a participação efetiva da população externa como sujeitos ativos no processo (sem excluir a participação da comunidade interna) [...]".

Pode parecer um bicho de sete cabeças, mas na prática é bem simples, são um grupo de alunos que se reúnem, sob a liderança de um professor, para realizar um projeto que beneficie tanto o aluno como a sociedade. A ideia é que o aluno aprenda coisas que não são ensinadas na sala de aula, e retorne para a comunidade o seu saber. Não existem

78 Política Nacional de Extensão Universitária, FORPROEX, 2012. Disponível em: http://www.proexc.ufu.br/legislacoes/2012-politica-nacional-de-extensao-universitaria-forproex-2012

79 Manual Dinâmico para Elaboração de Proposta de Projeto de Extensão Universitária e Iniciação à Extensão Universitária de 2018. Disponível em: https://www2.unesp.br/portal#!/proex/projetos-de-extensao/manual-dinamico/

notas, não existe pagamento (alguns alunos podem receber bolsas, mas essa não é a norma), e você precisa fazer parte de um projeto de extensão para concluir a sua graduação.

Hoje, suspeito que muitas pessoas que estavam comigo na sala naquele dia não sabiam o que era um projeto de extensão.

Membros do Canarinho Aerodesign

Créditos: Foto cedida por Guilherme Piller Teles

— Sem exagero, esse projeto de extensão mudou minha vida! — Fala Guilherme Piller Teles, sorrindo. Estamos em uma das salas de estudos na Biblioteca da Unesp de Bauru em um fim de tarde. Consigo escutar a bateria ensaiando e o fluxo de alunos do período noturno começando aumentar.

Guilherme, que é chamado por seus amigos pelo seu sobrenome, Piller, é aluno do último ano do curso de Engenharia Mecânica e fez parte de um projeto famoso de extensão da Faculdade de Engenharia, o Canarinho Aerodesign[80], desde 2020. Em 2022, foi presidente do projeto.

— O que é a Canarinho Aerodesign? — Pergunto.

— É um projeto de extensão que foca em projetar, do zero, um aeromodelo controlado por rádio, para competir na SAE Brasil Aerodesign[81]. A SAE é uma organização que tem como principal objetivo proporcionar a divulgação e a troca de técnicas e conhecimentos de Engenharia Aeronáutica, através da construção desses aeromodelos e da competição entre equipes. Existem três categorias, a micro, a regular e a avançada. E para cada um desses níveis existem desafios diferentes a serem cumpridos. — Explica Piller, animado. O Canarinho está no nível avançado e ele parece muito orgulhoso desse fato. — Eu acho que podemos dizer que somos basicamente um bando de universitários tentando fazer um avião não cair de cara no chão.

Modelos em escala reduzida, de aeronaves e espaçonaves. É um tipo de miniaturismo.

O Canarinho Aerodesign existe desde 2001, mas mudou de nome com o tempo. Em 2005, o projeto se tornou bicampeão mundial, e nos últimos 3 anos foi bronze na competição nacional.

Vendo minha confusão ao ouvi-lo falar sobre a competição, Piller decide me explicar como a mesma funciona. Em 2022, no nível avançado, os aviões competidores tinham que decolar em até 50 metros, com 20 quilos acoplados, ganhando pontos extras se fosse adicionado mais peso. Era necessário também que o avião sobrevoasse e escaneasse um QR code, que liberava um número de 0 a 15. Em seguida,

É um código de barras ou barrametrico, bidimensional, que pode ser facilmente escaneado usando a maioria dos telefones celulares equipados com câmera.

80 Para saber mais sobre o Canarinho Aerodesign, acesse o instagram @canarinhoaerodesign.

81 Para saber mais sobre a SAE Brasil Aerodesign, acesse: https://saebrasil.org.br/programas-estudantis/aero-design-sae-brasil/

o time transformava esse número em números binários e faziam que o aeromodelo soltasse o número correspondente de bolinhas, que ficam guardadas na asa do avião. Além disso, é esperado que se faça algumas manobras previstas no regulamento e que pouse em até 100 metros.

Avião do Canarinho Aerodesign

Créditos: Foto cedida por Guilherme Piller Teles

— Nós trabalhamos o ano inteiro, projetamos, desenvolvemos e escrevemos um relatório, e construímos o avião. Em novembro, é a competição. — Diz Piller, enquanto observa o movimento dos alunos. — Nós temos subido no pódio faz três anos, chegando perto dos primeiros lugares, que antes eram tradicionalmente ocupados pelo ITA. É

quase que o papel oficial deles ficar em primeiro lugar, mas no último ano a gente passou eles. Até porque o projeto de Aerodesign deles não sobreviveu a pandemia e eles nem participaram da competição.

— A Unesp apoia vocês? Ajudam a ir nas competições e etc? — Indago.

— Eu acho que a Unesp dá o mínimo, o dinheiro e um lugar para ser a sede. Só que, e aí você tira suas próprias conclusões, a nossa oficina é do tamanho dessas 3 salas de estudos juntos. — Fala Piller, gesticulando para as salas, que juntas não tem nem 8 metros quadrados. — Nosso avião tem três metros e meio de envergadura, ou seja, de uma ponta da asa a outra. Não temos espaço para quase mais nada.

Mas nem sempre foi assim. A oficina oficial do Canarinho Aerodesign, com espaço amplo, teve seu teto destruído em uma chuva forte em 2019. A sede de hoje era para ser temporária, até que os concertos fossem realizados, mas já se passaram cinco anos e nada foi reformado.

Membros do Canarinho Aerodesign em sua oficina

Créditos: Foto cedida por Guilherme Piller Teles

— Em relação ao dinheiro, a Unesp nos dá uma verba, uma vez por ano, e nós temos que obrigatoriamente gastá-la até o fim do ano. A construção do avião é cara e a ida para as competições também precisa de bastante grana. Então para ajudar, a gente vende rifa, vende camiseta, comida e tudo mais. — Continua o estudante.

— Como é fazer parte do Canarinho Aerodesign? — Pergunto.

— Acho que tem duas vertentes, a parte de projetar um avião, de fazer ele voar. E outra parte que é a amizade que você faz. Eu nunca fui muito de ir em festa, então para mim eu conheci muita gente que eu não ia conhecer de outra forma. Lá eu conheci muitas pessoas que são meus amigos de verdade, que vou levar para o resto da vida. Foi muito gostoso, valeu muito a pena todos os perrengues que a gente passa. — Diz Piller.

— E na graduação? A Canarinho Aerodesign ajuda nela? — Indago.

— Na graduação, não. Na vida profissional para caralho, perdoe meu francês. — Brinca Piller. Me espanto com a sua revelação, e lhe pergunto o por que dele achar isso. — Na graduação é capaz de atrapalhar, já que você tem que escolher onde está a sua prioridade, sabe? Você precisa entregar relatório no projeto, mas tem prova na mesma data, e aí? o que você faz? É uma coisa meio difícil de equilibrar.

Para ele, as coisas que ele aprende no Canarinho não caem em uma prova, pelo menos não no seu curso. Contudo, essa experiência é muito importante para o seu desenvolvimento pessoal e profissional.

— Eu só tô no meu estágio na **Embraer** por causa do Canarinho. A pessoa que me contratou não falou com todas essas palavras, mas ela disse que minha experiência de trabalho em grupo. Em uma entrevista de emprego, ninguém vai pedir seu CR, ou onde você fica no ranking da turma. Ninguém vai perguntar a sua nota de cálculo ou quantas DP

É o termo usado por muitos estudantes universitários para a dependência na faculdade. Ou seja, para aquela disciplina que você reprovou e precisa fazer de novo.

você teve. Mas eles vão perguntar sobre suas experiências, se você consegue lidar com a pressão, trabalhar em grupo e etc.

A última competição não trouxe somente o pódio a Canarinho e por extensão a Piller, mas também uma namorada. Quando ele deixa esse fato escapar, como quem não quer nada, quase pulo de alegria. Ah! Uma história romântica! A jornalista em mim quer saber tudo sobre isso.

Piller na competição

Créditos: Foto cedida por Guilherme Piller Teles

— É até uma história engraçada, eu conheci a minha namorada na competição da SAE Brasil Aerodesign do ano passado. Eu estava todo ferrado, destruído, acabado, fazia 3 dias que eu não dormia, resolvendo problemas de última hora com o avião, eu estava sem tomar banho, meu cabelo todo bagunçado e sujo, mas ela decidiu que eu era a pessoa mais linda do mundo. — Brinca Piller, com um semblante apaixonado. Se estivéssemos em um desenho animado, com certeza seus olhos estariam cheios de corações. — Ela é de um outro time, e mora em Porto Alegre. E é engraçado, porque ela me encontrou, mas eu nem vi ela durante a competição.

— Ela deve ter gostado do seu avião! — Brinco, sorrindo.

— Eu acredito que sim, ela falou gostou da minha cara amarrada, eu estava puto da vida, né? Por ter que fazer esses ajustes de última hora. Mas ela me encontrou no Instagram e começamos a conversar, e agora estamos namorando. Na próxima semana ela vem para Bauru. — Conta Piller, ainda um pouco vermelho com vergonha. Decido mudar de assunto, mas ele me interrompe com mais um fato romântico. — Eu não sou o único que encontrou uma namorada por causa da Canarinho, temos ex-membros que se conheceram no projeto e hoje são casados com filhos.

— Nossa, então o projeto não deveria se chamar Canarinho Aerodesign e sim Cupido Aerodesign. — Digo sorrindo. Ele concorda.

— Como eu disse, a Canarinho mudou minha vida. Me trouxe tudo que eu tenho hoje, emprego, namorada, amigos, tudo! — Exclama Piller.

Membros do Canarinho Aerodesign

Créditos: Foto cedida por Guilherme Piller Teles

A experiência de Gabriel Andrade Domingues Rezende, de 27 anos, com um projeto de extensão é um pouco diferente da de Piller.

— O trabalho que a gente faz no projeto, com jornalismo comunitário, nos faz repensar o jornalismo, o que deve ser prioridade. — Explica Gabriel, que está no quarto ano do curso de Jornalismo, e faz parte de um dos mais famosos projetos de extensão do curso, o Voz do Nicéia[82], vinculado a FAAC.

Gabriel me conta que escolheu Jornalismo por amor, e é mais feliz fazendo o curso do que jamais foi enquanto era

82 Para saber mais sobre o Voz do Nicéia, acesse o instagram @vozdoniceia

aluno de História na USP. Abandonou o curso no terceiro ano, e se empenhou em tentar de novo o vestibular da Unesp.

— Eu já cheguei a fazer outra faculdade, então quando eu passei na Unesp, eu estava com muita preguiça de fazer toda a recepção dos bixos, sabe? O tour pelo câmpus, ir com os veteranos fazer a carteirinha do ônibus, a gincana, eu tinha muita preguiça de ir, porque eu já tinha feito essas coisas, participado desse tipo de recepção na USP. — Conta Gabriel. — Tanto que o pessoal da minha república começou a falar que eu parecia uma velha, com preguiça para tudo e sem paciência. Inclusive, ganhei meu apelido dai, todo mundo me chama de Senhora.

Jornal do Voz do Nicéia no portão de um morador do bairro Nicéia

Créditos: Foto cedida por Beatriz Oliveira

— O que é o Voz do Nicéia? — Pergunto.

— É um projeto de extensão que foi criado em 2008, pelo então Prof. Dr. Angelo Sottovia Aranha, que hoje está aposentado. É um projeto que cria um jornal comunitário do bairro Jardim Nicéia, onde atendemos as pautas desses moradores, os entrevistamos, e tentamos construir essa proximidade entre o Voz do Nicéia e o bairro. — Responde Gabriel.

O site oficial do Voz do Nicéia[83], descreve o projeto como "uma ferramenta de comunicação e mediação entre a comunidade do bairro Jardim Nicéia, os órgãos públicos e o restante da cidade" e que o "seu principal objetivo é informar e orientar a população do bairro sobre questões de interesse coletivo (legalização, reformas urbanas e sociais), levantando ao debate público as questões que podem melhorar o bem-estar da comunidade".

Além das reportagens sobre o bairro, o projeto tem dois quadros que focam diretamente nos moradores. O primeiro é o "Fala morador", onde os universitários chegam com uma perguntas ou hipóteses, como por exemplo "E se tivéssemos um posto de saúde?", "Você usa internet?" ou até mesmo "Como você comemora a festa junina?", e diversos moradores respondem, dando suas opiniões e descrevendo o que fazem no dia a dia. O outro quadro são os perfis de moradores, que são entrevistados sobre suas histórias de vidas, aspirações, carreiras e famílias.

— Eu tive contato com o Voz do Nicéia desde que cheguei, já que duas pessoas da minha rep já tinham feito parte do projeto. E aí quando eles me contaram um pouco mais sobre o Voz, na hora já me interessei bastante por conta dessa possibilidade de vivenciar o jornalismo na prática, né? — Lembra Gabriel. — Enfim, o projeto me trouxe várias

[83] Publicação na aba "sobre" do site, disponível em: https://vozdoniceia.wordpress.com/about/

experiências práticas do dia a dia do jornalismo, mas o Voz também é importante porque ele faz a gente repensar no que deve ser prioridade. Provavelmente, o Jornal Nacional não se interessa sobre a vida da Terezinha, ou do César da Rua 2, sabe? E talvez isso não seja uma pauta para a grande mídia, mas lá para os moradores faz diferença.

Bairro Nicéia

Créditos: Foto cedida por Beatriz Oliveira

No final de 2021, o Voz do Nicéia enfrentou alguns problemas. O professor que atuava como coordenador do projeto precisou deixar o cargo. Sem tempo para encontrar um novo professor e se inscrever na **PROEC**, como deve ser feito todos os anos, o Voz do Nicéia perde seu status de projeto de extensão. Entretanto, o Voz do Nicéia continua a existir. A importância social e cultural do projeto para os moradores do Jardim Nicéia e para os alunos de Jornalismo da Unesp de Bauru supera a necessidade de bolsas e suporte oficial da universidade.

— O Voz do Nicéia, para mim, me provoca, sabe? Me faz questionar que tipo de repórter e de pessoa eu tô me tornando. — Fala Gabriel.

Cursinho popular

Entre todos os Projetos de Extensão da Unesp de Bauru, os cursinhos populares são os que eu mais admiro. Para mim, que sempre estudei em escola pública, em uma cidade pequena que não possuía cursinhos populares, a ideia de um me agrada.

Cursinhos populares são cursos preparatórios para os vestibulares, **ENEM** ou provas de ingresso no ensino médio (para escolas como a Etec), que operam de forma gratuita ou com pagamentos simbólicos, para alunos em vulnerabilidade socioeconômica. Na Unesp de Bauru existem três cursinhos populares, pertencentes a cada uma das faculdades (FAAC, FC e FE).

— Eu diria que a nossa principal função, com toda a certeza, é levar uma educação de qualidade para os alunos. — Conta Bruno Pazold Caffeu, de 23 anos, formado em Ciências Biológicas (Bacharelado e Licenciatura) e professor do cursinho Principia.

Estamos conversando na Biblioteca da Unesp de Bauru, em um fim de tarde, após uma de suas aulas. Ele chega um pouco atrasado, sem fôlego, por ter vindo correndo da sala até onde me encontro. Bruno me conta que sua história com a educação vem desde pequeno. Tímido, teve que vencer seus medos para se tornar professor.

— Eu diria que ser professor sempre foi um sonho. Quando eu era criança, eu gostava de dar aula para os meus bichos de pelúcia! — Brinca ele, sorrindo. — Então era algo que eu sempre tinha.

O cursinho Principia, vinculado à FAAC, foi fundado em 2006 pela professora Profª Ass. Maria do Carmo Jampaulo Plácido Palhaci, coordenadora do projeto até o ano de 2019. Por conta da alta demanda, para se matricular no cursinho é necessário passar por um processo seletivo, que consiste em uma prova escrita de 50 questões com conteúdos gerais do Ensino Médio.

— Eu comecei no Principia em 2020, como professor de Geografia. Só que após algumas semanas foi decretado a pandemia, e passamos a ter aulas online. — Lembra Bruno. — E no Principia tem duas vertentes, o Principia pré-vestibular, e o Principia Mirim. O último é voltado para vestibulinhos, onde alunos de 14 ou 15 anos, que querem fazer o ensino médio em escolas como **Etec** ou no **CTI**, vem ter aulas para melhorar as chances de passarem. E eu acabei dando sorte, porque esse projeto estava no início quando eu entrei, e surgiu a possibilidade de ser professor de Geografia de lá também.

Hoje, Bruno dá aulas de Biologia nas duas vertentes do Principia, e também faz parte da coordenação do Principia Mirim.

— E o cursinho é totalmente gratuito? — Pergunto.

— Os alunos não pagam nenhuma mensalidade. Mas, por uma questão de dificuldade financeira, o Principia passou a cobrar uma taxa de inscrição de mais ou menos 30 reais ou 1 kg de alimento não perecível. E ajuda um pouco a gente a manter o cursinho ali, sabe? Então somos bem acessíveis, entendemos que é uma oportunidade. — Responde o professor.

— Mas você recebe para dar as aulas? Ou é um trabalho voluntário? — Continuo a questionar.

— Sim e não, tem os dois casos na verdade. No Principia pré-vestibular a gente de fato recebe uma bolsa, um auxílio, pago pela própria Unesp. E, assim, são poucas bolsas, e não

temos uma para cada professor, o que fazemos é pegar esse dinheiro e dividir entre todos. Acaba dando um valor menor, é claro, mas teoricamente esse é melhor que dá para fazer no momento. Agora, no Principia Mirim, infelizmente não temos nenhum tipo de bolsa, nenhum tipo de ajuda, é um projeto totalmente voluntário. Então eu recebo, mas não é um salário e sim uma ajuda de custo. — Explica Bruno.

— A Unesp apoia o Principia? — Indago.

— Claro, mas eu acho que algumas coisas de fato poderiam melhorar. Principalmente nas questões estruturais do cursinho, por exemplo, a gente utiliza as salas 85 e 86 para todas as aulas, mas a 86 está com problemas no projetor, então não estamos usando mais, e já faz um tempo. Então nessa parte estrutural peca um pouco. — Fala Bruno. — Mas não sei como isso funciona nos outros dois cursinhos.

Decido então procurar professores do Primeiro de Maio e do Ferradura, para entender um pouco mais sobre suas experiências, desafios e relação com a Unesp, se eles se diferem da de Bruno.

A segunda pessoa que entrevisto é Minerva, professora do cursinho Primeiro de Maio. Por tocarmos em tópicos delicados, ela sente que suas revelações poderiam culminar em um local de trabalho hostil ou desconfortável, por isso me pede para não ser identificada. Por esse motivo, revelarei informações pessoais que possibilitem sua identificação, como quais aulas ministra, idade, curso e etc.

A dou o nome de Minerva, em homenagem à deusa romana da sabedoria - e talvez por causa de uma outra professora icónica da literatura -. Nos encontramos por chamada de vídeo, ao entardecer, em uma terça-feira qualquer de maio. Receptiva, ela responde todas as minhas perguntas, mesmo as mais intrusivas.

— O Primeiro de Maio foi criado em 2000, e é o cursinho vinculado à Faculdade de Engenharia. Ele é destinado aos

estudantes do ensino médio regular ou técnico de escolas públicas e bolsistas, de no mínimo 50%, em colégios particulares do estado de São Paulo. — Conta Minerva, seria. — E foi um projeto que partiu dos alunos mesmo e foi institucionalizado pela Universidade como projeto de extensão anos depois.

— Para você, o que um cursinho popular como o Primeiro de Maio representa? — Pergunto. Decido começar com as perguntas difíceis, já que a jovem professora parece pronta para respondê-las.

— Algo realmente muito bom! E assim, eu acho os cursinhos populares são a democratização do ensino, no sentido de fazer aquele aluno entrar na universidade pública, que é, na verdade, um direito dele. Mas o mesmo é negado por causa da precarização da educação pública. — Diz a professora.

Em 2021, após 3 tentativas, Minerva passou no processo seletivo do Primeiro de Maio e se tornou plantonista - um tipo de professor que fica disponível aos alunos no plantão de dúvidas - e em agosto do mesmo ano tornou-se uma professora.

— E você recebe para dar essas aulas? — Indago.

— Nós recebemos 20 reais a hora aula, o que até uns anos atrás era mais que o Estado pagava para os professores da rede pública. E quem faz parte da coordenação recebe uma bolsa de extensão da PROEC. No geral, é um bom dinheiro. — Responde Minerva.

Para a professora, os cursinhos populares ainda não fazem parte da cultura universitária, mas deveriam. Ela pensa que essa falta de interesse reflete diretamente no futuro da educação no país.

— Você acha que existe uma diferença entre os três cursinhos? — Questiono.

— Quando eu entrei no Primeiro de Maio, eu percebi que não existia tanta essa conversa com os outros cursinhos. — Revela Minerva — E, assim, o Primeiro de Maio é um projeto de extensão da Faculdade de Engenharia, então acredito que temos um investimento maior, mas também temos uma coordenação um pouco complicada, eles só se importam com resultados. E por isso mesmo que eu tenho a impressão de que entre os três cursinhos, o nosso é o mais conteudista, porque no fim a FE não se importa que a gente tá passando perrengue, sem tinta na impressora, sem papel para imprimir textos, com um computador que não funciona na sala, com um projetor que dá problemas sempre. Mas no fim do ano eles batem na nossa porta e perguntam quem são os aprovados. Isso nunca faltou.

A indignação de Minerva não para por aí. Ela respira fundo, se arruma na cadeira e continua a falar.

— Eu não sei qual material os outros cursinhos usam, mas o Primeiro de Maio usa o material de um curso particular, pirateado[84]. Se você for lá hoje na sede do cursinho tá lá estante só com esse tipo de livro. Eu tento fazer coisas diferentes com os alunos, mas nem sempre dá certo. — Continua Minerva.

Em 2023 foi o primeiro ano que o Primeiro de Maio não realizou provas para a entrada no cursinho, em anos anteriores, o Primeiro de Maio realizava uma prova para os alunos que queriam fazer parte do cursinho. Contudo, em 2023 o sistema de admissão mudou, e passou a ser feito por vulnerabilidade social, e também instituiu cotas de 50% para estudantes pretos, pardos e indígenas.

— Não me leve a mal, eu gosto do Primeiro de Maio, sou muito feliz lá! Eu adoro a turma, adoro os professores, a coordenação. Mas, quem sabe um dia, a gente possa ter

[84] Essa informação disponibilizada por Minerva não pode ser conferida.

uma maior união dos três cursinhos, para que possamos nos fortalecer como cursinhos populares da Unesp Bauru, né? O que a gente não pode é virar uma máquina de fazer vestibular, porque esse não é o propósito de um projeto de extensão. Se isso acontecer, a gente vai ser sucateado até sumir. — Diz Minerva.

Victor Bastos Ventura, de 31 anos, tem uma história e tanto para contar sobre sua relação com a educação e com o Ferradura, o cursinho popular vinculado à Faculdade de Ciências. Psicólogo por formação[85], professor por amor, ele leciona as aulas de história do cursinho desde 2018, quando entrou na Unesp de Bauru.

— Minha história com a educação é um total desacerto desde o início. Eu tive muita dificuldade e alguns problemas com a escola, desde a primeira série. Naquela época, na cidade de São Paulo, eles ranqueavam os alunos, quem tinha melhor nota, comportamento e etc ficava na sala 'A' ou 'B', e quanto pior você se saia, mais para baixo você ficava, nas salas 'C', 'D' e às vezes até 'E'. Eu geralmente ficava na sala 'D', que tinha todas as pessoas com dificuldade, que iam desde pessoas com deficiência das mais múltiplas até alunos problemáticos e com questões de agressividade. Então eles basicamente colocaram tudo dentro de uma sala, trancavam e jogavam a chave fora. — Conta Victor.

Estamos na biblioteca, sentados em uma das mesas comunitárias, no meio da tarde. Ao nosso lado, um grupo de estudantes jogam baralho - truco, se minhas observações estiverem corretas - e fazem barulho. Estou cansada. Já fiz 3 outras entrevistas nesse dia, e ainda me recupero de uma gripe que peguei na semana anterior. Por todos esses motivos - e fome, já que tinha esquecido meu lanche em casa - pensei que minha entrevista com o professor não seria

[85] Victor Bastos Ventura se formou em Psicologia na Unesp de Bauru em fevereiro de 2023.

produtiva, que meu mau humor atrapalharia. Que engano! Victor dominou a entrevista, deu um baile de educação, graça e sabedoria.

— Eu tinha uma dificuldade séria até mesmo no processo de alfabetização. Eu repeti a 5° série, a 6°, e até mesmo o 1° e o 2°colegial. Quando minha mãe tentou achar uma escola melhor para mim, o diretor na época falou para ela que 'essa escola não vai ser boa para o seu filho, é melhor você procurar uma no seu bairro mesmo'. O processo da minha educação foi algo muito nítido, sabe? Essa tentativa de me manter confinado dentro de um único espaço. — Lembra o professor. Estou tão concentrada nas suas palavras que levo um susto quando os alunos ao nosso lado gritam no jogo. — Eu fui expulso no 2° colegial, e desisti. Parei de estudar. Na época eu já trabalhava de estoquista em uma loja do shopping, e um dos outros funcionários fazia Turismo na USP, e um dia conversando ele me perguntou se eu queria fazer faculdade, eu disse que sim, mas que tinha esses problemas. Foi aí que ele me recomendou o cursinho popular 11 de Agosto, da Faculdade de Direito da USP, lá no Largo São Francisco. E foi aí que começou.

Foi por causa de um cursinho popular que ele voltou a estudar, concluiu o ensino médio no EJA (Educação de Jovens e Adultos), e ficou cinco anos no cursinho, estudando para conquistar seus sonhos.

— Quando eu entrei no cursinho, não sabia nem ler o numeral romano. Eu ficava bravo quando tinha um X e um V e eles me falavam que eram 15, por que não usar os números mesmo, sabe? — Brinca Victor, sorrindo. — Como eu tive esse começo difícil, levou muito tempo para eu me recuperar.

Em 2018, Victor conseguiu a tão sonhada vaga na universidade. Passou no vestibular de Psicologia na Unesp de Bauru, onde se formou esse ano. Foi nela que ele teve muitas das suas "primeiras vezes".

— Sou aluno cotista, e tive muitos desacertos na universidade também, mas diferente do que acontecia no ensino regular, eu também tive as minhas primeiras notas 10, a primeira apresentação de seminário, a primeira montagem de slide, tudo isso aconteceu na Unesp. — Diz o professor.

Foi na Unesp também que Victor teve sua primeira experiência como professor, ao se juntar ao cursinho Ferradura. Dos três cursinhos do câmpus, talvez o Ferradura tenha a história mais impactante. Criado em 2006 pelo Departamento de Educação da Faculdade de Ciências, o Ferradura surgiu como uma demanda de estudantes da periferia da cidade. No começo, alguns alunos de cursos de licenciatura da FC, faziam esse trabalho voluntário de um cursinho pré-vestibular, e usavam o espaço de uma escola estadual da região para dar aulas.

— Quando o cursinho estava nessa escola, começou a colar muito a galera todos os conjuntos habitacionais do lado, e claro, muita gente do Bairro Ferradura Mirim. E assim, existe uma certa hierarquia na própria quebrada, e na época o Ferradura Mirim era o mais novo, então não tinha rua asfaltada, esgoto encanado e coisas assim. Era um bairro que tinha muita gente em situação de vulnerabilidade, e muitos desses jovens frequentavam o cursinho, tanto que batizaram ele de Ferradura, em homenagem ao bairro.

Hoje, o Cursinho Ferradura tem sede na Unesp de Bauru, e um polo na cidade de Pederneiras, a 30 km do câmpus.

— E como você foi parar no Cursinho Ferradura? — Pergunto.

— Eu escolhi o Ferradura porque ele era o único cursinho que não aplicava a prova e não cobrava nenhum tipo de inscrição. Por que se você pensar, quando a gente faz uma prova para entrar em um cursinho popular, já é uma forma de seleção. E quando eu entrei no 11 de

Agosto eu fiz prova, e foi uma agonia, eu fiquei pensando 'nossa, será que eu vou passar? Será que eu consigo? Eu venho do EJA'. — Diz ele.

— Como é ser aluno e professor ao mesmo tempo? — Indago.

— Eu acho que me ajudou bastante. Eu sempre disse para os meus alunos que é muito mais fácil ele vir falar comigo sobre as dificuldades que ele está tendo nas nossas aulas de História, porque pode ser as mesmas que eu estou tendo na graduação. Então aquilo que eu tô vendo na graduação, o que eu odeio e o que eu não gosto que faça comigo, não posso reproduzir com eles. Acho que isso tirou um pouco aquela hierarquia da sala tradicional. Então eu sempre deixo claro para eles que eu sou estudante e professor ao mesmo tempo! — Responde Victor, pensativo.

— E qual o seu maior desafio como professor? — Faço minha última pergunta. O jogo de cartas ao lado acabou, o silêncio reina.

— Dar um ensino de História que seja menos eurocêntrico e mais próximo da realidade latino-americana. — Diz o professor, sem exitar.

Nossa entrevista acaba, mas continuamos conversando. E nesse momento que Victor me conta sobre um projeto realizado pelo cursinho Ferradura, professores da Faculdade de Ciências e a Editora Gradus[86], em 2022. Que foi responsável pela criação de um livro chamado "Quebra-cabeça Social: uma antologia social[87]", composto de poesias, textos e artes feito pelos alunos do cursinho Ferradura.

[86] Para mais informações, acesse: https://www.graduseditora.com/quem-somos

[87] Junior, Eli Ferreira dos Santos; Reis, Marcia Lopes; Ugaya, Andresa de Souza; Ventura, Victor Bastos. **Quebra-cabeça Social: uma antologia social.** Bauru: Editora Gradus, 2022. Disponível em: https://www.graduseditora.com/quebracabecasocial Acesso em: 05 de nov. 2023

— A arte tem uma função muito importante, a de fazer uma crítica à realidade. E não somente isso, mas também de materializar algumas coisas que a gente quer colocar como tabu. Então às vezes, quando precisamos falar de alguma coisa muito pesada, podemos escrever um poema, fazer uma pintura ou uma comédia sobre aquilo e o que antes estava em silêncio, consegue ser expressado ali! E foi isso que fizemos no nosso livro. — Explica Victor.

Livro Quebra Cabeça Social

Créditos: Foto Gradus Editora

Download do livro aqui!

Decido ler o livro, e me surpreendo com as palavras no poema "Doutô, eu num sô da sua laia!" do aluno Faust Constte[88], de 22 anos.

[88] Sou o Faust Constte, 22 anos, poeta, militante social anarquista, e trabalhador autônomo de formação operária do setor metalúrgico/industrial. Acreditando na importância da construção de uma arte e cultura popular de luta e resistência, meus versos além de trazer a marca do cotidiano, da vida, dos afetos e desafetos, das tristezas e alegrias do viver, também trazem a reflexão, a crítica e a denúncia ao capitalismo, ao estado, suas contradições e a toda forma de opressão que nos é imposta. Portanto, a arte, a poesia e a cultura popular para mim respira luta porque nossa vida é luta, é suor, é sangue. Por isso que meus versos sangram e estão sujos de graxa e da marca da vida. E-mail: matheusfausticonstante@gmail.com

Ô, seu doutô,
Eu num sô da sua laia.
Num sô racista,
Num sô fascista,
Num sô da sua laia.

Sô revolucionário,
Guerrilheiro da periferia,
Guerrilheiro da quebrada,
Indignado e articulado,
Insurgente, organizado e revortado,
Ô, seu doutô,
Nóis num é da sua laia.

Meu barraco é minha quebrada,
Quebrada violentada,
Amargurada, amordaçada e algemada,
Ô, seu doutô,
Nóis num é da sua laia.

Pelos doutô racista,
A quebrada foi enganada,
Arrasada e assassinada.
Não mais, não mais!
Bora pros livros! Pras armas!
Pra luta! Pra resistência!
Bora organizar a quebrada,
A revorta,
E com a violência
dos doutô racista acabar!
Ô, seu doutô,
Nóis com certeza
num é da sua laia!

Grupos de Estudo

Os grupos de estudos também são parte da vivência acadêmica dentro da Unesp de Bauru. A definição de grupos de estudo é simples, um conjunto de pessoas que partilham interesse por um tema específico, que se reúnem para desenvolver estudos, visando aprofundar o conhecimento e divulgar para a comunidade.

Um exemplo disso é o grupo de estudos "Novas Linguagens em Comunicação" (NOLICOM) do Departamento de Ciências Humanas (DCHU), que dentro das suas muitas vertentes, tem a RUV Podcasts como parte das suas atividades extensionistas.

— A RUV Podcast foi criada em 2004, pelo Prof. Dr. Antônio Francisco Magnoni do Departamento de Comunicação Social (DCSO). Naquela época, a RUV ainda era um projeto de extensão e se chamava Rádio Unesp Virtual, o propósito dela era ser basicamente uma rádio comandada pelos alunos. E aí em 2013, o projeto acabou encerrando as atividades. E eu confesso que não sei os motivos, essa informação nunca chegou até mim. — Conta Mayana Vitória Oliveira Sousa, de 25 anos.

Membros da RUV, em maio de 2023

Créditos: Foto cedida por Mayana Vitória Oliveira Sousa

May, como gosta de ser chamada, chegou na Unesp de Bauru em 2017 para cursar Meteorologia. No ano seguinte, entrou na RUV, de onde só saiu esse ano, já formada. Vinda da cidade Jacareí, Mayana se adaptou rapidamente a cidade de Bauru e a vida universitária.

— Três anos depois, em 2016, a Rádio Unesp Virtual voltou a funcionar, ainda sob a tutela do Prof. Antônio Francisco Magnoni. Só que o projeto precisava ser reestruturado, tinha muita coisa que já não fazia mais sentido, sabe? Eu entrei no segundo processo seletivo que teve depois dessa reestruturação, em 2018. — Continua May.

Estamos sentadas na praça de alimentação do Bauru Shopping, em uma noite de sexta-feira. A maioria das lojas fecharam, e fora algumas famílias e crianças que estão jantando, o shopping parece deserto. Nos sentamos em um banco, um pouco afastada das mesas e da comida, e começamos a conversar.

Devo confessar que May é minha amiga pessoal, e que nós nos conhecemos justamente por eu ter me juntado à RUV, em 2022. Quando decidi escrever esse livro, a primeira pessoa que pensei em entrevistar foi Mayana. Para mim, ela é a personificação de uma universitária bem resolvida: Ela já fez parte das Texuguetes, da Febre Amarela, fundou e participou por 2 anos do Centro Acadêmico de Meteorologia "Roberto Calheiros", fez parte da direção do DACEL, participou de diversos projetos de extensão e no último ano compôs o Observatório Didático de Astronomia. Ah! Eu estava me esquecendo, junto com tudo isso ela foi diretora geral da RUV de 2019 a 2023. May é praticamente uma miss extracurricular.

— Em 2020 a gente percebeu que não estávamos mais fazendo rádio, nós fazíamos podcasts. E incomodava o fato do projeto ainda ser chamado de Rádio Unesp Virtual, o pessoal ficava muito confuso quando entrava. Então, para remeter ao nosso nome original e também porque todo mundo no câmpus já nos conheciam como

RUV, decidimos em RUV Podcasts. — Explica May. No início de 2021, o Prof. Dr. Arlindo Rebechi Junior assumiu a tutoria da RUV e a institucionalizou como parte Grupo de Estudos NOLICOM.

Membros da RUV, em outubro de 2019

Créditos: Foto cedida por Mayana Vitória Oliveira Sousa

— E o que vocês fazem na RUV Podcasts? — Pergunto.

— Nós, surpreendentemente, fazemos podcasts. — Brica May, sorrindo. — A RUV é dividida em três núcleos de produção de podcasts. O de entretenimento, que produz podcasts sobre filmes, livros, séries, true crime e de conversa. O de esportes, que tem podcasts sobre os mais variados esportes e competições. E o núcleo de jornalismo,

responsável pelo NJ notícias, o radiojornal da RUV, e diversos outros programas jornalísticos. Fora os núcleos de produção de podcasts, também temos os administrativos, que fazem o projeto funcionar, como gestão de interna, comunicação, e T.I.

— E como foi sua trajetória dentro da RUV? — Indago.

— Eu entrei [2018] primeiro no núcleo de gestão interna e de entretenimento, para ser locutora e roteirista, mas principalmente locutora. Só que eu me apaixonei por roteiro, é a função que eu mais gosto de fazer, até quando eu era diretora sempre gostei de fazer roteiro. Depois, fui produtora de diversos programas e em maio de 2019 eu entrei para a coordenação do núcleo de gestão interna, e em setembro do mesmo ano eu me tornei diretora geral da RUV. — Lembra May.

— Eu vi que você fez parte de diversos Podcasts, qual você gostou mais de produzir? — Questiono.

— Depende, cada um eu gostei de um jeito. O 'Falando Pelos Cotovelos' é um programa especial para mim, porque eu criei ele do zero, com alguns amigos. E foi incrível, eu inclusive tenho a sigla 'FPC' tatuado no cotovelo. E não foi só pelo programa, mas pelo que ele significou naquela fase da minha vida. — Explica May, que participou de muitos Podcasts, nas mais diversas funções. — Eu gostei muito do 'Central Perk', que discute séries e, assim, eu amo falar sobre séries. Outro importante pra mim foi o 'Trucraime', porque tivemos que pesquisar bastante para fazer esse roteiro e era um estilo que a gente não fazia na RUV. O 'Dossiê Ciência' também tem um lugarzinho especial no meu coração, por que eu sou cientista. Mas os dois maiores, os que eu mais gosto, foram o 'Falando Pelos Cotovelos' e o 'Trucraime'.

Créditos: Foto cedida por Mayana Vitória Oliveira Sousa

Tatuagem no braço de Mayana, que remete ao podcast "Falando Pelos Cotovelos"

Para May, a RUV Podcasts faz parte da cultura universitária presente na Unesp de Bauru. A própria quantidade de integrantes do projeto, que podem passar de 80 membros por ano, ajuda a tornar a RUV um projeto popular. Outro ponto positivo é a integração entre diversos cursos de graduação, que usam esse espaço como uma forma de aproximação entre as três faculdades. (FAAC, FC e FE).

— Para você ter uma noção, uma vez nós fizemos um episódio do 'Central Perk' sobre a série brasileira 'Boca a Boca', e postamos nas redes sociais. Um dos roteiristas dessa série viu, compartilhou nosso post, e disse em um comentário que ele estudou na Unesp de Bauru e fez parte da RUV! Acredita nisso? Um ex-membro fez uma série que os membros atuais fizeram um programa sobre! Isso me faz pensar o tanto de pessoas que ajudamos a se formar na Universidade. — Fala May.

— Qual o sentimento que move a RUV Podcasts? — Pergunto.

— Eu acho que animação. Porque todo mundo dentro do projeto é realmente engajado, muito animado. Eu conheço pessoas que já estavam esgotadas com a universidade, mas por causa da RUV elas persistiram, sabe? Então acho que é essa excitação, essa vontade de continuar, de não deixar o projeto morrer, que move a gente. — Responde May.

Ainda estamos envolvidas na nossa conversa quando percebo que outras pessoas estão indo embora. O shopping está fechando, mas nossa vontade de conversar não acabou. Mas tudo bem, eu moro perto, e a noite é uma criança.

***

Na minha busca por outros grupos de estudos tropecei em um dos mais fascinantes e curiosos, o Grupo de Estudos de Biologia em Agroecologia, ou GEBA, para os íntimos. Nele, alunos fazem hortas comunitárias, e promovem a recuperação do cerrado.

— O grupo começou em 2010, quando eles construíram o Departamento de Biologia. Conforme eles passaram o trator para derrubar a mata e construir o prédio, ficaram muitas partes desmatadas sem serem usadas. E daí a galera de biologia falou, pô [*sic*] no meio do cerrado, atrás do departamento de biologia, gente vai deixar o mato? Não, vamos fazer um projeto e começar a plantar uma agrofloresta. — Explica Wellinton Daniel Baptista da Silveira Bonaci, aluno do segundo ano de Biologia, e psicólogo formado pela Unesp de Bauru.

Nos encontramos na frente do Departamento de Biologia, onde confessei que nunca tinha vindo para essa parte do câmpus. Espantado, ele decide me mostrar alguns “pontos turísticos” da Faculdade de Ciências e finaliza nosso passeio parando em uma pequena abertura na frente da mata, que esconde uma clareira - maior que dois campos de futebol - cheia de troncos, podas de árvores e mato. Muito mato.

É uma forma de uso e ocupação do solo em que árvores são plantadas ou manejadas em associação com culturas agrícolas ou forrageiras.

É um bioma brasileiro, caracterizado especialmente pelo bioma savana, mas também por floresta estacional e campo.

Créditos: Foto de Bárbara Cardi Camarini

Local onde a Unesp de Bauru deposita alguns tipos de lixo orgânicos do câmpus

Me espanto com a dimensão do lugar, e fico sem palavras. Wellinton usa a minha surpresa para me explica que aquele é o local onde a Unesp deposita alguns tipos de lixo orgânicos do câmpus, a apenas alguns metros das salas de aulas. Pergunto, um pouco duvidosa, se é ali que eles realizam as atividades do GEBA. Ele diz que não, mas que queria que eu visse isso antes de explicar o que o grupo faz e porquê. Após alguns minutos de contemplação, ele me leva até o fundo do Departamento de Biologia, onde subimos um morro através de uma escada improvisada.

Créditos: Foto de Bárbara Cardi Camarini

Escada para chegar ao GEBA

— Esse aqui é o GEBA! — Exclama Wellinton, abrindo os braços. — Quando construíram o departamento, meio que desconectou o cerrado, então a gente também tinha essa ideia de fazer um corredor ecológico para poder juntar essas duas partes. Esse foi meio que o começo de tudo. Em 2013, uma professora de Biologia transformou o GEBA num projeto de extensão durante um ano, e logo em seguida ela se aposentou. Isso quer dizer que de 2010 até 2023, a gente teve um ano institucionalizado, todo o resto do tempo fomos um projeto autônomo gerido e movimentado por estudantes.

Créditos: Foto cedida por Wellinton Daniel Baptista da Silveira Bonaci

Membros do GEBA trabalhando no terreno

Nos movimentamos ao redor das plantas, que crescem desordenadamente. Sinto um cheiro maravilhoso, que Wellinton me informa ser do alecrim do campo que está alguns passos à minha frente.

— As pessoas de fora, Inclusive os professores e os administradores, sempre viam esse espaço como a hortinha do fulano, que tá fazendo um projeto. Nunca fomos levados a sério. A única ajuda que a gente recebeu no começo foi essa escadinha da entrada e a torneira de água. Só. — Conta o estudante. Começamos a andar e em menos de cinco metros chegamos a uma cerca. — Essa cerca delimita o fim do câmpus, e isso que tem do outro lado é uma Base da Polícia Militar do Estado de São Paulo.

Olho para o prédio vermelho, preto e branco do outro lado da cerca. Ele está a uns 10 metros de onde estamos, e podemos ver alguns policiais fardados se movimentando.

— Vou te explicar um pouquinho sobre o trabalho que a gente faz. — Diz Wellinton, gesticulando para um lugar no chão. — Como dá para ver, a gente pega troncos caídos, matéria orgânica que demoram para se decompor, e tenta colocar dentro dos canteiros, para se decompor mais rápido. E como você pode perceber sempre tentamos plantar um monte de coisa junto, eu sei que parece uma confusão, mas a ideia é recuperar a mata nativa, e nesse tipo de vegetação, que é o cerrado, você não consegue andar no meio, porque tem muitas espécies em estratos diferentes. Então a gente tem raiz, arbusto, Copa, subcopa, existem sete níveis que é normalmente estudado assim dentro do meio ambiente. E tentamos imitar isso aqui.

A ideia é simples, reproduzir o sistema natural que existia aqui antes do desmatamento e, ao mesmo tempo, trazer plantas que possam ser usadas pelos seres humanos.

— Aqui temos açafrão da terra, babosa, a gente vai misturando várias coisas que são PUNCs aqui no meio, então temos boldo, arnica. Ali do outro lado temos mamão, abacate, citronela. A gente também discute a questão da cegueira botânica, que é quando as pessoas olham para um lugar assim e pensam 'Ah, é mato', mas não é! Esses 'matos' podem ser comestíveis, repelir insetos, ajudar no tratamento de doenças e muito mais. — Explica o estudante.

Paramos alguns minutos para observar um Sagui carregando um filhote nas costas. Wellinton me diz que vários animais, incluindo os Saguis - que andam livres por todo o câmpus - comem as coisas plantadas pelo GEBA.

— A gente tinha uma Cutia que vivia aqui dentro de um buraquinho no chão, daí a gente apelidou ela de Sofia. — Conta Wellinton. Sofia, a Cutia. Gostei.

O GEBA tenta proporcionar para a comunidade oficinas, com os mais diversos temas ambientais: Como fazer uma composteira doméstica, de como construir uma agrofloresta,

saúde ambiental e a permacultura como técnica de preservação e muito mais. Outro serviço que chegou a ser prestado foi a compostagem dos restos alimentares do RU, mas por falta de apoio teve que ser descontinuado.

Membros do GEBA durante uma oficina

Créditos: Foto cedida por Wellinton Daniel Baptista da Silveira Bonaci

— O espaço que a gente tem não foi dado, e sim tomado. Ninguém chegou treze anos atrás e disse que poderíamos ficar com o lugar, a galera só se reuniu e concordou que seria aqui. E ninguém falou nada. — Lembra o estudante. Nós andamos mais alguns metros pela pequena trilha. O espaço está cheio, quase não temos onde pisar. — Só que esse lugar é pequeno, e já foi bem recuperado. Não temos como continuar o grupo aqui!

A ideia do grupo então foi se apropriar do terreno ao lado do Departamento de Biologia, que também tinha sido desmatado durante a construção, e que continuava sendo limpo - tirando o mato, as árvores que cresciam e etc - periodicamente pelos servidores da Unesp. O espaço se encaixava perfeitamente, era conectado ao pequeno corredor que eles já tinham recuperado, era grande o suficiente para criar uma horta comunitária e, aos olhos dos alunos, era um terreno inutilizado há 13 anos. Ele me mostra o lugar.

— O diretor da Faculdade de Ciências pediu para gente sair desse novo lugar, porque futuramente eles vão construir salas no terreno. Então tiramos tudo, as mudas de árvores, a horta, tudo. Paramos de cuidar do lugar justamente porque do que adianta a gente recuperar o terreno, integrar ele ao cerrado, sendo que em algum momento vai passar um trator e acabar com o projeto, sabe? — Diz Wellinton.

— Mas vocês não tem um professor de Biologia como coordenador do grupo? Ele não poderia ajudar com isso, achando um lugar novo? — Pergunto.

— Nós não temos um professor coordenador. Esse mês está aberto o edital da PROEC para criação dos projetos de extensão, e nós nos inscrevemos. Nesse caso, nosso professor coordenador será o Prof. Dr. Dorival Campos Rossi, do curso de Design, da FAAC. E ele aceitou. — Explica o estudante.

— Espera, então isso quer dizer que o GEBA, um grupo sobre agroecologia, vai pertencer a Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design e não a Faculdade de Ciências e ao curso de Biologia? — Questiono, curiosa.

— Sim, por causa do professor. A gente vai para a FAAC por que o Professor Dorival é de Design. O resultado só vai sair mês que vem, eu nem escrevi no projeto um lugar específico pra gente ficar, só disse um lugar degradado, para a própria Unesp escolher para gente e não acontecer de novo da gente estar em um lugar que vai ser usado no futuro. — Conta Wellinton.

O GEBA tem tudo para se tornar um projeto de extensão: O professor orientador, o tema relevante, os alunos interessados, mas principalmente o contato com a comunidade. Wellinton me mostra algumas fotos dos mutirões para a limpeza de terrenos e construção de hortas comunitárias em alguns bairros de Bauru, e as próprias interações que vem com as oficinas oferecidas pelo grupo.

— A gente tem pessoas de fora da Unesp que participam. Já fizemos mutirões de limpeza de uma área para construir uma agrofloresta, hortas, um monte de coisa. Não conseguimos dar continuidade porque estamos sempre lutando contra todo mundo aqui na Unesp para fazer o GEBA acontecer, então desgasta muito a gente. Mas já levamos o grupo para periferia, já levei na cozinha comunitária que tem aqui no Geisel [bairro], já discuti PANCs, compostagem, sustentabilidade e muitas outras coisas com o pessoal de fora. Quem quer escutar eu tô falando. — Diz o estudante.

— E como você descobriu o GEBA? — Indago.

— Eu entrei em 2013, quando eu ainda estava na graduação de Psicologia. — Lembra Wellinton, sorrindo.

Membros do GEBA durante um mutirões de limpeza

Créditos: Foto cedida por Wellinton Daniel Baptista da Silveira Bonaci

— Naquela época tinha um grupo chamado Acadêmicos do Bosque, que eram alunos, de quase todos os cursos da Unesp, que matavam aula para ficar no bosque. Acho que essa galera se juntava por não entender muito o espaço da sala de aula como um lugar que dá para fazer a diferença, as

experiências estudantis de atuar socialmente, sabe? Então cada um tinha o seu projetinho, e todo mundo matava aula para conversar e discutir sobre eles. E uma dessas pessoas fazia parte do GEBA, e ela me apresentou ao grupo. Faz basicamente 10 anos que eu participo.

Entre altos e baixos, o grupo conta hoje com 10 membros, que participam das reuniões. A realidade é que esses alunos carregam o GEBA nas costas, e mesmo compartilhando, às vezes o peso é muito grande. O grupo tem períodos de mais atividade, e outros de inatividade. No momento todos esperam a decisão da Unesp em relação a institucionalização do mesmo como projeto de extensão. Pergunto a ele como faz para participar do GEBA, e ele responde com bom humor.

— Não tem processo seletivo, nem nada do tipo, nós aceitamos gente de todos os cursos. A gente brinca que para fazer parte é só vir nas reuniões e jogar umas sementes no chão. O nosso objetivo é fazer o projeto ficar vivo, e não deixar a área que recuperamos morrer, por que ela ainda não chegou em um ponto que não precisa de intervenção humana, ela não está totalmente integrada ao cerrado. — Explica Wellinton.

— Por que o GEBA é importante? — Pergunto enquanto descemos a escadinha e nos dirigimos ao Departamento de Biologia.

— Porque Bauru é uma cidade de passagem, boa parte dos cérebros que entra na cidade, sai dela. Seja para voltar para suas cidades depois da Universidade ou para conseguir um emprego. Então eu fico pensando que aqui existe um espaço de multiplicação de saberes sobre sustentabilidade, todas as pessoas, de diferentes cursos, podem participar. Se não for aqui dentro, vai ser em alguma outra instituição que colherá os frutos de um grupo como esse? Acho que é por isso que é tão importante ter esse projeto aqui. — Diz Wellinton. Nos despedimos, o sol está se pondo quando me dirijo até o ponto de ônibus.

Variedade de alimentos na Agrofloresta

Créditos: Foto cedida por Wellinton Daniel Baptista da Silveira Bonaci

Alguns meses depois, entrei em contato com Wellinton para saber se o grupo conseguiu se tornar um projeto de extensão, e sua resposta é um tanto quanto decepcionante: O GEBA ficou na lista de espera de recursos. Isso significa que o projeto foi reconhecido pela Unesp - e pela PROEC -, e que eles podem continuar as atividades, mas que não foram contemplados com uma verba, já que existem mais projetos de extensão do que dinheiro para distribuir entre eles. A Unesp de Bauru também não se pronunciou sobre um novo local para a continuidade do GEBA.

Empresas Juniores

De todas as coisas que encontrei dentro da universidade, uma das mais difíceis de compreender foi o conceito das Empresas Juniores. Ao pesquisar sobre o tema, encontrei a Lei n° 13.267[89], de 6 de abril de 2016, que explica:

"Art. 2º Considera-se empresa júnior a entidade organizada nos termos desta Lei, sob a forma de associação civil gerida por estudantes matriculados em cursos de graduação de instituições de ensino superior, com o propósito de realizar projetos e serviços que contribuam para o desenvolvimento acadêmico e profissional dos associados, capacitando-os para o mercado de trabalho."

A ideia é simples, os alunos que fazem parte das Empresas Juniores aprendem a gerir um negócio e a prestar serviços, sem estar, de fato, no mercado de trabalho. É quase como um teste para vida "real", em que o estudante passa a compreender um pouco mais sobre o seu futuro profissional, e como sua graduação se encaixa nisso.

Contudo, se engana quem pensa que as Empresas Juniores agem como um "café com leite" das empresas. Muito pelo contrário, as mesmas têm um regime interno rigoroso e, como qualquer outra empresa, prezam o crescimento. Nelas, os alunos oferecem serviços por um valor menor e em troca, o cliente entende que quem realiza os projetos são alunos, supervisionados por um professor coordenador.

Na Unesp de Bauru existem diversas Empresas Juniores, que variam de tamanho e serviços, uma delas é a Locomotiva Jr.

— A Locomotiva Jr. é a empresa júnior do curso de RTVI, que nasceu em 2005. — Explica Rebecca Federzoni

89 Lei n° 13.267, de 6 de abril de 2016. Disciplina a criação e a organização das associações denominadas empresas juniores, com funcionamento perante instituições de ensino superior. Dísponivel em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/l13267.htm

Melo, de 19 anos. O curso de Rádio, Televisão e Internet, mais conhecido pela sua abreviação de RTVI, é uma das graduações menos conhecidas da Unesp de Bauru. Nele, são formados os profissionais que trabalham por trás das câmeras, por assim dizer, que constroem roteiros, editam vídeos, dirigem programas e muito mais. — E para mim a Locomotiva Jr. é a minha casa. Eu entrei nela logo quando cheguei, então o que é ter a graduação sem a empresa júnior junto. Eu cresci, aprendi e conheci muita gente nova, que me ensinaram coisas que iam além da sala de aula.

Rebecca em uma atividade da Locomotiva Jr.

Créditos: Foto cedida por Rebecca Federzoni Melo

Rebecca é uma pessoa intrigante, cheia de vida e animada. Vinda de São Paulo, entrou na universidade com apenas 17 anos, decidida que queria fazer a mágica acontecer. Estamos

sentadas em uma das mesas da biblioteca quando decido fazer uma pergunta um tanto quanto pessoal.

— Por que você escolheu fazer o curso de Rádio, Televisão e Internet? — Pergunto. Sei que de todos os meus entrevistados, essa é a primeira vez que me sinto compelida a fazer essa pergunta.

— Desde criança eu sempre fui meio a **Sharpay Evans do High School Musical**, sabe? E aí eu lembro da minha mãe falando 'Ah, essa daí vai fazer RTVI", e ficou na minha cabeça. Eu gosto muito de arte, figurinos, de maquiagem, inclusive sou profissional, e queria fazer isso no audiovisual. E vi que tinha o curso na Unesp, me apaixonei. — Conta Rebecca, animada. — É bem estranho, porque as minhas irmãs escolheram fazer Veterinária e Psicologia, na USP, e eu segui uma carreira completamente diferente. É pior ainda quando o pessoal descobre que nós somos trigêmeas.

Rebecca em uma atividade da Locomotiva Jr.

Créditos: Foto cedida por Rebecca Federzoni Melo

— O que vocês fazem na Locomotiva Jr.? — Questiono.

— Somos uma produtora, então fazemos vários tipos de coisas, como por exemplo roteiros, vídeos, podcasts, locuções, fotos, redes sociais, tudo que você imaginar do audiovisual. — Diz Rebecca, em quando gesticula com as mãos. — Você tem que entender também que a Locomotiva Jr. é dividida em duas, a empresa júnior e a produtora, e cada membro tem que assumir cargo nas duas. Por exemplo, eu sou do marketing da empresa e na produtora eu sou diretora de arte. Então nós temos essa dupla jornada, né.

— E como é ser uma diretora de arte? O que você faz? — Pergunto.

— Não só eu, mas a equipe toda de artes, a gente tem muita sede de querer trabalhar. Pensamos muito no figurino, no cenário, em tudo! A gente tem até pessoas de arquitetura para nos ajudar nessa parte. Então a galera de arte é o pessoal mais criativo. Acho que o nome já diz tudo. Só que também somos muito desvalorizados, principalmente maquiagem. Eu já cheguei em gravações e tive 15 minutos para maquiar cinco meninas. E não é assim, a maquiagem é uma arte, e vai fazer diferença na câmera, sabe? Eu acho que é uma área que precisa de mais reconhecimento. — Fala Rebecca.

— E qual a renda da Locomotiva Jr. anualmente? — Indago.

— A gente tá bem abaixo da média, porque aceitamos muita parceria em vez do dinheiro, por que assim priorizamos o nosso aprendizado, a construção do nosso portfólio, entendeu? Ainda mais na durante a pandemia, a gente não teve trabalhos pagos a gente só fez parceria. E agora voltando para o presencial, demoramos para voltar a ter clientes, e a ter uma renda. Mas eu diria que temos mais ou menos 3 mil reais de lucro por mês. — Diz a estudante.

A Locomotiva Jr. promove também o Loco de Ouro, uma premiação audiovisual, em que os universitários mandam documentários, videoclipes, curtas, animações ou programas de TV, produzidos por eles mesmos, para serem julgados.

Rebecca apresentando o Loco de Ouro

Créditos: Foto cedida por Rebecca Federzoni Melo

— Temos diversas categorias, e aceitamos produções de universitários do Brasil todo. Então, por exemplo, se alguém da Universidade Federal do Rio de Janeiro quiser mandar sua produção, nós aceitamos. — Explica Rebecca,

que me conta um pouco mais sobre a seleção dos jurados. — Os pré-jurados geralmente são professores de RTVI ou veteranos formados, que fazem essa primeira seleção. Já os jurados oficiais são pessoas que fazem parte do meio audiovisual, como YouTubers, diretores de cinema e etc. Uma vez até conseguimos o Daniel Rezende que dirigiu o filme da Turma da Mônica Laços. São jurados mais consolidados no mercado de trabalho, famosos, digamos assim.

Os vencedores recebem somente a gratificação de ter ganhado o Loco de Ouro, e um troféu. Somente a categoria do "curtíssima" que o primeiro lugar recebe 100 reais para ajuda de custo na produção.

O nome da empresa me intriga, por que chamá-la de locomotiva? A resposta é nostálgica, o primeiro filme já criado foi justamente de uma locomotiva chegando na estação, feita pelos irmãos Lumiére[90].

— Como você se sente fazendo parte da Locomotiva Jr.? — Pergunto.

— Eu sinto que eu tenho o poder de criar, sabe? O poder de fazer o que eu quiser, com uma coisa que eu amo. Por que às vezes na graduação a gente não tem essa liberdade, mas na empresa junior eu posso acordar e falar 'eu quero criar um videoclipe para Duda Beach', e o pessoal fala ta bom! A gente vai lá e faz, eu acho que é muito sobre ter liberdade de criar e estar com pessoas que você confia. — Diz Rebecca.

90 Auguste Marie Louis Nicholas Lumière e Louis Jean Lumière, foram os inventores do cinematógrafo, sendo frequentemente referidos como os pais do cinema.

Créditos: Foto cedida por Rebecca Federzoni Melo

Alguns membros da Locomotiva Jr.

Outra empresa junior importante para o ecossistema da Unesp de Bauru é a Pro-Júnior, a empresa júnior que Marcelo Pavlovsky de Boucherville Maia é presidente.

— Primeiramente, com um nome desses você deve ter um apelido bem legal, né? — Pergunto, brincando. Marcelo não está acostumado a dar entrevista, e decido tentar deixá-lo mais à vontade.

— O pior que não, essa é uma das minhas maiores tristezas, não ter um apelido! — Responde ele, sorrindo.

Estamos sentados na sala de estudos 2, dentro da Biblioteca da Unesp de Bauru, no meio da tarde. Com Marcelo mais calmo, começamos a conversar, e vou descobrindo um pouco mais sobre ele: Veio de Santos, tem 22 anos, está no quarto ano do curso de Engenharia de Produção e faz parte da Pro-Júnior desde 2022.

Corte de cabelo de Marcelo, em homenagem a Pro-Júnior

Créditos: Foto cedida por Marcelo Pavlovsky de Boucherville Maia

— Eu acabei me inscrevendo na Pro-Júnior meio que de paraquedas, no último dia de inscrição do ano passado. E abriu muito minha cabeça, sabe? Quando eu cheguei eu pensava que só iria estudar e pronto, mas hoje vejo que tem muito mais coisa por trás da universidade. — Conta o estudante.

— E o que é a Pro-Júnior? — Questiono.

— A Pro-Júnior é uma empresa júnior que oferece soluções completas em Engenharia e Arquitetura. — Explica Marcelo, que continua — E nós já somos antigos, para você ter uma noção o movimento das Empresas Juniores nasceu no Brasil a mais ou menos 33 anos atrás, e a Pro-Júnior vai completar 31 esse ano, então somos velhos.

A Pro-Júnior é uma empresa de consultoria e projetos, que se divide em três frentes: Casa e Construção, que proporciona projetos como auto de vistoria do corpo de bombeiros (AVCB), paisagismo, design de interiores, projeto arquitetônico, hidrossanitário, estrutural e laudo patológico; Tecnologia e Inovação, que oferece sistema de proteção contra descargas atmosféricas (SPDA), projeto elétrico, fotovoltaico, desenvolvimento de produto, modelagem 3D e desenho técnico; E Estruturação de Negócios, que faz mapeamento de processos, pesquisa de mercado e plano de negócios.

— Nós somos uma empresa de projetos e consultoria, mas hoje eu diria que 95% do nosso serviço prestado são projetos, acho que a gente perdeu um pouquinho desse lado de consultoria. — Fala o estudante.

O movimento das Empresas Juniores está presente por todo o Brasil. Segundo a Brasil Júnior[91], que lidera o movimento no país, em 2022 existiam 1.612 Empresas Juniores em território nacional, que contavam com mais de 32 mil empresários juniores.

[91] Para mais informações, acesse: https://brasiljunior.org.br/

— A gente se chama de empresários. Justamente porque é um movimento guiado pelo empreendedorismo, e vivemos isso no dia a dia, nos sentimos dono da empresa, é o nosso negócio. Então acho que chega a ser um pouquinho diferente dos outros projetos que não são empresas, temos uma cultura que preza bastante por resultados, por exemplo. — Conta Marcelo, que continua a falar, mas dessa vez parece que está recitando uma frase pronta. — A nossa missão na Pro-Júnior é desenvolver lideranças por meio de projetos de engenharia e arquitetura que contribuam com os sonhos dos nossos clientes.

Membros da Pro-Júnior

Créditos: Foto cedida por Marcelo Pavlovsky de Boucherville Maia

Antes que eu consiga fazer a minha próxima pergunta, escuto uma batida na janela, como se alguém quisesse chamar nossa atenção. Meu olhar vai diretamente para a sala de estudos 1, onde quatro alunos do curso de Jornalismo estão. Eu os conheço, são alunos da turma de 2021 e, consequentemente, meus bixos. Eles me pedem ajuda, pois de alguma forma se trancaram na sala e não conseguem abrir a porta. Marcelo dá risada da situação, peço desculpa a ele e vou atrás de ajuda.

— E qual é a sua história na Pró-Júnior? — Pergunto após voltar para a nossa sala. Com o canto do olho vejo um bibliotecário destrancando os quase-jornalistas da sala ao lado, que riem e agradecem.

— Eu entrei no meio do ano passado [2022], Eu nem sabia o que eles faziam, nem que eu não receberia salário para fazer parte da EJ [Empresa Júnior]. Enfim, eu só pensei 'vou me inscrever para ver o que acontece', e eu passei. Como faço Engenharia de Produção, entrei na área onde a gente executa projetos que têm a ver com o curso, mas também me envolvi na área comercial. — Diz o estudante. Marcelo, com apenas 6 meses sendo membro da Pro-Júnior, teve a oportunidade de ser presidente. Ele aceitou sem pensar duas vezes. —Foi necessário muita coragem, aprendemos muito no movimento, mas precisamos sempre ter coragem, porque basicamente tudo é muito novo! Eu não tinha noção de como gerir uma empresa, eu já tinha trabalhado antes, mas é totalmente diferente. Eu meti a cara a tapa e pensei 'se der tudo certo deu, se não tá bom também, é uma experiência'. Que bom que até hoje tá dando tudo certo.

— Espera, você disse que não recebe salário dentro da Pro-Júnior? Isso vale para todas as Empresas Juniores? — Indago.

—Sim, ninguém recebe salário para fazer parte da Pró-Júnior ou qualquer outra EJ. Todo dinheiro que recebemos a gente reinveste em nós mesmos. Os nossos maiores gastos hoje são com eventos do movimento Empresa Júnior, que são

oferecidos algumas vezes por ano, em diferentes cidades do Brasil. Então, por exemplo, levamos todo o pessoal para o Rio de Janeiro, sem custo pessoal, e ficamos lá pela duração do evento. Mas resumidamente, sempre investimos tudo em nós mesmos. — Explica Marcelo.

Me sinto intrigada com a ideia dos alunos não receberem salários ou bolsas, mesmo que estejam dentro de uma empresa. Volto a ler a Lei n° 13.267[92], para ver se encontro um pouco mais sobre o tópico, e deparo com o artigo terceiro, parágrafo dois, que diz "§ 2º Os estudantes matriculados em curso de graduação e associados à respectiva empresa júnior exercem trabalho voluntário, nos termos da Lei nº 9.608[93], de 18 de fevereiro de 1998."

O movimento das Empresas Juniores, e seus trabalhadores voluntários, vem dando lucro. Somente em 2022, a Brasil Júnior estimou que as EJ movimentaram mais de 87 milhões de reais. A Pro-Júnior, que tem o quarto maior faturamento do estado de São Paulo, também teve um ano proveitoso.

— Em 2022 nós faturamos 370 mil reais. Esse ano [2023], de janeiro até abril, já tivemos um lucro de 152 mil reais. Mas nosso plano é crescer mais! Temos um planejamento estratégico de 3 anos, para que em 2024 possamos faturar 1 milhão e nos tornarmos uma Empresa Júnior Unicórnio. — Diz Marcelo, feliz. O sorriso em seu rosto e a empolgação na voz o faz parecer uma criança empolgada contando sobre seu desenho animado favorito.

Ele me explica que as Empresa Júnior Unicórnio são EJs que faturam mais de 1 milhão de reais por ano. Hoje, o Brasil conta com 13 Empresas Juniores que se enquadram nessa categoria: Fluxo

92 Lei nº 13.267, de 6 de abril de 2016. Disciplina a criação e a organização das associações denominadas empresas juniores, com funcionamento perante instituições de ensino superior. Dísponivel em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/l13267.htm

93 Lei nº 9.608, de 18 de fevereiro de 1998. Dispõe sobre o serviço voluntário e dá outras providências. Dísponivel em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9608.htm

Consultoria (**UFRJ**), Poli Júnior (**USP**), FEA Júnior (**USP**), Empresa Júnior FGV (**FGV**), FCAP JR. Consultoria (**FCAP**), A.C.E. Consultoria (**UFPE**), i9 Consultoria (**UFSC**), Grupo Gestão (**UNB**), AD&M (**UNB**), Esag Jr. (**UDESC**), Produtiva Júnior (**UFRN**), Mais Consultoria (**UFJF**) e EJUDI Soluções Jurídicas (**UFC**). E, se depender do Marcelo, a Pro-Junior entra nessa lista no ano que vem.

— E alunos de quais cursos de graduação podem fazer parte da Pro-Júnior? — Questiono.

— Todos os das Engenharias que temos aqui no câmpus, Produção, Civil, Elétrica e Mecânica. Mas, também aceitamos todos os cursos da FAAC, com o pessoal de Arquitetura ajudando nos projetos e o pessoal de Comunicação na parte empresarial. Já da FC aceitamos somente o pessoal de Ciência da Computação. — Explica Marcelo.

— Se você pudesse descrever a Pro-Júnior em uma palavra, qual seria? — Pergunto.

— Talvez descoberta. Porque até hoje eu não sei exatamente o que eu quero fazer da vida, como eu quero trabalhar, mas eu tenho me descoberto, aprendido mais sobre mim mesmo por causa da empresa júnior. Ela abriu meus horizontes. — Diz o estudante, emocionado.

Membros da Pro-Júnior na sede da Empresa Júnior

Créditos: Foto cedida por Marcelo Pavlovsky de Boucherville Maia

A próxima pessoa que entrevisto é Guilherme Almeida dos Santos, de 21 anos, aluno do último ano do curso de Meteorologia e presidente da Atmos Jr.

— O curso Meteorologia em si é pouco conhecido, e todos anos temos menos ingressantes. Ele também é de um curso extremamente teórico, então em 2017 alguns alunos se juntaram porque queriam aplicar mais na prática meteorologia, e fundaram a primeira empresa júnior exclusivamente de Meteorologia do Brasil, a Atmos Jr. — Explica Guilherme.

— E o que vocês fazem na prática? — Questiono.

— A gente tem projetos voltados para a previsão do tempo. Então, por exemplo, vai ter um evento ou festa importante, o cliente contrata a gente para fazer a previsão do tempo, a gente também tem previsão climática que é para um período maior e, assim, por diante. Temos agricultores que nos contratam para saber quantidade de chuva, ou qual a melhor época para plantar, coisas assim. Estamos até com um projeto de ajudar um bombeiro, que precisa saber as condições climáticas de locais que tiveram incêndio, para entender se foi algo natural ou feito pelo homem. Enfim, temos diversos usos para a meteorologia, e a Atmos Jr. entrega quase todos eles. — Diz o estudante.

Guilherme conta que entrou na empresa júnior em 2020, logo após chegar à universidade. Em 2021, ainda durante a pandemia, surgiu a oportunidade de se tornar diretor de Gestão de Pessoas, e em 2022 se tornou presidente geral da Atmos Jr. Hoje, ele ajuda pontualmente os novos membros a gerir a EJ, mas não tem um cargo oficial, preferindo estar nesse papel somente de apoio.

— Temos só 9 membros na Atmos, justamente por aceitarmos somente o pessoal de Meteorologia. Então eles estão precisando da minha ajuda agora, mas daqui a pouco não vão mais. — Fala Guilherme.

Créditos: Foto cedida por Guilherme Almeida dos Santos

Membros da Atmos Jr.

— O que você mais gosta dentro da Atmos? — Indago.

— Eu acho que essa relação que a gente tem entre as turmas, o pessoal de vários anos ali interagindo, e não só de Meteorologia. O dia a dia das empresas juniores, eu acho muito legal. — Diz Guilherme, e em seguida brinca. — Geralmente a gente tem muita dificuldade em conversar com os clientes, porque eles acham que nós controlamos o tempo. Então demora para fazê-los entender que eu e os outros meteorologistas não somos a Tempestade dos X-mens. Acho que no fim, o objetivo de tudo isso, da Atmos em si, é difundir a meteorologia, fazer as pessoas entenderem a importância do nosso trabalho, principalmente em meio às mudanças climáticas.

Iniciação Científica

A Iniciação Científica (IC) é uma parte fundamental da universidade, que se constitui em uma modalidade de pesquisa acadêmica desenvolvida por alunos de graduação em universidades, faculdade e centros universitários brasileiros.

A Unesp possui cinco objetivos principais[94] ao promover a Iniciação Científica: Despertar vocação científica e incentivar novos talentos entre estudantes de graduação e alunos do Ensino Médio; Contribuir para a formação de recursos humanos para a pesquisa; Estimular pesquisadores produtivos a envolverem alunos de graduação e Ensino Médio nas atividades científica, tecnológica e artístico-cultural; Proporcionar ao aluno, orientado por pesquisador qualificado, a aprendizagem de técnicas e métodos de pesquisa, bem como estimular o desenvolvimento do pensar cientificamente e da criatividade, decorrentes das condições criadas pelo confronto direto com os problemas de pesquisa; E ampliar o acesso e a integração dos estudantes à cultura científica.

Para o estudante de Design de Produtos Mauro Inácio Alves Júnior, de 23 anos, a IC faz parte da sua jornada acadêmica. Sua pesquisa, intitulada "Digitalização de Estruturas Biológicas no Desenvolvimento de Material Didático Tátil: Design Assistivo para Pessoas com Deficiência Visual[95]", ficou em segundo lugar no XXXIV Congresso de Iniciação Científica Unesp, em 2022, na categoria Ciências Sociais Aplicadas.

— Você pode me contar um pouco sobre sua IC? — Pergunto.

— A minha Iniciação Científica se caracteriza pela multidisciplinaridade, então temos pesquisadores e professores do câmpus da Unesp de Bauru e de Botucatu. O nosso objetivo é tentar reproduzir serpentes em impressão 3D para que pessoas com deficiência visual possam usá-los para aprender sobre o tema. — Explica

94 Para mais informações, acesse: https://www2.unesp.br/portal#!/prope/programa-iniciacao-cientifica/sobre/apresentacao/

95 Para mais informações, acesse: https://www.even3.com.br/anais/xxxivcicunesp/583942-digitalizacao-de-estruturas-biologicas-no-desenvolvimento-de-material-didatico-tatil--design-assistivo-para-pesso/

Mauro, que continua — Foi Prof. Titular. Luis Carlos Paschoarelli, do Departamento de Design, que me fez o convite para participar da IC. Ele tinha sido procurado pela mestranda Lívia Cristina Ambrósio, discente do Programa de Pós-graduação em Animais Selvagens da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Unesp de Botucatu, que idealizou o projeto e sua orientadora, a Profª Lígia Mota, do Departamento de Ciências Químicas e Biológicas do Instituto de Biociências da Unesp de Botucatu (IBB). Então dá para perceber que é um esforço em grupo!

Querendo tornar sua ideia realidade, Lívia procurou o Centro Avançado de Desenvolvimento de Produtos (CADEP), no qual o professor Paschoarelli é vice-coordenador e Mauro participa.

— A professora Lígia Mota, conhece o CADEP e ela estava procurando alguém que tivesse um contato maior com tecnologia no geral. Ela entrou em contato com o professor Paschoarelli pedindo se a gente não conseguia desenvolver o método para escanear e imprimir em 3D cada peça. E foi exatamente o que fizemos, colocamos um monte de serpentes em um scanner super caro, e deu certo! — Conta Mauro, sorrindo.

— Espera, vocês colocaram cobras vivas no scanner? — Questiono, um pouco preocupada.

— Não, a gente usou serpentes que estavam em conserva no Laboratório de Veterinária de Botucatu. Mas o comitê de ética tinha aprovado a gente fazer esse escaneamento com o animal sedado, só que a gente não sabia quanto tempo ia demorar, e achamos um pouco perigoso. — Diz o Designer. Cada escaneamento demorou 30 minutos.

— O que te fez querer ser parte da pesquisa universitária? — Indago.

Serpentes em conserva para a coleta

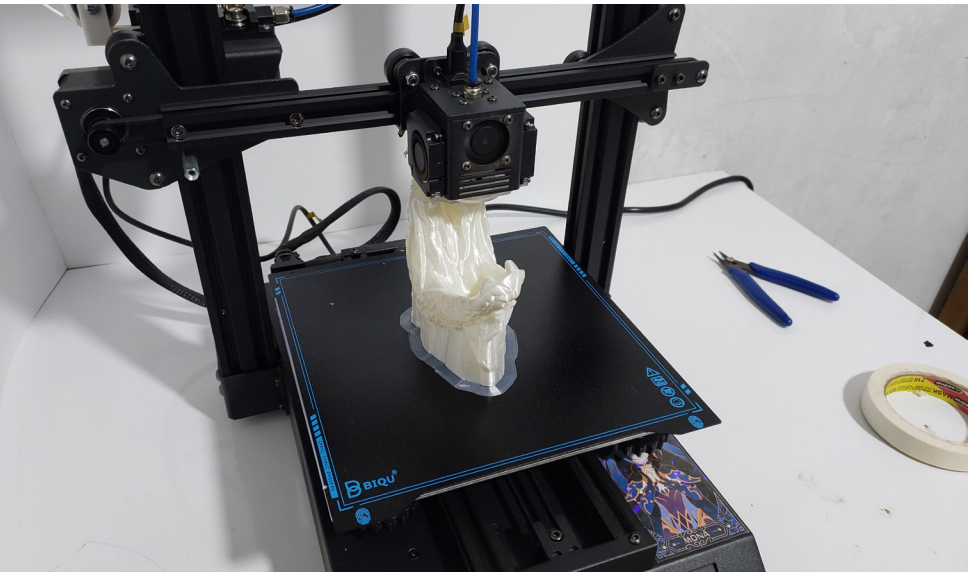
Créditos: Foto cedida por Mauro Inácio Alves Júnior

— Foi mais curiosidade, na verdade. Eu sempre tentei explorar tudo que tem na universidade, quando me ofereceram a chance eu pensei 'Ah mais uma experiência!' Não tinha muitas expectativas, eu queria mais ver o que ia rolar [*sic*]. Não teve uma grande motivação, foi curiosidade mesmo. — Fala Mauro, um pouco envergonhado.

— Curiosidade move pesquisas! Sua motivação é tão importante quanto se você me dissesse que queria mudar o mundo. — Digo, o incentivando.

— O professor Paschoarelli falou para mim uma vez que eu não poderia ter medo, que ele acha muito legal que ele me deu um equipamento que custa mais de 100 mil reais e eu não tive medo de quebrá-lo, eu fui lá e fiz a minha pesquisa. Temos que dar a cara, se deu certo, tudo bem. Se deu errado, tudo bem também. — Continua Mauro.

Serpentes sendo impressa em 3D



Créditos: Foto cedida por Mauro Inácio Alves Júnior

— A Unesp te apoiou na sua pesquisa? — Pergunto.

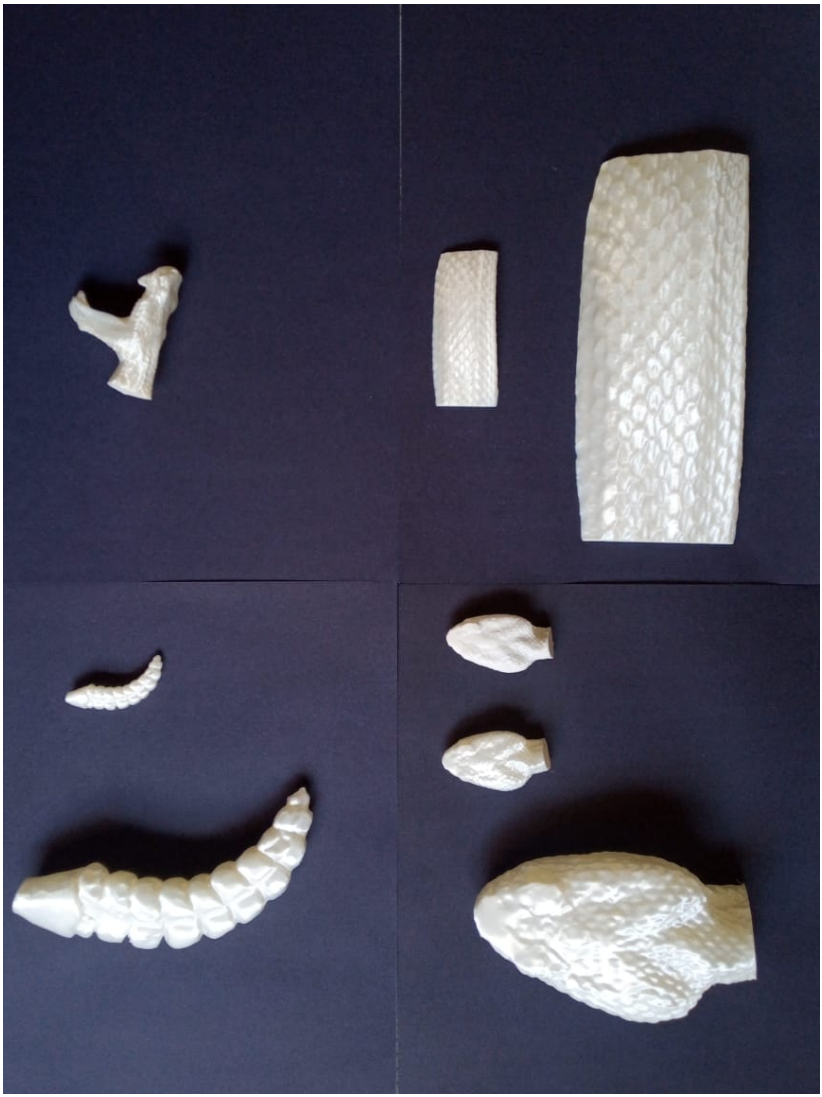
— É debatível. Eu não posso falar que não tive apoio, por que eu tive. Mas, particularmente, eu tive que comprar minha própria impressora 3D porque as impressoras da Unesp estavam quebradas. Minha bolsa de pesquisa foi praticamente toda para comprar a impressora, então não posso dizer que tive um apoio completo. — Explica Mauro, que acrescenta — Também quero deixar claro que ainda estávamos no meio da pandemia, então as coisas ainda estavam complicadas por causa disso. Existe uma dualidade, temos estrutura para fazer bastante coisa legal, mas às vezes falta um pouco de agilidade em alguns aspectos.

— Você pensa que as Iniciações Científicas fazem parte da cultura universitária da Unesp de Bauru? — Questiono.

— Eu acho que é muito nichado. Em uma sala com 30

alunos, se cinco estiverem fazendo uma pesquisa ou participando de uma Iniciação Científica, já é muito. Penso que precisa ser mais divulgado!

Partes de serpentes impressa em 3D



Créditos: Foto cedida por Mauro Inácio Alves Júnior

Trabalhos de Conclusão de Curso

Tudo dentro da Universidade tem um fim. Todos os anos alunos deixam times, projetos de extensão ou grupos de estudo. Todos os anos uma nova chapa é escolhida para liderar os Diretórios Acadêmicos e Centros Acadêmicos. Coordenadores de Curso, Diretores e Vice-Diretores deixam os cargos, e o GAC passa a ser gerido pela próxima faculdade. Tudo acaba, principalmente os cursos de graduação. Pode demorar, 4, 5, 7 anos, mas em algum momento os alunos se formam.

Quando o inevitável fim da graduação se aproxima, um novo desafio é imposto ao estudante, o trabalho de conclusão de curso (TCC). Nele, os alunos colocam no papel tudo que aprenderam durante a graduação e provam a universidade - e a banca examinadora - que estão aptos a se formarem.

Em raras ocasiões, o TCC de um aluno se torna tão importante para a comunidade universitária que acaba se tornando uma lenda viva, um pedacinho de cultura universitária que se constrói aos poucos, com muita persistência.

Esse é o caso do Trabalho de Conclusão de Curso do Designer Vitor Marchi Moreno Dias, de 33 anos. Em 2017, quando estava para se formar, ele decidiu criar a icônica geladeira das 50's[96], uma geladeira comunitária, baseada na honestidade e inovação. O conceito da mesma é simples: uma geladeira industrial, colocada em um local de amplo acesso, onde os alunos podem usufruir da sua estrutura.

96 As 50's são um conjunto de 10 salas, numeradas de 50 a 59, perto do Departamento de Pós-Graduação da FAAC. As salas são geralmente usadas por alunos de Design e Arquitetura, com mesas grandes para a realização de trabalhos. Essas salas são mais elaboradas, com uma lousa na frente e no fundo da sala, com a última sendo aberta para os alunos desenharem e escreverem. Outro ponto importante das 50's é que todos os anos os novos alunos desenham e decoram a parede do lado de fora da sala, que contém o número da sala.

— A ideia da geladeira vem do aprendizado das aulas de Design, em especial duas matérias diferentes que falavam sobre projetar pensando nas redes de pessoas e comunidades, então você não olhava primeiro para o objeto e depois como as pessoas iam usar. Essas disciplinas desafiavam os alunos para que eles saíssem um pouco do usual, que no meu caso era o desenho industrial. — Explica Vitor.

Vitor ao lado da geladeira em 2023

Créditos: Foto por Bárbara Cardi Camarini

Estamos sentados em um dos bancos em frente a geladeira, nas 50's. O dia está quente, e enquanto conversamos conseguimos observar o movimento de alunos que usam a geladeira.

A primeira vez que fui às salas 50's e vi a geladeira tive a sorte de estar acompanhada de uma veterana, que me explicou o seu propósito. A pequena eu de 19 anos achou a ideia revolucionária, e a usou por meses, mesmo quando não precisava comprar um doce ou uma fruta. Confesso que tive a sorte de eu mesma explicar o que a geladeira é para bixos e bixetes, que ficaram tão animados quando um dia eu fiquei.

— Eu sempre gostei do movimento 'faça você mesmo', e aí a geladeira apareceu como esse objeto, que resolveria alguns problemas e ficaria super acessível, criando uma base de confiança na utilização. Eu fui percebendo que eu precisaria de um objeto para sintetizar tudo isso, e a geladeira encaixa perfeitamente. Eu queria que fosse uma plataforma de experimentação, e foi isso que aconteceu quando o pessoal começou a vender comida, usando a geladeira como local de armazenamento e venda. Então ninguém fica fiscalizando se a pessoa pagou ou não, trabalhamos na confiança. — Continua Vitor.

— Foi você que comprou a geladeira? — Pergunto.

— Ao todo, a geladeira custava 5 mil reais. Primeiro eu pensei em fazer um financiamento coletivo, sabe? Tipo uma vaquinha, conseguir todo o dinheiro e depois comprar a geladeira. Mas aí eu teria que fazer um trabalho de convencimento enorme, justificar porque uma geladeira ali na 50's é importante. Então eu decidi fazer ao contrário, vou comprar a geladeira e a partir daí eu vou criar o mecanismo de recuperar esse dinheiro. Porque aí sim as pessoas vão identificar a importância e o valor dela na prática, que é uma coisa que a gente é muito instigado a fazer durante a graduação em Design, que é testar na prática e a partir daí começar a construir hipóteses. — Conta Vitor.

Para conseguir o dinheiro de volta, uma caixinha foi posta na geladeira explicando que quem usasse a mesma para vender comida deveria pagar 10 reais mensais, e quem usasse para fins pessoais, poderia fazer uma doação livre (a sugestão seria de 5 reais). A ideia funcionou.

— Até o fim de 2019 eu tinha recuperado mais ou menos a metade do valor, então uns 2.500 reais. Eu sempre anotava essa contabilidade na parede da geladeira, justamente para ficar transparente para o pessoal, e mostrar que estava evoluindo. — Diz Vitor, olhando para um grupo de alunos usando a geladeira. — Em 2020, por causa da pandemia esse valor ficou estagnado, ninguém frequentava o câmpus mais ou usava a geladeira. Quando as aulas presenciais voltaram eu não tinha disponibilidade para continuar fazendo esse acompanhamento, eu estava trabalhando e seguindo minha vida. Eu decidi doar o restante do valor, reconheci que era importante dar esse presente para o câmpus.

Hoje, a geladeira pertence às 50's. Não que os alunos soubessem antes que a mesma era um projeto de TCC, todos simplesmente assumiram que a universidade a tinha disponibilizado. Com o passar do tempo, grupos de alunos se voluntariaram para limpar a geladeira e ter certeza de que ela funcionasse em perfeitas condições.

Aluna se fantasia de geladeira das 50's

Créditos: Foto cedida por Vitor Marchi Moreno Dias

— E como você se sente sabendo que o seu projeto de TCC, a geladeira que você idealizou, faz parte da cultura universitária da Unesp de Bauru? — Pergunto. Para nós, alunos da Unesp, a geladeira das 50's faz tanto parte do nosso dia a dia que é difícil imaginar um câmpus sem ela.

— Eu fico super feliz! Enquanto eu estive nos primeiros anos de graduação, quando a geladeira não existia, eu tive essa sensação com outras coisas. Como projeto de extensão, os eventos, coisas totalmente voluntárias que eram feitas e incorporadas ao dia a dia universitário. Então eu fico super feliz, porque eu sinto meio que a geladeira é uma forma de retribuir o que eu recebi nos anos de graduação e percebendo que esse espírito de devolução de alguma forma fica em quem usa a geladeira e que isso acaba multiplicando ações pelo câmpus futuramente. — Responde sorrindo.

— Você sente que o propósito do seu TCC foi cumprido? — Questiono.

— Sim, demais. Estou super satisfeito. Nunca procurei limitar o que a geladeira poderia ser ou o que ela não poderia. O que importa não é ela estar cheia ou vazia, mas sim ter alguém tentando resolver o porquê que ela não está sendo usada, é ter pessoas envolvidas. — Fala.

Nota:

Bruno Pazold Caffeu. Entrevista realizada no dia 13 de abril de 2023, presencialmente na sala de estudos 1 da biblioteca.

Gabriel Andrade Domingues Rezende. Entrevista realizada no dia 20 de abril de 2023, presencialmente na sala de estudos 2 da biblioteca.

Guilherme Almeida dos Santos. Entrevista realizada no dia 17 de abril de 2023, presencialmente na sala de estudos 2 da biblioteca.

Guilherme Piller Teles, conhecido como "Piller". Entrevista realizada no dia 12 de abril de 2023, presencialmente na sala de estudos 2 da biblioteca.

Marcelo Pavlovsky de Boucherville Maia. Entrevista realizada no dia 20 de abril de 2023, presencialmente na sala de estudos 2 da biblioteca.

Mauro Inácio Alves Júnior. Entrevista realizada no dia 20 de abril de 2023, presencialmente na sala de estudos 1 da biblioteca.

Mayana Vitória Oliveira Sousa. Entrevista realizada 21 de abril de 2023, presencialmente no Bauru Shopping.

Minerva. Entrevista realizada no dia 09 de maio de 2023, online, via a plataforma do Google Meet.

Rebecca Federzoni Melo. Entrevista realizada no dia 04 de maio de 2023, presencialmente na biblioteca da Unesp de Bauru.

Victor Bastos Ventura. Entrevista realizada no dia 19 de abril de 2023, presencialmente na biblioteca da Unesp de Bauru.

Vitor Marchi Moreno Dias. Entrevista realizada no dia 07 de julho de 2023, presencialmente nas salas 50's.

Wellinton Daniel Baptista da Silveira Bonaci. Entrevista realizada 02 de maio de 2023, presencialmente na sede do GEBA.

AFINAL, O QUE É CULTURA UNIVERSITÁRIA?

"É viver a universidade. É sentir que você faz parte de algo tão diverso e abrangente e, mesmo assim, consegue se encontrar e encontrar os seus mesmos."

Vinícius de Jesus Rodrigues dos Santos, aluno do curso de Jornalismo.

Gostaria de dizer que tenho uma definição compreensiva e única sobre o que é a cultura universitária. Um parágrafo simples, de três ou quatro linhas, pronto para ser usado toda vez que o tema surge. Para ser parte do dicionário da internet, facilmente pesquisado.

Como vimos neste livro, nenhuma só pessoa consegue apontar o que torna a cultura universitária... bem, uma cultura. Contudo, todos concordam com o que não é cultura universitária. Não são os prédios, as salas de aula ou os laboratórios, não se constrói uma universidade com cimento e tijolo. Não são os computadores de última geração, máquinas inteligentes, ou até mesmo uma biblioteca com milhares de livros. Não são as bolsas e auxílios. Não é a academia ou os títulos que vêm com ela. Não são nem mesmo os troféus do Inter.

Claro, tudo isso é fundamental! Mas das 54 pessoas entrevistadas, todas concordam com exatamente uma coisa: quem faz a universidade - e a cultura universitária - são as pessoas. Sem elas, não haveria instituição, não existiria ensino, pesquisa e extensão, e muito menos ciência.

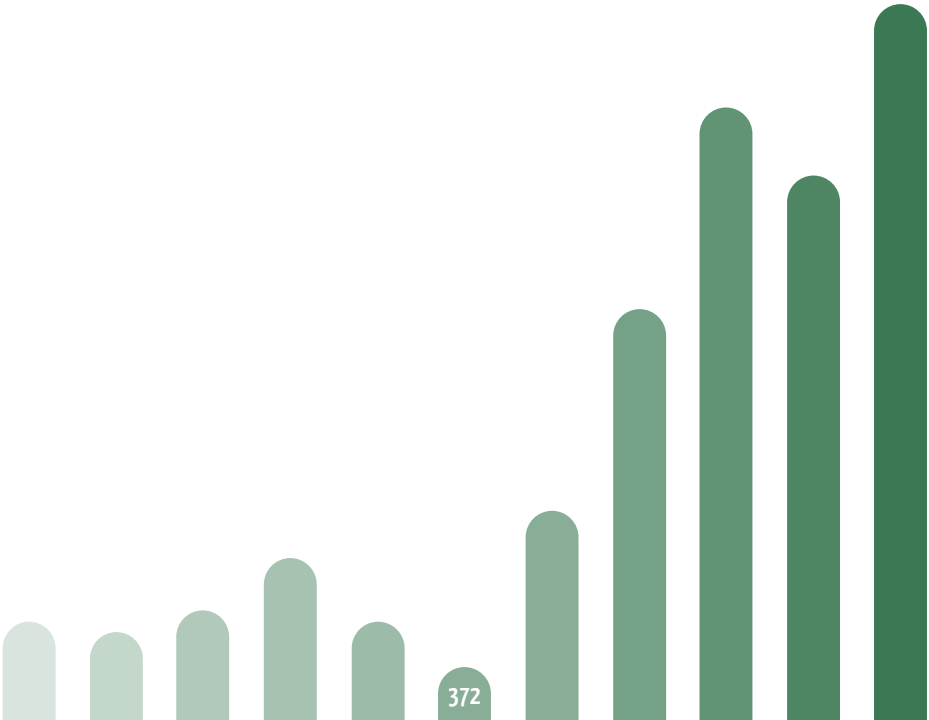
É das pessoas - alunos, professores, servidores - que vem a vontade de fazer a universidade acontecer. É delas que surgem soluções que mudam o mundo, que fazem a Unesp continuar funcionando em meio a pandemias e crises. No fim, "pessoas" são o que a cultura universitária têm mais próximo de uma definição.

Por ser tão intimamente ligada ao ser humano, é de se espantar que dentro da universidade - e da sua cultura - também existam problemas únicamente humanos, como o racismo, a violência de gênero e o preconceito. Afinal, passar no vestibular, no concurso ou na entrevista de emprego não mede caráter.

Entendo que nem todos os temas presentes na cultura universitária abordados, nem representantes de outros setores dentro da Unesp tiveram a chance de ser

entrevistados, não julgo este livro como um guia completo, mas sim como um retrato, uma fotografia, de 54 cantinhos da universidade.

Apesar de tudo, não me considero uma especialista em cultura universitária, uma acadêmica. Sou uma jornalista, contadora de histórias e desbravadora de realidades. Portanto, se você ainda não compreendeu o que é cultura universitária, tudo bem! Respire fundo, abra sua mente e continue. Por que quando em dúvida, volte ao começo.



Sobre a autora

Bárbara Cardi Camarini é uma jornalista formada pela Unesp de Bauru, que reside atualmente na cidade de Votuporanga, no interior paulista. Ela ama reportagens de interesse humano, livros e comida boa. Seu sonho de infância era ser uma curiosa profissional, mas se contentou em ser uma contadora de histórias (esse é o jeito carinhoso que a mesma chama a profissão de jornalista). “Sem Limites: Relatos sobre a cultura universitária unespiana no interior paulista” é sua primeira obra, criada especialmente para seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).